Co-funded by the
Erasmus+ Programme
of the European Union

GEsport+ EDUCA

# Mulheres e Governação Desportiva Nacional: Uma Abordagem Europeia
# Guião de entrevista

María Luisa ESTEBAN-SALVADOR (Coordenadora)
Emilia FERNANDES · Tiziana DI CIMBRINI · Gonca GÜNGÖR GÖKSU · Rachael JONES

The European Commission's support for the production of this publication does not constitute an endorsement of the contents, which reflect the views only of the authors, and the Commission cannot be held responsible for any use which may be made of the information contained therein.

Co-funded by the
Erasmus+ Programme
of the European Union

O apoio da Comissão Europeia à produção desta publicação não constitui um aval do seu conteúdo, que reflete unicamente o ponto de vista dos autores, e a Comissão não pode ser considerada responsável por eventuais utilizações que possam ser feitas com as informações nela contidas.

The European Commission's support for the production of this publication does not constitute an endorsement of the contents, which reflect the views only of the authors, and the Commission cannot be held responsible for any use which may be made of the information contained therein.

Erasmus+: Sport - Collaborative Partnerships

Este livro é fruto do projeto GESPORT+ financiado pelo Programa Erasmus+ da União Europeia. Número: 590521-EPP-1-2017-1-ES-SPO-SCP.

Mulheres e Governação Desportiva Nacional: Uma Abordagem Europeia

Autoras: Luísa Esteban Salvador (Coordenadora), Emilia Fernandes, Tiziana Di Cimbrini, Gonca Güngör Göksu and Rachael Jones

DOI: https://doi.org/10.26754/uz.978-84-18321-45-0

Publicado pelo Serviço de Publicações. Universidade de Saragoça. 1.ª edição. Teruel, 2022.
ISBN: 978-84-18321-45-0

Trabalho de design livro e capa: Marta Burriel León

https://gesport.unizar.es/

Servicio de Publicaciones
Universidad Zaragoza

Co-funded by the
Erasmus+ Programme
of the European Union

# Mulheres e Governação Desportiva Nacional: Uma Abordagem Europeia
# Guião de entrevista

María Luisa ESTEBAN-SALVADOR (Coordenadora)

Emilia FERNANDES
Tiziana DI CIMBRINI
Gonca GÜNGÖR GÖKSU
Rachael JONES

O apoio da Comissão Europeia à produção desta publicação não constitui um aval do seu conteúdo, que reflete unicamente o ponto de vista dos autores, e a Comissão não pode ser considerada responsável por eventuais utilizações que possam ser feitas com as informações nela contidas.

This project has been funded with support from the European Commission. This publication reflects the views only of the authors, and the Commission cannot be held responsible for any use which may be made of the information contained therein.

Este livro é dedicado a todas as mulheres que o tornaram possível e a todas aquelas que gostaríamos de ter incluído, mas que, por limitações de tempo e recursos, não puderam participar.

# Índice

Resumo. . . . . 12

Prefácio. . . . . 13

Introdução. . . . . 16

Entrevistas. . . . . 22

Portugal. . . . . 23

| | | |
|---|---|---|
| Mariana Monteiro | Vice-Presidente da Federação Portuguesa de Hóquei | 24 |
| Susana Costa Vieira | Vice-Presidente da Federação de Patinagem de Portugal | 30 |
| Catarina Carvalho | Vice-Presidente da Federação Portuguesa de Padel | 35 |
| Juliana Ferreira Sousa | Vice-Presidente da Federação Portuguesa de Andebol | 41 |
| Helena Aires | Vice-Presidente da Federação Portuguesa de Basquetebol | 46 |
| Ana Paula Almeida | Vice-Presidente da Federação Portuguesa de Ginástica | 51 |
| Maria Rosa Cristino | Vice-Presidente da Federação Portuguesa de Pesca Desportiva | 56 |
| Ana Cristina Vital Melo | Presidente da Federação Portuguesa de Kickboxing e Muaythai | 61 |
| Maria da Graça Coelho | Ex-Presidente da Federação Portuguesa de Tiro com Arco | 69 |
| Teresa Cardoso | Vice-Presidente da Federação Portuguesa de Triatlo | 76 |

Italia ..... 83

| | | |
|---|---|---|
| Mara Invernizzi | Vice-Presidente da Federação Italiana de Basquetebol | 84 |
| Grazia Ciarlitto | Membro da Direção da Federação Italiana de Ginástica | 90 |
| Fabrizia D'Ottavio | Membro da Direção da Federação Italiana de Ginástica | 96 |
| Daniela Isetti | Vice-Presidente da Federação Italiana de Ciclismo | 103 |
| Emanuela Croce Bonomi | Vice-Presidente da Federação Italiana de Tiro ao Alvo | 110 |
| Eleonora Di Giuseppe | Membro da Direção da Federação Italiana de desportos Equestres | 115 |
| Ida Nicolini | Vice-Presidente da Federação Italiana de Atletismo | 122 |
| Silvia Salis | Membro da Direção da Federação Italiana de Atletismo | 128 |
| Maria Amelia Lolli Ghetti | Vice-Presidente da Federação Italiana de Golfe | 135 |
| Tiziana Nasi | Presidente da Federação Paralímpica Italiana dos Desportos de Inverno | 141 |
| Chiara Pacchioni | Ex Membro da Direção da Federação Italiana de Badminton | 147 |
| Elisabetta Villa | Vice-Presidente de Federação Italiana de Triatlo | 152 |

## Spanha ..... 157

| | | |
|---|---|---|
| Julia Casanueva San Emeterio | Presidente da Real Federação Espanhola de Vela | 158 |
| Mercedes Coghen Alberdingk-Thijm | Vice-Presidente da Real Federação Espanhola de Hóquei | 164 |
| Rosa Blanca de Salvador González | Vice-Presidente da Real Federação Espanhola de Tiro com Arco | 170 |
| Asunción R. Loriente Pérez | Presidente da Federação Espanhola de Remo | 176 |
| Mariola Rus Rufino | Vice-Presidente da Federação Espanhola de Rugby | 181 |
| Susana Santos Menéndez | Vice-Presidente da Real Federação Espanhola de Baseball e Softbol | 190 |
| África Álvarez López | Membro da Direção da Federação Espanhola de Surf | 197 |
| Diana Box Alonso | Vice-Presidente da Federação Espanhola de Handebol | 205 |
| Isabel García Sanz | Presidente da Federação Espanhola de Resgate e Primeiros Socorros | 221 |
| María José Martínez Sánchez | Vice-Presidente da Federação Espanhola de Ténis | 228 |

## Turquía ..... 233

| | | |
|---|---|---|
| Filiz Çıkrıkçı | Vice-Presidente da Federação Turca de Rugby | 234 |
| Hacer Akyüz | Presidente da Federação Turca de Orientação | 240 |

| | | |
|---|---|---|
| Ümit Uçar | Membro da Direção da Federação Turca de Patinagem no Gelo | 246 |
| Gülkız Tulay | Presidente da Federação Turca de Xadrez | 253 |
| İlknur Meriç | Membro da Direção e Secretária Geral da Federação Turca de Bridge | 258 |
| Afife Beşik | Vice-Presidente da Federação Turca de Natação | 265 |
| Yeşim Kuruoğlu | Membro da Direção da Federação Turca Subaquática | 271 |
| Özlem Akdurak | Presidente da Federação Turca de Vela | 282 |
| Deniz Çiçek | Membro da Direção da Federação Turca de Vela | 288 |
| Nisa Ersoy | Vice-Presidente da Federação Turca de Automobilismo | 300 |

Reino Unido ..... 314

| | | |
|---|---|---|
| Karen Tonge | Presidente do Ténis de Mesa Paralímpico Britânico | 315 |
| Grace Clancey | Membro da Direção de Goalball do Reino Unido | 321 |
| Sandra Deaton | Presidente do Ténis de Mesa de Inglaterra | 327 |
| Bronagh Kennedy | Presidente da Comissão de Recursos Humanos e Remuneração da Canoagem Britânica | 342 |
| Natasha Dangerfield | Presidente do Lacrosse de Inglaterra | 347 |

| | | |
|---|---|---|
| Julia Newton | Presidente do Taekwondo Britânico | 351 |
| Kate O'Sullivan | Vice-Presidente do Remo Britânicog | 355 |
| Mandy Fisher | Membro da Direção da Associação Inglesa de Snooker e Bilhar | 363 |
| Katherine Knight | Presidente de Rounders England | 368 |
| Annamarie Phelps | Vice-Presidente do Comité Olímpico Britânico e Ex - Presidente da Autoridade Hípica Britânica | 375 |

Conclusões. . . . . 381

Bibliografia. . . . . 384

# Resumo

Este livro apresenta a transcrição e tradução de 52 entrevistas realizadas a mulheres dirigentes das Federações Nacionais de Desporto (FND) de cinco países europeus: Itália, Portugal, Espanha, Turquia e Reino Unido. As entrevistas foram gravadas em vídeo e realizadas entre março de 2019 e junho de 2022. O livro é um produto do projeto ERASMUS+, intitulado "Governação em organizações desportivas: uma perspetiva de género (GESPORT Project)", e financiado pela Comissão Europeia. O objetivo deste livro é aumentar a visibilidade e a voz das mulheres presidentes, vice-presidentes e outros membros femininos das direções das FNDs, a fim de obter uma alargada sensibilidade em relação à igualdade de género na tomada de decisões em organizações desportivas. Assim sendo, com este livro, o projeto GESPORT pretende partilhar as diferentes experiências, sentimentos e pensamentos destas mulheres sobre os seus papéis nas direções desportivas, a discriminação e igualdade de género e as políticas e medidas de promoção da igualdade e inclusão de género.

# Prefácio

Na última década, muitos países adotaram diferentes iniciativas para alcançar a igualdade de género e avançar em direção a uma sociedade mais igualitária, justa e democrática. Além disso, vários códigos de boa governação foram publicados em vários países com recomendações para as grandes organizações, especialmente empresas listadas, sobre boas práticas nos conselhos de administração. No entanto, no domínio da governação desportiva, as melhores práticas de género em relação à igualdade na composição dos órgãos governativos não têm recebido a merecida e necessária atenção (Knoppers et al., 2021). No campo desportivo, a investigação dedicada à igualdade de género nas direções é limitada, e os estudos realizados mostram a baixa participação das mulheres em todas as esferas de tomada de decisão (Di Cimbrini et al., 2019). Como Emms (2014, p. 3) afirma "a sub-representação das mulheres em cargos de governação, na Austrália e no exterior, persiste apesar de quase trinta anos de legislação contra a discriminação e a favor da igualdade de oportunidades".

Este livro é um resultado do Projeto ERASMUS+ (GESPORT+), intitulado "Governação nas organizações desportivas: uma perspetiva de género". O projeto surge do meu interesse em promover a igualdade de género nos órgãos de decisão das organizações desportivas. Embora a minha pesquisa anterior tenha sido centrada na análise do papel das mulheres dirigentes nos conselhos de administração de empresas listadas e em entidades do setor sem fins lucrativos, como as cooperativas, não abordei, todavia, a diversidade de género na governação desportiva. A minha preocupação com o desporto surgiu a partir de notícias nos média sobre a constante discriminação das mulheres atletas em relação à remuneração salarial, aos prémios de competição ou ao seu papel secundário no mundo desportivo, quando comparadas com os homens. Também fiquei surpreendida com o

tratamento, por vezes detrator, dado às mulheres na imprensa desportiva. Também me chamou a atenção que, apesar das recomendações do Comité Olímpico Internacional (COI) para a diversidade de género nos seus órgãos dirigentes, os números de participação das mulheres nos órgãos decisórios das organizações desportivas continuassem a ser muito baixos em comparação com os dos homens.

Estava convencida de que a realização de um estudo comparativo a nível internacional poderia levar a uma maior compreensão da situação das mulheres nos altos escalões das entidades desportivas, o que ajudaria a estimular medidas para avançar no âmbito da igualdade entre homens e mulheres. Assim sendo, promovi um grupo de trabalho e discussão com investigadoras que partilhavam a mesma sensibilidade, maximizando assim de forma eficiente o potencial de todos os membros da equipa, uma vez que todas pretendiam atingir objetivos partilhados. As competências dos membros da equipa, de gerar informação de diferentes áreas do conhecimento. gerou sinergias para melhorar a boa governação no desporto, promovendo a igualdade de género. Por isso, gostaria de deixar um agradecimento especial às pessoas que participaram do projeto, às professoras e coautoras deste livro, Dra. Emilia Fernandes da Universidade do Minho, Portugal; Dra. Tiziana di Cimbrini, da Universidade de Teramo, Itália; Dr. Gonca Güngör Göksu da Universidade de Sakarya, Turquia; e Dra. Rachael Jones da Universidade de Leicester, Reino Unido. Agradecemos ao Professor Dr. William Green, da Universidade de Leicester, por coordenar a organização das entrevistas no Reino Unido e por estar presente durante as três primeiras entrevistas. Agradecimentos também ao Professor Associado Juan Bernardo Pineda pelo seu contributo para a gravação da primeira entrevista espanhola, e das subsequentes em Portugal e Itália. Agradeço também a Marta Burriel, aluna do curso de Belas Artes do campus de Teruel da Universidade de Zaragoza, pelo design gráfico do livro e pela sua contribuição na edição dos vídeos das mulheres entrevistadas. Agradeço também a Irene Sáez e Laura Peiró pela colaboração nas tarefas de edição dos vídeos e preparação dos trabalhos de tradução e legendagem

das entrevistas, e a Leticia Sánchez e Ana Tortajada pela organização das entrevistas no website do projeto. Também quero agradecer à Professora Teresa Barea por todo seu apoio ao longo do projeto.

Os membros da equipa GESPORT agradecem a colaboração de todas as mulheres que participaram das entrevistas. Temos a certeza de que os seus testemunhos promoverão a igualdade e a diversidade de género nas Federações Nacionais Desportivas (FNDs) e na sociedade em geral. Estamos convencidas de que as opiniões contidas neste livro de entrevistas constituem uma ferramenta valiosa e poderosa para ajudar a redefinir políticas com vista a alcançar gradualmente um mundo mais igualitário.

Agradecemos também ao Programa ERASMUS+ Sports da União Europeia por confiar no nosso projeto, pois sem o seu financiamento este livro não teria visto a luz do dia. Especificamente, cito o acordo número 590521-EPP-1-2017-1-ES-SPO-SCP da Comissão Europeia.
A coordenadora do Projeto GESPORT,
Dra Luisa Esteban Salvador
Universidade de Saragoça, Espanha.

# Introdução

O princípio número 6 da Primeira Conferência Internacional sobre Mulheres e Desporto, realizada em Brighton, no Reino Unido, em 1994, e organizada pelo British Sports Council, com apoio do Comité Olímpico Internacional, destacou a baixa presença feminina em cargos de tomada de decisão e liderança de todas as organizações relacionadas com o desporto. Esta declaração exortou que indivíduos e instituições fossem responsáveis pelo desenvolvimento de estruturas para aumentar o número de mulheres em cargos de responsabilidade. Por sua vez, em 2021, Viviane Reding, Vice-presidente da Comissão Europeia, e da Comissária Europeia responsável pelo desporto, Androulla Vassiliou, destacaram o papel das mulheres no desporto, por ocasião dos Jogos Olímpicos de Londres, realçando que seria preciso fazer mais "para alcançar uma representação aceitável das mulheres no desporto e nos órgãos de governo do desporto e [para] continuar a luta contra a discriminação e o assédio sexual contra as mulheres" (p. 6).

Assim sendo, este livro pretende avançar no conhecimento sobre a presença feminina na tomada de decisões estratégicas, um dos objetivos das políticas europeias de promoção e apoio à boa governação no desporto. O livro centra-se no objetivo global da Estratégia Europeia 2020 para um crescimento inovador, sustentável e inclusivo. O principal propósito deste livro é incentivar a inclusão social e a igualdade de oportunidades no desporto, especialmente através do apoio à implementação de estratégias da UE, nomeadamente no âmbito da Igualdade de Género da UE. Neste sentido, as entrevistas também contribuem para aumentar a sustentabilidade da igualdade de género nas direções das FNDs em termos dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas, em particular o quinto ODS ligado à Igualdade de Género e ao progresso das Nações Unidas nos últimos vinte anos. Embora o objetivo principal seja a igualdade de género em geral, este objetivo acaba por estar intimamente

relacionado com a promoção e apoio à boa governação desportiva em questões de diversidade. Por isso, um dos eixos centrais é aumentar, na maioria dos países, a diversidade nos órgãos decisórios e, entre essa diversidade, inclui-se a diversidade de género. Este livro está diretamente relacionado ao propósito de analisar e promover a diversidade de género na governação desportiva.

O Livro Branco sobre o Desporto de 11 de Julho de 2007, apresentado pela Comissão Europeia ao Conselho Europeu, ao Parlamento Europeu, à Comissão das Regiões e à Comissão Económica e Social Europeia, inclui na sua estrutura temática sobre a organização do desporto, o papel de cada um dos atores relacionados com a governação desportiva. Portanto, podemos dizer que existe uma ligação direta entre o objetivo primordial deste livro, a igualdade de género nos órgãos dirigentes do desporto e a melhoria das boas práticas na da governação desportiva. Para promover a boa governação do desporto na Europa, e na comunicação da Comissão Europeia ao Parlamento Europeu, ao Conselho Europeu, à Comissão Económica e Social Europeia e à Comissão das Regiões, de 18 de Janeiro de 2011, afirmava-se que a Comissão e os países da UE adotaram regras pelo intercâmbio de boas práticas e o apoio especial para iniciativas específicas. Posteriormente, e de acordo com o Plano de Trabalho da UE para o desporto 2011-2014 ,, afirmava-se que " [a] direção deve promover a igualdade e a diversidade e trabalhar ativamente para atrair uma gama diversificada de membros, incluindo, em particular, mas não limitado a, um equilíbrio de género adequado ao nível da direção, como parte de um programa global de inclusão". Portanto, podemos identificar uma correspondência entre os objetivos deste livro e aqueles levantados pelo Grupo de Especialistas da Boa Governação no Desporto: ambos visam promover a diversidade de género na tomada de decisão dos órgãos de governo do desporto.

Esta introdução contextualiza as 52 entrevistas que foram realizadas a mulheres dirigentes desportivas das Federações Nacionais Desportivas (FNDs). No âmbito do projeto Erasmus+ GESPORT, "Governação nas

organizações desportivas: uma perspetiva de género", os membros da equipa realizaram as entrevistas a mulheres envolvidas na governação desportiva das FNDs nos cinco países deste projeto: Itália, Portugal, Espanha, Turquia e Reino Unido. As entrevistas foram igualmente gravadas em vídeo. Acredita-se que a partilha dos testemunhos das diretoras desportivas irá aumentar a consciencialização sobre a diversidade e a igualdade de género nas direções desportivas. Este livro poderá, ainda, ajudar os governos a formular políticas de igualdade de género no futuro, tais como políticas afirmativas.

As entrevistas começaram a ser gravadas em 29 de março de 2019, em Santander, Espanha. A primeira entrevista foi com Julia Casanueva, que na época era a presidente da Real Federação Espanhola de Vela. No momento atual, Julia Casanueva já não ocupa o cargo de presidente, o que significa que das três mulheres que eram presidentes de federações espanholas no momento em que começamos as entrevistas, apenas duas mulheres permaneceram no cargo até julho de 2022. Esta entrevista consistiu num teste piloto, sendo que algumas das dez perguntas que vieram a fazer parte do guião de entrevista foram acrescentadas posteriormente após o feedback obtido. A última entrevista foi gravada em Londres no dia 22 de junho de 2022. As entrevistas iniciaram-se efetivamente em Portugal considerando-se já, neste caso, as 10 questões que compuseram o guião de entrevista. As entrevistas Portuguesas foram realizadas no mês de julho de 2019 a que se seguiram as entrevistas em Itália, conduzidas durante o mês de janeiro de 2020, e as entrevistas na Turquia, realizadas na primeira semana de março do mesmo ano. No entanto, a equipa GESPORT foi obrigada a parar as gravações devido à Pandemia Covid 19. Nesse período e até junho de 2022, a equipa GESPORT procurou ajustar a sua agenda à evolução da pandemia, uma vez que foi decidido que todas as mulheres seriam entrevistadas presencialmente seguindo a mesma metodologia adotada para as primeiras entrevistas. Os cenários em que as entrevistas foram gravadas são diversos e ajustados ao país e ao período de tempo em que estas foram gravadas.

No caso de Espanha e Portugal, a maioria das entrevistas foi gravada ao ar livre. No caso da Itália, Turquia e Reino Unido, foram muitas as entrevistas gravadas em ambientes fechados, tais como na própria sede das federações, em hotéis e noutros espaços desportivos. A última entrevista foi realizada na sede do Comité Olímpico Britânico em Londres.

Todas as entrevistadas deram o seu consentimento para a gravação das suas imagens e vozes e autorização para a sua divulgação no website GESPORT para consumo geral e público, dada a relevância do conteúdo das entrevistas. A divulgação e disseminação dos testemunhos de diretoras desportivas foi um dos propósitos do projeto GESPORT.

Foram selecionadas 50 mulheres com assento nas direções esportivas das FNDs, dez mulheres por cada país. A equipa decidiu a seguinte ordem de critérios para determinar quem seriam as mulheres a ser entrevistadas:

1) Presidentes;
2) Vice-presidentes;
3) Vice-presidentes numa direção predominantemente masculina;
4) Vice-presidentes de desportos considerados como masculinos;
5) Vice-presidentes de desportos considerados como femininos;
6) membros das direções desportivas

A base de dados inicial onde foram listadas as mulheres com cargos nas direções foi alterada várias vezes por diversos motivos que vão para além da pandemia Covid 19, tais como a realização de eleições nas federações, as mudanças na composição das direções, ou a (in)disponibilidade das entrevistadas. Finalmente, em Itália foram conduzidas mais duas entrevistas do que as 10 entrevistas pré-definidas para cada país.

As entrevistas foram realizadas em diferentes períodos entre os anos de 2019 e 2022: em Portugal, as entrevistas ocorreram durante o mês de julho de 2019; em Espanha, as entrevistas foram realizadas durante o mês de março de 2019, os meses de julho e agosto de 2020, e o mês de agosto de 2021; na Turquia, o trabalho de campo foi conduzido entre março de 2020 e agosto de 2021; em Itália, as entrevistas decorreram durante fevereiro

de 2020 e março de 2022; Por fim, no Reino Unido, estas foram realizadas durante os meses de abril, maio e junho de 2022. Conforme mencionado, o período prolongado para realização das entrevistas deveu-se a diversos obstáculos vivenciados pela equipa da GESPORT durante a Pandemia do COVID-19.

O conteúdo das entrevistas permitiu compreender as experiências pessoais e genderizadas das diretoras desportivas e os significados e pensamentos destas mulheres sobre o género, o desporto, o poder e a igualdade na tomada de decisão. Por fim, as entrevistas em vídeo foram disponibilizadas no wesite do Projeto GESPORT para dar visibilidade às experiências das 52 diretoras e, assim, garantir o seu reconhecimento. Recorreu-se à entrevista semi-diretiva como método principal de pesquisa. Como dito anteriormente, o objetivo foi perceber como as mulheres dirigentes em países com diferentes legislações, culturas e tradições de género constroem as suas realidades e o seu posicionamento como dirigentes desportivas.

Este livro é uma ferramenta que pode ser útil às organizações desportivas, dando-lhes a oportunidade de repensar e implementar as boas práticas identificadas pelas mulheres entrevistadas. Além disso, este livro é uma contribuição empírica para os agentes institucionais e para uma crescente linha de pesquisa que visa melhorar a igualdade de género no desporto. Assim sendo, as entrevistas podem ser úteis a diferentes stakeholders. Em primeiro lugar, os testemunhos das entrevistadas podem servir para identificar os fatores que podem melhorar o acesso das mulheres aos órgãos de decisão, permitindo que as organizações desportivas definam políticas de promoção de boas práticas na governação desportiva. Este livro lança luz sobre o impacto da governação nas organizações desportivas e o conteúdo das entrevistas poderá servir às instituições para garantir e legitimar a aplicação de políticas de igualdade. Em segundo lugar, o livro pode ajudar as autoridades europeias nas áreas de desporto, género e governação a tomar medidas para promover a igualdade. Uma melhor compreensão da situação das mulheres nas organizações

desportivas e na tomada de decisão incentiva a inclusão social e a igualdade de oportunidades no desporto, especialmente através do apoio à implementação de estratégias da UE, nomeadamente ao nível da Igualdade de Género. Em terceiro lugar, o livro pode ajudar as autoridades regionais em cada país a tomar medidas para promover a igualdade de género no desporto. Em quarto lugar, e com este objetivo último, as entrevistas podem ajudar igualmente as instituições e comités olímpicos internacionais em cada um dos países. Além disso, as instituições de ensino podem utilizar o livro como estudo de caso a serem debatidos em programas curriculares focalizados no desporto, género e governação. Uma das prioridades específicas estabelecidas pelas Associações Estratégicas do Ensino Superior segundo a agenda de modernização da UE é ativar o triângulo do conhecimento. Com este projeto, e através da mobilidade e da cooperação transfronteiriça, os programas escolares pode melhorar no âmbito das licenciaturas, mestrados e doutoramentos cujas áreas centrais sejam o desporto e a igualdade de género. O livro também pode servir outros agentes sociais e políticos envolvidos com o desporto e a igualdade de oportunidades entre mulheres e homens. Além disso, o livro é uma oportunidade para a comunidade científica. Os dados qualitativos obtidos por meio das entrevistas podem estimular novas contribuições académicas. Os/As investigadores/as podem usar estes dados qualitativos para aprofundar o conhecimento produzido sobre o papel da mulher na gestão do desporto. O livro é, ainda, uma oportunidade para as mulheres que desejem desenvolver as suas carreiras na gestão de organizações desportivas. As entrevistas podem servir como linhas de orientação para ajudá-las a avançar nas suas carreiras. Neste sentido, as entrevistadas podem servir como mentoras de mulheres no desporto. As mulheres terão as ferramentas necessárias para melhorara sua situação a partir das experiências das entrevistadas. Os políticos podem, ainda, usar as entrevistas para promover a tomada de consciência sobre as questões de género e para promover políticas em favor da ascensão profissional das mulheres nos órgãos decisórios das organizações desportivas. O

conteúdo das entrevistas também pode ser usado para mobilizar as instituições dos países membros do projeto, a fim de levá-los a uma maior inclusão social no desporto. Por fim, o livro é importante para a sociedade pela transversalidade do tema no campo da justiça e da equidade

O livro está organizado da seguinte forma. Após a introdução, o livro está dividido em cinco partes. Cada parte contém as entrevistas realizadas nos cinco países. A ordem de aparecimento das mulheres em cada país corresponde à data em que as entrevistas foram realizadas. Por fim, o livro termina com um a conclusão final onde se procurar atar as principais reflexões sobre esta temática.

# Entrevistas

# Portugal

Mariana Monteiro · Susana Costa Vieira · Catarina Carvalho · Juliana Ferreira Sousa · Helena Aires · Ana Paula Almeida · Maria Rosa Cristino · Ana Cristina Vital Melo · Maria da Graça Coelho · Teresa Cardoso

# Mariana Monteiro

Vice-Presidente
da Federação Portuguesa de Hóquei

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

O papel do desporto na minha vida. É interessante falar sobre isso. Não sou praticante desta modalidade, nunca fui. Mas o desporto, obviamente, faz parte da minha vida. Primeiro, porque faço parte desta Direção, da Direção do Hóquei, mas também porque os meus filhos praticam desporto e o meu marido é treinador e faz parte da equipa técnica, é formador desta modalidade, e por isso o desporto está na minha vida.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

Desde sempre tive relação com o desporto porque sempre gostei, porque já pratiquei ginástica acrobática, natação, mesmo em competição. Por isso o desporto faz parte da minha vida, porque também tenho a preocupação em manter hábitos de vida saudável e o desporto faz parte da minha vida.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

As mulheres estão a ganhar terreno no desporto. Não tanto como gostaríamos mas eu penso que nós já vemos as mulheres tanto no papel de liderança, como treinadoras e, cada vez mais, como atletas das variadíssimas modalidades. Claro que eu acho que ainda há um largo caminho a percorrer no sentido melhorar os números da participação da mulher no desporto.

## Como Vice-Presidente participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

É uma preocupação da Federação Portuguesa de Hóquei convidar, fazer participar, cativar atletas femininas para a modalidade. Por isso nós temos empre essa preocupação. Contudo, não existem.... principalmentefinanceiro, que nos permita ter uma abordagem mais forte, mais impactante, mas nós temos sempre essa preocupação e as mulheres são uma preocupação, e a sua participação. Claro que sim!

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Vice-Presidente?

As minhas competências... não me foram atribuídas competências especiais. Eu sinto-me como um elemento integrante da Direção, participo em todas as decisões, o trabalho é partilhado. Claro que, quando surgem assuntos relacionados com o papel da mulher, volta e meia, há aquela tendência para me delegar, de certa forma. Mas eu acho que o trabalho é completamente participativo e partilhado por todos os elementos da Direção.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Vice-Presidente?

Quanto à minha presença nesta Direção ela é relativamente recente, estamos a caminho do último ano de mandato. Posso dizer que ainda sou uma Vice-presidente em formação.

## Qual é a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Eu acho que a participação das mulheres nas Direções desportivas é uma mais-valia. Nós temos uma forma de pensar, de abordar os assuntos, diferente da dos homens e isso pode acrescentar, pode dar um valor acrescentado nas decisões e pareceres e opiniões que emitimos. Por isso acho que é benéfico e uma mais-valia se as mulheres tiverem um papel mais interventivo e mais participativo nas Direções.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Vice-Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

De todo, o facto de ser mulher não afeta o meu papel na Direção. Sou muito bem acolhida, a minha opinião é sempre tida em conta, por vezes até solicitada, por isso sinto que fui bem acolhida e sinto que o meu trabalho é valioso e precioso na Direção.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

Mulheres deste País! Se forem convidadas aceitem sem medo, não pensem nas complicações antes de aceitar. Façam como eu, aceitem primeiro e pensam depois. Porque depois tudo se consegue colmatar, resolver, certamente têm em casa alguém que vos vai dar apoio. Eu compreendo que a maior parte das mulheres, que é mãe, que quer ser mãe, olha logo para um trabalho acrescido como um obstáculo. Mas tudo se resolve, e depois certamente vão perceber que o vosso trabalho vai compensar, vão ser valorizadas, vão-se sentir valorizadas, e que participar para o benefício dos outros e ver crianças a beneficiar do vosso empenho a nível desportivo, quando recebem os resultados, tudo isso vai valer a pena. E no final, pesando na balança, vão encontrar certamente mais aspetos positivos do que negativos. Arrisquem!

# Susana Costa Vieira

Vice-Presidente da Federação de Patinagem de Portugal

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

Ora, o papel do desporto na minha vida, muito importante, remonta por volta de 1994/95, em que vim trabalhar como funcionária na casa, na Federação de Patinagem de Portugal. Seria uma experiência por três meses, ao fim dos três meses o Presidente perguntou-me se eu queria ficar como secretária dele, e estive até 2000. Em 98 fiz o curso de Juiz de Patinagem de Velocidade, mais tarde fiz o de Juiz Europeu. E em 2000 sai da Federação, para iniciar a minha vida profissional e em 2003 fui contactada com o convite de fazer parte do Comité Nacional de Patinagem de Velocidade, onde estive até por volta de 2016, quando o Vice-presidente na altura, o Capitão Neves Carvalho, por questões de idade e de saúde, se afastou, e me convidou a ocupar o cargo de Vice-presidente para a Patinagem de Velocidade. E portanto, estou neste cargo desde essa altura.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

Do conhecimento que tenho, é reduzida. São poucas as Federações que têm mulheres na sua Direção, tirando uma ou outra Federação em que as próprias disciplinas são mais femininas, a maior parte das que eu conheço não tem mulheres na Direção.

## Como Vice-Presidente participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Bem, na minha opinião, para conseguirmos evoluir no sentido de termos mulheres nas Direções temos de criar massa crítica. Nós, Federação, temos apoiado, dentro daquilo que é possível, a participação feminina em todas as disciplinas da patinagem, e creio que essa é uma das formas de, mais tarde, conseguirmos ter mulheres que percebam, que entendam a patinagem, que tenham disponibilidade e amor para cá estar. Porque, para estar na Direção de qualquer Federação também é preciso ter amor à causa.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Vice-Presidente?

Ora, eu estou como Vice-presidente da Patinagem de Velocidade desde 2016. As responsabilidades, ora bem, tenho a disciplina para organizar, para coordenar, para fazer crescer. Além de ajudar os meus colegas na Direção na manutenção da Federação e gerir, quer as questões financeiras, ajudar os meus colegas nas outras disciplinas a gerir e a tomar decisões dentro das áreas deles.

## Qual é a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

A participação das mulheres, daquilo que vejo, é diminuta. Não estou... As razões creio que são muito educacionais e culturais. As mulheres têm pouco tempo para certas coisas. Têm o papel de mãe, de família, de mulher, o seu trabalho, e o estar na Direção de uma Federação é mais um papel. É necessário tempo, é necessário ter também uma estrutura em casa e isto é preciso ser dito: é preciso em casa ter um suporte, no marido, no que seja, para conseguir ter esta segunda vida. Estas segundas, ou terceiras, ou quartas funções.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Bem, na minha opinião, há aqui uma questão que é muito importante, e que é cultural, e que nós não vamos alterar de imediato. Não só as mulheres têm que perceber que conseguem chegar aqui, a estes sítios, a estes cargos, como os homens têm que ser educados e preparados para ter presenças femininas, para perceberem que o benefício é grande. As Direções de todas as Federações são relativamente grandes, cabem todos. É bom haver as diferenças de género nas tomadas de decisão, porque só traz benefícios. Mas isto tem raízes culturais, esse é o principal motivo pelo qual nós ainda não conseguimos ultrapassar esta questão.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Vice-Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Não, não afeta. Em nada. E em nenhuma medida. Nunca me senti descriminada pelos meus colegas, nunca senti, por exemplo, que discordariam de uma decisão minha ou de uma opinião minha porque eu era mulher, não. Não me parece. Tratam-me como seus pares, somos uma equipa. Temos um grande relacionamento pessoal, e de amizade e de respeito.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

Bem, é difícil dar conselhos. Até porque este tipo de posições são muito a convite. Depende muito de quem se vai candidatar, quem é que vai convidar. Mas é essencial mostrar vontade, disponibilidade e gosto por estar aqui e por contribuir para a evolução do Desporto. Porque não são cargos para onde possamos enviar o currículo para nos candidatarmos. E, portanto, tem aqui uma questão bastante diferente do resto dos vários cargos. É claro que o desporto é dominado por homens, essencialmente, e depois eles convidam homens, portanto, temos que nos mostrar, temos que vincar que estamos aqui, que estamos disponíveis e que somos capazes.

# Catarina Carvalho

Vice-Presidente
da Federação Portuguesa de Padel

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

O desporto na minha vida começou relativamente cedo. Esteve muito ligado, na altura, com a escola que frequentava, nomeadamente era um colégio. E começou a ter, para além das aulas de Educação Física, que têm todas as escolas, comecei a frequentar aulas de ténis que eram lecionadas fora do período das aulas. Nisto, penso que por volta da segunda classe, mais ou menos, portanto deveria ter à volta aí de uns 7 anos, e depois a partir daí fui começando a praticar ténis e desde essa altura nunca mais deixei de praticar desporto.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

Eu penso que, um bocadinho à semelhança da sociedade em geral, o desporto é sempre assim um bocadinho o reflexo da sociedade, há falta de participação das mulheres tanto nas organizações desportivos como se calhar até mesmo na prática do desporto em si. Era importante que houvesse mais mulheres a praticar para mais mulheres virem a dar origem a terem cargos nos clubes, nas federações, nas associações, que é tudo isso que faz crescer a parte feminina do desporto.

## Como Vice-Presidente participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Bom, se calhar não necessariamente como Vice-presidente mas como elemento feminino da Direção, que não sou a única, somos mais elementos femininos. Tentamos sempre com que haja mais igualdade no desporto e nas provas nacionais. Temos sempre alguma resistência porque, lá está, somos sempre em minoria. E não só na Federação, principalmente a nível dos clubes, a representatividade é muito masculina, e como todas as decisões que são tomadas pela Federação são sempre retificadas pelos clubes, às vezes há algumas medidas que depois não passam em Assembleia Geral, é um bocadinho por essa razão. Daí a importância de as mulheres estarem também ligadas aos cargos nos clubes e nas associações. Mas há sempre uma tentativa de melhorar os prize-moneys femininos, de haver provas femininas, já houve, no início da Federação criou-se umas clínicas especializadas para mulheres, mais até a nível de competição, para fomentar mais a parte competitiva, porque o Padel feminino, em nível social, é bastante forte mas depois no que toca a competição há sempre menos participação, portanto, vamos tentando, pontualmente, fazer algumas coisas e lutar contra a maré.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Vice-Presidente?

Eu ocupo a posição de Vice-presidente desde que a Federação foi fundada. Portanto, a Federação começou a sua atividade em 2012, foi realizado um primeiro mandato e, entretanto, depois fomos eleitos para um segundo mandato, que é o que está a decorrer neste momento, e portanto eu ocupo essa função desde essa altura. O meu cargo na Direção, digamos assim, os pelouros que me são atribuídos têm a ver com tudo o que é equipas nacionais de todos os escalões, tanto de jovens como de seniores e como veteranos. Estou também ligada à prova que é uma competição de clubes, que é a Liga de Clubes e, obviamente, também fazendo sempre aqui a ponto com o padel feminino que não tem propriamente um pelouro próprio mas dá assim uma representação transversal nas decisões.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Vice-Presidente?

Bom, essa é um bocadinho complicada. Desafios foram muitos, porque basicamente nós surgimos com uma modalidade que estava a nascer e, portanto, estamos desde a génese, quase, do crescimento da modalidade. Portanto, cada vez que se vai crescendo os desafios vão sendo sempre maiores. Quando iniciamos, a primeira prova que fizemos, até foi aqui neste clube. Lembro-me que criamos a primeira prova, e na altura devíamos ter cerca de 50 e tal, 60 participantes, neste momento temos no circuito sénior, no circuito juvenil, no circuito de veteranos, com provas todos os fins de semana em que, às vezes, há mais de 300 participantes. Portanto, os desafios são praticamente diários e, portanto, já temos equipas nacionais, já temos representações em todas as provas europeias e mundiais, com alguns bons resultados. E penso que os desafios são diários e continuam. Se calhar, em termos de orgulho, digamos assim, é, sem dúvida, o acompanhamento das seleções nacionais e os resultados que temos tido a nível internacional.

## Qual é a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

É um bocadinho aquilo que eu já tinha dito atrás. Acho que é importante as mulheres, cada vez mais, estarem nesses cargos, para poderem estar mais próximo das tomadas de decisões relativamente ao que se passa em todas as modalidades. Portanto, quanto mais mulheres houverem nesses cargos mais fácil é de criar algumas condições para haver mais igualdada.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Eventualmente, teria de ser até, mesmo, a nível de legislação nacional de aumentar ou de obrigar... Sinceramente, eu não sou muito a favor destas questões das quotas mas, muitas vezes, para as coisas começarem, tem que se começar por aí. Se calhar, eventualmente, à semelhança do que acontece para outros cargos, haver um X número de participantes mínimos nesses cargos, poderá ser um bocadinho por aí. Embora, nós quando nascemos houve sempre alguma preocupação de ter sempre elementos femininos na Direção. E, por acaso, no primeiro mandato eram mais do que são agora. Mas eu acho que depois também tem muito a ver com as disponibilidades e com essas coisas que influenciam todas essas decisões.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Vice-Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Bom, penso que, obviamente, contribui pelo facto de sentir mais de perto essas dores, digamos assim. Mas, como também referi anteriormente, não será sempre só uma pessoa. Tem que haver uma presença maior de mulheres em vários cargos, porque uma pessoa sozinha, entre aspas, a lutar contra várias, é muito mais difícil. Não passa só pelo facto de ser o Vice-presidente, obviamente pode ter mais influência porque, pelo menos, é uma voz que é sempre ouvida mas se forem mais vozes é sempre muito mais fácil.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

Acho que não há muitos conselhos a dar. Basicamente, é proporem-se a isso e tomarem essa iniciativa. E acreditarem que podem fazer a diferença. Uma sozinha é difícil, mas se formos muitas é muito mais fácil que depois algumas decisões venham a ser tomadas em consonância.

# Juliana Ferreira Sousa

Vice-Presidente
da Federação Portuguesa de Andebol

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

O desporto na minha vida foi muito importante porque o desporto fez a pessoa que eu sou hoje. Além da educação que eu tive, que o meu pai me deu, o desporto comecei a praticar graças ao meu pai, foi ele o grande impulsionador, e também através das minhas irmãs, que já praticavam desporto, e eu acabei um pouco por ir atrás delas. Todas as minhas irmãs, tenho cinco irmãs, todas praticavam desporto, eu era a única que não praticava. Então, o meu pai convenceu-me a praticar e eu acabei por ir para o andebol. Da janela da minha casa tinha um ringue, dava para ver o andebol. O meu primeiro contacto com o desporto foi no Desporto Escolar, na escola. A partir daí pratiquei a modalidade que eu gosto, que é o andebol, e que ainda estou inserida nela. E o desporto ajuda-nos a ter regras, a ter responsabilidade, ajuda-nos a ter poder de decisão, a ultrapassar derrotas e a sermos mais fortes para a nossa vida futura.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

As mulheres têm... É importante que haja mulheres no desporto porque as mulheres são importantes para outras mulheres terem referências e também saberem que as mulheres são capazes. Precisam é de oportunidades para poderem estar a representar, porque o que acontece é que as mulheres não têm, não apostam nelas, são mulheres que precisam de oportunidades, que são pouco dadas a elas. E, havendo oportunidade, as mulheres são pessoas dedicadas e conseguem atingir objetivos, são pessoas que têm mérito, também, naquilo que fazem.

## Como Vice-Presidente participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Sim, a minha Federação está a desenvolver um projeto, chama-se Andebol4Girls e esse projeto visa a prática da mulher, no aumento da mulher em termos de jogadoras, atletas, árbitras, em termos de dirigentes, nós queremos ter mais mulheres a praticar a modalidade, e esse projeto visa isso. A visibilidade de divulgação que é o que a mulher precisa, que é o que falta no país, divulgação para a mulher conhecer a modalidade para poder dedicar-se a ela.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Vice-Presidente?

As minhas funções na Federação são distribuídas por cargos. A minha responsabilidade é o andebol feminino. Sou responsável por tudo o que trata o andebol feminino, desde as Seleções, desde o Campeonato, é muito importante. Essas são as minhas responsabilidades e também com a ajuda da Direção, do Dono da minha equipa, nós trabalhamos todos em equipa, tomamos uma decisão para que as coisas corram da melhor maneira possível. Estou o cargo da Direção desde 2012 e estou no segundo mandato.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Vice-Presidente?

É um cargo de muita responsabilidade porque eu só jogava andebol, não sabia muito bem o que era estar na parte da Direção. Através dos meus colegas nós tomamos a melhor decisão possível porque uma má decisão nossa pode influenciar todo um campeonato. A nossa Direção tem o objetivo de ser transparente, colocamos todas as pessoas a participar, desde clubes, a tomarem decisão, e associações, porque são eles as pessoas mais importantes. Sem clubes não há atletas, sem atletas não há clubes e não há uma Federação.

## Qual é a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Na minha opinião é importante, apesar de existirem poucas, porque as mulheres acabam por ser um modelo para as outras mulheres que estão atrás. Existir de mulheres em cargos que só têm capacidade, têm dedicação, necessitam de uma oportunidade para as outras mulheres seguirem como modelo, é um exemplo.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Uma das medidas que eu acho é valorizar a mulher. A mulher é pouco valorizada. A mulher acaba por ter um papel importante em casa e fica muito sobrecarregada quando tem outro papel que pode fazer como dirigente. O único problema é que ela tem muito que fazer e não consegue, e não lhe dar oportunidade depois também tem a ver com a renumeração, o homem é mais bem pago que a mulher, não é dado o valor que a mulher merece, que a mulher deveria ter. E a única forma que eu vejo para poder contribuir que existam mais mulheres é através de quotas.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Vice-Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

É gratificante e é possível que outras mulheres vejam que possam chegar a esse patamar, que as mulheres também são capazes. Normalmente, as Direções é mais constituída por homens que já vem de base, a sociedade está muito virada para... temos que mudar um pouco de mentalidades e as mulheres são pessoas que, estando na Direção, outras mulheres querem seguir-lhe como exemplo e que são líderes, também, e que são capazes de chefiar e estar em cargos de chefia, devida a sua qualidade.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

O que eu diria às mulheres é que nós temos de lutar por aquilo que nós queremos e que temos capacidade para estar em cargos de chefia. É difícil, não vou dizer que não, mas com a nossa dedicação, é muito importante o gosto, dedicação, compromisso e só assim nós chegamos lá, nós conseguimos.

# Helena Aires

Vice-Presidente
da Federação Portuguesa de Basquete

## Qual é o papel do desporto na sua vida? Quando e como começou a sua relação com o desporto?

O desporto tem um papel muito importante na minha vida. Eu comecei como atleta com 13 anos e joguei até aos 36. Agora, como Vice-presidente da Federação Portuguesa de Basquetebol aproximei-me outra vez do desporto há cerca de 7 anos.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

Eu penso que cada vez mais há mais mulheres nas organizações desportivas. Se há anos atrás as mulheres se dedicavam mais à vida familiar e pessoal, hoje também têm mais disponibilidade para dar tempo e para integrar essas organizações. Eu penso que é muito importante porque trazem sempre uma visão diferente e podem acrescentar imenso nas organizações.

## Como Vice-Presidente participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

É assim, até agora não participei diretamente em nenhuma. Nós, na Federação, temos essa preocupação. Aliás temos um colega Vice-presidente que a área profissional dele é essa área e que batalha sempre muito e que nos influencia a todos também a batalhar pela igualdade de género. Eu penso que há ainda um caminho longo a percorrer, que nem sempre é abordado diariamente, mas ainda há muito a fazer e temos essa preocupação.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Vice-Presidente?

We are in our second term, so for about five to six years. As I was an athlete for many years, I'm more connected to the field of communications, as that's my professional background as well, and I'm also in charge of the high-performance centre of Jamor, and also of the under -16 female National Team, which is the National Team I am responsible for.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Vice-Presidente?

É assim, eu como atleta não tinha a noção de todo o trabalho que há por trás de uma Federação e tudo o que envolve, os clubes, as equipas, etc. E desde que estou agora na Federação tem sido bastante desafiante porque há uma série de coisas que nós, enquanto atletas, não imaginamos que acontecem mas há um trabalho enorme por trás com uma série de pessoas que dedicam todo o seu tempo para que tudo corra bem em relação aos atletas, aos campeonatos e tem sido um grande desafio conhecer este outro lado que para mim era um bocadinho desconhecido.

## Qual é a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

É assim, eu acho que é bastante importante, a participação das mulheres, desde que sejam competentes, profissionais e dedicadas, tal como os homens. Mais do que as quotas é as pessoas estarem nos lugares pela sua competência. Claro que as mulheres têm sempre uma visão diferente, e penso que acrescentam bastante na direção das Federações e que podem ser uma muito boa influência na tomada de decisões, na forma como olhamos para as coisas, pela sua sensibilidade, também, e espirito de luta.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Bem, eu não sei muito bem que medidas é que poderiam funcionar. Eu penso que também tem a ver com a disponibilidade das próprias mulheres, porque acho que as mulheres também têm de mostrar mais disponibilidade e vontade de participar. Isto é um trabalho que não é remunerado e, muitas vezes, as pessoas, com a sua vida pessoal e profissional, também não dispõem de tempo para dar a este tipo de causas ou instituições. Acho que hoje em dia isso também já mudou um bocadinho, já é visto de outra

maneira, mesmo pelas próprias famílias. Mas eu acho que também parte um bocadinho das mulheres quererem fazer parte e integrar este tipo de projetos, que tomam o nosso tempo, e que nos faz ficar fora de casa aos fins de semana e noutras alturas, e acho que parte um bocadinho das

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Vice-Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

É assim, eu penso que é cada vez mais importante haver mulheres neste tipo de cargos, a provarem que também são capazes e que têm tanta capacidade e disponibilidade como os homens. Ainda há um longo caminho a percorrer, como já referi, mas penso que é uma coisa que pode ajudar muito, porque o desporto é importante no nosso país, e quanto mais mulheres existirem nesses cargos maior visibilidade, e acho que vai também estimular outras mulheres a aderirem a este tipo de projetos e quererem também fazer parte deste tipo de projetos.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

Eu aconselharia a virem, a virem experimentar porque o desporto é uma coisa fantástica, é uma excelente escola para a vida. Pelo menos para mim foi. Aprendemos a lidar com uma série de coisas que eu acho que nos podem ajudar bastante, conhecemos muitas pessoas, abrimos o nosso leque de contactos, para além de que eu acho que o desporto é uma coisa saudável, que faz bem e dispõe bem as pessoas, e acho que todas as mulheres deviam, pelo menos, experimentar. As que fizeram desporto e as que não fizeram, ajudando a que o desporto se desenvolva no nosso país.

# Ana Paula Almeida

Vice-Presidente
da Federação Portuguesa de Ginástica

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

O desporto tem feito parte, sempre, da minha vida, desde que me lembro. Penso que aos quatro anos comecei a fazer ginástica, aos nove, dez anos comecei a fazer ginástica de competição até aos dezoito anos. E depois na minha vida adulta fiz sempre desporto, agora faço num ginásio, quase todos os dias treino. E quando vou de férias com os meus filhos também faço desporto com eles, por isso faz parte da minha vida, é uma parte integrante.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

O desporto começou quando eu era bem pequena e continua a fazer parte, por isso... inicialmente comecei a fazer ginástica porque os meus pais me colocaram na ginástica e depois porque adorava, porque era a minha vida. Eu não conseguia estar um dia sem ir ao treino, era impensável faltar a um treino para ir passear com os amigos, era parte integrante da minha vida. Depois fui treinadora, que também foi uma das grandes paixões, mas casei com um atleta e tive de mudar de cidade e acabei por me afastar do treino. Mais tarde entrei na Direção da Federação de Ginástica de Portugal, por isso já vai fazer oito anos, desta data.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

A mulher, cada vez mais, faz parte da atualidade do desporto. Lembro-me imenso nomes como a Rosa Mota, agora as atletas que ganharam as Universíadas. Nós temos uma ginasta, que é a Filipa Martins, que já há algum tempo é uma das melhores ginastas da Europa. Por isso é muito importante a mulher no desporto. É evidente que ainda não conseguimos estar à altura de, ou pelo menos não há divulgação, que nos homens. Eu recordo-me, por exemplo, do último Taça de Portugal de futebol feminino em que houve realmente muita publicidade e encheu o Estádio Nacional mas, ou perto, mas não foi como na Taça de Portugal dos homens. Temos que fazer alguma coisa por isso.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Vice-Presidente?

Eu estou há três mandatos na Federação Portuguesa de Ginástica. No primeiro e no segundo mandato não tinha esta função, só no terceiro. Por isso há três anos que sou Vice-presidente. E estou com o pelouro dos clubes. Por isso é uma relação com a parte dos clubes que é a minha responsabilidade.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Vice-Presidente?

Desde há três anos para cá, penso eu, estou mais ligada aos clubes e tenho tido alguns desafios de resolver, alguns problemas. Estou com um projeto de desenvolvimento da ginástica para os clubes que não tenham ginástica. E basicamente é isso, porque nós temos uma Direção que estamos sempre a par de todos os assuntos, que damos opinião em todas as áreas, reunimos praticamente duas vezes por mês por isso acaba por haver uma abrangência na Direção, em todas as disciplinas.

## Qual é a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Eu só tenho conhecimento da Federação Portuguesa de Ginástica e, como é um público maioritariamente feminino, é muito idêntico ao masculino, penso eu. Além de, na nossa Federação, nós somos oito elementos em que seis são homens. Mas penso que não há uma diferença, nessa... nem descriminação.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

É um assunto que eu nunca pensei sobre isso. Mas eu acho que é interessante e deveria ser feito. Porque, realmente, o pensamento no feminino traz sempre vantagens nas Direções. Porque estamos a lidar também com mulheres, com ginastas ou com atletas e é importante que haja essa divisão e que haja uma equiparidade entre os sexos.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Vice-Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Sim, eu acho que é importante que haja mulheres em lugares de topo, até porque pensamos de uma forma diferente, não é que sejamos melhores ou piores, acho que não existe entre sexos, mas temos, se calhar, uma sensibilidade diferente e seria muito interessante se em todas as Federações e Direções estivessem mulheres.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

Eu acho que quando nós fazemos alguma coisa que gostamos e que nos identificamos e que amamos, acima de tudo, acho que temos de investir nisso. Eu sei que as mulheres têm os filhos, têm a casa, têm uma série de coisas que continua a ser... mesmo havendo esta igualdade, mas continua a ser uma responsabilidade mais feminina do que masculina, mas devem de aceitar esses desafios porque é muito gratificante para a mulher, enquanto mulher.

# Maria Rosa Cristino

Vice-Presidente
da Federação Portuguesa de
Pesca Desportiva

## Qual é o papel do desporto na sua vida? Quando e como começou a sua relação com o desporto?

Portanto, eu sou desportista, atleta, e sou da Direção. Pertenço à Direção desde 92, foi a primeira vez que fiz parte de uma Direção, como Vogal, na Federação Portuguesa de Pesca Desportiva. Sou atleta desde 1978. Portanto, sou mais atleta do que dirigente. Depois, fui sempre fazendo parte da Federação. Interrompi, na altura, porque só podíamos fazer dois mandatos. Interrompi e fui para a Associação do Centro de Pesca Desportiva. Estive lá também dois mandatos e depois voltei outra vez à Federação. Tenho estado sempre. Como Vogal, como Vice-presidente, como administrativa. Pronto, sempre.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

Eu acho que neste momento nota-se que a mulher participa muito mais, tanto nos eventos, organização de eventos, porque eu acho que faz sempre falta a parte feminina na parte dos eventos, também na organização. Como atletas eu acho que neste momento as mulheres estão em alta, como se costuma dizer.

## Como Vice-Presidente participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Tivemos um evento em 2006, que foi os Jogos Mundiais da Pesca, em que tivemos vários países a participar, mas não concretamente sobre este tema que estamos a falar. Em que reunimos cá 56 países, 5.000 atletas, foi comparado aos Jogos Olímpicos de Inverno. Foi muito bom!

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Vice-Presidente?

Nesta Direção, eu faço parte desde 2017. Sou Vice-presidente da área financeira, a minha função aqui prende-se com os pagamentos, com a área financeira, a área financeira toda da Federação.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Vice-Presidente?

Bom, essa pergunta é mais complicada, porque é assim: esta Federação é, na sua maioria, composta por homens, eu penso que sou a única mulher desta Direção. E de sempre, na vida da Federação. Sou sempre uma, contra seis ou sete, daqui da Direção. Mas consigo levá-los para o bom caminho.

## Qual é a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Eu penso que neste momento, nesta atualidade, penso que há muito mais mulheres na vida federativa das várias Federações. Nomeadamente, na Confederação dos Desportos de Portugal, acho que há duas mulheres, também, na Direção. Antigamente, isto não se via muito. Acho que as mulheres fazem cada vez mais parte da vida das Federações, neste momento.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Não sei. Porque eu acho que, neste momento, já não... É preciso incentivar as mulheres a fazer parte da vida federativa. Nomeadamente na Pesca, é complicado porque o nosso desporto é sempre ao fim de semana, e nós mulheres temos sempre muito que fazer. É os filhos, é a casa, portanto não há muita disponibilidade, também, para fazer parte de uma Federação. Eu consigo porque não tenho filhos e o meu marido é o Presidente, portanto isso é para estamos ligados como dirigentes, tanto na Federação como Associação, estamos sempre um ao lado do outro, portanto não é muito complicado para mim. Na maioria das mulheres eu penso que sim, que é complicado, porque lá está, a vida familiar e a vida de dirigente que exige-nos muito tempo, e perdemos muito tempo com isto.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Vice-Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Eu penso que, hoje em dia, as mulheres têm lugar em qualquer ocupação, tanto politica, desporto, no geral, como têm homens. Portanto, eu acho que já não se poem tanto aquela parte em que se és mulher não podes ocupar determinado cargo. Penso que na atualidade já não se verifica isso, a mulher pode ocupar qualquer cargo, e tem competência para ocupar qualquer cargo.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

Primeiro que tudo, gostar! E ter tempo disponível para isto. Principalmente gostar e do que se faz. Acho que é só isso, principalmente, é o gostar. E ter vocação. Também se não tiver vocação e paciência não se faz nada.

# Ana Cristina Vital Melo

Presidente
da Federação Portuguesa de Kickboxing e Muaythai

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

É importantíssimo, faz parte do dia-a-dia, sempre presente, de manhã à noite, 365 dias por ano. É impossível não fazer parte.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

Confesso que nem me lembro. Porque tanto o meu pai como a minha mãe são ligados ao desporto. E por isso foi desde sempre. Desde que me lembro fiz sempre desporto, sempre. Já passei por imensas modalidades, por imensos desportos completamente diferentes, mas sempre, sempre fiz desporto.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

Eu acho que cada vez há mais mulheres a fazerem desporto. Cada vez há mais mulheres no desporto de competição, no desporto federado. E no meu caso em particular, em relação ao Kickboxing e MuayThai há cada vez mais mulheres. Era até difícil, no nosso caso, combinar pesos, e hoje em dia já não existe esse problema, portanto. Aliás há muitas, muitas mulheres nos mesmos pesos, quase – não diria 50% - mas 40/60. E a nível internacional, nos campeonatos do Mundo também se reflete isso. Depois o que acontece é uma baixa a partir dos vinte e pouco, não sei se por questões familiares, por questões profissionais, noto que, aí, já começa a descer novamente.

## Como Presidente participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Pela primeira vez eu faço parte de uma Comissão, que é a Comissão do Desporto e Mulheres, que foi uma ideia deste Presidente do Comité Olímpico de Portugal, portanto temos que lhe dar os parabéns. E de facto já é o segundo mandato desta Comissão, eu é a primeira vez que estou a integrar, mas sei que é o segundo mandato. E portanto, é o Comité Olímpico de Portugal que tem tido essa preocupação.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Vice-Presidente?

Eu, a primeira vez que fui Presidente foi em 2006. Só que, entretanto, depois houve um interregno complicado, de tribunais, porque quando eu cheguei à Federação descobri imensas coisas mal feitas, não havia regras, tudo ilegal, não havia estatutos, as contas estavam uma confusão. E, de facto, ir contra estruturas instaladas, ir contra uma Federação só de homens que dominavam completamente e faziam daquilo o seu modo de vida, e chegar lá e impor regras, fazer cumprir leis, ouça, foi de facto o pior que me aconteceu. Portanto, houve ali um interregno que prejudicou muito a Federação, em termos judiciais, mas pronto, depois em 2015 acabou tudo num acordo e eles foram-se embora. A coisa começou a acabar em 2013, mas em 2015 de facto houve um acordo e, então, pronto, finalmente as coisas agora estão em bom porto.

Como é que numa Federação como a minha a pessoa é Presidente? Faz tudo, não é? Trata da parte administrativa, trata da parte desportiva, trata das provas, trata de tudo. Da coisa mais pequena que possa imaginar, de ir ao supermercado comprar águas para dar à arbitragem às coisas institucionais com o Governo, portanto, tudo passa por nós, não é? Tenho uma Direção, hoje em dia, de pessoas com muita experiência, de antigos treinadores, de antigos praticantes, de referências da modalidade que, finalmente, estão-me a dar uma grande ajuda. Portanto, respiro um bocadinho. E em termos de formação, em termos da parte desportiva. Mas para uma Federação, com muitos atletas, cada vez mais, com duas modalidades e sem financiamento, no fundo sem meios humanos, é muito complicado. Muito complicado. É uma dedicação diária e total. É mesmo muito complicada. Porque, no fundo, eu não sou uma profissional, não é? É uma atividade amadora. Mas depois tudo o que se passa tem de ser em horário laboral. Portanto, reuniões em horário laboral, as minhas idas à sede da Federação têm que ser em horário laboral, é muito complicado. É muito complicado e mesmo desgastante. É preciso gostar muito, muito, muito para abdicar das nossas horas, da nossa vida.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Vice-Presidente?

Eu comecei como Presidente em 2006 até ao início de 2008, depois tive ali um interregno judicial muito complicado, durante uns anos, porque eram as pessoas antigas que estavam lá, que não queriam cumprir regras, enfim, que não queriam apresentar contas, e eu não queria compactuar com aquilo tudo. Ponderei inclusive ir-me embora, mas achei que estava a prejudicar imenso a Federação e deixar aquilo, não é? Eu digo sempre: se nós queremos o bem, também não podemos deixar que as pessoas de mal fiquem, não é? Porque não queremos ter maçada, não é? De facto, fui uma guerreira, passei ali um grande mau bocado, naquilo tudo, mas em 2015 houve um acordo porque eles começaram a perder os processos judiciais e começaram a ver que a coisa estava a correr mesmo mal e em 2013 tivemos o apoio do atual - do atual não – do na altura Secretário de Estado, e viu que nós tínhamos razão, e assim, mais ou menos em dois anos conseguimos resolver aquele litígio que havia há imenso tempo.
Agora, é muito complicado, como Presidente porque eu faço tudo. Como é uma Federação que tem muito poucos recursos. Tem duas modalidades, portanto, tem dois campeonatos nacionais, dois campeonatos da Europa, dois campeonatos do Mundo, dois campeonatos dos juniores. Porquê? Kickboxing e Muay Thai. Os recursos são pouquíssimos e é difícil eu dizer que sou a Presidente e assino uns papéis. É impossível, não é? Portanto, desde a nível administrativo ajudarmo-nos todos uns aos outros, até nível institucional tenho que fazer tudo. Hoje em dia tenho uma Direção com antigos dirigentes e praticantes, portanto, muito conhecedores da modalidade, que me ajudam e apoiam imenso. Isso, de certa maneira, como que me alivia. Por exemplo, nos cursos de formação de treinadores, na escolha das Seleções, em partes mais técnicas desportivas, portanto, já está no pelouro deles e apesar de ter sempre assim pequenas coisinhas já é outra coisa, não é? Apesar do trabalho ser muito e cada vez mais porque cada vez há mais atletas, mais clubes, mas essa parte é bom ter as pessoas que sabem, que são conhecedoras da modalidade, portanto estou contente. Estou contente!

## Qual é a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

É muito complicado, porque, por uma questão cultural, na minha opinião. E a partir de certa idade as mulheres têm a vida profissional, a vida familiar, o que é muito pesado. E conciliar isso tudo com a parte desportiva que, de facto, nos dá muito muito trabalho e são muitas horas e é uma dedicação muito grande, é complicado. E o que é certo é que não há muitas mulheres em cargos dirigentes e cada vez há mais mulheres a ter empresas, em cargos políticos. Há uma grande força para haver uma igualdade. Aliás, no Parlamento Europeu temos agora um caso, temos uma mulher. Mas, a nível desportivo, é muito complicado porque são muitos fins de semana fora, muitas provas fora, e, socialmente, a mulher ainda é muito penalizada por deixar a casa para ir para uma prova desportiva, deixar a família para ir para uma prova internacional, e de facto é penoso a nível social e familiar, não tenho dúvida disso.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Era preciso haver mais apoios. Era preciso e é preciso mudar mentalidades, e eu acho que estamos no bom caminho. Acho que a nossa sociedade está no bom caminho, mas ainda há muito para fazer.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Vice-Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Quer dizer, eu só por si não me vejo como um exemplo, não é? Porque de facto é uma enorme dedicação, é um grande trabalho. Tiro muitas horas de mim porque não sou uma profissional da Federação e, portanto, tenho o meu trabalho no dia-a-dia e depois tenho a Federação, e é preciso gostar mesmo muito, muito, muito. Ter um grande amor à Federação e ter uma missão, uma causa pública. E isto é de facto uma causa pública, todos nós que trabalhamos na Direção da Federação, a Arbitragem, é tudo amor à camisola, é tudo pro bono e, agora, pergunta-me assim: o que é que me move? Move-me cada ver termos mais atletas, mais mulheres, irmos lá fora e Portugal cada vez ser mais reconhecido. Trazemos mais medalhas internacionais, quero dizer, quando estamos numa prova internacional e trazemos medalhas e ouvimos o hino é uma emoção indescritível. Portanto, as provas nacionais cada vez terem mais pessoas... Isso é um orgulho tão grande no nosso trabalho e é o que nos move. E isso faz com que nós estejamos lá e que nos consigamos mover – é o orgulho que nós temos. Agora, de facto há muitos dissabores, porque lidar com as instituições é horrível, lidar com pessoas que estão em cargos dirigentes e pessoas que vão para o Governo e, salvo raras exceções, não percebem nada. Estamos a falar completamente em línguas diferentes. Portanto é muito complicado nós tentarmos ir contra o muro. Basicamente é ir contra o muro, não é? A legislação quando se faz é para todas as Federações desportivas, mas as realidades são completamente diferentes, não é? A realidade da Federação de Futebol é completamente diferente da realidade de uma federação como a nossa, não é? E, normalmente, olham só para o futebol e para grandes federações. E depois é quase impossível, para não dizer impossível, se cumprir a legislação que, de um momento para o outro, entra em vigor. Portanto, e nós por muito que queiramos ser ouvidos temos sempre ali uma barreira. Temos sempre ali uma barreira que não se consegue ultrapassar porque somos os pequeninos, não é? E vivemos com muitas dificuldades, mas não deixa de ser por isso que temos desporto, não deixa de ser por isso que não trazemos medalhas e nós, por exemplo, fazemos um trabalho imenso com escolas, com o

Desporto Escolar, nós temos uma pessoa que só trata do desporto com os deficientes, uma que só trata com o Desporto Escolar, que vai a imensas instituições, há imensos miúdos que vêm, que veem uma referência. Tudo isso, principalmente em bairros desfavorecidos, termos o desporto é fundamental. Puxar estas pessoas, estes miúdos para o pé de nós. Puxar essas crianças para virem fazer desporto é quase uma bola de neve: vão fazendo desporto, são melhores alunos, têm uma responsabilidade, têm disciplina, o não fumarem, enfim, em vez de estarem nos cafés estarem a fazer desporto, isso é tudo tão bom, e esses miúdos quando vão para as provas nacionais são, no fundo, uma referência para os outros, e isso é mesmo bom para a nossa sociedade.
E eu acho que todos os desportos, de uma maneira geral, são bons para a prática de todas as pessoas, mas a começar pelos jovens. E isso faz-nos acreditar que vamos ter pessoas melhores. Agora, é difícil às vezes fazer isso com tantos bloqueios e com tanta falta de apoios que existe da parte do Estado que olha só para duas ou três Federações.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

Ah, não tem nada a ver com o Governo. O que é que eu diria como conselho? Que têm de pensar, que se for numa federação pobre.... Bom, se forem para uma federação rica que não lhes vai faltar nada e terão todos os apoios e todos os meios logísticos. Vindo para uma federação pobre, que são muitas, e com poucos recursos e com tantas barreiras que existem, têm que pedir tudo a todas as pessoas, têm que bater a não sei quantas portas. Têm que se mentalizar que, a nível pessoal, são muitas, muitas horas que vão ter de despender para a causa desportiva, para esta causa. Mas, sinceramente, eu acho que vale a pena.

# Maria da Graça Coelho

Ex-Presidente
da Federação Portuguesa de Tiro com Arco

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

Olhe, eu desde pequenina que faço desporto e profissionalmente optei pelo desporto também, de maneira que há 60 anos que ando no desporto.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

Olhe, comecei quando tinha para aí uns 7 anos. Comecei a fazer natação, porque em Portugal há muita água, não é? E então acharam que eu devia fazer natação. Depois fui, também, simultaneamente para a ginástica e para a dança. Deixei a natação, estava na altura de começar a fazer competição, mas tinha problemas de gargantas e não sei o quê, e então optei por ficar na ginástica, na ginástica que antigamente se chamava desportiva, não é? Com a trave olímpica, as paralelas, etc. E na dança, na dança clássica. E mantive-me na ginástica durante 40 anos. Como praticante, como treinadora, como dirigente, mantive-me por aí. Depois só por volta dos 30 anos é que comecei a fazer tiro com arco. E pronto, mantive-me no tiro com arco até agora.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

Olhe, o que eu notei, e não é só de agora, não é? Como eu lhe digo eu já ando no desporto há muitos anos. Quando eu vou a reuniões com representantes das Federações nacionais, que não são muitas, mas são cerca de 60, há 3 ou 4 mulheres. Portanto, eu sinto-me assim um bocadinho deslocada no meio de tanto homem e nota-se, é evidente que o setor masculino predomina no desporto nacional, a nível de direção, não é? Isso nota-se também no Instituto Português dos Desportos, no IPDJ, não é? Em que a maior parte dos técnicos e dirigentes de topo são homens. Neste momento há duas mulheres, mas que são assim quase um caso raro, não é? Comité Olímpico igualmente, são muito poucas as mulheres que trabalham e cada vez menos as mulheres que trabalham no Comité Olímpico.

## Como Ex-Presidente, participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

O Instituto Português do Desporto e da Juventude, o IPDJ tem tido políticas de implementação de igualdade de género e obriga, de certa forma, não é, as Federações a terem programas de igualdade de género. Não é fácil. Mas nós tentamos. Nestes 2 anos em que estive na Federação, até porque também sou mulher, não é? Tentamos que houvesse mais participação de mulheres praticantes no tiro com arco. Não é fácil. Tentamos primeiro identificar porque é que havia menos mulheres, porque é que as mulheres não aderem ao tiro com arco. Igualmente em relação a camadas mais jovens, os mais pequeninos, porque é que desistem com facilidade e depois tentando saber os porquês, tentar arranjar uma forma ou várias formas de se conseguir melhorar essas estatísticas, não é? Não é fácil.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Vice-Presidente?

Portanto, eu comecei há 2 anos, fui eleita Presidente da Federação há 2 anos e as minhas funções eram as de gestão, de coordenação geral, embora tivesse também muita ação na formação, como professora que sou, pedagoga etc. Tinha muita influência também na área da formação porque é fundamental; sem formação não se pode expandir a modalidade, se não houver treinadores que saibam ensinar o tiro com arco depois não se podem abrir mais clubes, mais núcleos, portanto a formação é fundamental e essa era uma menina dos nossos olhos, digamos assim, e fundamental para o desenvolvimento da modalidade no país.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Presidente?

Essencialmente faltas de verbas. Portanto, o desporto nacional tem muito pouca verba, o Estado dá muito pouco dinheiro para o desporto. Como sabe nós temos estado numa crise económica nacional e o primeiro a ser cortado é o desporto, porque acham que não faz falta. Claro que comer é mais prioritário para a sobrevivência da espécie. Mas pronto, foram cortadas muitas verbas e as Federações pequenas, especialmente, sentem muito esses cortes porque sendo pequenas é-lhes mais difícil conseguir patrocínios, porque se não há clientes em números expressivos é mais difícil conseguirem-se patrocínios, embora eu tenha conseguido um pequeno patrocínio para os equipamentos da Seleção Nacional e pouco mais que isso.

Se não for o Estado a investir inicialmente no desenvolvimento das modalidades que têm Federações mais pequenas, até se conseguirem tornar grandes, isto nunca mais passa daqui. Então a grande dificuldade é sem dúvida a falta de verba para contratar treinadores nacionais, para contratar toda uma panóplia de pessoas e profissionais que são necessários ao desenvolvimento do desporto de alta competição e também ao desenvolvimento do desporto para todos.

## Qual é a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Eu acho que é importante, obviamente, embora me pareça que essa questão da igualdade de género não deva ser só porque é mulher tem que ser. Não. Tem que ter competência para, e eu penso que há muitas mulheres que têm competência mas que depois não conseguem entrar, digamos assim, no campo da gestão desportiva porque há pressões e lobbies masculinos, digamos assim, que levam a que as mulheres acabem por se chatear e sair.
Portanto tem que se ter muita força, vocês entendem, para conseguir ultrapassar todas essas pressões.
Como em Portugal a larga maioria das Federações são benévolas, portanto todos os corpos gerentes são benévolos, as pessoas não estão para se maçar. "Se querem fiquem lá com o trabalho que eu tenho coisas mais interessantes para fazer na vida!". Quando a coisa começar a ter um ordenado, e nem todas as Federações tem esse poder económico para pagar aos Presidentes para terem uma presidência, uma gestão profissionalizada, embora tenha muitas vezes gestores profissionais, como é o meu caso, eu tenho o Mestrado em gestão e economia do desporto, sei muito bem o que tenho de fazer, depois há uma série de entraves nomeadamente os económicos.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Atualmente tem havido alguma pressão a nível dos órgãos governamentais, como lhe disse, mas não é por haver essa pressão que as coisas acontecem, não é escrevendo uma lei que as coisas vão acontecer. As coisas vão acontecendo, tem que haver uma educação, uma transformação social, uma educação social nesse sentido, em que os homens aceitem as mulheres em pé de igualdade e as mulheres se sintam também em pé de igualdade com os homens. Não há homens nem há mulheres gestoras. Há gestores e pronto. Ou sabem de gestão ou não sabem de gestão, mas são gestores, ambos, não é por serem homens que estão a olhar de cima para baixo, não. É em pé de igualdade, embora eu, pessoalmente, na última fase em que estive na Federação, nos últimos dias, semanas, digamos assim, houve a necessidade de substituir dois Diretores e apareceram duas senhoras para substituir dois homens e eu ouvi de um dos Diretores que ainda estava na Direção: "Pronto! Agora vamos ter as mulheres a mandar nos homens!". É um homem de 50 anos, portanto, não caiu assim muito bem. Pensava que estava assim um pouco mais aberto. Somos cinco na Direção: "Agora vamos ter três mulheres a mandar nos homens!". Não estava muito satisfeito com a ideia.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Vice-Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Sim, e sendo mulher. Pronto, eu acho que isso pode contribuir porque nós somos muito poucas. Como Presidentes de Federações Nacionais somos só duas, e éramos tratadas assim quase como uma espécie rara. Eu lembro-me de, por exemplo, o Presidente do Comité Olímpico dizer: "Esta é só mais uma senhora, tratem-na bem para ver se ela não foge, para fomentar a igualdade de género." Mas pronto, acho que sim, acho que é um exemplo para que outras mais venham sem medo. Se elas fazem - e elas somos nós as duas - então nós também podemos ir, porque não? E os homens aceitarem.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

Que venham sem medo, que pensem em igualdade, não se vejam como uma espécie rara, estão em igualdade com homens, mulheres, somos todos iguais profissionalmente. Depende das competências que cada um tem. Desde que se sintam com competências para isso venham sem medo, está bem? Não se deixem intimidar.

# Teresa Cardoso

Vicepresidenti

Portuguese Federation of Triathlon

## Qual é o papel do desporto na sua vida? Quando e como começou a sua relação com o desporto?

É assim, neste momento, o desporto na minha vida é uma grande parte da minha vida. Eu comecei a fazer desporto relativamente tarde, só com 15 anos, mas rapidamente descobri que o desporto me ajudava a nível pessoal, quer a atingir metas quer mesmo no desenvolvimento pessoal de novas capacidades. E primeiro comecei com remo, não comecei com triatlo, em Coimbra, aqui em Aveiro, e depois comecei logo mais tarde com competição e fiz competição de remo, fui à Seleção Nacional, isso, e mantive-me no remo durante algum tempo. Entretanto, com a minha vida profissional, deixei de ter tanto tempo para o remo e quando uma pessoa está habituada a ter um certo nível de resultados, perdi um bocado o interesse no remo. E a maior parte dos meus amigos mudou para o triatlo e então eu, há 9 anos atrás, também resolvi experimentar o triatlo e foi até hoje.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

É assim, eu acho que tem vindo a aumentar. Eu faço desporto.... Estou no desporto desde 1989 / 1990 e lembro-me perfeitamente, quando eu entrei para o remo, eu era a única rapariga do meu escalão etário. E, mesmo assim, abaixo de mim só havia mais duas e acima de mim só havia outras duas. E neste momento eu olho, mesmo para o remo, estamos a falar do remo, e o número de raparigas a praticar remo aumentou bastante. No triatlo, só estou no triatlo há 9 anos, e tenho-me apercebido que tem aumentado, nomeadamente até nas camadas mais velhas. Às vezes o que eu noto, no desporto jovem, mas isso é transversal a todos os desportos, ainda se consegue uma grande captação de atletas, mas depois há ali um período, que é quando entram na universidade, perde-se um bocado, e depois quando acabam os cursos universitários também se perde alguns atletas femininos e, às vezes, também masculinos.

Mas depois mais tarde, o que eu acho é que, neste momento, no triatlo, assiste-se a um grande aumento da prática feminina a partir dos 30/40 anos. Não é que possa dizer que está na moda, mas acho que é um estilo de vida que as pessoas tendem a adotar e é positivo, uma pessoa não se sentir a única mulher a praticar, é lógico que se estivermos rodeadas por mais é sempre muito mais agradável.

Agora, no panorama das organizações. É assim, talvez não haja tantas quantas gostaríamos que houvesse, prontos, que estivessem disponíveis para isto. Às vezes também é um bocado uma questão de disponibilidade. Porque a nível das organizações federativas e isso, isto exige alguma disponibilidade e uma faixa etária, normalmente quem faz parte das federações são pessoas que já têm trabalho, já têm família, e isso. E, se calhar, não têm tanta disponibilidade para fazer parte ainda mais de uma organização. Talvez seja por isso que não se encontram tantas mulheres, talvez. Mas nunca me debrucei muito para achar uma razão em concreto, mas talvez seja por aí.

## Como Vice-Presidente participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

É assim, eu só estou na Federação há 3 anos e, até ao momento, assim em concreto, em concreto, não. Há uma, houve uma mudança, que não sei, que penso que já foi na antiga Federação, Federação não. Na Direção antiga, anterior à nossa, que foi fazer... neste momento, os prémios monetários nas provas são iguais para homens e para mulheres. Quando eu comecei a competir, há 9 anos atrás, não o era. Isso acho que já é um grande avanço, que assim seja. Tentamos, realmente, incentivar as mulheres a participar, nomeadamente a dar visibilidade às nossas atletas femininas, um bocado como alavanca, não é? Dar-lhes algum protagonismo, que elas realmente merecem, pelos resultados que têm, e pensamos que isso pode ser um exemplo para chamar mais mulheres a este desporto. Tanto mais que uma das nossas grandes atletas do passado, e que se calhar deu mais visibilidade ao triatlo foi uma mulher, que foi a Vanessa Fernandes. Portanto, só por aí eu acho que já temos uma grande referência na nossa modalidade que é uma mulher. Por caso tivemos essa grande sorte, e devemos não usar, mas que isso seja realmente uma bandeira da nossa Federação.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Vice-Presidente?

Eu entrei há três anos, dois anos e meio, três... As minhas áreas de ação são mais focadas nos grupos de idade. Na dinâmica quer de provas nacionais, quer internacionais, e arranjar alguns incentivos, de modo a que cada vez mais a gente consiga ter mais atletas que não são das elites. Mais atletas amadores, e isso, a praticar a nossa modalidade. Depois, também, tenho a pasta do triatlo feminino, embora quem tome mais conta disso, porque eu tenho o handicap da Federação ser em Lisboa e eu ser de Aveiro, e isso sinto que, de certo modo, se calhar devia estar mais presente, embora a gente faça mais as reuniões online, e isso, mas se calhar se estivesse em Lisboa, mais perto da Federação as coisas podiam ser um bocadinho diferentes. Mas, prontos, isto está a progredir e é isso.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Vice-Presidente?

É assim, não posso dizer que tenha.... É assim, o desafio, para mim o maior desafio é realmente a distância de estar longe de Lisboa e de lá ser a sede da Federação. Outro desafio é: às vezes não estou ainda muito à vontade porque as Federações, quer uma pessoa queira, quer não, são um pouco políticas, não é? Quer dizer, não é políticas no sentido de ter uma cor partidária, mas pronto, passa muito por leis, por ações de... políticas que eu ainda não me enquadro muito bem, não estou dentro dos assuntos. Mas sempre que surgem dúvidas tenho pessoas dentro da Federação que me ajudam. Esse, realmente, é o maior desafio. É tentar me integrar ao máximo dentro, quer dizer, da política desportiva, e onde podemos ir buscar quer apoios, quer aproveitar as oportunidades que o próprio Governo dá às Federações.

## Qual é a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

É assim, eu acho que a participação das mulheres, em qualquer organização, é importante. Quer numa organização desportiva, quer em qualquer organização mesmo de empresa, ou o que quer que seja. Porque... Se calhar temos uma maneira de pensar diferente, não é nem melhor nem pior, é apenas diferente, e se calhar vemos coisas de uma maneira diferente que os homens veem. Eu acho que o mais importante mesmo é que haja mulheres nas organizações. Não defendo que seja por quotas ou por imposição. Eu acho que as mulheres devem lá estar porque têm capacidade de lá estar e têm.... Algumas têm currículo para lá estar, prontos, mas acima de tudo por terem capacidade. E por poderem trazer às organizações uma visão diferente. Apenas e só.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

É assim, como eu já disse anteriormente, acho que não devia ser por decreto, essas situações. Acho que, realmente, se no desporto em si, que é um desporto... se já há alguma igualdade de género, não é? Se já há triatlo masculino e feminino ou outras atividades, quem está à frente dessas Federações devia incluir, não por decreto, mas por achar que, realmente, é importante, membros também femininos. Mas não vejo que isso deveria ser por decreto. Mas sim pelo mérito das pessoas em lá estar.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

É assim, eu acho que deviam fazer passar essa mensagem, quando... Porque todas as Federações há eleições, por norma, de 4 em 4 anos. Eu acho que as mulheres que devem mostrar interesse junto das listas, quando as listas se organizam, para as Federações, para tentar ocupar esses cargos. Porque.... É lógico, se estamos à espera que as coisas venham ter connosco, as coisas não vêm ter connosco. Nós devemos mostrar interesse em fazer parte das organizações em si. Acho que isso é fundamental. Porque não é só dizer que as coisas estão mal, mas uma pessoa tem que agir para as coisas mudarem.

# Itália

Mara Invernizzi · Fabrizia D'Ottavio · Grazia Ciarlitto · Daniela Isetti · Emanuela Croce Bonomi · Eleonora Di Giuseppe · Ida Nicolini · Silvia Salis ·Maria Amelia Lolli Tiziana Nasi · Chiara Pacchioni · Elisabetta Villa

# Mara Invernizzi

Vice-Presidente
da Federação Italiana de Basquetebol

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

O desporto sempre desempenhou um papel educacional na minha vida – permitiu-me tornar na pessoa que sou hoje, além de quem sou como atleta, e por isso acho que é ... pode ser realmente uma ótima fonte de educação e crescimento pessoal para muitas crianças.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

Minha primeira experiência com o basquetebol me deixou em prantos, porque eu não tinha absolutamente nenhum desejo de ir e brincar numa academia com um treinador a estabelecer regras. O meu pai, por outro lado, vendo que eu era uma menina alta, preocupava-se com os meus problemas de saúde - escoliose - e ele empurrou-me para praticar desporto. Eu era uma rapariga muito animada e apreciei todos os aspectos do desporto de forma imediata. Espírito ... Um desporto de equipa que também desenvolve muitas habilidades individuais, e por isso apaixonei-me imediatamente por ele.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

Bem, acredito que o número de mulheres que praticam desporto está a aumentar rapidamente, se estamos a falar de todos os desportos. E também acredito que, em termos de qualidade, o nível entre .... Entre as atletas femininas em Itália, aumentou muito. Definitivamente, há muito ... Ainda há muito espaço para crescimento e espaço para melhorias, portanto ainda há muito trabalho a ser feito.

## Como Vice-Presidente participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Como vice-presidente e membro da direção da federação, a minha ... Uma das minhas primeiras tarefas foi trazer as mulheres para basquetebol... trazer para o mesmo nível do jogo dos homens tanto quanto possível, com todas as limitações impostas, pois os números são diferentes - a situação financeira também é significativamente diferente. Como foi isso possível? .... Lutando por pequenas coisas, essas pequenas questões de igualdade, por exemplo ... Por ter mulheres jogando, tentando fazê-las jogar nas mesmas instalações, com os mesmos direitos, com as mesmas condições que os homens, assim sendo, indo de pequenas situações para gradualmente tentar obter igualdade total, inclusive para grandes ... para grandes coisas. Mas o que mudou fundamentalmente na minha opinião é apenas o fato de estar lá. Até a presença de uma mulher é fundamental.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Vice-Presidente?

Eu fui nomeada vice-presidente da federação exatamente há três anos atrás; este será o último ano do meu mandato. Meus deveres são ... Para começar, é claro, participar da direção da federação, onde na verdade discutimos tudo sobre o basquetebol italiano, masculino e feminino, mas especificamente sou responsável pelo setor juvenil feminino e depois eu tenho ... eu também fui, digamos, um dos ... Um dos primeiros a ser responsáveis por ... Este novo desporto, que é o basquete 3x3, é o streetball, mas é uma disciplina olímpica.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Vice-Presidente?

Bem, o principal desafio foi conseguir conciliar compromissos de trabalho e a vida familiar com esse compromisso, que é sempre uma coisa voluntária em qualquer caso. Estou satisfeita. Sei que me poderia ter saído melhor e estou convencida de que, se esses papéis se tornarem posições profissionais no futuro, eles podem realmente ser um ponto de viragem significativo e mais eficaz para o desporto em geral.

## Qual é a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Supondo que hoje não haja mulheres em posições elevadas nas federações - acho que posso ser uma das poucas a desempenhar o cargo de vice-presidente - acredito pessoalmente que a presença de uma mulher na ... dirigir uma federação pode realmente ser algo ... Um elemento positivo, por várias razões. pelo menos, para trazer uma perspectiva diferente da que os presidentes homens de todas as federações trouxeram até agora para o papel, e talvez também uma maior sensibilidade, que ... que, de qualquer forma, não prejudica num mundo ... no mundo do desporto.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Algumas medidas já foram tomadas para incentivar a presença de mulheres nos órgãos dirigentes do desporto. Por exemplo, de fato, a percentagem de ... de representantes na direção de mulheres aumentou, embora a partir das próximas eleições, porque o CONI (Comité Olímpico Nacional da Itália) adotou uma lei recentemente. Então, digamos, vamos chamá-las de 'quotas cor-de-rosa', que nem sempre são bem-vindas, certamente ... eficazes. Enquanto isso, acredito que as mulheres devem estar envolvidas em toda a vida do clube e, portanto, no desporto diariamente, porque acredito que as mulheres hoje têm muito para expressar e podem realmente trazer a sua experiência para o meio, e elas podem ... elas também querem se redimir-se por muitos anos em que não foram capazes de desempenhar um papel de liderança. Portanto, o incentivo é definitivamente algo que pode ser útil.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Vice-Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Quando fui eleita como membro da direção e depois nomeada vice-presidente, recebi muito reconhecimento de ... mulheres e homens, e talvez fosse inesperado obtê-lo de ... do lado feminino. Reconhecimento e respeito, e ... apoio que me estimulou a fazer ... Para fazer tudo o que pude para me afirmar .... Então, acho que estar lá hoje, como eu sou e como outras mulheres, dá um exemplo e talvez possa ser uma razão para ... confiança, uma razão para outras mulheres que talvez ainda não tenham coragem de confiar. Mas o que ... o que eu diria às mulheres é ... questionarem-se um pouco mais acerca de si mesmas. Muitas vezes, quando estamos com medo de não sermos capazes de fazer o que queremos e chegar onde queremos, recuamos primeiro. Em vez disso, às vezes, tem que se tentar ousar um pouco mais.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

Bem, fazer muita ioga e treinamento autogénico. Estou brincando. Brincadeiras à parte, eu também não posso saber isso. Não, o conselho que eu daria é ... A dica que me lembro neste momento é de serem elas mesmas. Não se tornem um homem falso, porque hoje o que podemos oferecer e fazer e o que nos é pedido está muito ligado ao fato de sermos femininas, para que possamos trazer para o meio a nossa sensibilidade, a nossa paixão, a nossa determinação e as competências de escuta, que talvez nem sempre sejam tão ... característica dos homens.

# Grazia Ciarlitto

Membro da Direção
da Federação Italiana de Ginástica

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

No momento atual, o papel que o desporto desempenha na minha vida resume-se ao meu papel como presidente de um clube esportivo, em primeiro lugar e como membro da direção da Federação Italiana de Ginástica. Embora seja um compromisso voluntário, uma vez que não é um papel profissional, exige tempo. Isso tira tempo de compromissos pessoais, mas é definitivamente satisfatório, pois é algo que nos apaixona.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

Bem, a minha primeira experiência foi quando era criança: tentei entrar na ginástica artística, o que não durou muito, apesar de estar realmente entusiasmada. Mais tarde, sugeri à minha filha que praticasse o desporto, e direcionei-a para a ginástica artística. Quando ela começou a frequentar a academia, os instrutores de lá - era o mesmo clube desportivo em que eu freqüentara - perceberam que ela estava naturalmente preparada para a ginástica rítmica. Foi quando a minha filha Marta iniciou sua carreira desportiva, e também foi aí que a minha paixão se desenvolveu e eu entrei na disciplina de ginástica rítmica.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

Na minha opinião, devemos avaliar o mundo do desporto sob duas perspectivas diferentes. Em primeiro lugar, participando do desporte: as mulheres representam uma proporção significativa e também bem-sucedida de competidores, uma vez que mulheres e meninas trabalham muito e muitas vezes alcançam ótimos resultados no desporto. Os números são encorajadores, especialmente na nossa Federação, onde as atletas femininas representam uma proporção muito maior do que os atletas homens. Em termos de liderança no mundo do desporto, as coisas são diferentes: o número de mulheres cai exponencialmente, principalmente o número de mulheres ao nível do executivo.

## Como membro da direção participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Mudanças significativas estão a ocorrer na liderança desportiva para promover a representação feminina nas funções de gestão e executivas. A partir do próximo período de quatro anos, foram introduzidas as chamadas "quotas rosa", ou seja, um requisito para a diversidade de género nos conselhos nacionais: o mesmo princípio se aplica às federações nacionais e internacionais. Assim, as federações internacionais também se abriram e adotaram este critério, garantindo a participação de homens e mulheres em igual medida.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Vice-Presidente?

Sou membro da direção desde 2013, porque fui eleita pela primeira vez na assembléia nacional em 2012 e reeleita nas eleições de 2016. Então este é o meu segundo mandato. Faço isto há oito anos. Sou responsável principalmente pela ginástica rítmica, porque cada membro da direção tem um mandato presidencial para as atividades da secção. Fui responsável principalmente pela ginástica rítmica como membro designado da direção. Mas para este mandato de quatro anos, sou também a Presidente da Comissão de Estatutos, a comissão que elabora todos os regulamentos em termos da atividade desportiva e administrativa.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Vice-Presidente?

Basicamente, toda a eleição é um desafio. Isto é a mais significativo: apresenta-se às pessoas, desenvolve-se um projeto e tenta-se reunir as ideias sobre o que pode ser a Federação, e tenta-se chegar a um consenso sobre as idéias para se ser eleita e tornar-se parte da direção. Este tem sido o desafio mais importante. Além disso, é claro, que, no que diz respeito às atividades da secção, havia um desafio contínuo muito importante: garantir que a ginástica rítmica tivesse as suas próprias instalações. Na Itália, apesar do sucesso da secção, não havia instalações dedicadas exclusivamente ao desporto. Durante este período de quatro anos, conseguimos abrir a primeira instalação na Itália exclusivamente dedicada, adaptada e concebida desde o primeiro dia para o treino da ginástica rítmica. Definitivamente, esse foi um desafio que superamos.

## Qual é a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

A participação feminina não é particularmente comum, tanto que, na verdade, sou a única mulher entre sete representantes de diretores de clubes desportivos. Então, estão satisfeitos com este nível de participação. Acredito que as mulheres possam participar de maneira mais eficaz gestão de atividades desportivas e espero que possamos avançar para alcançar este objetivo.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Uma medida que já foi adotada e já está em vigor: o estabelecimento de quotas de participação para as mulheres. Esta entrará em vigor para as próximas eleições em 2020. Isso, por si só, pode ser, e certamente será, um passo em frente no aumento do número de mulheres nas direções nacionais.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Vice-Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Espero incentivar as mulheres a apresentarem-se e a envolverem-se nesta atividade. Tenho muita esperança .... É claro que, quando falo com presidentes de clubes desportivos ou mulheres que são presidentes de comités regionais, tento ... convido-as a manter as suas posições e também a envolverem-se, a apresentarem-se.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

Não é fácil dar conselhos. O que posso dizer é que acho que a participação feminina beneficia a atividade desportiva, inclusive ao nível da gestão. Portanto, espero que, em virtude disso, o número de mulheres envolvidas possa aumentar.

# Fabrizia D’Ottavio

Membro da Direção
da Federação Italiana de Ginástica

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

O desporto na minha vida tem sido essencialmente o ponto central à volta do qual tudo gira. Comecei a competir quando era menina aos 5 anos e parei aos 25, o que é uma carreira significativa para uma ginasta. Assim, isto ajudou-me a crescer – moldou-me. O resto da minha vida até hoje depende do desporto.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

Eu envolvi-me no desporto aos 5 anos de idade, mas foi um encontro completamente aleatório. Eu não estava ciente da ginástica rítmica, pois ainda era um desporto pouco conhecido na época. Um dia, vi-o por acaso no estádio de Chieti, a minha cidade natal, e foi amor à primeira vista. A partir daí, tive as minhas primeiras experiências, os meus primeiros treinos e os meus primeiros resultados, o que me levou a ser convocada pela seleção italiana. A partir daí, os sucessos continuaram a crescer e, felizmente, e a equipa de ginástica rítmica a ganhar a primeira medalha olímpica nos Jogos Olímpicos de Atenas em 2004. Este foi definitivamente o meu maior e melhor resultado. Só me reformei no período seguinte de quatro anos, com Pequim 2008.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

Bem, definitivamente quando se trata de associações - e, portanto, atletas - o lado feminino das coisas é muito ativo, tanto em termos de números quanto de resultados. Por exemplo, olhando para a Itália (meu país), as mulheres têm tido tanto sucesso. A tabela de medalhas olímpicas está cheia de campeãs. Portanto, desse ponto de vista, o desporto feminino na Itália está num estado muito, muito saudável. Eu venho da Federação de Ginástica e, dentro da federação, para dar um exemplo, as secções femininas como rítmicas e artísticas são praticamente a força motriz, com grandes resultados. Portanto, desse ponto de vista, é uma situação muito positiva. A situação é diferente do outro lado, ao nível da gestão: apesar de estarmos progredindo, a representação feminina ainda não é comparável ao número de homens, portanto, definitivamente há trabalho a ser feito.

## Como membro da direção participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Como membro da direção da Federação, ainda não tive a oportunidade de lidar com essas questões. Mas isso é basicamente porque eu pertenço a uma federação em que as diferenças entre os sexos, pelo menos no que diz respeito aos atletas, não são tão pronunciadas. Como federação, congratulamo-nos com várias secções: algumas são apenas para mulheres e, portanto, são muito fortes; outras são apenas para homens. Mas elas são muito equilibradas, portanto, não há desigualdade de género. Na direção, a situação é diferente, mas começará a melhorar a partir do próximo ano, porque 30% das pessoas que se sentam na direção terão

que ser mulheres. Este é definitivamente um passo importante neste período de quatro anos, que é o período pelo qual venho colaborando com a Federação. Houve duas mulheres no grupo, incluindo eu. Mas é justo dizer que em termos de uma posição segura, houve apenas uma, a saber, a representante dos atletas, que neste caso fui eu. Sem dúvida, esses 30% em comparação com a única mulher obrigatória até agora é outro passo adiante. Portanto, esperamos continuar melhorando desse ponto de vista.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Vice-Presidente?

O meu papel é como membro da direção da Federação; especificamente, sou a representante das atletas. Portanto, sou o elo entre as ginastas rítmicas, as ginastas de trampolim, as ginastas artísticas - todas as seções que fazem parte da nossa Federação - e, é claro, o Presidente, é assim na direção. Obviamente, eu tenho um equivalente masculino, o representante dos atletas para os homens. Trabalhamos para dar voz aos ginastas, porque, pensando em minha própria experiência como atleta, olhando para trás, percebo que frequentemente, quando o objetivo fundamental é alcançar um resultado ou treinar arduamente para se atingir o nível máximo, muitas vezes tem-se quase medo de expressar as necessidades e exigências. Talvez não seja muito medo, mas muitas vezes estas são ofuscadas porque o treino tem prioridade. Portanto, neste caso, um ponto de referência como um membro da direção que representa os atletas pode ser útil, porque dá voz às atletas quando estas podem ter dificuldades em expressar os seus requisitos por vários motivos. A minha experiência começou num momento em que a ginástica ainda era importante na minha vida, embora eu tivesse acabado de terminar a minha carreira competitiva, mas foi um período em que eu estava a fazer muitas outras coisas. Aceitei este "desafio" porque fui envolvida por um grupo de trabalho muito ativo e muito positivo que tinha boas ideias para apresentar e para inovar e levar o mundo da ginástica para o próximo nível. Então, envolvi-me na esperança de poder contribuir com algo.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Vice-Presidente?

Os principais desafios .... Fundamentalmente, eles podem ter mais a ver comigo do que com outras pessoas ou situações. Por ser um ambiente familiar para mim, é onde eu cresci. Estas são pessoas com quem eu já havia desenvolvido um relacionamentos no passado. A coisa mais complexa para mim talvez tenha sido a transição do meu papel, em outras palavras, passando de atleta para membro da direção da federação - passando para o outro lado. Afinal, não é uma transição que seja particularmente - não quero dizer "espontânea", mas natural. É preciso ajustar o ponto de vista em certas coisas. Aprende-se muitas informações adicionais que talvez não soubesse como atleta: não porque não interessavam, mas porque na época não precisava, não era útil. Portanto, é mais uma transformação interna que leva a assumir novas habilidades, novas responsabilidades. Então é preciso ... eu não diria coragem, mas desenvoltura, sem abandonar toda a formação como atleta, o que é crucial e provavelmente é o maior e mais poderoso valor agregado que temos como representantes de atletas. Por sermos "novos", digamos, de uma carreira desportiva - só paramos de competir recentemente, então, para muitas coisas, talvez tenhamos uma experiência mais direta e clara em comparação com as pessoas que estão na direção há mais tempo, mas que se reformaram como atletas há mais tempo.

## Qual é a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Na minha opinião, até agora, apesar do progresso que estamos a fazer, como a presença obrigatória de 30% de mulheres nas direções a partir do próximo ano, a participação feminina ainda é insuficiente. Especialmente no que diz respeito aos cargos mais altos, como presidente e vice-presidente - até onde me consigo lembrar, não houve mulheres a ocupar essas funções, pelo menos na nossa modalidade. Isso apesar do fato, como eu disse antes, de as secções femininas serem muito importantes. Na verdade, elas costumam ser a força motriz por detrás de todo o movimento. Certamente há trabalho a ser feito. Se bem me lembro, em alguns estudos de 2015, mesmo na Europa, a participação feminina nas

direções ou cargos ao nível superior foi de apenas 14%. Essa percentagem definitivamente precisa de alguma forma de ser alterada.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Sem dúvida, a montante de tudo o mais, é em parte a mentalidade que precisa ser mudada. Porque recorremos aos estereótipos de que as situações desportivas são mais compatíveis com os homens do que com as mulheres. Por exemplo, é um ambiente em que as atletas precisam ser fortes, poderosas ... Essas características têm mais probabilidade de fazer parte de um ambiente masculino do que feminino. Homens que não praticam desporto são considerados mais masculinos. As mulheres que praticam desporto, inclusive as mais fortes, são consideradas mais masculinas. Essa visão fundamental tem implicações em todo a visão desportiva das atletas, mas também ao nível da gestão. Portanto, essencialmente, precisamos de levar a cabo esta mudança de mentalidade, de quebrar esses estereótipos entre homens e mulheres, desportistas ou não desportistas. Portanto, de alguma forma, precisamos de incentivar e incentivar as meninas e mulheres a permanecer no mundo do desporto depois de terminarem a sua carreira competitiva, se elas tiverem uma carreira como esta, ou mesmo orientá-las para estudos, cursos de estudos específicos relacionados com o desporto para criar um criar um caminho apropriado que as apoie - porque muitas vezes tem-se medo de começar, de se envolver numa situação em que se é realmente uma minoria; tem-se medo de assumir essa posição. De alguma forma, precisamos de criar um caminho que incentive as mulheres e lhes dê as competências necessárias para atingir determinados níveis.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Vice-Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Imagino que o meu papel possa ajudar nesse sentido. Pense, por exemplo, na visibilidade que o desporto tem. Hoje em dia a visibilidade é tudo. É

essencial. Assim que uma federação, por exemplo, aparece em público e organiza um grande evento, um evento que tem visibilidade nacional e as pessoas em casa veem que há mulheres no grupo de trabalho, essas mulheres definitivamente ajudam a enviar uma mensagem positiva. Mesmo que para os espectadores nada mais seja do que a mera imagem, a aparência dela, já é uma contribuição positiva neste sentido. Então, sim, certamente é possível fazer mais, mas acho que é já uma influência positiva deste ponto de vista. Estes são pequenos passos que definitivamente levarão a maiores resultados.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

O conselho que sinto que posso dar é definitivamente ser um pouco corajosa e ir lá para fora. Porque o sentimento que eu também tive ... A dificuldade inicial de mudar o meu papel e mudar as minhas competências, as minhas formas de ver ... Não foi um processo simples, mas certamente foi muito interessante. Portanto, a desenvoltura é crucial. Precisa-se ser muito dedicada à sua paixão, ao seu trabalho. No final do dia, trabalhamos para criar o melhor ambiente possível para desenvolver novos campeões que, obviamente, se tornarão cidadãos do mundo quando chegarem ao final de sua carreira competitiva. E sabemos que o desporto pode transmitir valores muito importantes. Portanto, nunca percam de vista os valores e as paixões primordiais que vos fizeram apaixonar-se pela situação desportiva específica em que trabalham. A base do trabalho está sempre lá - a paixão - e nunca devem perde isto de vista. Outro conselho que posso dar é tentar aceitar tudo o que surge o máximo que puderem: pessoas, ideias, maneiras de ver as coisas, maneiras de reagir às situações. Aprender com todas as situações que experimentam. Isso é muito, muito útil, pois permite expandir o conhecimento e ter uma visão mais ampla do cenário geral, especialmente no mundo do desporto, que muda constantemente e vos coloca em contato com diferentes culturas e pessoas de países com diferentes sistemas.

# Daniela Isetti

Vice-Presidente
da Federação Italiana de Ciclismo

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

O desporte é extremamente importante para mim. Fui incentivada pelos meus pais a começar a praticar desporto, andar de bicicleta, obviamente ... Eu também andava de forma competitiva, mas como não era uma atleta de destaque, mudei-me rapidamente para o outro lado da secretária. Então, basicamente, eu comecei como assessora de imprensa do Comité ... o que era na época o Comité Regional de Emilia-Romagna, basicamente, eu tive alguma experiência como jornalista desportiva, especialmente no ciclismo, mas também escrevi sobre futebol e outras coisas. Depois disso, basicamente, aos poucos comecei a .... Digamos minha 'carreira de gestão', o que me levou à posição que hoje ocupo. Então, basicamente, o desporto sempre foi absolutamente uma parte muito importante da minha vida, inclusive como praticante de desporto, mas, infelizmente, quando me dediquei a outro tipo de atividades, tive que desistir ... tive que desistir daquilo. Mas ainda é, de qualquer forma .... Digamos, a parte predominante da minha vida, uma grande paixão que sempre esteve comigo, tanto como praticante quanto como directora.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

A minha experiência começou basicamente com bicicletas, numa tenra idade, participando de atividades amadoras. depois comecei a competir e depois colaborei com a organização das competições - ainda pedalando. Então, em suma, basicamente foi uma abordagem, entre outras coisas, passo a passo, digamos também incentivada pelos meus pais que faziam parte deste mundo. Assim, um caminho que sempre foi exclusivamente feito no ciclismo, em poucas palavras, para o ciclismo, mas também para as atividades organizacionais, incluindo competições, e é exatamente por isso que me dediquei a ele.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

Eu acho que a atualidade foi claramente influenciada de forma positiva. A presença feminina no mundo do desporto certamente que se desenvolveu. No entanto, esta presença poderia definitivamente ser melhorada ainda mais, tanto da perspectiva da participação no desporto quanto da nomeação de mulheres para cargos técnicos e de gestão. Assim, resumindo, acho que é definitivamente uma área extremamente gratificante em que podemos trabalhar, olhando para um futuro em que as mulheres possam ter papéis ainda mais abrangentes. Por exemplo, acredito que, do ponto de vista técnico, especificamente em relação aos técnicos, a contribuição das mulheres é muito importante, principalmente quando se trata de apresentar as pessoas ao desporto.

## Como Vice-Presidente participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Dizer que minha Federação é masculina / chauvinista não é exatamente correto no sentido de que, por exemplo, em 2018, das 80 medalhas que a nossa Federação conquistou internacionalmente, 41 foram conquistadas por mulheres, portanto, basicamente, mesmo que apenas, as atletas conseguiram mais de 50% das medalhas. Digamos apenas que eu ... também não considero muito útil fazer iniciativas altamente direcionadas. No sentido de que a abordagem precisa ser padronizada em qualquer caso. Está claro que é preciso haver abordagens diferentes de acordo com o género, mas, como em todas as políticas projetadas para apresentar as pessoas e promover o ciclismo ou o desporto, de qualquer forma, acho que elas ainda precisavam de envolver todos os sexos. Claramente,

quando certas situações técnicas são aplicadas, é óbvio que precisa haver diferenciação, porque existem diferenças fisiológicas entre homens e mulheres. Mas acredito que alcançamos um nível em que as mulheres devem ser vistas de maneira idêntica. Eu não acho que possa haver qualquer discriminação nesse sentido.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Vice-Presidente?

Sou vice-presidente da Federação Italiana de Ciclismo pelo segundo mandato. Portanto, os termos são de 4 anos e estamos a chegar ao final do segundo mandato. Obviamente, fiquei extremamente satisfeita por ser eleita vice-presidente adjunta. Na nossa Federação, as pessoas votam em três vice-presidentes e aquela que obtém mais votos obviamente torna-se vice. Então, basicamente, para mim, era obviamente um sinal importante do respeito que os clubes do mundo do ciclismo têm por mim. O meu papel, obviamente ... como vice-presidente, o meu papel cobre tudo o que acontece na Federação. No entanto, eu tenho um setor específico para supervisionar, que é o da formação, portanto, o centro de estudos da Federação, que cuida de todos os cursos de treino e de atualização da nossa Federação, além de fornecer, digamos, os treinadores, assim como a equipa de treino para a equipa nacional masculina de atletismo, e esses são homens que pertencem ... Homens e mulheres que pertencem ao centro de estudos, a esse sistema federal do setor de estudos, que obviamente reune cientistas do desporto que tiveram formação connosco. E, portanto, deste ponto, eles têm - inclusive do ponto de vista técnico - significativos ... Especializações e papéis, digamos. Hoje, eles ajudam a preparar a equipa nacional masculina de atletismo, liderada pelo técnico Marco Villa, técnico que inveja o mundo inteiro.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Vice-Presidente?

Desafios ... não é ... Talvez não seja da minha natureza chamá-los de desafios. No sentido de que, de um ponto de vista geral, eu certamente tive que trabalhar muito e, se assim posso dizer, as mulheres ainda

precisam trabalhar mais que os homens para alcançar um certo nível. Elas precisam de perseverança e determinação. Portanto, em suma, digamos que o desafio é sempre ter conseguido dedicar muito tempo a este papel e ao que ele implica. Todavia, é algo que eu, obviamente, faço com paixão, posso até dizer paixão sem limites hoje em dia, portanto, fica claro que eu ... tenho um grande prazer em fazê-lo. Sem dúvida, de fato, o desafio - se quisermos chamar assim - está em poder, digamos, mantê-lo, certo? Um certo tipo de foco por um longo tempo, enquanto se está numa situação que requer um significativo compromisso geral.

## Qual é a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Acho que pode haver um amplo espaço dentro das federações ... Ainda há um amplo espaço para um maior envolvimento das mulheres nas federações. Certamente, que uma coisa que poderia funcionar contra isso - embora isso se em geral aplique a todos - é que os cargos de gestão ainda são voluntários, com a exceção do papel de presidente. E, basicamente, não são remunerados e, obviamente, portanto, isso é definitivamente, digamos ... um impedimento no que diz respeito à quantidade de trabalho que precisa ser feito para manter determinadas posições. Assim definitivamente, para além disso, dentro das federações há um amplo espaço para melhorias no que diz respeito à presença de mulheres. Mas não esqueçamos que, em qualquer caso, o CONI, o Conselho Nacional, o Conselho e o próprio Presidente Malagò estão fortemente por detrás de um novo, digamos, regulamento estatutário que exige que pelo menos um terço dos membros de cada conselho da federação seja mulher. Portanto, basicamente, isto definitivamente criará .... Dará mais espaço para as mulheres, embora eu deva dizer que, para ser honesta, não sou totalmente a favor das 'quotas cor de rosa', no sentido de que acredito que as mulheres têm capacidades, independentemente de fazerem parte da quota rosa ou não. Mas podemos dizer que isto certamente ajudará muitas outras mulheres a envolverem no mundo do desporto e a ganhar maior consideração dentro dos conselhos da federação.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Essa mudança nos estatutos será realmente uma grande ajuda. Outras situações provavelmente dependem de desportos e disciplinas individuais, porque percebo que cada federação pode ter repercussões em termos de atividades diferentes, dependendo da atividade que as federações realizem. Sem dúvida, ter um foco particular na liderança feminina de certos setores, como os setores da juventude, poderia muito bem ser útil.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Vice-Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Digamos que acho que meu papel contribuiu um pouco nesse sentido, a um nível geral na nossa Federação, e por isso falo sobre a Federação para incentivar um pouco a presença de mulheres nas várias estruturas. Porque antes dos meus dois mandatos como vice-presidente, eu cumpri dois mandatos como representante dos técnicos no quadro ... Mesmo agora eu sou a representante dos técnicos em ... Como vice-presidente no quadro de federação. Antes disso, eu já havia sido vice-presidente do Comité Regional Emilia-Romagna, que ao longo de sua história sempre teve, digamos, um número acima da média de mulheres no seu conselho. Então, basicamente, digamos, acho que de alguma forma ... Obviamente, eu não gostaria de ser incorrecta ou de me creditar com méritos que não tenho, mas basicamente acho que minha presença, de alguma forma, de qualquer forma, talvez tenha inspirado certas ... aertas situações. Quanto à sociedade em geral, para ser sincero, não sei como responder a isso. Digamos que, no mundo do ciclismo, hoje há mais focalização nos papéis das mulheres.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

Eu as aconselharia a serem elas próprias, manter sua feminilidade e, de qualquer forma, manter uma interpretação feminina de seu papel. É algo que as mulheres sabem fazer melhor que os homens: sem se comprometer.

# Emanuela Croce Bonomi

Vice-Presidente
da Federação Italiana de Tiro ao Alvo

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

Sempre pratiquei desporto desde menina, navegando primeiro e depois atirando. Quando cheguei ao limite de idade, dediquei-me à Federação Italiana de Tiro, porque, naturalmente, o desporto de natureza física era mais difícil, então este é mais fácil para mim.

.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

Foi uma combinação de coisas, porque fui convocada pelo atual presidente, Luciano Rossi. Quando cheguei a Roma, não sabia o que ele queria. Ele perguntou-me se eu queria participar e fazer parte do conselho da federação italiana de tiro ao alvo, FITA. Aceitei sem saber no que me estava a meter, mas estou feliz por ter aceitado. Foi assim que comecei há dezesseis anos atrás e ainda continuo envolvida.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

Eu acho que a participação feminina é quase um elemento obrigatório agora. Atualmente, existem mulheres em todas as federações, por exemplo, Sensini, que era membro do conselho e vice-presidente da Federação de Vela antes de ingressar na CONI. Então, agora, as mulheres são ... eu diria que uma coisa que se tornou quase obrigatória nas federações é tentar ter mulheres a participar, tanto no quadro como nas atletas, ou em qualquer outra ... De qualquer outra maneira.

## Como Vice-Presidente participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Não, eu ... Não, nunca estive envolvida em nada disso. Só se eles me perguntarem, já que estou envolvida no desporto para pessoas portadoras de deficiência. No momento, estamos a tentar criar competições entre pares, assim como nas outras federações. O nosso programa para pessoas portadoras de deficiencia não tem nada específico para as mulheres, enquanto nas federações normais há classificações femininas em todos os desportos. A única coisa em que posso exercer presão, e que é um problema, são as mulheres em desportos em que há pares mistos, porque há muito poucas. Há muito poucas no tiro.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Vice-Presidente?

Sou Vice-Presidente interina há ... há dez anos, mais ou menos dez anos, talvez um pouco mais. E, no meu papel específico, eu só lido com, digamos, pessoas portadoras de deficiência, organizando ... Na Itália, criamos o Paratrap através do CIP, o Comité Paraolímpico Italiano, que agora se espalhou por todo o mundo, e devo dizer graças a nós que estivemos envolvidos, ao nosso presidente e a nós mesmos, e é a única coisa que fazemos. A Itália está na liderança aqui, realmente estamos.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Vice-Presidente?

Os desafios que tive que enfrentar são os que tenho ainda hoje, porque temos estado a lutar por isto há quinze anos, dezesseis ... Por nossa iniciativa, porque, infelizmente, a deficiência na Itália é reconhecida de uma maneira excelente e a federação está ocupadacom isto. Em todos os outros países, é muito mais difícil fazer algo .... Planear algo. Este ano é o primeiro ano em que houve o campeonato mundial na Austrália. Caso contrário, todas as grandes competições sempre foram organizadas por nós, na Itália. Agora, teremos o campeonato mundial em Lonato, o campeonato europeu por mais um ano, todos os grandes prémios internacionais. Tudo começou connosco. Então, estamos na liderança neste sentido. Todavia, estamos sob a alçada do IPC, o Comité Paraolímpico Internacional.

## Qual é a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Bem, talvez seja uma palavra grande para a gestão da federação. Se as mulheres ... eu sou da opinião de que se as mulheres são inteligentes, chegarão a onde quiserem. Não estão ali, porque as quotas rosas não existem, estas são coisas que não fazem sentido. Se uma mulher é boa, ela terá sucesso. Um exemplo seria Thatcher, não? Ela conseguiu sozinha, não porque havia uma quota rosa. Quero dizer, fico muito feliz se as mulheres ingressarem na federação, se elas chegarem a líderes, número um, presidentas, eu estarei feliz, mas, mas são elas que são capazes, elas não precisam ... Elas não precisam de ajuda.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Repito o que disse antes, nós estamos sempre lá: se as mulheres são inteligentes, elas conseguem, não precisam de ser empurradas. Ou seja, elas não precisam de ajuda. Se elas são espertas, chegam onde querem, então não é necessário fazer muita coisa .... Sim, elas podem ser apoiadas, mas devem estar ao mesmo nível que os homens. Talvez seja porque eu não sou feminista, mas não é por isso: é porque acho que as mulheres conseguem se são capazes, isso é indiscutível.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Vice-Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Devo dizer que se nós, mulheres, precisamos de pedir algo a alguém, e uma mulher vai, por exemplo, ao conselho, e uma mulher vai, ao invés de um homem, ela certamente tem mais hipóteses, porque é mais difícil dizer não a uma mulher, por assim dizer. É o que eu penso. Mas, novamente, acredito que as mulheres devem ser um pouco melhores que os homens, caso contrário, a situação é a igualdade.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

Sim, eu realmente desejo que ... O meu papel não é tão importante. Estou lá porque sei o suficiente para o fazer, porque talvez eu também tenha muito conhecimento que talvez me dê algumas vantagens, digamos. Isto dá-me grandes vantagens. Porque talvez eu possa conhecer coisas que muitas outras pessoas não sabem, então isto é uma grande ajuda por causa da minha família, ponto final. Mas repito: qualquer mulher que puder, que queira ter sucesso, o fará se for capaz, não ... eu não posso ... é minha firme convicção, então se ... não desistam .

# Eleonora Di Giuseppe

Membro da Direção
da Federação Italiana de desportos Equestres

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

O desporto tem desempenhado um papel fundamental na minha vida desde que eu era criança. Devo acrescentar que não foi apenas o desporte que pratiquei como adulta e que se tornou a minha maior paixão, mas também desportos como atletismo, basquetebol, voleibol ... São todos os desportos que pratiquei e pratico. De forma amadora. É claro que o meu amor e paixão por cavalos criaram-me uma paixão pelo desporto equestre, que eu continuei quando era já mais velha.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

Envolvi-me nos passeios a cavalo quando era criança. Não no que se passava nos estábulos ou nas disciplinas olímpicas, para começar, mas no campo. Usar a equitação para entrar em contato com a natureza .... Acho que esse ainda é um aspecto fundamental da equitação. E então, durante as férias em que eu era muito jovem, passávamos dias inteiros nos estábulos nas montanhas. De volta a Roma, perguntei se poderia começar ... Mesmo durante a escola, continuar a práticar este desporto.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

Bem, no que diz respeito à equitação, há uma enorme participação feminina ao nível desportivo, mas é absolutamente mínima, muito baixa, na gestão desportiva ou nas funções oficiais do desporto. No entanto, em geral, acredito que exista uma boa presença feminina no desporto. Na minha opinião, ainda é mínima ao nível da gestão.

## Como membro da direção participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

A equitação é o único desporto em que homens e mulheres competem juntos; portanto, no nosso desporto, a um nível não de gestão, mas desportivo, há um certo ... um princípio de igualdade, justamente porque o cavalo é o atleta, assim como um homem cavaleiro ou mulher cavaleira, e obviamente cria-se essa sinergia, essa igualdade. O que tentei sempre fazer como diretora desportiva foi dar confiança às mulheres. Eu acho que ... obviamente, com base na competência e não apenas porque são mulheres. Não sou fã do princípio da quota rosa. No entanto, vejo que as mulheres não conseguem unir-se como os homens e são incapazes de se libertar do dever ou da necessidade de agradar. Quando somos crianças, dizem-nos "sorria, vai ficar mais bonita", "seja educada, porque vai parecer mais agradável". De alguma forma, as mulheres apegam-se a isto, a essa necessidade de agradar. Talvez haja outras figuras seniores, principalmente homens, que reduzam as oportunidades das mulheres - incluindo aquelas que ocupam cargos, talvez não com aquelas que ocupam o topo das Federações ou os setores desportivos, mas, em todo o caso, funções de gestão de coordenação - a ideia de que se tem para ... às vezes, a ideia de que se precisa fazer o que é ... o que você pode ou o que é importante, mesmo que não seja apreciado. Mas se estiver certa, deve-se fazer.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de direção?

Fui eleita pela Assembleia Nacional em janeiro de 2017. Os membros da direção da Federação e de toda a organização têm, em primeiro lugar, o dever e a prerrogativa de garantir uma gestão adequada da Federação e de garantir uma gestão completamente legal da Federação em todos os seus aspectos. Isto também significa observar e fazer cumprir as regras, os princípios e os valores do sistema desportivo, bem como as regras gerais que se aplicam a todos os cidadãos. Antes de ocupar esse cargo, trabalhei em várias disciplinas da Federação e em várias iniciativas culturais e sociais, inclusive relacionadas com a deficiência, e na organização de eventos desportivos de alto rendimento. Assim, quando estava na direção, fui convidada para trabalhar nessas essas áreas em particular, bem como nos aspectos gerais. Uma altura, um tempo depois, opus-me veementemente a uma resolução da direção que pretendia alterar uma regra e, portanto ... Que foi discutida várias vezes e discutida novamente em 2015 no Comissariado Extraordinário da FISE e a proposta ... ao contrário da regra atual, a resolução da direção previa a possibilidade de também abater e, portanto, levar ao abate, cavalos envolvidos na comunidade desportiva federal e, portanto, matriculados em atividades federais. A minha firme oposição a esta prática criou definitivamente muitas divergências na direção. Alguns meses depois, essas áreas foram ... com as quais eu estava a trabalhar antes, foram, digamos, assumidas e atribuídas a outros membros da direção.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de direção?

Existem vários desafios, mas especialmente o de transmitir a ideia de que verdade e a honestidade são princípios fundamentais imperativos e que nós, como órgão, temos prerrogativas, e, portanto, é verdade que estamos numa comunidade de amigos em que alguns são amigos mais próximos do que outros, os quais gostaríamos de privilegiar uns ao invés de outros, mas temos um papel institucional, que é bem servir o desporto e a nossa comunidade desportiva federativa. E isso não é algo apenas difícil: é a única maneira de elevar a nossa comunidade desportiva dentro de todo o sistema, isso ... isso preocupa.

## Qual é a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Eu acredito que as mulheres são importantes. Todavia, eu não vejo isso .... Claro, deve haver uma divisão. Na verdade, acredito que devemos trabalhar juntos, homens e mulheres, cada um com as suas próprias sensibilidades, as suas próprias habilidades, não apenas como indivíduos, mas também como um género, porque, depois, as mulheres têm uma visão mais ampla, talvez estejam habituadas a lutar mais por alguns princípios ... Os homens têm muitas outras qualidades. O problema é que isso ... Na verdade, criar uma equipa é muito comum entre homens e muito incomum entre mulheres. Então, acredito que aos vários níveis de uma Federação, desde a direção até aos directores, coordenadores dos vários departamentos e atividades, realmente precisamos de mais trabalho em equipa entre as mulheres, porque acho que a sua capacidade e sensibilidade são um valor agregado para todas as atividades que desenvolvem.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Bem, o CONI aprovou recentemente os princípios fundamentais das Federações, que prevêem quotas rosa genuínas. Isto pode ser um passo em frente, mesmo que eu não veja as nossas quotas rosa como uma meta, porque as quotas rosa ainda são quotas dentro das quais as mulheres são colocadas. O objetivo é colocar as mulheres nas mesmas áreas que os homens sem precisar de uma quota específica. É o que penso e acho que pode ser o objetivo que precisamos alcançar. Acredito que depende em parte dos homens, que às vezes têm medo de algumas atitudes femininas, e acredito que isso também depende em parte das mulheres, que não sabem como se unirem e, portanto, muitas vezes há uma competição entre mulheres em vez de uma sinergia para objetivos comuns.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Vice-Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Bem, o desporto ... O nosso estado reconhece o importante valor educacional do desporto, tanto que podemos ter contribuições diretas e indiretas ao nível nacional, com isenção de impostos. Eu espero que essas contribuições possam ser aumentadas significativamente. O problema é que, se queremos aumentar o valor do desporto, devemos manter esses princípios. Acredito que se formos bons representantes, e se conseguirmos ser um exemplo para o resto da sociedade, não apenas porque somos reconhecidos em funções como ... como um setor desportivo, mas também porque é apoiado financeiramente, essa função dos nossos ... Então, se nos conseguirmos lembrar de quais são as nossas prerrogativas, acho que a tarefa será mais simples e, portanto, a presença de mulheres na liderança de uma Federação é certamente um ... um exemplo positivo para a sociedade.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

Antes de tudo, estudar e entender as prerrogativas do papel que elas irão desempenhar. Todo o papel tem as suas prerrogativas, e é bom entendê-las. Então, todos interpretarão o seu papel tendo como base a sua formação e, digamos, o seu conhecimento profissional e pessoal. Mas é importante perceber o que se vai fazer. Em segundo lugar, eu diria ... De alguma forma esquecer que se é uma mulher. O que quero dizer é que não precisa ser justaposto. Devemos ser capazes de tratar da nossa família, profissionalmente, treino e até a bagagem feminina, trabalhando como se não houvesse diferença, trabalhando em conjunto com homens e mulheres. Mas não se aliem aos homens em detrimento das mulheres, não façam isso.

# Ida Nicolini

Vice-Presidente
da Federação Italiana de Atletismo

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

Comecei a praticar desporto muito cedo, quando era jovem. Eu venho ... Eu venho de uma família desportiva: O meu pai era jogador de futebol e participou nas Olimpíadas de 1936 e depois tornou-se treinador de futebol. Assim, o desporte sempre teve uma grande aprovação na minha família. Comecei a praticar atletismo, depois fiz o ISEF e iniciei a minha carreira como professora de educação física, e também queria tentar treinar. Fiz cursos da federação e comecei a treinar as meninas da escola onde lecionava. Pouco a pouco, continuei e a minha paixão tornou-se cada vez mais forte. Assim, posso dizer que realmente foi a paixão da minha vida. Passava o tempo que tinha disponível a treinar os meninos. Tive um grande sucesso no campo desportivo: um dos meus atletas foi finalista olímpico em 1500 nas Olimpíadas de Los Angeles em 84, e também tive outros bons atletas, bons e muito competitivos, que participaram do campeonato europeu, o das Universidades. O que posso dizer? Eu realmente dediquei-me muito, inclusive do ponto de vista da família, porque decidi ficar sozinha, viver sozinha e continuar essa paixão.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

Quanto ao meu tempo na direção da federação, começou há muitos anos. Não me lembro exatamente, mas sei que terminou em 2009. Então, em retrospectiva, fui membro da direção por oito anos. Nos primeiros quatro anos em que fui ... fui eleita pela oposição, e nos quatro últimos anos entrei para o comité da direção da federação e lá segui as áreas com as quais eu era mais compatível, ou seja, treino, relações com a escola e com a educação física e com os professores de educação.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

A participação feminina no mundo do desporto está em constante crescimento. Atingimos 28,2%, o que ainda é baixo se considerarmos que a amostra é .... Dos 47 milhões de pessoas que praticam desporto. Mas algumas metas excelentes foram alcançadas e uma acima de tudo, que até certo ponto representa a emancipação no mundo do desporto, foi a participação bem-sucedida da equipa de futebol feminino nos campeonatos europeus no ano passado. A seleção nacional feminina fez do desporto o centro das atenções para a média, mas também para as pessoas que seguem o desporto, e muitas pessoas começaram a questionar alguns dos problemas. E um deles é o tratamento igual para homens e mulheres. Ainda há um longo caminho a percorrer aqui.

## Como Vice-Presidente participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Sou vice-presidente desde 2016, portanto, nesta última volta da eleição ... das eleições. Honestamente, se a pergunta é o que você fez pela emancipação das mulheres em sua Federação, devo dizer que não fiz muito, porque na nossa Federação alguns objetivos já foram alcançados. Por exemplo, na organização da Federação, as posições de topo, que gerem a esfera federal, são iguais, portanto, três homens e três mulheres. Eu tenho que dizer que este é um grande sucesso. No conselho da federação, somos a única federação italiana que tem uma vice-presidente e três conselheiras, assim, há quatro de um total de dez na direção da federação, e eu realmente não parei para pensar quais as melhorias que poderiam ter ocorrido na esfera feminina. Fizemos algo sobre a igualdade

de tratamento nas corridas de rua, porque nos opusemos ao tratamento desigual dos prémios para as corridas. Porque, como as mulheres percorrem as mesmas distâncias que os homens, ou quase o suficiente, não há justificativa para tratá-las de maneira diferente quando se trata de dinheiro. Então essa foi uma medida. O que posso fazer no futuro ... Bem, tenho várias idéias que tentarei explicar.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Vice-Presidente?

Como vice-presidente, eu ocupo-me ... os setores mais próximos de mim, com os quais tenho mais experiência, são o treino e o relacionamento com as escolas, os centros de estudos e pesquisa e as instalações desportivas, porque durante doze anos fui directora de dois municípios da região de Pisa. Sou de Pisa, fui vereadora do município de Pisa e fui vereadora do município de San Giuliano, e tinha esses poderes. Estou no cargo desde 2016 e termino o meu mandato em novembro deste ano, quando haverá uma nova eleição para a nova direção.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Vice-Presidente?

Bem, os desafios são parte integrante da carreira de uma mulher. Como membro da federação e vice-presidente, não tive que enfrentar grandes desafios, interna ou externamente, porque é claro que esses papéis sempre foram ocupados por homens e que o exercício do poder na esfera masculina não é vista favoravelmente. Mas no campo da federação, devo dizer que não precisei lutar, porque a minha carreira como mulher no mundo masculino começou há muitos anos, quando comecei a treinar. Porque comecei a treinar atletas do sexo masculino, graças ao fato de ter alguns miúdos que estavam a obter bons resultados e trabalhei com o professor Vittori, que, juntamente com o meu treinador, era meu professor. Um professor no campo de atletismo, mas ambos professores da vida.

## Qual é a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Infelizmente, os números aqui são realmente .... Brutais, e capturam uma situação que ainda está muito atrasada, não apenas na Itália, mas também internacionalmente. Há muito poucas mulheres na gestão de topo, lembro-me de 4% na Europa, 9% como vice-presidentes. Portanto, ainda estamos longe de alcançar um estatuto igual ao dos homens nessas funções. Embora tenhamos um talento brilhante, porque uma de nossas representantes está no conselho da IAAF, Anna Riccardi. Ela é uma das mulheres que lidera o caminho e, espero, eu e os meus colegas da direção, esperamos abrir caminho para as meninas que também querem assumir esse compromisso. É um compromisso importante na vida de alguém, mas devemos isso a todas as mulheres se realmente queremos dar um impulso à emancipação.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Bem, pode realmente haver algumas medidas. Essas medidas dizem respeito principalmente ao uso do tempo. Um dos fatores negativos quando se trata do crescimento do movimento de mulheres no desporto é o tempo que leva. Aquelas que têm ajuda familiar ou que organizaram as suas vidas de maneira diferente conseguem alcançar os níveis que estabelecemos. Na nossa federação, temos treinadoras que treinam as nossas melhores campeãs, e isso é realmente muito gratificante, ver mulheres a mostrar que têm as mesmas oportunidades de emprego que os homens. O certo é que é a organização em torno das mulheres que precisa mudar, e elas devem ser ajudadas com o que tradicionalmente são considerados os deveres das mulheres, e hoje não podemos mais pensar nelas dessa maneira. Portanto, uma divisão de tarefas entre homens e mulheres na vida familiar provavelmente ajuda a tornar a participação mais diversificada. Temos duas presidentes de conselhos regionais, e isso mostra que

se pode ... Nós podemos fazê-lo. Depois, há mulheres que têm famílias e, portanto, equilibraram suas horas de trabalho com o tempo dedicado ao desporto de uma maneira ... boa, excelente, de fato, eu diria, com ótimos resultados.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Vice-Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Um, sim, talvez sim. Talvez seja o exemplo que se pode dar .... Pavimentando o caminho. No que diz respeito à minha carreira docente, por exemplo, ensino nas escolas há muitos anos, e uma das coisas mais satisfatórias para mim foi que muitos dos meus alunos optaram por se tornar professores de educação física. Eu lecionava no ensino médio, tradicionalmente, havia feito a minha formação de professores, então ... Era uma tradição que aqueles que vinham da formação de professores passassem a fazer ciências do desporto. Em vez disso, tive meninas que vieram da minha escola que escolheram essa profissão, então há a possibilidade de abrir o caminho e mostrar que podemos fazê-lo.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

Gostaria de dar alguns conselhos que tentei seguir, mas que depois não consegui bem ver, porque, embora pareça estranho, quatro anos no cargo não éum perido muito longo; você só sabe como tudo funciona quando está realmente na situação. E o conselho é também procurar relacionamentos com outras mulheres que trabalhem noutras federações. No ano passado, tive a ideia de reunir mulheres de várias direções e de outras federações italianas. Mas, honestamente, tenho que admitir que não consegui, porque isto leva muito tempo. Mas o conselho que posso dar é: se nos reunirmos, se encontrarmos pontos em comum, se organizarmos uma agenda que precisaremos, como posso dizer, implentar passo a passo, nos provavlemente iremos conseguir alcançar algo no final.

# Silvia Salis

Membro da Direção
da Federação Italiana de Atletismo

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

O desporte está realmente enraizado na minha vida, no sentido de que desde criança que quase morava num campo de atletismo, porque meu pai era o segurança. Então, eu quase nasci num campo, não vi nada além de atletismo de manhã à noite, assim, invariavelmente tornei-me uma atleta. Tem sido uma vida cheia de emoções, viagens, experiências. Quando terminei minha carreira como atleta devido a uma lesão, fiquei sempre muito envolvida no desporto: sou membro do Conselho Federal da Federação de Atletismo e do Conselho Nacional do Comitê Olímpico. Então, resumindo, o meu compromisso é muito amplo. Também continuo a fazer a comunicação do meu grupo desportivo, o Fiamme azzure - o grupo desportivo do serviço prisional.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

Meu envolvimento no atletismo começou quando eu era criança, porque meu pai era o encarregado do campo de atletismo em Gênova. Então, eu praticamente nasci num campo de desporto e inevitavelmente tornei-me uma atleta. Foi assim que tudo começou quando eu era criança: por diversão.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

A minha opinião sobre a participação das mulheres no mundo do desporto está ligada aos dados, que são um instantâneo do papel das mulheres no mundo do desporto. No momento, digamos que os números são muito escassos. Há um ano, o conselho nacional do CONI introduziu uma norma segundo a qual - adotando uma norma do COI, o Comitê Olímpico Internacional - o conselho da federação deveria ter pelo menos uma representação de 30%, em suma, da diferença de género. Infelizmente, neste caso, refere-se às mulheres. Este é certamente um passo à frente, mas são necessários muitos passos quando se considera que houve apenas uma presidente por alguns meses em todas as federações desportivas italianas ao longo da história do desporto em Itália, e isso foi em equitação.

## Como membro da direção participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Como membro da direção da Federação de Atletismo, penso que a nossa Federação está na vanguarda, porque há quatro mulheres na nossa direção, cinco se se incluir Anna Riccardi como membro da IAAF e, portanto, ela faz parte da Federação Federal. Conselho por lei. Somos uma direção muito feminina, por isso não sentimos essa necessidade. Mas certamente, a norma implementada pelo COI, o Comitê Olímpico, aprovado pelo Conselho Nacional, e que significa que 30% da direção das federações ... Que existe uma diferença de 30% em cada direção, significa que esse conceito está começando a ter um efeito significativo.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Vice-Presidente?

Sou membro da direção da Federação Italiana de Atletismo desde o final de 2016, o ano da eleição após as Olimpíadas do Rio. Eu represento os atletas no conselho da federação e cuido de tudo ... Tudo, como todos os outros membros da direção, ou seja, no direções da federação, lidamos com todas as questões e assuntos relativos à Federação. Também faço parte de uma organização que apoia e supervisiona a área técnica. Eu desenvolvi um projeto para estudantes atletas de universidades chamado Allenamente. É para jovens de nossa Federação e oferece um pouco de apoio financeiro para incentivá-los a estudar. Como membros da direção, também acompanhamos as equipes nacionais. Geralmente, estamos disponíveis para trabalhar para a nossa Federação, se qualquer caso que surgir.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Vice-Presidente?

Certamente, num mundo masculino como o desporto, ser mulher e também ser jovem, mas mesmo assim uma ex-atleta que acabou de terminar a sua carreira desportiva, apresenta uma série de dificuldades. Digamos, não é fácil ser levado a sério, fazer a sua voz ser ouvida. É também por isso que se precisa certamente de uma maior participação, tanto de mulheres quanto de pessoas que, digamos ... Que são de gerações mais próximas dos atletas que estão competindo hoje. É demasiado dizer que temos verdadeiras dificuldades, mas, obviamente, trabalhar e lidar apenas com homens, geralmente adultos que são mais velhos que eu, enfim .... Digamos que isso significa que certas coisas são um pouco mais difíceis.

## Qual é a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

A mina opinião não é sobre a participação de mulheres ou homens; Em geral, deveria ser sobre envolver pessoas competentes. Infelizmente, somos forçados a .... Forçados a apoiar, aprovar leis que protegem a presença de mulheres ... Se, por um lado, isso nos permitiu colocar um pé firme na porta em muitas posições que normalmentenão é possível aceder porque eles estes são geridos por homens, por outro lado, cria um mecanismo pelo qual os homens dizem: ok, somos forçados a dar estes três lugares para as mulheres, certo? Por um lado, isto torna-te mais forte porque forma uma classe de gestão que não existiria antes, mas a desvantagem é que os homens veem isso como uma obrigação, como algo que precisa ser feito. Então, ainda sou ambivalente em relação a ... Em relação a esse tipo de mecanismo ou regra, porque certamente será a única maneira, a única maneira de aceder a determinadas situações. Por outro lado, também é um caminho para os homens ... não quero generalizar, porque muitos homens não pensam assim, mas alguns vêem isso como uma espécie de rebuçado. Na minha opinião, você só pode mudar as coisas por dentro, por isso tal é bem-vindo.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

O que eu testemunhei desde que lido .... Vamos chamá-lo de política desportiva em geral: as mulheres não estão nem perto de conseguir este tipo de papel. Portanto, existe certamente um mecanismo que dificulta o acesso, mas também existe um ... um interesse diminuto entre as mulheres em ingressar na gestão desportiva. É em parte um problema cultural, porque sempre foi um papel reservado aos homens, e em parte devido a questões relacionadas a ... há tantos fatos da vida que não posso resumir agora em ... Em dez segundos. Mas é .... Deveria haver uma cultura na qual as mulheres pudessem tomá-la como uma opção. Ou seja, não apenas ser atleta ou treinadora, mas também pensar, depois de atleta, há ... ser diretora. Quero dizer, posso ser diretora, posso gerir uma empresa. Este é certamente um passo cultural um pouco mais difícil no nosso mundo, mas como eu disse, as regras que recebemos do COI, isto é, sobre ... Sobre a obrigação de ter uma representação de 30% de género nas direções, acho que elas ...que também terá um efeito indireto na gestão de empresas e órgãos nacionais, bem como nas Federações nacionais.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Vice-Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Acredito que qualquer mulher que é capaz de, digamos, estar presente, trabalhar e ser ativa num mundo totalmente, talvez como um aparato dos homens, pode dar uma contribuição, mas também contribui dando seu próprio exemplo. Bem, apenas fazendo .... Ocupando essa posição, e isso é, eu acho, a coisa mais importante. O que quero dizer é que uma atleta jovem a competir agora pode ver que há uma mulher um pouco mais velha que ela na direção, que apoia projetos, que está comprometida com a Federação e essa é uma maneira de fazê-la acreditar que talvez ela possa fazer isso também, pode interessá-la, ela pode ser capaz.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

O meu conselho seria que persigam os seus objetivos e ideias, e não desanimar com a cultura um tanto dominada por homens que permeia o mundo do desporto. Repito, não estou a generalizar, essa cultura não esta totalmente difundida entre os homens no mundo do desporto: como todos os costumes, é difícil de mudá-la. O meu conselho é não ficarem destroçadas. O que quero dizer é afirmarem-se através da educação e da presença, sem, por outro lado, sentirem que valem menos que qualquer outra pessoa, nem como alguém que precisa de ser ... Que deve ser protegida. Ou seja, para assumir uma posição neutra e profissional nas coisas.

# Maria Amelia Lolli Ghetti

Vice-Presidente
da Federação Italiana de Golfe

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

O papel que o desporto desempenha na minha vida é enorme. O golfe, que é o desporto que pratico, ocupa a maior parte do meu dia: Isto é porque sou presidente de um clube de golfe com dois campos de 18 buracos, por isso vivencio todos os problemas que surgem no dia-a-dia de um clube. Além disso, sou vice-presidente da Federação Italiana de Golfe há quatro anos. Essa honra foi-me concedida pelo nosso presidente, Professor Franco Chimenti, e é realmente uma grande honra, especialmente porque este é um período muito importante para o golfe, pois estamos às portas de um (campeonato) internacional - na verdade, um evento global chamado Ryder Cup - a Ryder Cup 2022. A Ryder Cup é uma das competições desportivas mais importantes do mundo: depois das Olimpíadas e da Copa do Mundo da FIFA, temos a Ryder Cup. É seguido por milhões e milhões de pessoas. E vamos hospedá-lo em Roma. Portanto, fazer parte desta federação agora é incrível.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

Começou ... Há muitos anos atrás. Como o meu pai era um entusiasta do golfe, ele levava-me sempre com ele no fim de semana. E, por isso, eu respiro este ambiente desde que era adolescente, e mesmo antes.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

Eu posso falar pelo meu desporte, pelo golfe, e não é uma opinião, mas os dados. Os dados dizem que a participação feminina na Itália é de 25,6% e esse é o número mais atualizado que temos, a partir de 2019, o que nos coloca na média europeia, embora ainda maior do que os EUA, que é de 24%. Assim sendo, eu diria que ainda é baixa, precisa de trabalho, mas ... Mas já estamos na média europeia, o que não é ... Não é insignificante como resultado.

## Como Vice-Presidente participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Em termos concretos, não, nunca estive envolvida, mas posso dizer que o golfe, como um desporto ... Como um desporto que permite que diferentes géneros, por géneros, quero dizer feminino e masculino, joguem nas mesmas competições, no mesmo percurso, na ... na mesma competição, na mesma ... Isso é algo especial. Porque, de momento, pelo menos, não consigo pensar em outro desporto que permita isso, e isso é ... É verdade, ao nível amador, amadores recreativos e, se subirmos um nível, também será pioneiro no desporto porque temos mulheres profissionais. Permitimos mulheres profissionais, e elas têm a mesma igualdade que homens profissionais, e isso também é um ótimo resultado, o que permite que as mulheres tenham uma carreira, e não é pouca coisa. Posso dizer que o CONI [Comité Olímpico Nacional Italiano] tem um Comité de Igualdade de Oportunidades desde 2014, o CONI sempre levou em consideração todo o hemisfério feminino, então .... Vamos falar de esgrima, temos o

melhor, temos natação, esqui, Brignone recentemente ... Pellegrini ... E também temos grandes campeões no desporto amador, realmente brilhante.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Vice-Presidente?

Vou começar pelo mais fácil, por quanto tempo eu mantive este papel; é o meu quarto ano como vice-presidente da federação. E os meus deveres ... tive a oportunidade de criar, de participar, porque somos uma equipe bonita, este projeto atrás de mim, "Golf è donna" ["O golfe é mulher"], com o qual nos importamos muito com, e é ... Para este projeto, o objetivo é envolver as mulheres na participação ... mulheres jovens, na participação, ampliando a participação de todas as mulheres e, em seguida, reter também as jogadoras. E está dividido em vários pontos cor-de-rosa, que são os círculos, somos .... Começamos em junho do ano passado com quinze clubes, atingimos trinta este ano, está a expandir-se bastante e estamos recebendo uma resposta muito boa.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Vice-Presidente?

Os desafios que enfrentei em todos os trabalhos que fiz antes. Não tenho .... Há coisas difíceis em todos os empregos e, sendo mulher, às vezes há maiores dificuldades num certo sentido, mas também há vantagens, num outro sentido. Assim sendo, faço parte de uma direção muito próxima e muito unida da federação ... São todos homens. Mas faço parte de uma federação que é administrada por todas as mulheres. Além do presidente, temos a secretária geral que é mulher, a chefe de comunicação e a imprensa quem é mulher; se andar pelos nossos escritórios, encontrará muitas mulheres.

## Qual é a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Só pode ser uma coisa boa. Como eu disse anteriormente, eu sou .... Há muitas mulheres, e essas mulheres são muito bem qualificadas. Acredito que as mulheres têm características diferentes, complementares aos homens, e acho que, como em todas as coisas, o equilíbrio certo é a melhor solução para um ambiente de trabalho harmonioso.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Que outras medidas devem ... poderiam ser adotadas, depois de eu já mencionar a CONI, o que a CONI está a fazer, o que a Federação está a fazer, mais ... Eu esqueci-me, na verdade, que a CONI decidiu recentemente ... Há um ano, este ano, todas as direções das federações devem ter 30% de mulheres. E isso é muito. Logicamente, gostaríamos ... Não queremos que seja uma obrigação, mas se tem que ser uma obrigação, é bem-vinda.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Vice-Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Eu acho que meu papel contribui, com certeza. Acho que tenho a responsabilidade de fazer o bem, e isto pode abrir o caminho para muitas outras mulheres. Sei que uma outra Federação, enquanto isso, teve uma ... Uma vice-presidente mulher. Não temos presidentes mulheres em nenhuma das 44 federações, portanto esse é um objetivo que devemos alcançar.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

Simplesmente ser elas mesmas, não tentar imitar os homens, serem mulheres em todos os aspectos, na sua espontaneidade, nas suas emoções, nas suas ... Somos diferentes, somos mais emocionais, é verdade. Isso é bem-vindo, traz algo também.

# Tiziana Nasi

Presidente
da Federação Paralímpica Italiana
dos Desportos de Inverno

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

Eu diria que, talvez por coincidência, o desporto teve e tem um papel muito importante na minha vida. Talvez fosse de alguma forma o meu destino, pois venho de uma família muito desportiva. Em primeiro lugar, a estância de esqui de Sestriere foi desejada, inventada e fundada pelo meu bisavô. Além disso, a minha mãe era uma excelente esquiadora com bons resultados locais e o meu pai, que foi presidente da câmara de Sestriere por muitos anos, também foi presidente da FISI [Federação Italiana de Desportos de Inverno] por alguns anos, durante os anos dourados de Zeno Colo e Celina Seghi.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

Como sempre, um pouco por coincidência. Tornei-me presidente da Sestriere S.p.A., empresa que administrava as instalações e eventos desportivos em Sestriere, devido a um trágico acidente de avião que matou o meu primo, que era presidente na época. O grupo familiar sabia que eu era muito ligada a Sestriere e apaixonada por desporto, e me pediu para cuidar primeiro do Sestriere Ski Club, depois do Sestriere Golf e, finalmente, da empresa que administrava as instalações em geral. Uma senhora, mãe de uma menina que eu conhecia, entrou em contato comigo e disse: "Queremos ter o Campeonato Aberto da Itália de 1990 para pessoas com deficiência em Sestriere". E eu perguntei: "Porquê vir para Sestriere?", fiquei surpreendida. Mesmo assim, vieram e nós organizamos o campeonato italiano. Aquela senhora, Paola Magliola, a quem sempre serei grata, teve a perspicácia de convidar também esquiadores estrangeiros de áreas vizinhas, e isso nos expôs a mais cultura do que tínhamos na Itália na época. Até o gerente da estação e o diretor administrativo ficaram um pouco surpreendidos quando fiz esse pedido e responderam-me: "Deixem que venham, mesmo que não haja neve". Assim, os atletas de Itália, França, Suíça, Áustria e Eslovénia chegaram a 6 de janeiro, no final das férias. Começou a nevar e nevou durante toda a semana em que as competições foram realizadas. Desde então, estes atletas portadores de deficiência, que na época ainda não eram chamados de "paralímpicos", tornaram-se os "queridinhos" da emissora.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

Em primeiro lugar, temos que dar os parabéns às grandes esquiadoras italianas, que nos últimos anos orgulhosamente representaram o país no esqui competitivo. Infelizmente, os atletas do sexo masculino não estão a ir tão bem. A situação do desporto paralímpico é muito diferente, em comparação com o mundo do desporto para deficientes físicos. Até muito recentemente, atrair uma atleta feminina com deficiência para fora de seu covil era bastante difícil. Felizmente, como sempre, os modelos trouxeram grandes resultados. Quero mencionar a nossa grande amiga Martina Caironi, que, entre outras coisas, esteve em Pequim com os atletas durante os primeiros dias: ela foi vista pelas outras duas meninas com quem ganhou aquela maravilhosa corrida de cem metros no verão passado em Tóquio. Eu descrevo isto como um "triunfante pódio de três" porque foi exatamente assim. E essas duas meninas, uma atrás da outra, diziam: "Queremos ser como a Martina". Felizmente, isso também está a acontecer no nosso campo, embora infelizmente a um ritmo extremamente lento. No entanto, tenho certeza de que as duas meninas cegas que trouxemos para Pequim terão muito sucesso e atuarão como desbravadoras. Também gostei muito, durante todos os Jogos Paralímpicos, de como a nossa atleta Melania Corradini foi a parceira de aventura de Lorenzo Roata naquele programa de TV simpático, agradável, interessante e na minha opinião também inteligente, que se chamava "Gocce Azzurre", porque lembrava o círculo azul das Olimpíadas. Era transmitido todas as tardes, com entrevistas e reuniões em direto.

## Como Presidente participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Eu diria que foram eficazes. Não posso dizer exatamente quais as políticas que levaram a este resultado. Acho que na verdade é uma união de forças entre estabelecer um modelo, dizer a verdade e continuar o que o Comité Paralímpico Italiano, o próprio CONI [Comité Olímpico Nacional Italiano] e o governo estão a fazer. É, portanto, uma evolução clássica, que certamente ainda precisa de muita ajuda.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Vice-Presidente?

Sou Presidente da Federação Italiana dos Desportos Paralímpicos de Inverno desde 2010. No final destes Jogos Paralímpicos, concluirei a minha carreira como Presidente da Federação, mas não me afastarei muito do mundo paralímpico: aquele diabinho astuto do Luca Pancalli e digo isto com muito carinho e, acima de tudo, com grande gratidão e estima, queria-me como Vice-Presidente do Comité Paralímpico Italiano, para me manter por perto. No entanto, acho que estou velha demais para fazer as coisas por mim mesma. Não tive nenhum sentimento negativo nestes dez anos, nem nos anteriores. Também fui presidente do Comité Paralímpico Italiano da Região do Piemonte e nunca senti que as coisas fossem difíceis por ser mulher. Na verdade, também acho que o limite de três mandatos, e talvez até o limite de idade, esteja correto. Certamente existem mulheres que têm uma força incrível, mas depois de uma certa idade, não se tem mais essa presença de espírito e energia. Acho que não é nada errado renunciar depois de três mandatos.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Vice-Presidente?

Eu diria alcançar bons resultados nas competições e obter exposição. Exposição significa exibir-se. A exposição, para nós, está diretamente relacionada com o facto de ainda precisarmos de nos dar a conhecer e de ser valorizados. Isto apesar do facto de as coisas terem ultimamente mudado consideravelmente, graças a grandes e bem-sucedidos atletas. Entre estes, por exemplo, está Alex Zanardi, sem falar nos que vimos

naquelas belas imagens dos Jogos Paralímpicos de Londres. Isto aplica-se não apenas ao público, mas especialmente às pessoas com deficiência que ainda estão um pouco "trancadas dentro de casa", embora muito menos do que antes, e com muito menos razão do que antes.

## Qual é a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Em primeiro lugar, hoje em dia não há grande diferença, e acredito que uma mulher pode ser presidente federal ou executiva federal. Isto vale também para a função de secretária federal, que é muito importante. Os/as presidentes sentem-se especiais, mas na verdade somos apenas figuras políticas. As pessoas que realmente controlam as coisas são as secretárias, e acho que uma mulher pode facilmente cumprir esse papel. E, mais uma vez, uma boa equipa mista é a melhor coisa que existe.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

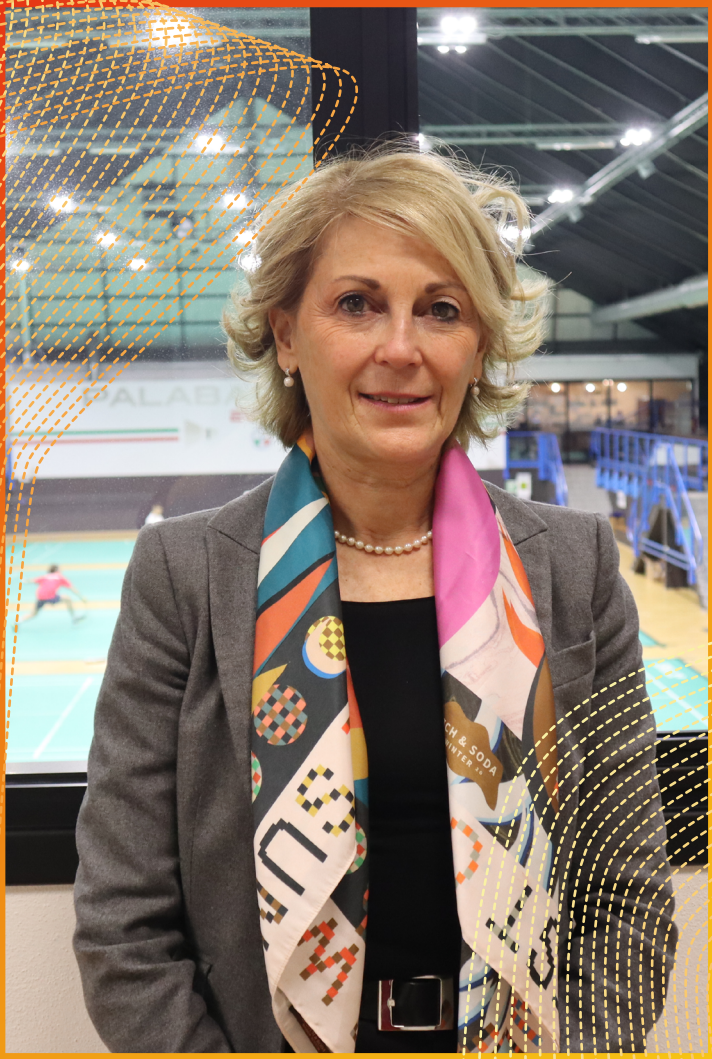
As conhecidas quotas femininas, que de fato são tidas com máxima consideração. Na verdade, sempre tivemos uma ou duas mulheres na nossa direção.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Vice-Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Eu penso que sim. Não acho que um homem se sinta ofendido ou menosprezado pelo facto de haver uma presidente mulher, ou de ter havido presidentes mulheres antes dele. Vamos pensar no que acontecerá daqui a alguns meses: um presidente homem provavelmente será o eleito. Não sei quem está a concorrer, mas não acho que haverá candidatas do sexo feminino. Eu diria que não faz muita diferença.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

Uso o teu instinto sempre que for necessário: não contes apenas com a tua preparação técnica, o teu conhecimento, intelectualidade. Usa o teu instinto também, porque o instinto feminino geralmente está certo.



# Chiara Pacchioni

Ex-Membro
da Direção da Federação Italiana de Badminton

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

O desporto sempre teve um papel importante na minha vida, pois pratico desporto desde muito cedo. Fiz atletismo quando era jovem e atualmente trabalho no mundo do badminton ao nivel governativo.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

A minha experiência começou em 2000, quando os meus filhos estavam no ensino primário, e eu tive que escolher qual o desporto que eles deveriam praticar. Eu não queria que eles jogassem futebol ou fizessem balé, os mesmos desportos de quase todo o mundo. Por sorte, conheci a vice-presidente Miglietta da Federação de Badminton, que me apresentou a este desporto. Começamos um curso para a escola primária e foi assim que meus filhos começaram a sua jornada no badminton.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

Atualmente, e na minha opinião, o desporto ainda é pouco praticado pelas mulheres, principalmente na Itália. Acredito que há uma causa raiz, um problema cultural. Muitas vezes, os desportos ainda são considerados algo que as meninas não podem ou não devem praticar a um nível competitivo.

## Como ex-membro da direção participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Que eu saiba, não temos políticas específicas na Federação, pelo menos enquanto fui membro da direção. Isto também porque, no que diz respeito à nossa própria Federação, o presidente federal Alberto Miglietta queria uma mulher na direção. Para nós, esta é realmente uma jornada que começou há vários anos e provavelmente também foi simplificada pelo facto de o badminton ser um desporto que é jogado a um nível praticamente igual entre homens e mulheres. As mulheres trabalham connosco em todas as áreas e em todos os níveis, de jogadoras a treinadoras, até diretoras.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Vice-Presidente?

Eu ocupei o cargo no período de quatro anos de 2017 a 2020. Como residente em Milão, fiz parte da direção Federal como representante do PalaBadminton, que é nosso centro de treinamento, que é a nossa joia, e serve como centro Técnico para a Seleção Nacional. Sempre me esforcei para dar o meu apoio com o máximo de equilíbrio e amplitude que pude, graças às minhas experiências anteriores de trabalho dentro da Federação.

## Quais foram os principais desafios que enfrentou quando ocupou o lugar de membro da direção?

Para falar a verdade, não enfrentei nenhum desafio específico, além dos desafios que qualquer candidato, seja homem ou mulher, enfrenta ao concorrer a um cargo. Como já disse, felizmente o nosso mundo não precisa de lidar com as mesmas questões de género que provavelmente ocorrem noutras situações.

## Qual é a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Na minha opinião, uma federação liderada por uma mulher deve ser a mesma que aquela liderada por um homem, no sentido de que as questões devem ser abordadas em um nível mais alto do que ser mulher ou homem. Os problemas devem ser analisados para o bem da federação, independente do género.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Atualmente/ já foi dado um passo há alguns anos, e agora é obrigatório em todas as Federações que um terço dos membros da direção seja de género diferente. Este foi um passo importante, porque muitos desportos, ao contrário do nosso, nunca tiveram nenhuma mulher na direção. Este é um primeiro passo. O outro é um problema cultural: devemos abordar a causa raiz, deixando as mulheres entenderem que devem tentar, devem fazer as coisas, e que não é um desafio impossível.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Vice-Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Sim, no sentido que certamente se dá o exemplo de que é possível uma mulher desempenhar o papel de membro da direção e que esse papel se enquadra nas tarefas habituais que as mulheres têm na família e no trabalho.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Vice-Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Pensar sempre no bem da Federação, ser objetiva. Dar a sua contribuição da melhor maneira possível, analisando problemas, como muitas vezes as mulheres fazem, com um sorriso no rosto. Elas devem olhar para o quadro geral, porque muitas vezes temos que enfrentar problemas diferentes que devem ser resolvidos rapidamente. Elas devem ter esse mesmo espírito.

# Elisabetta Villa

Vice-Presidente
de Federação Italiana de Triatlo

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

O desporto tem um papel fundamental na minha vida. Na verdade, descobri o desporto quando adulta, aos 35 anos, mas desde então este tornou-se uma parte importante do meu dia a dia.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

Comecei o triatlo em 2011, com meu marido, por diversão. Ele queria tentar esta modalidade, pois vinha do mundo da natação. Eu queria tentar esta aventura com ele. Começando com uma competição, porque na verdade começamos com uma competição, eu apaixonei-me simplesmente, como sempre digo.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

A participação das mulheres no desporto varia de modalidade para modalidade. Existem algumas modalidades que parecem assustar as mulheres, infelizmente. Do meu ponto de vista, até mesmo o triatlo pode ser uma modalidade que, de certa forma, leva as mulheres a pensar duas vezes, e as faz parar por um momento antes lhes darem uma oportunidade. Um desses motivos é o medo de ter que enfrentar três disciplinas diferentes. Na realidade, é verdade que o triatlo é um conjunto de três modalidades, nomeadamente natação, ciclismo e corrida, no entanto, a nossa federação cria e organiza toda uma série de atividades multidisciplinares.

## Como Vice-Presidente participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

A nossa direção tomou posse há pouco mais de um ano. Durante este ano, colocamos em prática diversas iniciativas. Em primeiro lugar, gostaria de salientar que foi criada uma comissão específica para as mulheres no seio da nossa direção. Esta reúne um grupo de mulheres, incluindo duas que são membros do Conselho Federal, com o objetivo de estimular a participação feminina neste tipo de desporto. Para isso, tentamos ajudar as mulheres a treinar para o triatlo e a enfrentar as competições de forma correta. Além disso, tentamos trazer mais treinadoras para o mundo do triatlo. Isto é feito para estar mais próximo também das atletas mais jovens, que podem ter uma figura feminina como alguém em quem confiar e se ligar.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Vice-Presidente?

Sou vice-presidente federal há um ano, desde que a nossa direção tomou posse após as eleições de 13 de março de 2021. O papel que tenho dentro da direção Federal é como vice-presidente, então atuo um pouco como coletora das atividades que são realizadas dentro do grupo de trabalho, e também opero diretamente dentro de dois comités. Uma é a comissão feminina e a outra é a comissão de atletas, porque fui eleita como representante das atletas femininas. Dentro destas duas comissões, o meu papel é estar próxima do mundo das mulheres e do triatlo.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Vice-Presidente?

Em geral, o maior desafio foi entender como funciona uma federação, porque para mim foi a primeira experiência dentro de uma direção Federal a nível nacional. Devo dizer, porém, que a nossa direção Federal já teve pessoas que se ocupavam da mesma função em anos anteriores, e que serviram de guia para que aderíssemos a essa linha de trabalho.

## Qual é a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Espero que muitas Federações não se fechem no mundo dos homens, e vejo que muitas delas estão agora a abrir-se para as mulheres. Para ser sincera, considero-me uma sortuda porque durante todo o período pré-eleitoral, e mesmo depois disso, nunca tive que enfrentar nenhum desafio relacionado com o meu género. Fui simplesmente eleita pelo que defendia, independentemente de ser mulher ou não. Devo dizer que me sinto com sorte porque, dentro do meu grupo de trabalho, há três mulheres entre nove membros da direção e um presidente, então somos muitas. Isso leva a uma situação que na verdade torna tudo natural, e não há a perceção de nenhuma diferença de género. Cada um/a tem o seu papel dependendo das suas competências, independentemente de serem homens ou mulheres.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Na minha opinião, poderiam ser feitas iniciativas para incentivar atletas do sexo feminino, ou mesmo entusiastas do sexo feminino, a se tornarem treinadoras, para que elas possam eventualmente ter uma carreira e conseguirem ser treinadoras de primeiro e segundo nível, e também possivelmente ingressarem nas direções federais como representantes dos treinadores/as. Outras iniciativas podem incluir a organização de cursos ou conferências, a fim de envolver as mulheres que atualmente fazem parte das direções dos clubes desportivos pertencentes às Federações, para que também tenham a oportunidade de expressar as suas potencialidades ao nível federal.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Vice-Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Espero que minha atuação dentro da Federação sirva também de incentivo para que outras Federações, e a sociedade em geral, difundam a perceção de que o papel da mulher é igual ao papel do homem, tanto ao nível federal quanto ao nível de outras organizações. Como estava a dizer, considero-me uma sortuda porque na minha Federação não há diferenças de género ou elas não importam. Penso e espero poder colaborar com um grupo de trabalho tão unido que se torne um símbolo e uma inspiração para outras federações e organizações.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

Sejam vocês mesmas. Se estás lá, significa que foste eleita para esta função, portanto, foste eleita pela tua competência. Sejam vocês mesmas e continuem a mostrar a vossa competência, para que a vossa capacidade de cumprir aquele papel possa brilhar.

# Espanha

Julia Casanueva San Emeterio · Mercedes Coghen Alberdingk-Thijm · Rosa Blanca de Salvador González · Asunción R. Loriente Pérez · Mariola Rus Rufino · Susana Santos Menéndez · África Álvarez López · Diana Box Alonso · Isabel García Sanz · María José Martínez Sánchez

## Julia Casanueva San Emeterio

Presidente
da Real Federação Espanhola de Vela

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

No desporto que represento, eu já velejava hã muitos anos, desde os 15 - 16 anos, comecei como (Porque tínhamos um barco, mas de uma forma desportiva). A competição por volta do ano 96, foi quando realmente começamos a competir com um grande barco e fizemos regatas e aos poucos isto impressionou-me muito mais e fui aprofundando um pouco mais e competindo até hoje.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

Eu penso que é muito insuficiente, que deveria haver mais participação feminina, mas eu realmente acredito que é algo que deve ser feito gradualmente. (Este) é um problema sociocultural, e eu acredito que estão sendo feitos esforços pelas instituições para que tal seja possível. Acredito que nós mesmas temos que ir, aos poucos, tentando nos incorporar e nos formar a partir da base, para conseguir, para consciencializar que também estamos a crescer no desporto, com igualdade. Acho que o desporto em geral é um mundo dominado pelos homens, sempre foi, então é muito complicado, por uma questão sociocultural, entrar. O mundo da vela não é exceção, acho que é este o papel que temos que mudar, as mulheres nunca tiveram esse papel e agora começam a enfrentá-lo, é uma questão sociocultural que nos impede de lá estar.

## Como Presidente participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Eu sou a presidente da Federação Espanhola de Vela e sou eu quem nomeia a direção. Estou no cargo desde outubro de 2015. Entramos com uma moção de censura e demitimos o presidente anterior por má gestão no desporto, e depois, nas eleições de março de 2017 até ao final de 2020, em 2020 haverá novo eleições. Quanto ao meu papel, a minha responsabilidade, digamos que como presidente da Federação Espanhola de Vela, dado que as federações desportivas espanholas são presidenciais, digamos que a responsabilidade é total, independentemente da assembleia, que é soberana, também ter uma certa responsabilidade; mas ao mesmo tempo, a presidente responde à assembleia e à direção, também têm certas responsabilidades, mas no final o mais responsável, sendo presidencial, é a presidente.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Presidente?

Os principais desafios, os mais importantes foram os nossos começos. Quando entramos, em outubro de 2015, entramos com uma federação totalmente endividada, com péssimos problemas de gestão que levaram a federação a um endividamento muito alto, com uma estrutura federativa muito pesada. Com, digamos, durante anos de grandes patrocinadores, de grande receita, de subsídios, ... com todos os cortes orçamentários, todos os anos de crise, e a estrutura federativa não foi reduzida, no final , vimos que a estrutura federativa estava comendo o dinheiro que tinha que ir para os atletas. E deparamo-nos com uma equipa pré-olímpica, porque entramos em outubro de 2015, e em agosto de 2016 foram os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, com uma equipe totalmente desestruturada, sem recursos financeiros e quase sem recursos humanos para ajudá-los a ir aos jogos (olímpicos). Por isso, esses foram os maiores desafios, mudar toda a estrutura, gerar um novo modelo desportivo e limpar a federação.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Presidente?

Eu sou a presidente da Federação Espanhola de Vela e sou eu quem nomeia a direção. Estou no cargo desde outubro de 2015. Entramos com uma moção de censura e demitimos o presidente anterior por má gestão no desporto, e depois, nas eleições de março de 2017 até ao final de 2020, em 2020 haverá novo eleições. Quanto ao meu papel, a minha responsabilidade, digamos que como presidente da Federação Espanhola de Vela, dado que as federações desportivas espanholas são presidenciais, digamos que a responsabilidade é total, independentemente da assembleia, que é soberana, também ter uma certa responsabilidade; mas ao mesmo tempo, a presidente responde à assembleia e à direção, também têm certas responsabilidades, mas no final o mais responsável, sendo presidencial, é a presidente.

## Qual é a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Não, não há igualdade, não há igualdade, bom ainda não há igualdade, em geral. Agora é uma quota de 40% nos lugares das federações. Não sou contra nem a favor das quotas, acho que não é a medida ideal, mas é a única forma de conseguir entrar. Portanto, ainda não há igualdade nas direções do desporto. Acho, bom, que algum do caminho de acesso ao tabuleiro já está definido, caso contrário seria impossível entrar. Mas eu acho que o acesso tem que ser uma coisa normal e comum, deveria ser comum ter mulheres nos lugares da direção desportiva, e que se conseguisse, se não for uma igualdade, não tem que ser exatamente igualdade, mas sim, para maior paridade.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Acima de tudo educacional. Formação de base, de base nas escolas, de base nos clubes desportivos. Os clubes são os que recebem todas as crianças, são a base de todo o desporto. Os clubes desportivos são o que temos de mais importante. Acredito que, tanto ao nível do currículo escolar, como ao nível do desporto, -educação e desporto-, têm que se unir e traçar boas metas, e começar a educar em igualdade, desde a infância. Não é útil apenas querer impor ou implementar uma igualdade. É bom impor a igualdade, porque realmente temos que começar em algum momento, mas acho que as políticas que devem ser iniciadas, diferentes das que estão sendo feitas, - que apreciamos-, e que consideramos positivas, são os que partem da base, que é o mais importante.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

Que recebam formação, que acreditem em si mesmas, que achem que podem, porque realmente podem. E que não pensem que este é só um mundo em que estão excluídas ou ao qual só os homens se dedicam, que vejam que ... acreditando em si, na formação que se tem, treinando bem, podem ocupar aquelas posições em igualdade com os homens. Mas é muito importante que as mulheres acreditem em si mesmas, caso contrário, nunca poderemos dar esse passo.

## Mercedes Coghen Alberdingk-Thijm

Vice-Presidente da
Real Federação Espanhola de Hóquei

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

O desporto, para mim? Bom, creio que seja a minha vida ou a minha meia-vida, ou não, é a percentagem em que me envolvo no desporto como praticante, como líder e como fan desde que tomei consciência do que é, não é assim? A minha família, o meu pai introduziu um pouco de hóquei na minha escola, e no meu clube, e, naquela época, ele questionou-se porque é que as meninas não deviam praticar um desporto que era considerado muito masculino. Comecei a jogar no jardim com os meus irmãos, depois comecei a jogar muito jovem com os mais velhos, tinha uma queda pelo desporto, e a partir daí toda a minha vida (foi) na seleção, na federação, na empresa. Realmente tenho colaborado com o desporto toda a minha vida e adoro isto.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

Bom, a verdade é que, na minha familia, todos nós já jogamos hóquei, o meu pai foi pioneiro, jogava com uns amigos no meu clube, minha mãe, que é holandesa onde o hóquei de campo é muito importante, também jogou, a relação deles começou lá e todos nós fomos jogadores participantes, jogadores da seleção espanhola, então eu não sei, eu sempre joguei hóquei de campo.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

Bem, a verdade é que eu acho que isto (discriminação das mulheres) é uma praga para o desporto espanhol, não é? Tenho colaborado com "Mujer y Deporte " (Mulher e desporto) desde há 25 anos e infelizmente temos resolvido essa questão muito lentamente, não é assim? Acho que faltam muitas lideranças, acho que aos poucos vamos conseguindo que a profissionalização da mulher, tanto na parte ativa quanto na gestão, esteja a concretizar-se, mas temos um longo caminho a percorrer .

## Como Vice-Presidente participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Eu tenho sido vice-presidente da federação espanhola de hóquei durante muito tempo e vi como a presença feminina tem evoluído na minha federação, algo que sempre insisti ... criamos o comité "Mulher e Desporto", porque sempre acreditei que a diversidade enriquece muito, embora seja verdade, devo dizer, que é graças às políticas muito ativas e muito direcionadas do Conselho Superior do Desporto, que existe esta consciencialização na minha federação e, acho a importante que as mulheres estejam presentes nos conselhos de administração, dado que, em outras federações espanholas, deram frutos as percentagens de 20% a 40%, e eu acho que...Bem, a verdade é que também tive sorte, quero dizer, viver de um desporto desde os jogos de 92, onde participei, os orçamentos têm sido mais ou menos proporcionais para mulheres e homens nas seleções, então, bem, temos que continuar a trabalhar porque tem muito trabalho de voluntariado dentro de nossa federação e gostaria que no futuro ocorresse a profissionalização e que as pessoas que colaboram dentro da federação como profissionais alcancem essa percentagem, igual para mulheres e homens.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Vice-Presidente?

Bem, não sei se ... Acho que sou vice-presidente da federação há cerca de 16 anos, como o presidente vive, geralmente viveu, foi um presidente catalão, e estou em Madrid ... é onde a instituição mais importante do desporto, como o Conselho Superior do Desporto, tem aqui a sede, porque eu realmente participo de muitas reuniões e tenho muita representação em eventos, porque tenho a vice-presidência institucional, mas também muitas reuniões de... Bom, com o  o "universo feminino", com "mulher e desporto", com programas de talentos, na verdade estou um pouco presente em muitas reuniões com o governo ou com os governos que estão o tempo todo, para tentar fazer a federação está presente.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Vice-Presidente?

A verdade é que acredito que o meu desafio não tem sido grande, porque desde o primeiro momento que fui membro do Comité Olímpico Espanhol, entrei na federação assim que saí da equipa espanhola, por isso acho que fui um pessoa muito ativa, porque fui muito ativa com o meu clube, muito ativa com a federação de Madrid e pareceu-me um passo natural, então, foi realmente um desafio que não tive que enfrentar, talvez sim, sempre insistindo quando com a mensagem que "devíamos procurar treinador", que fosse igual para mulher e para homem, sempre insistindo que a língua era no masculino e no feminino, né, esses são os desafios que tenho enfrentado com as barreiras invisíveis que existem dentro do feminino esporte, que não são vistos, e que vocês são mais sensíveis e temos superado isso pessoalmente, digo-lhes que sempre fui muito afetado, porque fui muito ativo e muito reconhecido, fui o capitão do time que ganhou a medalha de ouro, e é Parece-me que, a passagem da responsabilidade da prática desportiva para o que é fazer parte da administração desportiva, foi natural para mim.

## Qual é a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Como disse antes, acredito que a política ativa do Conselho Superior do Desporto tem dado muitos frutos e embora não estejamos nos 50%, cada vez mais mulheres foram incorporadas. Também quero dizer que às vezes não é fácil e em alguns desportos é difícil encontrar mulheres dispostas a participar de conselhos de gestão. Igualdade, bem, eu acho que pessoas que realmente valem o que são, e são ativas, participam igualmente dentro das federações, embora na minha, onde um campeonato mundial será realizado em 2022, sim, eu tive que insistir para que integrassem mais mulheres, não porque elas são mulheres, mas porque eu acho que elas podem dar aquele toque de diferença, especialmente por ser a celebração de um Campeonato do Mundo Femenino.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Bom, acho que, como falei antes, temos que continuar a trabalhar para que as mulheres sejam realmente incorporadas de forma profissional, mas essa diferença, o flagelo que temos na brecha salarial não é só no desporto, acho que a mulher está a sofrer este problema em quase todos os setores. Então, o que eu acho é que como há também muito voluntariado no desporto, o que temos que tentar fazer é favorecer a conciliação, ou seja, se temos que cuidar do nosso trabalho, da família , em casa, e sobretudo, participar activamente no desporto, que costuma ser ao fim-de-semana ou à tarde, precisamos de muita ajuda, e penso que a conciliação é um elemento onde há muito a fazer e trabalhar. Gostaria, até ouso dizer, que no futuro tal também funcionasse para os homens. E agora que a digitalização chegou, acho que devemos mantê-la para incorporar mais mulheres no desporto.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Vice-Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Acho que a presença de mulheres em todas as direções de federações e empresas ajuda muito a visualizar que todas as mulheres podem ir aonde quiserem, com o seu trabalho, com o seu esforço. Por isso, eu acredito que isso contribui. Creio que os passos agora têm que ser dados pelas próprias mulheres e ora não ousamos, aliás eu candidatei-me a presidente do Comité Olímpico Espanhol e perdi. Mais gente votou em mim, mas perdi por causa do peso do voto, mas acho que se abriu a porta. Ou seja, temos que estar nos lugares para que aquelas que vierem atrás pensem que é natural, normal e que o podem também fazer.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

Aqui, a primeira coisa é que têm que se preparar, como todos nós que têm que chegar a algum lugar, não chegamos lá por acaso, e se chegarmos por acaso, talvez não o façamos com a necessária paixão. Se elas gostam do que fazem eu acho que o que importa é serem elas mesmas, acreditar no que faz é a melhor maneira de chegar lá. Deixá-las tentarem primeiro, aos poucos, com voluntariado, porque tem muito voluntariado como eu falei no mundo do desporto, mas se elas realmente consideram que este é o mundo de que gostam, devem trabalhar para consolidá-lo e mostrar o que podem fazer como profissionais, não como mulheres.

## Rosa Blanca de Salvador González

Vice-Presidente
da Real Federação Espanhola de Tiro com Arco

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

Para mim, o desporto na realidade é a minha vida. Neste caso, é o tiro com arco. Neste caso, é o tiro com arco. Gosto de outros desportos, também fui nadadora, mas acima de tudo foi o tiro com arco, comecei a atirar aos catorze anos e ainda hoje estou na linha de tiro.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

Como mencionei antes, comecei a atirar com quatorze anos, foi aí que a relação começou, mas veio do meu pai e da minha mãe, que foram os que começaram a atirar. E no final, eu juntei-me a eles, e foi aí que as coisas começaram, e eu não me separei mais.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

Felizmente, acho que se está tornando cada vez mais numeroso (o número de mulheres). E, pelos meus contactos com o Conselho Superior Desportivo da Comunidade de Madrid .... Pois, muito bem. A verdade é que muito bem. Sem menosprezar, é claro, os homens. Mas, agora, a influência e a gestão femininas são muito perceptíveis.

## Como Vice-Presidente participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Certo. Além do mais, já fui presidente da Comissão Feminina e Desportiva. E, com a ajuda da parte espanhola e de toda uma equipa, as mulheres tiveram uma presença significativa. A tal ponto que alguns oncologistas descobriram que o tiro com arco é muito bom para o cancro da mama, tanto para quem tem como para quem não tem. E foi um sucesso. Isto ainda está em andamento, é claro. Noutras comunidades e noutros lugares, também foi feito. Porque... Isto foi feito em Madrid, num hospital. Foi feito pela primeira vez no Hospital Infanta Leonor. E, sim, demonstrou que as mulheres foram levadas em consideração.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Vice-Presidente?

Como vice-presidente da Federação Espanhola, são há quatro anos, e também faço parte da direção porque também sou ... E, neste momento sou vice-presidente, mas já fui presidente da Federação de Madrid. Pois bem, os meus deveres implicam a preparação do nosso desporto, unindo-o, com convénios para todas as comunidades. Alcançamos níveis muito altos, até que conquistamos um campeonato mundial no ano pasado, em Madrid, disputado no Palácio do Oriente, nas finais. E, por fim, é trabalhar continuamente com os regulamentos, com a preparação para as competições, tanto a nível nacional, como a nivel internacional. Claro, ter as nossas equipas e selecções nacionais de elevado desempenho, e tudo de acordo com toda a direção, delegar comissões ... E esse é o trabalho da direção.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Vice-Presidente?

Os principais desafios da Federação Espanhola ... Bem, o que acabei de dizer: foi um sucesso ter a oportunidade de realizar aquele campeonato mundial na Espanha, no ano passado. Mas, na verdade, enfrentei os meus maiores desafios dentro da Federação de Madrid, como sua presidente: dar apoio e completar a nossa linha de tiro, sendo a maioria dos participantes de Madrid. Madrid leva todos os pódios, pois há muitas/os arqueiras/os talentosas/os. Existem arqueiras/os talentosas/os no resto da Espanha, é claro. Mas isso é tudo: apoiar as/os nossas/os arqueiras/os e nosso desporto.

## Qual é a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Sim, existe igualdade entre homens e mulheres, mas não em números. Não é que as mulheres sejam indesejadas nas direções. Acontece que, por motivos pessoais, as mulheres geralmente não têm todo o tempo necessário e, portanto, há menos mulheres. Embora haja menos mulheres, elas são bem-vindas e consideradas muito válidas.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Na minha opinião, é mais ao nível da sociedade. Sabemos que essas políticas implicaram grandes avanços para as mulheres. Mas as mulheres, como mencionei antes, geralmente não têm o mesmo tempo livre que os homens. As mulheres ainda são mães, trabalhadoras, psicólogas de seus filhos e / ou filhas ... Em suma, a maioria das mulheres não tem tempo suficiente como os homens. Essa seria uma verdadeira política social de apoio às mulheres: permitir que uma mulher tenha tempo suficiente para si mesma.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Vice-Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Acho que sim. Não tanto pela minha posição, mas ... Uma boa característica do nosso desporto é que ele é intinsecamente igualitário. Não há diferenças de género. Todos partilhamos a mesma linha de tiro: homens, mulheres, pais, mães, filhos, filhas ... Porque existe igualdade plena. Os arqueiros homens atiram em diferentes categorias porque o seu poder é maior. Arqueiras mulheres, nas nossas categorias correspondentes. E filhas/os nas/nos delas/es. E todas/os nós andamos de mãos dadas, todas/os nós definitivamente andamos de mãos dadas. Há amizade, companheirismo, espírito desportivo. E sim: acho que o tiro com arco é um desporto modelo em termos de igualdade de género.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

Bem, eu acho que é muito simples. Primeiro, descubram o desporto onde elas querem estar. As mulheres deveriam querer, e mais mulheres deveriam estar presentes. Embora, como eu disse, no nosso desporto haja igualdade de género. Na verdade, eu estive num conselho diretivo onde eu era a única mulher. Mas era só porque não havia outras mulheres, não por outros motivos. E eu fui ouvida, eu escutei, e não houve nenhum problema. Portanto, se houvesse mais mulheres no desporto ... Em todo caso, acrescentamos mais critérios. Os nossos critérios podem estar às vezes corretos, às vezes errados. Mas eles podem ser positivos. Por isso, incentivo as mulheres a entrarem em contato com o desporto. Para saber mais sobre o mundo do desporto, até para fazer algum desporto e saber mais sobre ele, e então ajudar na sua gestão.

# Asunción R. Loriente Pérez

Presidente
da Federação Espanhola de Remo

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

O papel do desporto na minha vida é tudo, porque a minha vida é o remo. Costumo dizer que nasci num clube de remo. É o desporto da minha família, é aquele que todos nós praticamos, com maior ou menor sorte, e ao qual todos nos dedicamos, desde o meu pai, o meu tio, os meus irmãos; Até eu própria comecei a remar, remei pouco, depois continuei como árbitra. E agora, como presidente.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

Acho que a primeira vez que entrei num barco a remos tinha provavelmente uns nove anos, algo assim, mas, como disse antes, a relação é desde o berço, sempre. O remo sempre foi respirado na minha casa, sempre cheirou a salitre, desde que nascemos.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

A representação feminina é essencial. É necessária. E, felizmente, está a melhorar. Temos cada vez mais mulheres em todas as áreas do desporto. Mas especialmente em cargos de gestão, de presidentes de clubes a federações regionais ou mesmo nacionais, que ainda são poucas. No que diz respeito às licenças desportivas, acredito que os (números de) homens e mulheres são mais equilibrados. Finalmente estamos a dar o salto e as mulheres estão a chegar aos cargos de chefia, aos poucos. O que, como disse antes, me parece fundamental, porque somos uma parte muito importante do desporto. E, logicamente, temos que ser uma parte importante nas decisões do desporto.

## Como Presidente participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Temos feito pequenas alterações na participação das convocatórias do campeonato espanhol. O que estamos a fazer é ... chamar igualmente homens e mulheres para as mesmas categorias. Tradicionalmente, devido à participação numa ou noutra, talvez não tenhamos convocado todas as modalidades da categoría feminina, principalmente nos campeonatos olímpicos de remo, porque tiveram pouca participação. Em alguns casos, decidimos convocar igualmente homens e mulheres. Sim, é verdade que temos uma resposta. Porque, no final das contas, se não se convocar numa modalidade, as atletas, em particular, decidem não fazer e preparar outra. E então está-se a abrir outra porta para elas, dando-lhes uma escolha. Para além disso, é algo muito simbólico, mas é algo importante que tínhamos que fazer. Como estamos na federação, já que sou presidente, numa das nossas regatas mais emblemáticas, que é a "oito com timoneiro", no campeonato espanhol, damos uma bandeira às mulheres. Tradicionalmente tem sido feito com homens, como é feito hoje nesta regata (que, bem, será feita amanhã no campeonato de drifters). No remo olímpico, na modalidade única, o único barco que leva bandeira na categoria absoluto é o "oito com timoneiro". Isso só tinha sido feito com os homens. Desde que sou presidente, isso também tem sido feito com as mulheres. Repito, não vai ..., não tem grandes implicações, mas é simbólico e é importante. Temos um comité de remo feminino na federação que é muito ativo. Este também está a fazer um ótimo trabalho.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Vice-Presidente?

As responsabilidades da direção ... é a gestão diária da federação, as

decisões do dia a dia. Elaboração de propostas que depois devem ser endossadas, aprovadas pelo órgão competente, ora na assembleia, ora na comissão delegada A direção está encarregada, portanto, de aprovar as sedes dos campeonatos espanhóis, o regulamento diário, as circulares diárias ... O trabalho diário é realizado pela direção. Sou presidente da federação desde fevereiro de 2018. Estou por cá há dois anos e meio, mais ou menos.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Presidente?

Os principais desafios ... Os desafios são todos igualmente importantes. O principal e o que temos proposto, logicamente, é crescer, é que o nosso desporto, que é um desporto minoritário, chegue a mais zonas do nosso país onde o remo não existe. Crescer a nível desportivo, não só a nível de licenciamento: que as/os nossas/os atletas cheguem melhor preparadas/as às seleções; que enfrentemos as regatas internacionais mais bem preparadas/os; que tenhamos algumas seleções, alguns processos seletivos justos e iguais para todas/os ... Mas, acima de tudo, o principal é crescer, através das diferentes especialidades. O remo tem muitas especialidades, e cada uma encaixa-se melhor numa área do território. Por isso, estamos a tentar levar o remo para áreas onde até agora não existe, talvez tenha existido há muito tempo, parou, ou nunca, nem tentaram. Então, esse é o nosso maior desafio. Dar uma resposta ao que o remo está pedir hoje.

## Qual é a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Não há igualdade, porque não há o mesmo número de homens e mulheres geralmente nas direções. Nas federações existem aquelas que podem ter mais ou menos. Tenho quatro mulheres na direção, mas o papel delas é fundamental, a visão delas, muitas vezes, é diferente, elas contribuem muito, eu ... As que tenho na minha direção contribuem com muitas ideias, colocam muito sentido, são muito dinâmicas e necessárias.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Acredito que o fundamental para alcançarmos a igualdade nas direções e é disso que estamos a falar, deve ser incentivado e ajudado para que as atletas não saiam do desporto na hora de saltar da categoria juvenil para o sub absoluto. categoria 2. 3. Que possam conciliar a vida desportiva com a escolar, com o resto da vida. Acho que o principal é o seguinte: se as mulheres puderem combinar, elas não precisam de escolher. E, se elas não precisarem escolher e continuarem no desporto, teremos diretrizes no futuro. Com certeza, bem preparadas e ainda interessadas, a não terem que abandonar o desporto porque tiveram que escolher.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Sim, acho que contribui, porque, bom, é mais um exemplo do que tem que ser absolutamente normal: que as mulheres estão em toda parte, por assim dizer. Tanto numa direção, como num treino nm clube, como a ser árbitra, como também eu o sou, por exemplo. A prova final é demonstrar saber andar para a frente, e não há melhor contribuição do que os factos. Sempre.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

O conselho principal para quem queira, para quem tem essa preocupação, essa aspiração: não hesite um momento. Tente e acontecerá. Se você tem um bom projeto, uma boa ideia, uma preparação e um interesse, você pode chegar lá, não importa se é mulher ou homem. Não nos devemos impedir de avançar. Sem dúvida. Não perca um minuto a duvidar. Porque não? Se eu quiser fazer, eu posso fazer. Tão só.

# Mariola Rus Rufino

Vice-Presidente
da Federação Espanhola de Rugby

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

Bem, o papel do desporto na minha vida é muito importante. É fundamental. Sou professora de educação física, o que significa que todas as manhãs me dedico a praticar desporto com meus alunos. E depois à tarde, dedico-me ao meu clube de Rugby e à federação, por isso é uma parte muito importante. Além disso, sou mãe de duas filhas muito desportistas. Por isso, também passo o dia levando e trazendo as meninas para treinar e assistir aos jogos, consequentemente, é uma parte muito importante da minha vida.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

Estudava em Madrid e jogava basquetebol. Joguei basquetebol de alto nível, na Liga 2. E de repente uma das minhas colegas do basquetebol disse-me: "Oh, Mariola com o bem que te moves, com a tua altura, porque é que não praticas Rugby?" E a Mariana, que era minha capitã, convenceu-me. E comecei a ir treinar com ela e apaixonei-me pelo desporto desde o primeiro momento. E aos poucos fui convencendo as minhas colegas de basquetebol e outra equipa de handebol que havia no INEF, lá em Madrid. E então formamos uma equipa lá na faculdade. E depois de alguns meses até federamos. E foi aí que a minha carreira começou: aos 19 anos comecei a jogar Rugby. Um pouco tarde, mas olha, mantive-me, desde os 19 anos até aos 51 anos, muito, muito ligada a este desporto.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

Pois bem, olha, no momento eu acredito que somos muito poucas mulheres dedicadas a representar o desporto e, sobretudo, o desporte feminino. Continuamos a ser governadas ou comandadas por homens dentro das federações. Todavia, não é só nas federações, mas também como treinadoras, preparadoras físicas, fisioterapeutas ... No momento atual, estamos ainda sob as ordens dos homens. Acredito que, pouco a pouco, isto irá mudar. Porque, enquanto houver mulheres como eu, que somos desportistas e que vivemos esta experiência, pois ... Quando te retiras do desporto como profissional, ou mesmo como amadora, podes sempre voltar ao desporto de uma outra forma, não é? Comecei como treinadora, depois fui presidente de um clube e agora na federação. Todavia, hoje somos muito poucas mulheres envolvidas na gestão esportiva. Sim, é necessário que o façamos, eh. Muito necessário.

## Como Vice-Presidente participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Faz pouco tempo que estou na direção da federação, mas acredito que, como jogadora, fiz muito mais pela igualdade de género no Rugby. Sempre. Quando passamos a ser uma seleção espanhola, no início não apostavam em nós na federação. Tivemos até que pedir-lhes, implorar-lhes que nos levassem à primeira Copa do Mundo, no País de Gales, em 91. E nessa altura, nem havia a seleção espanhola. Todavia, nós lutamos para ir à Copa do Mundo, e ficamos em sexto lugar, o que foi a melhor classificação como seleção espanhola. depois, claro, assim que começamos a ter triunfos, dali a dois anos fomos campeãs europeias ... Bem, começamos a ter bons resultados. Mas acho que, como jogadora, lutei mais pela igualdade. Hoje, por exemplo, as raparigas da seleção ganham o mesmo que os rapazes. Não é assim em todos os desportos, mas no rugby sim, porque acho que as jogadoras lutaram muito por isso. Lutamos para sermos levadas a campeonatos europeus, a seis nações, a campeonatos mundiais. E sempre fizemos o trabalho. E agora, como federação, luto para que esta igualdade continue, para que as raparigas tenham as melhores condições de treino, para que tenham as mesmas condições dos rapazes. E, felizmente, na nossa federação isto está a ser cumprido, está sendo feito. Nós agora temos o mesmo nível, claro, de compromisso como jogadoras; o mesmo nível de ferramentas para treinar, para viajar em boas condições, como os rapazes.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Vice-Presidente?

Estou na direção há apenas três anos. E, como vice-presidente, estou aqui há dez dias. Eu tenho muito pouco (tempo). Mas, bom, estou vinculada à federação andaluza e espanhola há muito tempo, não é? O que eu quero, isto é, o que me apetece fazer, o que eu acho que é extremamente importante que façamos ... A primeira coisa que vamos fazer é uma comissão de mulheres. Uma comissão feminina dentro da federação, e que sejamos nós a tomar as decisões sobre o que queremos para o Rugby feminino. Não é assim? Não vou trabalhar apenas para o Rugby feminino, mas também para o Rugby masculino e, principalmente, para o desenvolvimento, que acredito ser a base para termos um bom Rugby no futuro. Então, para mim o importante é criar esta comissão, tomar decisões dentro da federação e começar a trabalhar, primeiro para que as raparigas, do Rugby quinze, do Rugby sete, que tenham uns ... Elas têm objetivos olímpicos e mundiais super importantes. E, portanto, é trabalhar para o desenvolvimento. Para as raparigas que agora estão entre 15 e 16 anos, sendo que muitas abandonam o desporto, o nosso desporto e todo o desporto em geral ... Pois, para motivá-las a atingir o máximo rendimento, para que consigam chegar à categoria mais alta, não é? Para mim, isso é fundamental no meu trabalho como federada: o alto nível e o desenvolvimento.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Vice-Presidente?

Bem, desafios, pois ... O mais importante é fazer .... Entrar na federação com o pé direito para que sejamos credíveis. Não apenas eu, mas toda a minha comissão de mulheres. E que acreditemos que somos capazes de cumprir todos os objetivos a que nos propomos. Não são objetivos fáceis, porque, além disso, na situação em que nos encontramos, os orçamentos vão ser, vão ser menores. Todavia, acima de tudo, o mais importante para mim é que acreditem que somos capazes de gerir o desporto, tanto o feminino como o masculino. Todavia, acima de tudo, que somos capazes de o fazer. Para mim, é o maior objetivo que tenho agora.

## Qual é a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Bem, eu acho que a participação nas direções é muito pouca. Acho que as mulheres, depois de seremos atletas, envolvemo-nos com a questão do casal, da família, dos filhos, e saímos muitas vezes do desporto. E eu realmente acho que isso é um erro. Temos que continuar ligadas ao desporto. Porque, além disso, o desporto quase sempre nos dá muita satisfação, e eu acho bom retribuir essas satisfações de uma outra forma, certo? Por isso, incentivo todas as mulheres que depois de serem atletas, e ainda que sejam mães e outras coisas, que continuem a treinar, que sejam árbitras, treinadoras, delegadas ... porque acredito que qualquer mulher que esteja a jogar, gostaria de ter sempre outra mulher ao seu lado que a estivesse a ajudar, ou treinando, ou mesmo arbitrando, certo? Eu acho que tal é fundamental. Também acredito que somos muito nobres nas direções. Como no desporto, certo? Nós não tivemos referências ao nível da mulher na gestão desportiva. Eu sou uma das primeiras mulheres na federação espanhola como, bem, agora como vice-presidente. Já tivemos outras, mas somos poucas, não é? Aquelas que estiveram na direção. Acredito que, assim como não tivemos referências no desporto, também não as tivemos na gestão. Por isso, acredito que, daqui a dez anos, isso vai mudar: vão ter muito mais mulheres a dedicar à gestão do desporto, à arbitragem e ao treino, porque vão ter referências. Por exemplo, quando eu comecei a fazer desporto, eu não tinha sequer referências de mulheres que praticavam desporto. Aquelas que jogavam Rugby. Basquetebol sim, mas Rugby não. Agora, por exemplo, a minha filha de 12 anos é jogadora de Rubgy, e tem muitas mulheres para se motivar a continuar a jogar, certo? Portanto, isso também mudará a gestão desportiva. Amanhã haverá mais mulheres liderando equipas, clubes, federações, graças ao facto de outras já lá estarem, certo?

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Bem, eu acho que mesmo no momento atual, a discriminação positiva é necessária para as mulheres, para que tenham igualdade. Agora mesmo, por exemplo, das 35.000 fichas do rugby, apenas 5.200 são do sexo feminino, então ainda precisamos de mais bolsas, mais ajudas de todos os tipos para que haja mais raparigas a praticar este desporto, e mais mulheres. Tanto na escola, com ... Introduzir o desporto na escola é essencial para que aprendam sobre o Rugby. E na Universidade. Ou seja: dois pilares fundamentais para que haja mais mulheres a praticar desporto. Por exemplo, no Rugby, na federação, existe um programa chamado "entra no Rugby", e este ano mais de 27.000 raparigas aprenderam o que é a bola oval, a nossa bola e as regras fundamentais. Então, bom, pois... Isto, estes tipos de medidas devem continuar a ser feitas. E, que também ... Que haja mais mimo, não é? Mais .... Mais .... Eu não sei como ... Eu não sei como dizer ... Eh ... Tipo .... Oh, eu fiquei um pouco ... A questão de cuidar de nós mesmas, não é? Temos que cuidar mais das meninas. Quando temos 14, 15, 16 anos, as mulheres costumam abandonar os desportos. Mas não apenas o rugby, todos em geral. Mas o nosso, em particular, porque jogam misto, e muitas meninas retraem-se por estarem a jogar com os meninos que já estão muito velhos e muito fortes. Então, nós, as que estamos mais próximas, ou os meninos que estão perto e estão a jogar, temos que ter um cuidado especial com elas, um cuidado especial, para que elas não abandonem este desporto e cheguem à liga sénior. Então, acho que precisamos de muita ajuda para nossas meninas.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Vice-Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Sim, acho que vai contribuir de forma positiva para a igualdade. Porque, até agora, temos tido algumas mulheres na federação, mas sem ter, sem tomarem muitas decisões. E esta, desta vez, por exemplo, será a primeira vez que estarei no comité executivo tomando decisões, tanto ao nível do rugby masculino quanto do feminino, do desenvolvimento; todo o tipo de decisões. E também acredito que é importante que comecemos a estar nestas posições, para que amanhã tenhamos muito mais mulheres nas direções das federações ... e nos clubes. Que são tão importantes. E ... para que nós mesmas possamos gerir o desporto. Hoje em dia, as mulheres, somos dirigidas por homens. Temos treinadores homens, preparadores físicos homens, árbitros homens... e temos que mudar isto. Nós, mulheres, temos que nos envolver para chegar lá. Mas temos que dar o passo de querer. Porque é muito fácil acabar sendo atleta e depois desistir, portanto, é importante dar esse passo e formarem-se para serem gestoras desportivas.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

Bem, a única coisa que faria seria motivá-las. Eu as encorajaria 100% a continuar. Todos/as os/as atletas sentem imensa satisfação por serem atletas, certo? Ganhando e perdendo. Mas, acima de tudo, o mundo. Por exemplo, no rugby a equipa é muito importante, portanto ... eu continuo a ter uma relação boa com as minhas veteranas. Há dois fins de semana fui com todas elas andar de bicicleta. Isto nunca é esquecido. Ou seja, as meninas que jogam Rugby, e, enfim, os meninos também, sempre mantêm essa unidade como equipa. Bem, eu acho que tens que retribuir essa satisfação de alguma forma, certo? Eu acho que, se te sentiste, se tiveste a sorte de sentir isso, então deves fazer um pequeno esforço e parte de tua vida, alguns anos, não toda a tua vida, podes dedicar-te ao teu desporto. Essa é uma lei que temos no Rugby que é totalmente amador, então se recebeste, devolve de alguma forma. Não tens que estar na direção, o que pode ser vista como uma questão burocrática que entedia algumas, não é? Mas podes ser delegada, treinadora .... Qualquer coisa, certo? E podes ajudar no teu desporto. Eu acho que é importante.

## Susana Santos Menéndez

Vice-Presidente
da Real Federação Espanhola
de Baseball e Softbol

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

Bem, eu acho que estive envolvida com o desporto toda a minha vida, não é? Não como a maioria das crianças hoje em dia, que são absolutamente sedentárias. Não tínhamos internet, então costumávamos passar o nosso tempo ... mmm ... nadando, jogando ténis com os nossos amigos, etc., etc. Mas, desde o início dos anos oitenta, quando entrei no mundo do baseball, o desporto é mais da metade da minha vida. Tenho um emprego a tempo parcial e dedico o resto do meu tempo a trabalhar na Federação das Astúrias, a trabalhar para a federação espanhola; Sou dedicada aos meus marcadores, já que sou a presidente do National College of Baseball and Softball Scorers, sou uma marcadora internacional ... Quer dizer, metade da minha vida, para não dizer quase toda a minha vida.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

Acho que foi no início dos anos 80, por volta dos 19 anos ... Não sei exatamente se em 81 ou 82. Foi por mero acaso que conheci os dirigentes do clube juvenil de baseball de Gijón, e eles convenceram-me a tentar jogar. No nosso desporto (na verdade, são dois desportos, cobrimos o baseball e o softball), não temos baseball feminino, então, como meninas, temos que jogar softball. Então, ele persuadiram-me a ... tentar jogar o softball. E depois comecei os meus cursos de formação para ser instrutora, os cursos para ser marcadora... até agora.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

Bem, acho que ainda há muito o que fazer. A verdade é que a federação espanhola tem um presidente que conhece bem a questão da igualdade. Mmm ... Desde os meus primeiros estágios, quero dizer, o progresso tem sido impressionante. Quer dizer, isto era um desporto para homens, e a representação feminina ... Bom, havia jogadoras de softball, mas, representantes, dentro das direções desportivas ... Nada mesmo. Hoje existe um equilíbrio de género: somos três mulheres e três homens além da presidente. E, a meu ver .... Embora ... quero dizer, o que mais me preocupa, quero dizer, é que seria ... quero que a paridade de género seja verdadeira, não apenas para preencher uma quota obrigatória. Por isso, se for apenas para preencher uma quota, podemos tornar-nos diretoras-troféu, como eu disse. Nestes termos, sou uma guerreira. Quer dizer, não me elegí vice-presidente da federação espanhola apenas para me exibir. Não! Falei sobre isso com o Presidente e com o Secretário-geral, porque a certa altura tive que lhes dizer: «OK, sou a Vice-presidente da Federação Espanhola. Quando temos de representar a federação espanhola, por exemplo, num Campeonato da Europa, seniores... Quem vai lá? O Diretor Técnico, o Secretário-Geral, o Presidente ... », eu disse, eu não dei sequer a hipótese Susana " como Vice-presidente, quer ir ao Campeonato da Europa como representante da Federação Espanhola?", " Não!". Nesse momento, eles, sem qualquer problema ou conflito disseram-me: «Tens toda a razão». Mas é assim. Quer dizer ... E eu pessoalmente não aguento isto. Ou seja, ser um «arranjo floral», como dizemos nas Astúrias ... Não! Quer dizer, conseguir uma posição apenas para ser um «pequeno troféu», como dizemos nas Astúrias... Não!

## Como Vice-Presidente participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Faço parte da comissão .... Vamos ver se digo bem ... Porque antes se chamava "mulher e desporto" e agora acho que se chama "mulher e igualdade" ... Da comissão "mulher e igualdade" da federação espanhola, onde todas as posições estão representadas. Ou seja: dirigentes, jogadoras, treinadoras e juízas, no meu caso, marcadoras, certo? Acho que esta comissão foi criada em 2019 .... Desculpe, em 2009. Uh ... A ... A federação: Eu acho que deve estar muito ciente deste assunto. E as políticas de igualdade, repito, acho que são úteis, se são reais, se são reais .... Então, bem... Bem, na federação espanhola, trabalhamos para dar às mulheres a maior visibilidade possível. Às mulheres, quero dizer, selecionadoras, juízas ... Em todos os níveis.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Vice-Presidente?

Como vice-presidente da federação espanhola, é a última desde ... Ou seja, a última legislatura completa, ou seja: estamos em ano de eleições, já que sou vice-presidente desde 2016. Antes eu fazia parte (ainda faço parte) da assembléia, e fazia parte da comissão delegada da nomeação de juízes/as (isto é: juízes/as oficiais, árbitros/as e marcadores/as no baseball, certo?). Eh ... As responsabilidades, ou o trabalho da direção é, eu acho, de qualquer federação, ou seja, a questão da regulação do desporto, a questão económica e a questão da formação. É o que... é o que trabalhamos na federação espanhola, a direção é o que faz. Depois, as propostas devem ser aprovadas, ou não, pela comissão delegada e, noutros casos, pela assembleia. Mas a federação é na sua essência uma questão económica, desportiva e de formação técnica.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Vice-Presidente?

Sem dúvida, o maior desafio que temos é aumentar o número de licenças tanto para as jogadoras .... Estou sempre a falar em mulheres, uh ... Tanto jogadoras, treinadoras, juízas ... Porque, por exemplo, no softball, existem licenças de jogadoras, em grande número; nunca comparável com as que são masculinas, isto claro, é por isto que queremos tentar aumentar .... Árbitras ... quer dizer, o que pode ser 90 a 10? Árbitras, poucas, até ... Mesmo sendo o softball um desporto feminino. Porque, por exemplo, na Europa, ou seja, na Europa e internacionalmente, certo? Quando as equipas participantes são mulheres, sim, há árbitras, ok? Mas, no nosso caso, menos, então isto para mim é o maior desafio. Noutras palavras: aumentar o número de licenças das, das jogadoras, das juízas. Por exemplo, no caso da marcação, no caso das juízas de marcação, somos mais mulheres do que homens; não num número exagerado também, mas somos mais mulheres. E, para mim, esse é o maior desafio. Além disso, a um outro nível, tornar-nos conhecidas nos média. Quero dizer, ao nível nacional, o baseball só aparece na televisão se houver uma luta tremenda nos Estados Unidos porque aconteceu alguma coisa, escândalos de qualquer tipo ... Ou seja, o que nós na federação estamos fazendo é a promover transmissões em streaming do desporto, redes sociais, tornar-nos mais visíveis nos média.

Acho que estes dois problemas são a coisa mais difícil que temos agora.

## Qual é a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Como já disse antes, acho que melhorou muito, ou seja, acho que os avanços estão a ser feitos, mas avanços importantes. E se eu penso que há igualdade? Não. Não. Vamos a ver ... No outro dia ... Bem, eu disse no outro dia: há um tempo houve uma reunião das federações com o Secretário-Geral do Desporto. Havia ... não sei, 50 federações representadas? Só três mulheres. Quer dizer ... É uma pena, mas é assim que as coisas são. Acho que arrastamos, arrastamos um fardo histórico ou tradicional, não sei como vou chamar a isto ... E temos que nos livrar disto, porque é ... é ... Quem diz que existe igualdade, pelo menos que eu saiba ... Parece-me que ainda não, hein? Parece-me que ainda não.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Vejamos ... considero fundamental que haja legislação ou leis de conciliação. É impossível para mim pensar em conciliar trabalho, família e ser presidente de uma federação. É que eu acho ....Nos días de hoje, me parece impossível pensar ... O mesmo acontece com as atletas: parece impossível que elas consigam conciliar trabalho, ou estudos, ou provas competitivas .... Eu quer, dizer, você sempre tem que deixar o desporto de lado porque há outras coisas a fazer. Então, me parece fundamental ... alguma coisa, uma lei, uma legislação; algo que favoreça a conciliação para que possamos nos desenvolver e exercitar, pois, como seria o correto.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Vice-Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Bem, eu acho que sim, porque ... Se as mulheres virem que há mulheres que ocupam cargos que antes eram exclusivamente reservados aos homens, eu entendo que nos tornamos mais visivéis e, bom, é bom, não é? Para ... Para se ser capaz de alcançar a igualdade. Falta muito para o conseguir? Claro que sim. Que não há igualdade? Também. Todavia, entendo que é um passo para o conseguir.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

Bem, vamos a ver ... Eu entendo que a melhor carta de apresentação é um trabalho bem feito. Que tenha frutos ou não tenha frutos ... Pra mim, poder dizer: aqui está, senhores, o que eu faço. Bem. Eu diria às mulheres, obviamente, para se fazerem ouvir e para nunca se renderem. E que lutem, guerreiem para realizar seus sonhos.

# África Álvarez López

Membro da Direção
da Federação Espanhola de Surf

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

O desporto faz parte da minha vida a 100%, porque vivo do e para o desporto. Pratico desporto, sou mãe de três atletas, estive ligada ao desporto toda a minha vida, e , neste momento, exerço cargos de direção no âmbito do desporto nacional.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

A minha relação com o surf começou quando tinha 10 anos, na praia de San Vicente de la Barquera, quando comecei a surfar e comecei a descobrir este desporto que me tem preenchido. Desde então, eu fazia parte como atleta. Depois, entrei em contacto com o campo federativo em Santander. Além disso, de uma forma muito especial, com o Javier Vila de Savenelle e com o Carlos, o actual presidente da federação espanhola, porque num Congresso que realizámos no Palácio Magdalena do Conselho Superior do Desporto, acabamos por nos encontrar: eu ia com o projeto "graus de evolução desportiva", e foi aí que nos conhecemos e começamos a trabalhar juntos.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

Bem, eu acho que, aos poucos, a mulher vai ocupando o cargo de direção. Até agora tem sido, de verdade, muito complicado. E é verdade que todas as ações que estão sendo levadas a cabo, pois, no final são destinadas a permitir que tenhamos uma abertura nas direções. Acho que há muito trabalho por fazer. Não sei se é inteiramente um trabalho que é necessário pela falta de vontade por parte da entidade diretiva da federação nacional; acho que também é um acumular de circunstâncias. Mas acredito que agora estamos no caminho certo e, aos poucos, espero que haja mais (mulheres) presidentes de federações.

## Como membro da direção participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Nós, da federação espanhola de surf, sempre trabalhamos de forma normalizada pela igualdade. Somos uma federação que trabalha igualmente no âmbito global, no âmbito feminino e masculino. Temos um volume de licenças igual entre o masculino e o feminino, não precisamos de fazer grandes ações pontuais para corrigir algo que não está bem feito; estamos a fazer um grande trabalho. E, ao mesmo tempo, colaboramos com todos os projetos desportivos femininos, com todos os projetos patrocinados pelo Conselho Superior de Desporto que visam também reforçar essas ações no campo feminino. O trabalho está a ser muito bem feito, também estão a ser desenvolvidas ações específicas, que vão sobretudo dar visibilidade às desportistas, à surfista, neste caso,

espanhola. Além disso, várias ações têm vindo a ser realizadas, sobretudo , no âmbito dos meios de comunicação, para lhe dar a difusão correta. E acho que não precisamos, por assim dizer, de políticas específicas para corrigir algo, porque estamos a fazê-lo bem nesse aspeto.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Vice-Presidente?

Bem, estou no cargo há aproximadamente 2 anos, 2 anos e meio, 3, no cargo da direção. Mas veja o que falávamos na pergunta anterior: o presidente da federação espanhola de surf, o Carlos, que é uma pessoa louvável, um grande profissional ... Eu, sem estar na direção, estando em outros cargos, sempre contou ... Ou seja, para ele, contar com o marco feminino-masculino global e com a pluralidade absoluta de perspetivas de todos é sempre super importante. O que eu faço na direção agora é, como o resto dos meus colegas, não tenho um papel especial: vamos todos ao mesmo na mesma equipa, apoiamos os principais objetivos da federação espanhola, liderada pelo seu presidente. O que fazemos é acompanhar, aprovar, participar na direção, dos planeamentos, calendários e com a estratégia de implementação das nossas especialidades, que é o objetivo prioritário. Acima de tudo. 100% focalizado no objetivo desportivo, não é? Nos resultados, o surf é uma disciplina em crescimento, em termos desportivos.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de membro da direção?

Bem, estou no cargo há aproximadamente 2 anos, 2 anos e meio, 3, no cargo da direção. Mas veja o que falávamos na pergunta anterior: o presidente da federação espanhola de surf, o Carlos, que é uma pessoa louvável, um grande profissional ... Eu, sem estar na direção, estando em outros cargos, sempre contou ... Ou seja, para ele, contar com o marco feminino-masculino global e com a pluralidade absoluta de perspetivas de todos é sempre super importante. O que eu faço na direção agora é, como o resto dos meus colegas, não tenho um papel especial: vamos todos ao mesmo na mesma equipa, apoiamos os principais objetivos da federação espanhola, liderada pelo seu presidente. O que fazemos é acompanhar, aprovar, participar na direção, dos planeamentos, calendários e com a estratégia de implementação das nossas especialidades, que é o objetivo prioritário. Acima de tudo. 100% focalizado no objetivo desportivo, não é? Nos resultados, o surf é uma disciplina em crescimento, em termos desportivos.

## Qual é a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Bem ... vamos a ver ... Talvez não haja literalmente igualdade porque não estamos a 50%. O que não posso dizer é que tenha visto, pessoalmente, uma situação de desigualdade. Porque estou no desporto federado há muitíssimos anos, e levo muitos anos e muitos níveis como atleta, como treinadora nacional, como presidente regional e como diretora nacional. E não vi desigualdade pelo fato de ser mulher. Talvez seja verdade que existam direções espanholas que podem ter muitos homens e a que devemos dar atenção, porque tem que haver participação feminina. Mas eu entendo que são mais as circunstâncias da rotina do que o colocarem um veto nas mulheres. Agora, eu entendo que ainda há um caminho importante a percorrer e que as mulheres têm que ter mais, uh, mais visibilidade, mais responsabilidade. Porque realmente a têm, mas não na linha de frente.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Pois bem, vejam, a principal política é o bom senso. Exigir, como está sendo exigido, que para se chegar a certos fundos públicos para promover a igualdade seja necessário ter uma percentagem específica de mulheres nas direções ... Bem, pode ser uma alternativa. Considero que a primeira coisa que deve prevalecer é a capacidade de dirigir e o conhecimento absoluto da disciplina que vai dirigir. E então, é claro, se houver essa igualdade entre homens e mulheres, melhor. O que se pode fazer? Bem, continuar a exigir. Diria também que, para obter uma bolsa nominativa do Conselho Superior dos Desportos, temos que ir nessa direção, premiando federações que dão visibilidade a cargos de gestão, com mulheres. E levando em conta, também, que .... É importante notar que, para chegar a um cargo de direção, às vezes as mulheres têm que trabalhar três vezes mais que os homens. E isso é muito triste. Porque tens que o provar. Portanto, isto agora já se está a desaparecer. Admito que sou jovem, tenho 41 anos, mas já o vi, agora já não é tão necessário, e também todos nós sabemos que o valor e a capacidade de uma pessoa e de um profissional, não é uma questão de género, é uma questão de preparação. Mas sim, aquela janelinha da Federação "se você tem que optar, ou quer optar por este projeto, lembra-te que, se você não seguires esta linha de igualdade, não optas". Acredito que a solução está nesta linha de políticas. E, portanto, para dar o exemplo. Temos de dar o exemplo: se o que queremos por parte de certos órgãos estatais é que haja igualdade, tem de haver igualdade em todas as plataformas. Em todas as bases: de baixo para cima.

## Em que medida acha que ser membro da direção contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Eu acho que isso contribui. Acho que contribui, porque ... Bom, no final ... todos nos guiamos, como eu digo, pela igualdade. Somos reprodutores do que vemos. Quando tu vês uma mulher numa uma posição de direção, dizes, como mulher, dizes: "Eu posso escolher isto." É um exemplo, porque no final te mostra uma imagem de que é possível. Sou mãe de uma grande família. Se eu estou num cargo de chefia, tenho três filhos, estou a projetar uma imagem que diz a uma outra mulher: "e por que não?" E sai desses clichês. Porque o que tenho enfrentando no âmbito da direção espanhola tem sido à custa do meu próprio sofrimento pessoal, que eu, como mulher, tive que superar quando tive que viajar para Madrid todas as semanas, ida e volta, e deixar os filhos e continuar a lutar. Porque é uma condição genética que a mulher tem, que o homem não tem, não é? Isto, nós somos, somos nós que os temos. Acho que tem mais a ver com as pessoas se livrarem desses clichês. E, claro, as mulheres, que ocupamos cargos de direção e que conciliamos o trabalho e a vida familiar, com tudo o que isso implica, damos visibilidade ao nosso trabalho. E digamos que não és uma má mãe se estiveres a trabalhar; não entraste por seres mulher e não estás numa direção porque és mulher ou porque uma determinada entidade o exigiu para obteres um subsídio. Não, está aí porque és mulher, porque o mereces e porque tens capacidade profissional para exercer este cargo. Portanto, que eu, como mulher, esteja nesta direção, isso promove a igualdade? Claro que sim. Claro que a incentiva. E acho que a minha federação é responsável neste sentido e trabalha para que tal aconteça. Na verdade, como eu te disse, na Federação Espanhola de Surf, atletas homens, atletas mulheres, andamos de mãos dadas; treinadoras, treinadores, aquí talvez haja mais, há um pouco mais de desequilíbrio. Mas, em geral, existe igualdade. E sim, estamos a trabalhar para essa igualdade. Acho que é super importante, sim.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

Que sejam fortes, tenazes, resistentes e estratégicas. Realmente não acredito ... E repito, porque quero enviar uma mensagem de absoluto respeito aos meus companheiros presidentes e dirigentes do desporto espanhol. Eu já mais notei uma barreira por ser mulher ... Eu. Talvez outros sim, por isso é que estamos a fazer o que estamos a fazer: justamente para que onde exista (discriminação) desapareça imediatamente. Como mulher, têm que ser fortes, porque a mulher vai chegar em um momento da vida dela, provavelmente 70% das mulheres, que vai ter que lidar com aquela parte feminina da família; e tens que ser forte. Porque isso vai .... Carregamos isso no nosso DNA, e há um momento em que é muito difícil te separares dos teus. E para trabalhar e estar 100% no comando, tens que estar 100%. Porque tens que ser profissional, e ser profissional não depende de ser homem ou mulher. Tens que estar às horas que tens que estar. E, portanto, tens que ser estratégica, porque nos casos em que vês barreiras, tens que estudar a longo prazo como podes superá-las. Mas quero deixar um recado: para mim o mais importante é que a mulher entenda que, se quiser, é possível trabalhar e persistir; mas tem que se ser muito lutadora e muito constante. E há que lutar muito, justamente para que te respeitem e vejam em ti a força, e que ninguém te tente derrubar-te por seres mulher.

# Diana Box Alonso

Vice-Presidente
da Federação Espanhola de Handebol

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

Bem, eu definiria como ... Tudo, eu acho .... Do meu ponto de vista, sou uma daquelas pessoas que acho que tive o grande privilégio de fazer o que gosto e, neste caso, através do desporto, certo? Acho que o desporto deu-me tudo o que sou na minha vida. Comecei muito pequena e descobri muito que através deste desporto (no caso, o handebol, embora eu goste de todos os desportos), eu poderia abrir, ou poderia adoptar um estilo de vida, certo? que foi o que eu gostei, certo? Então, eh ... pude ver que através de um desporto coletivo numa equipa, aprendes a ser tolerante, aprendes a partilhar, aprendes a ter aquela empatia necessária para atingir objetivos ... Quer dizer, um número de circunstâncias, ou experiências ou valores que também me serviram ao longo da minha vida e me continuam a servir, certo? Então, o handebol abriu-me fronteiras. Eu descobri uma infinidade de pessoas maravilhosas por causa disso ... por causa deste desporto que me fez viajar, ou movimentar-me entre diferentes equipas; acreditar na cultura do esforço, nesta disciplina, nesta constância. E, no final das contas, também te leva a compreender que a vida é mais simples, não é? digo-te que, para mim, o desporto é tudo; só isso: continuo a trabalhar no desporte, continuo envolvida com o desporto e acredito no desporto. É por isso que continuo a trabalhar, ... como te disse, e não vou deixar de o fazer. Porque, como te disse, para mim é uma forma de vida. E eu entendo que é uma ferramenta, além disso, que tem um potencial extraordinário para os mais pequenos, para os mais velhos; para todos. Então, como te disse, o resumo seria um pouquinho que o desporto na minha vida é ... É um todo.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

Bem, bem ... eu acho que como muitos meninos e meninas, certo? No Colégio, aos 10 anos eu já ... sempre fui uma pessoa que gostou de todos os desportos, quer dizer: eu, a minha memória de criança sempre foi com ... com uma raquete, com uma bola, fazendo algum desporto, certo? Mas, a sério, foi na escola, eu acho que temos de dar valor àquelas pessoas que acreditam em nós, não é?Além de quem dá as aulas da matéria, não é? De quem tenta captar a atenção das crianças através de diferentes disciplinas. Nesse caso, foi ... eu joguei basquetebol. Olha, é engraçado, eu costumava jogar basquetebol na escola, quando tinha 10, 10 anos. Mas chegou uma (nova) professora que era de Águilas e era amante de handebol, certo? Nisto, ao terminar as aulas, disse-me: "vamos fazer uma equipa de handebol". E, além disso, deu um papel de destaque ao desporto feminino. Que, como todos sabem, estamos a melhorar, mas naquela época (que já estou com 49 anos), porque obviamente não estava tanto em ascensão e não era tão protegida, ou pelo menos não com tanta visibilidade como agora. Ela disse-nos se queríamos formar uma equipa e tentamos. E acho que não estou a mentir se disse que desde o primeiro dia que experimentei o handebol pecebi: "Este é o meu desporto. Tem tudo: é dinâmico, é intenso, é o contato ...". Eu considero-me uma pessoa com caráter, certo? Quer dizer: não sou agressiva, mas com caráter. E o handebol, a verdade é que me permitiu desenvolver, eu acho, as qualidades que eu tinha, bem ao máximo. E a partir daí eu comecei. E continuei, e continuei, até ... Bem, infelizmente, com 14-15 anos aqui não tínhamos mais a opção de continuar porque não havia equipas femininas. Mas não me detive, procuramos uma equipa em Alicante, vou três dias por semana, algumas colegas e eu, por esse amor ao desporto. E, lá, uma equipa de Valência chamou-me: Amadeo Tortajada, que estava na devisão de honra. E, bom, foi aí que começou a minha carreira e o que há mais nas elites é uma formação a nível profissional, certo? Mas, eu eu digo-te que o começo foi na escola. E também, é por isso que agora ... num dos cargos que eu exerço, que é de conselheira de desporto, defendo tanto a importância de trabalhar com crianças pequenas. Eu acho que elas são os principais centros de captação, e é onde a administração tem mesmo que fazer este investimento, não é? Porque

daí virão esses pequeninos que podem ter esses valores e essa forma, ou ese carácter, ou características, ao pensar, ao agir; qual será a sociedade que queremos ter em Torrevieja, certo? Então, eu defendo com unhas e dentes esta ... esta iniciação; e, claro, todo o resto. Mas estou a dizer, na escola. E tenho ótimas lembranças de todas as pessoas que me ensinaram. E também estou muito grata.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

Bem, tento sempre ser positiva e não gosto de olhar para trás, não é assim? Eu acredito que .... Temos que pensar no presente, no que podemos fazer, e no futuro, para melhorar, não é? O que é evidente é que não estamos na situação de há 10 anos atrás. Fico muito feliz quando vejo mulheres em cargos importantes, em federações, em clubes, presidentes ... Quer dizer, parece-me ... é o que me parece normal. Eu penso que sou um pouco das pessoas que têm a perspectiva que ... não vejo a diferença, e nunca vi, não é? Por isso, eu acho importante que as mulheres assumam cada vez mais estes cargos, porque temos muito que dizer. Mas não entremos na dinâmica ou na perspectiva de que porque somos melhores, ou .... Pelo contrário, simplesmente porque contribuímos, talvez, com uma visão que, a partir da nossa experiência, ou por x motivos, também soma e é boa. Portanto, acho que devemos dar os parabéns a todas as mulheres que se apresentam. Temos que dar os parabéns e continuar a encorajar todas as pessoas que dão a oportunidade. E, no final, temos que tentar normalizar esta situação. Quer dizer, que uma mulher tenha a possibilidade de estar à frente de uma federação, à frente de direções deportivas, à frente de clubes... qur dizer, não tem que... O que temos que tentar, com o tempo, que não seja uma noticia, seja normal. Mas, digo-te que eu sou... eu tento ver, eu já te disse, positivismo, ... evolução, e não ficar ancorada no que não foi feito. Por isso ... é continuar a incentivar todas estas mulheres, que yêm capacidades, como qualquer outra

pessoa. E ... insisto: temos muitas coisas a dar, porque talvez tenhamos uma visão que durante muitos anos e, é verdade, não nos foi permitido dar conta. Mas agora, muitas vezes, é simplesmente escutar o que alguém viveu e a maneira como o viveu. E eu acredito que tal enriquece todo o ambiente, por isso ... estou felicissima, e ... E continuo a incentivar ... que assumam estas posições.

## Como Vice-Presidente participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Claro que participei. E aqui vou fazer um pequeno ponto à parte, porque acho que é importante. Como te respondi antes, o aparecimento de mulheres em cargos nas federações é cada vez mais ... É ... Bom, estamos vendo muito mais ... Eu acredito que a importância dessas pessoas ... Neste caso, pois tenho a grande sorte de ter um presidente como Francisco Blázquez, que mais uma vez concorda comigo; quer dizer, depende das pessoas. Paco Blázquez, uma pessoa, desde ... Desde que ele entrou na federação ele deixou muito claro que éramos todos iguais. Se algo precisava ser melhorado, era a situação do handebol feminino. Mas não melhorar porque não tínhamos nível, ou não melhorar porque as mulheres não vão atingir os objetivos, mas para melhorar a igualdade. Quando me falas sobre políticas de igualdade, eu dir-te-ia, e vivi isso na minha pele, e é a minha experiência e a de muitas das minhas colegas, porque estar na selecção nacional e não ter os mesmos salários que os rapazes. Quer dizer, essa é uma diferença que acredito que já discrimina muito. Porque o esforço é o mesmo, o trabalho é o mesmo, o tempo é o mesmo ... Com o que, mais uma vez, não percebo a diferença. E aqui tivemos um presidente que, desde o primeiro dia (e, aliás, é aquele em que eu estive na sua direção e que aceitou aquela proposta), aposta na igualdade. Desde o primeiro dia, logo

após entrar o que fez foi igualar os salários dos jogadores e das jogadoras. O tratamento dos jogadores e das jogadoras é igual. Os hotéis são iguais, têm os mesmos equipamentos, obviamente com as suas diferenças, homens e mulheres. E tantas outras coisas que estamos fazendo, apostando na seriedade em melhorar os contratos destas jogadoras; os rapazes têm seu próprio convénio. Continuamos a trabalhar para melhorar. Ou seja, estamos constantemente a ver as necessidades. E posso garantir que esta política de igualdade, desde que está este presidente, já que esta direção tem trabalhado nesse sentido, está em cima da mesa em qualquer planeamento que fazemos, porque não podemos alcançá-la (a igualdade) de outra forma. Não é uma aposta temporária, não é uma exposição para a galeria para ficar bem, de jeito nenhum. Na verdade, ele acaba de ser eleito novamente, com uma maioria muito importante de apoio do handebol em todos os níveis, para ficar mais quatro anos. São três legislaturas. É muito importante: não é por acaso; e a sua política é a mesma. E no dia em que estivemos ali, na sua eleição, as suas palavras foram orientadas para o desporto, para o andebol feminino. Não quer dizer que deixemos de lado o masculino; De forma alguma. todos os nossos jogadores, homens e mulheres, são iguais aos nossos olhos. Todavia, somos muito conscientes, e temos sido durante estes oito anos, que tínhamos que dar, ou valorizar, o handebol feminino, dar às mulheres o seu lugar; e que, claro, é uma federação que está comprometida com a igualdade absoluta. Então, posso dizer que sim, trabalhei de mãos dadas com o meu presidente, com a minhadireção e que não vamos parar de fazer isto.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Vice-Presidente?

Bem, já cá estou há oito anos. E agora, neste novo mandato que o meu presidente começa agora, bom eu já lhe disse que estou à sua disposição, obviamente com menos tempo que antes, e ele é que vai decidir, não é verdade? E mesmo se ele não estivesse cá, eu ainda trabalharia com ele em tudo o que ele me pedisse para fazer, certo? No fundo, e acima de tudo, a minha participação ... Quer dizer, o Paco é um presidente que trabalha muito com a sua direção. Ou seja, não é um presidente que toma decisões independentes ou sem consultar. Tem colocado, tem gente, obviamente de todos os níveis, presidentes de federações, ex-jogadoras ... Somos cinco mulheres no ... Ou fomos cinco mulheres na direção. Então, o meu papel, principalmente, tem sido a conexão na área do handebol feminino e a relação com as associações, não é? Infelizmente, faz uns ... há poucas semanas tivemos a infeliz notícia do falecimento do Claudio Gómez , dirigente da associação de jogadores com quem ... bom, tive uma relação muito especial, e com quem temos trabalhado, não é? E na mesma linha, certo? Na luta pela defesa dos direitos dos jogadores de handebol. Então, meu trabalho, basicamente, ou minha participação, é acima de tudo isso. Mas também te digo que, com o Paco é alargado, ele consulta todos nós, trabalhamos nos calendários, nas melhorias, nos contratos, nas propostas, coisa a que ... a que a gente dedica muito tempo, ele é um presidente que te abre um leque de possibilidades e te escuta. Gosto de pessoas que ouvem e se enriquecem com o que os outros lhes dizem. Mas, digo-te que criamos na época, no início, uma direção de handebol feminino. Não havia uma associação de clube. Eu entendo que existe um determinado setor que pode entender que é necessário. Tenho visto que somos capazes, quando nos sentamos a uma mesa a todos os níveis, mas, mesmo com vontade, todos com vontade, deixando um pouco de lado os interesses particulares e procurando o aperfeiçoamento do andebol feminino, é possível, certo? E é nessa linha que temos trabalhado. A Ángel Sandoval, que na época participava do campeonato, agora está ausente, foi uma das pessoas que mais se destacaram naquela direção de handebol;

uma pessoa muito conhecedora do handebol feminino: uma treinadora que tive o prazer de ter quinze anos. E digo-vos ... Quer dizer, em todo esse trabalho, em toda essa procura de boas vontades, encontramos uma direção de andebol que sempre trabalhou para melhorar. Não é fácil, colocar de acordo clubes, jogadoras, árbitros... Quer dizer: todos estes elementos que compõem esta grande família do handebol. E nós tivemos sucesso. E, até hoje, digo-vos que todas as vezes que há uma proposta, ela é recebida, todo o mundo a analisa ... É algo que é muito difícil de conseguir e que, no final, parece normal, estamos a converter isto em algo normal, em que as pessoas deixam de lado essas particularidades, não é? Ou seja, não podemos evitar que a visão particular de um clube, ou das próprias jogadoras, ou dos próprios jogadores, às vezes apareça, certo? Chegamos a um ponto em que acredito que todos estamos a ser suficientemente generosos porque sabemos que o mais importante, se queremos que o nosso desporto melhore, é a generosidade e (a defesa de) um ponto de vista que convenha a todos; em algum momento, nem tudo o que gostariamos ... Mas eu digo-te que eu sempre parto disto ... daí ... dessa atitude de generosidade. Então, o trabalho com o handebol feminino na direção ... Sim, e é verdade que, também pelo meu trabalho, o handebol está agora nesta fase. E, nos anos anteriores, bom, não consegui participar e estar em todas as reuniões e o Paco sabe disso; Mas isso não quer dizer que não tenha trabalhado e não tenha estado muito em contato com o presidente e com tudo o que se ia falando. Por isso, te digo, um pouco orientado para melhorar o handebol e trabalhar para as atletas.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Vice-Presidente?

Bem ... Eu diria que ... Encontrar esse ponto inicial, não é? Isto porque saimos de um handebol ... um pouco fraturado, não é? Com interesses diferentes. E isso foi um desafio: fazer com que todos esses elementos fossem ouvidos foi muito importante, certo? E então o grande desafio logo a seguir foi a melhoria das condições de trabalho das jogadoras. Pertenço a uma geração que, infelizmente, praticamente não sabe o que é ter contrato, como exemplo ... Eu, em particular, diria que sempre tive ... Tive preocupações com isto. Quer dizer: acho que encontrei pessoas que sempre me ensinaram que isso iria acabar em algum momento, e que eu tinha que pensar no futuro, certo? E assim foi. Já tentei estar em clubes que talvez financeiramente me tenham oferecido menos, mas que garantiram esse contrato, certo? E, até hoje, tenho uma vida profissional valorizada pelo handebol. Mas isso não tem sido o normal. Lembro-me que, em 2013, quando entramos nesta direção, a percentagem de contratações ao nível nacional no handebol era mínima. Isso não era importante. Outras coisas eram importantes, não eram? Mas não era importante. Para mim é fundamental: a estabilidade de uma jogadora, jogadoras e colegas que passaram 20, 25 anos dedicar-se a isto, a um alto nível ... Não estou a falar apenas em estar na divisão de honra, mas na seleção nacional, olimpíadas, europeus, mundo ... Isso significa uma vida de exigência, uma vida de dedicação e, obviamente, uma vida de consequências. Porque o handebol é um desporto duro, é um desporte que muitas vezes (como muitos outros, mas nos concentramos no handebol) deixa lesões para o resto da vida; que, talvez, às vezes com 45 anos, tem-se um joelho que corresponde a uma pessoa de 80, não é? Todas as coisas às quais não foi dada importância estão agora em cima da mesa. Temos vindo a melhorar ano após ano: a cada assembleia vamos conseguindo aumentar o número de contratos. Também sabemos que saímos de uma crise onde não podemos cobrar, até certo ponto, porque os clubes também têm uma situação complicada; mas deixamos claro qual era o caminho. A partir de hoje ... Na última reunião foi aprovado um aumento nos contratos full-time do grupo A e também nos contratos do grupo B. Ou seja, aos poucos, esse entendimento é difícil. É o que eu disse antes, certo? Ou seja: o correto seria

que todas os jogadores fossem contratadas; bem, temos que avançar um pouco conforme a presente situação. Mas também temos uma federação que ... que não se afasta; Ou, não só luta para entender estas propostas, aceitá-las e fazer com que sejam aprovadas, mas também colabora. São ... Estamos a colaborar com os clubes da divisão de honra através do patrocínio da Iberdrola, destinando uma parte desse dinheiro aos clubes que têm jogadoras contratadas; colaborar com um valor proporcional ao número de contratadas para assumir aquela previdência social. Ou seja: temos muito claro que o objetivo é chegar a 100% das jogadoras contratadas; condições dignas, onde as jogadoras se possam dedicar exclusivamente ao handebol; e que elas têm acerteza a federação não vai mudar o seu roteiro. E esse é o nosso grande desafio, certo? Não gosto de me comparar com outros países. Sei que muitas vezes ouvimos falar do handebol francês, handebol romeno ... Tenho informações. Quer dizer: todos nós sabemos como funciona um ao outro; se for muito clara. Mas nós somos a Espanha: viemos de uma situação, temos circunstâncias ... E o que temos que fazer é trabalhar com o que temos. E se a gente vir que a cada ano estamos a melhorar, estamos a avançar ... Acho que é esse o caminho. Agora não devemos parar: devemos continuar, e confiar. Mas eu já digo isso ... acho que o desafio é conseguir em breve (o que deixaremos a estas futuras jogadoras, que, por exemplo, possa ter aqui uma equipa excepcional de raparigas) um futuro que seja, portanto, seguro, e que lhes dê condições onde se possam concentrar. Porque é difícil ver como essas profissionais muitas vezes têm que trabalhar, vêm correndo para treinar ... E aquela divisão de funções, aquele cansaço, às vezes não te deixa. Então, 100% das jogadoras é a nossa meta. E, como sempre, e como é caracteristica desta federação, lutará e não mudará este objetivo.

## Qual é a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Posso dizer a minha opinião sobre onde estou. E na minha opinião, posso dizer-te que existe uma igualdade de ... absoluta, 100%. Atualmente somos 15 pessoas na direção. Insisto, neste período anterior, 4 anos. Nesta nova legislatura, a nova direção ainda não foi constituída. Somos cinco mulheres. Em proporção, obviamente, eu gostaria de ver mais, mas já somos, não é? E ... Como eu indiquei: com um presidente com este espírito isso aumenta. Mas eu não aprecio diferenças. Quer dizer: não aprecio a desigualdade, não aprecio a falta de valorização daquilo que podemos contribuir. Obviamente, eu sei, eu sei disso talvez noutras estruturas (não só no campo do desporto), visto que existe tal desigualdade, ou não a mesma atenção ou valorização. Mas, já te digo: procuro sempre movimentar-me em estruturas que me possam dar aquela sensação de que o que estou fazendo, o tempo que investo ... é positivo, senão, claro, eu nunca estaria lá. É triste: às vezes tem que se lutar para acabar ... para que o ambiente ou onde se esteja possa compreender; mas não encontrei estruturas desse tipo, pelo menos até agora. Sim, eu percebi, ou seja, senti aquela discriminação como atleta. Como uma pessoa agora na direção, eu diria não. Como atleta sim: indiferença aos títulos que podem ser conquistados, indiferença às competições internacionais de altíssimo nível ... Porque não esqueçamos que o handebol não existe de agora, e houve um nível extraordinário de mulheres, mas eram invisíveis, uma Olimpíada onde, praticamente, bem, passamos despercebidas. Quer dize, eu já senti tudo isso. Essa diferença, como eu disse antes, no nível salarial. Essa diferença de nível na ida para os hotéis, essa diferença quando se trata de ter equipamentos... eu posso contar-te, e sempre conto, e parece uma anedota e meio repetitiva, mas é que são coisinhas que, no final das contas, acho que foram tão fáceis de conseguir ou de fazer, e que afetaram tanto ... Quer dizer, os equipamentos ... nunca tivemos um equipamento feminino, não é? Bem, recebiamos os das equipas masculinas, e se eran tamanhos maiores, se eram seis tamanhos maiores, eram seis tamanhos maiores, certo? Quer dizer, isso é falta, pra mim é falta de respeito, não é? Para o trabalho de ... naquela época, daquele grupo de mulheres, é aí que

eu acredito, é aí que começa o respeito, não é? Por dar valor e por equalizar. Eu, nos meus cargos, no cargo desta direção, de forma alguma. Já te disse que temos um grupo de pessoas que, além disso, nos conhecemos muito bem, estamos todos a lutar pela mesma coisa, e há o máximo respeito. E, acima de tudo, além do respeito, aquela visão, que eu sempre disse, é o que talvez seja o mais positivo, que nós mulheres, que estamos na direção, partilhamos, porque temos essa visão diferente, não é? As mulheres vêem, talvez, desporto, ou o nosso desporto, com uns olhos que, por x razões, não podem ver. E nisso são muito ... estão muito atenciosos. E valorizam muito, porque acho que ajuda a comprender muitas coisas.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

É isso no final ... São muitas, não é? Quer dizer ... Bom, muitos: eu acho que resumindo ... não é ? Porque, como eu te disse, para mim a igualdade tem uma ... uma explicação ampla, não é? Mas procuro resumir de uma forma simples quando quero transmitir-la, certo? E é: normalidade. Quer dizer, não tem que se procurar grandes estruturas que ... Não, eu acho que, no final das contas, é tão simples quanto ver as coisas da mesma forma, não é? Quer dizer: um menino e uma menina são iguais. Quer queiramos ou não. Para mim, eles são exatamente iguais. Sim, é verdade que a melhoria das políticas de igualdade acontece por causa do que eu te falei, certo? Ou seja, a questão do ... trabalho, muito importante; a questão do atendimento médico, muito importante; a questão de ter protocolos que defendam a mulher em todos os aspectos ... Mas ...eu insisto, e vou ser muito reiterativa, certo? Quer dizer ... No final, vamos simplificar. Ou seja, o que queremos para alguns, devemos desejar também para outros. As mulheres estão ... Eu não, eu nunca inicciei uma guerra entre homens e mulheres. Nunca pensei que o problema do handebol feminino fosse o masculino. Não. Eu sempre entendi que as pessoas que estão nos cargos de representação, nos cargos de gestão, que são as decisoras, são as que têm que

definir as regras de forma igual, então temos que partir daí. Porque entre nós atletas não temos problemas. Ao contrário: geram problemas que não existem. Então, falta trabalho? Sim. Devem ser feitas políticas para que as mulheres tenham mais acesso aos cursos, mais facilidade para formar-se ... Temos circunstâncias diferentes. Não esqueçamos que a mulher tem um papel e normalmente assume a responsabilidade de uma família. E assim é. Temos atletas que pensam apenas ter filhos quando sua carreira desportiva terminar. Porquê? Quer dizer: é uma paragem; mas não precisa ser uma paragem para sempre, certo? Então, estas políticas são o que temos que fazer. Vou abordar o tema de ser mãe e, insisto, já vi as minhas companheiras de equipa muitas vezes, e no handebol dá gosto, vi aquelas mães com os seus filhos nas Copas do Mundo, e elas fizeram paragens e não aconteceu nada. Quer dizer: continuam e voltam com a mesma energia. Tem que se dar essa possibilidade. Tem que se dar as ferramentas. Há que entender que temos que começar a habituarmos com o facto de que temos que reconciliar, e no desporto também. Então, estas pessoas,e eu insisto, que são as que têm que fazer as regras, ou têm que estabelecer os critérios, ou têm que cuidar de todos os interesses ... São elas que têm que se dedicar a, como eu às vezes digo. , uma "reforma mental", certo? Porque, insisto: o desporto não tem problemas. Eu tenho muitas ... Não gosto nada de ouvir, não é ? Dentro do nosso mundo, do handebol ... Quer dizer: existe uma categoria, que é a categoria juvenil, estamos a falar entre os 15 e os 17 anos. Muitas meninas perdem-se nesse caminho. E todo o mundo me diz, e muita gente me diz: "Bom, as meninas já mudaram de ambiente, elas têm namorado ..." Bom, eu acho que é um pouco ter uma visão muito, muito simplificada; com todo o respeito, não é? Não. Eu não acho que elas vêem um camino, não veem futuro, não veem garantias, não é? E, além disso, estas meninas querem formar-se, querem estudar, querem ir para a universidade. Além disso, elas têm responsabilidades: têm irmãos, têm família, têm avós ... E, na prática, o fardo recai sobre elas. Quer dizer, é assim. Então, vamos dar esses meios, vamos criar situações que facilitem que essas meninas, que talvez às vezes vejam isso tão difícil e desistam ... Não porque não querem. Isto é, não é que elas não sejam apaixonadas por isto e não possam combiná-lo, mas porque elas realmente não consiguem ver que o que está  a ser oferecido não é um futuro garantido.

Acho que nos devemos concentrar em todas estas políticas. Mas, insisto, das direções públicas, das federações, das instituições de todo tipo ... Mas, repito: não vamos marcar diferenças, as mulheres podem ter filhos; é a única diferença, se "queremos fazer a diferença". Temos a capacidade de ter filhos, de ser mães, de dar vida ... Não pode ser algo negativo. Não pode ser uma pedra. Pelo contrário, tem que ser o que é: maravilhoso. Acreditar que todas as mulheres veem essa opção como algo positivo e não desistem porque querem seguir uma carreira. Quer dizer: são tantas as coisas que, acredito que, com vontade, com uma mente aberta e com uma política de compreensão e simplificação, vamos alcançá-lo. Não sei se o verei, mas estou convencida de que, se continuarmos a lutar, lutaremos e o conseguiremos.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Vice-Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Sim. Eu estou convencida de que assim é. Eu quero acreditar ... Não, eu acredito firmemente que adicionamos. É um pequeno resumo do que venho explicando antes, não é? Quer dizer: a nossa contribuição, e às vezes é uma contribuição de experiências; não é uma contribuição, muitas vezes, de formação académica, não é? Quer dizer, que tudo se soma e tudo vale a pena. Às vezes, as pessoas que ... Ou, neste caso, o nosso presidente quer ter pessoas que o enriqueçam ou lhe dêem aquela visão ou aquela forma de entender o handebol, e não perder nada que possa ser melhorado. Então, eu acho que todas as mulheres que estão na direção. E, além disso ... são magníficas todas as quatro. Maru Sánchez, uma excepcional atleta de handebol, goleira, secretária da associação de jogadoras ...; Lidia Pena, vice-presidente da associação catalã de handebol; Jessica Alonso, uma jogadora profissional, delegada da equipa sénior; e Tati Garmendia, grande jogadora e presidente do clube de handebol feminino Bera Bera de San Sebastián. Ou seja: imagine tudo que pode ser reunido, com aquelas cinco mulheres que somos, em experiências, certo? Porque, eu te digo, se algo

marca especificamente esta geração é ter vivenciado certas situações que não deveriam ter ocorrido. E nós somos muito claras ... E olhe para os cargos e veja onde elas estão colocadas. E cada uma delas está a lutar para melhorar o que já sabe; o que falta, o que é necessário. E elas lutam pelas jogadoras. Querem garantir o que não tiveram, ou não tivemos, e sabemos que isso é essencial. Por isso ... eu acho que sim, nós contribuímos. Acredito que somos umas mais dentro deste grupo, e que somos valorizadas e consideradas.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

Que sejam corajosas. Que confiem no que podem contribuir, que não tenham dúvidas. Há algo que ambém eu observei, não é? Quer dizer: quando se trata, muitas vezes, de incentivar outras mulheres, elas valem muito, mas duvidam, acham que não têm essa capacidade, e acho que é um erro absoluto. Fruto de ...? Bem, talvez um monte de coisas, certo? Às vezes, dessa falta de tempo, dessa quantidade de responsabilidades; e, outras vezes, por acreditarem que não são qualificadas. E é um erro. Estou a dizer isto porque as conheço, certo? E custos. Muitas vezes é difícil convencer, ou ... ou fazer com que elas entendam que são necessários, certo? Elas ... Então ... acima de tudo, sejam corajosas e confiem em si mesmas. Que, muitas vezes, a experiência vivida é o que têm de melhor; É a melhor escola, porque é aquela que vão transmitir para que não se repitam circunstâncias, histórias ... que não foram boas. E que... certamente contribuirão para uma melhoria para o futuro, para todas aquelas jovens que querem viver desfrutando do desporto e que gostariam de estar sempre focadas exclusivamente no desporto; E custa tanto, e não é assim, eu daria muitos casos e não tenho que ir para a elite; mas também na elite. Há um equívoco: muita gente acredita que quem pratica desporto de alto nível é quem tem tempo (as mulheres, nesse caso), tem tempo total para treinar. Não. Não é assim. Quer dizer: às vezes, há que tornar visível. E cada vez vamos vendo mais entrevistas, mais relatórios; É

por isso que eu também lhes agradeço por dedicarem este tempo, não é? Àquelas mulheres que fazem tantas coisas e obtêm tão bons resultados ... Se nos concentrássemos nelas e lhes demos essa qualidade a todos os níveis, esse ambiente necessário, bem ... Talvez tivéssemos muito mais campeãs mundiais, da Europa e da vida em geral.

# Isabel García Sanz

Presidente da Federação
Espanhola de Resgate e Primeiros Socorros

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

O desporto na minha vida está presente desde os 4-5 anos. Aos cinco anos comecei a nadar, aos seis já participava de competições federadas e, a partir daí, toda a minha vida girou em volta do desporto. Fiz muitos desportos no período escolar, até que, enfim, conheci o salvamento e os primeiros socorros ao 18-19 anos, que é o desporto que dirijo atualmente

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

Pois foi em 1989, há 31 anos, quando fiz o curso de formação para trabalhar como salva-vidas. Foi a primeira vez que me envolvi com este desporto. Que é um desporto fascinante. E não existia na minha região, não existia em Castela e Leão. E, bem, a partir desse momento, considero que ... consideramos, um grupo de professores e formadores, aquela data como o início, o momento em que constituímos a federação para dar a conhecer um desporto que considerávamos fascinante.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

A representação das mulheres nas organizações desportivas a nível executivo é fundamental para que haja equilíbrio, para que haja diferentes sensibilidades e para que a inclusão das mulheres em todas as áreas e em todos os níveis do desporto seja real. Acho que ainda estamos longe de alcançá-lo: o desporto ainda é predominantemente masculino. Continua a ser, sobretudo em certos escalões, ao mais alto nível, bastante machista, em alguns casos ... Mas, acima de tudo, está centrado no género masculino e é muito difícil haver mulheres em igualdade de condições. Principalmente em cargos de chefia, que, afinal, também são um pouco quem determina a política de cada uma das entidades desportivas.

## Como Presidente participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Na Federação Espanhola, trabalhamos há mais de uma década, praticamente quinze anos, em políticas de igualdade em todas as vertentes; trabalhámos nelas, a meu ver, de forma coordenada e transversal, em conjunto com todos os departamentos da federação: o departamento de formação técnica de alto nível, o departamento de formação, a escola e o departamento de eventos. Para que houvesse paridade de género em todas as convocatórias, em todos os processos, em todos os processos de seleção, no que diz respeito a concentrações desportivas, campeonatos, seleção de quadros... Para que se dê prioridade a garantir

a paridade de todos os recursos económicos da federação. E, acima de tudo, se conseguimos financiamento para atividades específicas, para desportistas ou técnicas, por parte da federação, a nossa política é implementar economicamente essas rubricas também para os homens, de modo a tornar a igualdade absolutamente efetiva. Atualmente, existem muitas ajudas para o lado feminino, mas, a nosso ver, a igualdade existe quando todos têm as mesmas oportunidades, homens e mulheres. Mas já havíamos chegado a um ponto em que alcançamos a igualdade, mas, de certa forma, forçamos as desigualdades ao ter atividades restritas ou financiadas apenas para as meninas, e não para os meninos. Portanto, alcançamos total igualdade em termos de chamadas de arbitragem, organização de concentrações, em participação, em competições ... em praticamente todas as vertentes da federação.virtually all strands of the Federation.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Vice-Presidente?

As responsabilidades da minha direção ... Faz-se um planeamento de todas as atividades, de todos os projetos que a federação quer realizar para levá-los à Assembleia Geral. Fazer o acompanhamento todos eles, tanto ao nível orçamental quanto ao nível executivo; e, claro, tomar todas as decisões de modificação, dos projetos futuros ... todas as propostas que venham das diferentes direções, tratá-las na direção para depois serem aprovadas na Assembleia Geral e executá-las. Estou no cargo de presidente desde 2004, agora ... há 16 anos.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Vice-Presidente?

O principal desafio, e o mais sério e complicado de todos, foi quando entrei para a federação. Herdei uma federação falida, que estava condenada a fechar. Foi a opção que nos deram do Conselho Superior de Desporto. E obviamente não íamos deixar este desporto desaparecer e fechar a federação, certo? Então, durante os primeiros oito anos, políticas absolutamente restritivas tiveram que ser feitas para conter gastos, para gerar recursos ... Nestes 16 anos, muita gente tem trabalhado de graça e voluntariamente para fazer a federação avançar. E conseguiu-se, nestes 16 anos, que seja uma das federações com mais peso, não só a nível nacional, mas também a nível internacional: estamos em posições internacionais. Quase não tínhamos representação na Europa e na Federação Mundial ... E, bem, agora sou vice-presidente da Europa, estou na gestão executiva do mundial, temos representantes em todas as comissões e em todos os cargos de decisão importantes, tanto a nível europeu como mundial ... Com o que, penso que também tem sido um desafio importante ter aquele peso que permita implementar um pouco globalmente as políticas que queremos trabalhar também em Espanha.

## Qual é a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Eu acho que não existe igualdade. A igualdade pode ocorrer no papel, pode ocorrer na obrigação de que ... ter aquele número igual ou aquela percentagem de 40-60 nas direções... Mas eu não acho que, ao nível da decisão, as mulheres nas direções tenham o mesmo peso que os homens. Em nenhum caso. Na maioria, obviamente. Há casos e exceções, e acho que cada vez mais se trabalha nisso; mas, até hoje, acho que não há uma igualdade real.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Acho que a principal medida é educacional. Se formos todos educados em igualdade, todos internalizaremos isso, de facto ... é a sociedade. Que somos todos iguais. E que somos pessoas e que devemos tratar a todos da mesma forma. Enquanto não internalizarmos essas políticas educacionais ou aquela educação, a única coisa que conseguiremos é apenas para mostrar... enfim, o politicamente correto; há uma série de formas que sabemos serem corretas na sociedade de hoje ... Mas se não acreditarmos que assim seja, é difícil que, no final, em muitas áreas, exista uma verdadeira igualdade.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Eu acho que sim. Afinal, todos nós que fazemos parte, ou todos nós que fazemos parte de órgãos governativos, contribuímos um pouco para conseguir essa igualdade, certo? Que ... Um passo mais para a frente, ou aquela crença de que, de verdade, podemos alcançar os cargos de direção, podemos alcançar e ter igualdade em todos os âmbitos da sociedade. E, pouco a pouco, conseguiremos alcançar o Conselho Superior de Desporto, o Comité Olímpico, a Federação Europeia e a Federação Internacional ... Pouco a pouco faremos progressos, e fazendo também um pouco de trabalho educacional com todos aqueles que não acreditem que tem que ser assim, ou, pelo menos, estamos a dar algumas ideias para que haja progresso nesta área, certo? Algo que, obviamente, se não existirem mulheres... não há regeneração. Porque, no meu caso, internacionalmente, existem algumas pessoas com uma idade bastante avançada a ocupar cargos governativos, sendo importante promover uma mudança geracional. Naquelas idades: nem todos pensamos igual quando temos décadas de diferença de idades entre nós, não é? Então, é

importante, eu acho, que haja essa presença feminina. E eu, bem, procuro contribuir, na medida do possível, para dar à sociedade um grão de areia para alcançar essa igualdade real e efetiva em todas as áreas.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

Que acreditem nelas., que acreditem que é possivel.  Que acreditem que têm a capacidade e a formação para isso. Que é preciso lutar para o conseguir: obviamente, não é fácil, nem chegar nem manter-se, mas é possível. Se acreditarem, de certeza que têm capacidade para isso. Que dêem o passo, que tenham a coragem de se apresentar, de escolher, de lutar; e tenho certeza que conseguirão ocupar os cargos de direção que tanta falta fazem na nossa sociedade.

# María José Martínez Sánchez

Vice-Presidente
da Federação Espanhola de Ténis

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

Bueno para mi el deporte ha sido mi vida porque desde bien pequeñita lo empecé a practicar, con 6 años ya conocí el tenis y la verdad es que ha sido toda una vida dedicada a un deporte que me ha formado ya no solo como jugadora profesional sino también como persona porque te inculca unos valores que son muy importantes para la vida también.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

O desporto para mim, a verdade, é que representa tudo para mim, porque o facto de ter conhecido um desporto desde muito jovem e de o ter praticado tem sido algo muito importante, também te faz mover sempre num ambiente saudável e estar ligada ao desporto, durante a tua formação e depois na carreira, acho que é algo fundamental.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

Bem, eu acho que o facto de as mulheres representarem organizações desportivas era algo que até muito recentemente era muito incomum, mas acho que também é um fator importante porque acho que as mulheres também podem contribuir com diferentes pontos de vista. Acho que as mulheres são sempre mais responsáveis e mais fiéis a tudo, então acho que elas podem contribuir muito em todos os desportos em geral..

## Como Vice-Presidente participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Bem, o papel na igualdade, a verdade é que trabalho para a Federação Espanhola de Ténis há muito pouco tempo, estou na direção como vice-presidente há três meses, o meu trabalho é ser responsável pelo ténis feminino e ainda não entrei nas políticas de igualdade mas acho que é algo que está um pouco na ordem do dia e algo sobre o qual terei que me debruçar durante o processo de candidatura.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Vice-Presidente?

Bem, estou na direção há apenas três meses e o meu trabalho é ser responsável pelo ténis feminino.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Vice-Presidente?

Bem, ainda recentemente na federação espanhola de ténis quase não havia mulheres na direção. Agora existe uma regra que já diz que são doze membros e, desses doze, quatro têm que ser mulheres, então aos poucos estamos a conseguir a igualdade, mas ainda temos um algum trabalho a fazer.

## Qual é a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Bem, ainda recentemente na federação espanhola de ténis quase não havia mulheres na direção. Agora existe uma regra que já diz que são doze membros e, desses doze, quatro têm que ser mulheres, então aos poucos estamos a conseguir a igualdade, mas ainda temos um algum trabalho a fazer.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Bem, em particular o meu trabalho tem a ver com a questão da igualdade, bem, por causa disso, porque eu sou responsável pelo ténis feminino, então o meu trabalho é um pouco; bem, é verdade que hoje em dia os homens no ténis são um pouco melhores, mas aos poucos o papel da mulher está a tornar-se mais importante agora que estamos a conseguir melhores jogadoras e também pessoas que foram profissionais estão a entrar nos cargos da federação; por isso, acho que é um ponto a favor e aos poucos, num futuro, a igualdade será cada vez maior.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Vice-Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Bem, em particular o meu trabalho tem a ver com a questão da igualdade, bem, por causa disso, porque eu sou responsável pelo ténis feminino, então o meu trabalho é um pouco; bem, é verdade que hoje em dia os homens no ténis são um pouco melhores, mas aos poucos o papel da mulher está a tornar-se mais importante agora que estamos a conseguir melhores jogadoras e também pessoas que foram profissionais estão a entrar nos cargos da federação; por isso, acho que é um ponto a favor e aos poucos, num futuro, a igualdade será cada vez maior.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

Bem, acho que, como o disse antes, é fundamental que haja mulheres representadas dentro das federações desportivas e aos poucos vamos conseguindo este objetivo; por isso, a partir deste meu lugar, eu simplesmente incentivo as mulheres a apresentarem-se como candidatas, porque no final é só uma decisão, certo? O presidente é quem forma a sua direção, mas se o presidente tem confiança nas pessoas que ele coloca, então, aos poucos, nós mulheres, podemos ir entrando cada vez mais.

# Turquia

Filiz Çikrikçi · Hacer Akyüz · Ümit Uçar · Gülkız Tulay · İlknur Meriç · Afife Beşik · Yeşim Kuruoğlu · Özlem Akdurak · Deniz Çiçek · Nisa Ersoy

# Filiz Çikrikçi

Vice-Presidente
da Federação Turca de Rugby

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

Para mim, o desporto é o fenómeno mais importante que vem depois da minha família, na minha vida. Não consigo pensar numa vida sem desporto. Espero não ter que pensar nisso, depois deste ano. É muito importante, por isso adiei o meu futuro. O desporto é definitivamente o melhor trabalho que uma pessoa deve ter.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

Fomos selecionados para este desporto faz três anos. As federações elegem-se de quatro em quatro anos. Teremos outra eleição no próximo mês de novembro. Este desporto é a minha vida. No passado, estava interessada na luta livre. Todavia, a minha família estava interessada no futebol. O rugby é um tipo de desporto que é uma mistura de luta e de futebol. Assim, na realidade sempre esteve na minha vida. Todavia, eu tenho sido professionalmente membro da direção desta federação desde há 3 anos.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

Hoje em dia, as mulheres estão a tentar ser altamente profissionais em todos os ramos, não apenas no desporto. E eu acredito que nos fizemos isto melhor que os homens. Nós estamos agora em todos os ramos, em todas as modalidades desportivas, como mulheres, e também continuaremos a existir. Acredito que seremos mais bem sucedidas que os homens a este nível.

## Como Vice-Presidente participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Como membro da direção, sou Vice-presidente da Federação de Rugby. Uma das boas razões para a igualdade de género ou para existência de mulheres nas direções das federações é que as nossas diretoras, ministras, especialmente nossas diretoras gerais são realmente favoráveis a este assunto, e participamos dos fóruns para promover um papel mais ativo das mulheres nos órgãos de direção definitivamente. Fizemos isso no nosso país e tivemos bons resultados.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Vice-Presidente?

Como membro da direção, estou nesta modalidade há três anos. Existem quatro modalidades sob o teto da nossa federação. Três deles são de desportos olímpicos. Atuamos nas áreas de futebol americano, rugby, baseball e softbol. Como elemento da direção, sou vice-presidente e agora estou na federação. Eu tenho a mesma autoridade que o presidente. Sou pioneira em todas as responsabilidades profissionais, campos de treino desportivo em todas as organizações em que operamos.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Vice-Presidente?

A primeira das dificuldades que enfrentei desde que cheguei a esta posição são as dificuldades comunicativas que temos com as pessoas. Nas federações que não possuem uma infraestrutura específica, é necessário exceder os padrões. Nos primeiros anos, quando chegamos a esta federação, não tínhamos um árbitro certificado, um treinador e nenhum atleta que conseguissem fazer o seu trabalho muito bem. Não tínhamos um campo com o tamanho próprio o que conseguimos com esta federação, não tínhamos um campo em que pudessemos jogar. Mas agora temos tudo. Em outras palavras, o que mais me custou foi colocar as coisas em prática nesta federação. Tudo o resto acabou por acontecer.

## Qual é a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Eu acho que as mulheres estão realmente em segunda posição no nosso país, debaixo do teto das federações ou do debaixo do teto do desporto. Mas agora, estamos definitivamente e definitivamente chegando a melhores posições. Porque as mulheres também mudaram de lugar com sucesso. Como mulheres, acho que teremos uma palavra a dizer tanto quanto os homens após o ano de 2020.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Os lugares onde as mulheres devem desempenhar um papel ativo nas modalidades esportivas da federação são realmente importantes. Se és uma mulher no nosso país, precisas de saber muito bem onde ficar. Para isso, uma das primeiras medidas que devem ser tomadas é a de expandir mais a igualdade de género no nosso país. Acredito que, se mais mulheres forem apoiadas e se lhes for oferecida a oportunidade de conseguirem algo, elas terão mais sucesso que homens.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Vice-Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Como mulher, eu tenho provado que não tem havido discriminação na Federação de Rugby desde o primeiro dia em que assumi o cargo. Porque eu sei, como homens e mulheres na minha federação, posso dizer absolutamente que todos são iguais. Portanto, as mulheres proporcionam igualdade quando participam de uma certa forma ou a um determinado nível. Como mulher, eu definitivamente não me permiti ser discriminada nesta federação, eu garanto que todos se comportem de forma igual. Especialmente para as atletas ... e me sinto compelida a ser eu a evitar isto sozinha. Por exemplo, não importa quantos campos disponibilizamos para homens, eu tento disponibilizar o mesmo número de campos para as mulheres atletas também. Desta forma, quando entramos em um determinado ambiente, quando temos uma reunião, é agradável para as mulheres terem uma presidente com quem possam conversar sobre as suas coisas pessoais sem sentir discriminação ou sem se sentirem sozinhas como mulheres.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

Como mulher, a primeira coisa que devemos fazer é nos vermos superiores aos homens ao nível desportivo. Porque nós temos uma estrutura tão complexa. Se você diz poder, acho que somos mais fortes física e mentalmente. Penso que a nossa superior capacidade de pensar em relação aos homens é nos dada por nascimento. Os homens nascem com mais massa muscular do que nós, mas acho que temos um cérebro que pode superá-los. Portanto, o meu único conselho para as mulheres é que devem acreditar, que elas nunca percam a confiança em si mesmas. Porque quando acreditamos em algo como mulheres, podemos alcançá-lo.

# Hacer Akyüz

Presidente
da Federação Turca de Orientação

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

Quando eu tinha entre 10 e 11 anos, comecei como atleta federada no basquetebol. Durante o ensino secundário, entre os 17 e os 18 anos, tive uma experiência desportiva no voleibol e seis vezes no Campeonato Mundial de voleibol Inter-exércitos. Fui capitã de equipa nas forças armadas por vários anos. Depois disso, durante os anos universitários, conheci o badminton em Erzurum e fui eleita para a Seleção Nacional de Badminton da Turquia e tive um de treino desportivo em Edirne. Também participei como esquiadora no esqui das inter-forças armadas militares. Depois, conheci a modalidade de orientação na Academia Médica Militar de Gülhane, na qual comecei a trabalhar devido a minha experiencia desportiva. Desde 2000 que o desporto na minha vida inclui a participação na arbitragem, formação, gestão e presidência na modalidade de orientação.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

Nos anos 2000, o ramo de orientação era um modalidade desportivo do exército na Turquia. Enquanto trabalhava como professora de educação física na escola de enfermagem, era especialmente um ramo militar. Para liderar atletas do sexo feminino, eu era uma professora que tinha cerca de 400 alunas. Introduzimos as nossas alunas na modalidade de orientação. Durante 10 a 12 anos, no nível de clubes juvenis, nós constituímos a equipa de competição da Turquia. Obviamente, conseguimos isso com atletas do sexo feminino. No campo da orientação, apoiei atletas do sexo feminino antes da fundação da Federação de Orientação, após o estabelecimento da Federação de Orientação e também na Universidade de Ciências da Saúde, que foi a Academia Médica Militar de Gülhane no passado. E agora sou presidente da federação, além de ser treinadora de orientação na Academia de Enfermagem Gülhane, desde o período das primeiras conquistas da Turquia até ao primeiro período da Federação de Orientação, participei como membro da direção, membro do conselho de educação, assistente do representante regional, treinadora, árbitra. Agora, como presidente da federação, continuo com este trabalho, durante o período 2016-2020.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

Gostaria de lhe falar primeiro da minha modalidade. Nas organizações desportivas, quando as mulheres veem modelos de referência, uma abordagem feita pelas mulheres, o seu apoio e a sua participação no desporto muda. Também não apenas na dimensão da gestão, mas as mulheres também precisam ter experiência nestes processos, que incluem espírito desportivo, treino, arbitragem, planeamento, ser líder, para que se possa ter mulheres na estrutura da organização. Agora, é necessário examinar esse objetivo não apenas para ter atletas de orientação em nosso campo, mas também em todas as federações desportivas e a nível ministerial. Especialmente, qual a percentagem de mulheres nas direções em muitas federações? Qual a percentagem de mulheres no Ministério da Juventude e Desporto na nossa organização regional? As nossas mulheres estão sentadas nesses assentos. Claro, existem três mulheres presidentes em 65 federações. Infelizmente, não há necessidade de comentar demais. Nós somos muito poucas. Há três mulheres no nosso conselho diretivo. No conselho de supervisão com cinco membros, dois deles são mulheres e no conselho disciplinar, dois dos cinco membros permanentes são mulheres. Na minha opinião, e tendo isto em conta, esse número deve aumentar? Sim, deve aumentar. Mais tarde irei partilharei a resposta a esta pergunta e o que devemos fazer.

## Como Presidente participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Participei especialmente nos workshops das federações desportivas. Outras presidentes estavam lá. Havia uma comissão que incluia as pre-

sidentes de outras federações e também eu. Expressamos essa situação na comissão. Especialmente, foi persistentemente expresso por mim. A partir do ministério de desporto e da juventude, devemos definitivamente aceitar a cota para mulheres nos vice-ministros, director geral, vice-directores gerais e departamentos, nos diretores regionais das 81 províncias e, especialmente, na direção de federações. Nós expressamos isso. As três presidentes também expressaram isto. E espero que isso seja vertido em certos pontos das propostas de lei no próximo período, e seja considerado após esse discurso.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Vice-Presidente?

A minha primeira participação na direção foi entre 2008-2010. O nosso presidente da federação era Mehmet Genç. Naquela época, eu era responsável por vários conselhos, como o conselho de educação e o conselho de saúde. Eu também estava no conselho executivo. No consecutivo mandato presidencial, estou neste cargo há cerca de 3,5 anos após a eleição em novembro de 2016. As nossas responsabilidades são desenvolver a Orientação na Turquia, espalhar-se para a base, criar caminho nas 81 províncias, assinar vários protocolos, representar esta federação no país e especialmente no exterior entre federações mundiais como é o caso da Turquia e divulgar o nome da Turquia, especialmente nos diferentes campos das organizações desportivas. Divulgar estudos de treino, competições, campos de treinamento desportivo, aumentar a consciencialização o sobre a orientação nas bases, levar esta organização a uma dimensão diferente através da cooperação entre instituições públicas na Turquia, liderar, aumentar o reconhecimento deste desporto é o aspeto mais importante que é especialmente enfatizado pela nossa

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Vice-Presidente?

Quando oiço essa pergunta, especialmente no que diz respeito ao número de mulheres que estão no sistema, a primeira coisa que me vem à mente é que é um número muito baixo de mulheres, especialmente a trabalhar no desenho de mapas e no planeamento de campeonatos. Claro, que este

é um ramo militar. Encontramos problemas que tem a ver com a presença de mulheres nas forças armadas, o seu envolvimento na orientação e em relação à participação das mulheres no processo depois que a nossa federação se tornou civil. Temos algumas atletas, treinadoras e planeadoras, no desenho de mapas e planeamento de pistas. Mas estamos numa situação relativamente melhor em termos de treino e arbitragem. É o suficiente para mim? Não, não é suficiente. Obviamente, devemos aumentar esses números. Mas, como a primeira presidente da federação turca de orientação, estamos a experimentar inovações relativamente a este assunto em muitos pontos. Este será um modelo no próximo período e acho que abrirá o caminho para atividades de participação, liderança e participação na direção. O segundo problema que encontramos é que os nossos técnicos em campo já podem organizar as atividades. Não temos preocupações quanto a isso. Porém, nos últimos anos, durante a crise económica, na Turquia e no mundo, tivemos problemas em encontrar patrocínios dado ser uma modalidade desportiva com menor visibilidade do que outras modalidades desportivas. Infelizmente, os desequilíbrios económicos, acabaram por ter este efeito. Estes foram nossos maiores problemas.

## Qual é a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Em relação à participação institucional das mulheres, quando analisamos a organização de nosso ministério do desporto, o nosso ministro, vice-ministros, diretores gerais, chefes de departamento, organização central e organização regional, infelizmente, não temos sucesso no que diz respeito à participação institucional. No entanto, nos últimos anos, a participação das mulheres tornou-se frequentemente um tema do debate. Estamos em posições semelhantes a todos os presidentes. Três em sessenta e cinco ... Isso não é reconfortante. Esta questão está agora aberta à discussão, e as propostas para definir uma quota de mulheres no contexto da proposta provavelmente serão enviadas ao parlamento como um projeto de lei. Não é suficiente.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Como eu disse nos workshops, definitivamente a quota é que temos que fazer. Especialmente, várias são as organizações não-governamentais que já estão a trabalhar para aumentar a taxa de escolaridade das estudantes. Mas acho que devemos adicionar os artigos sobre as quotas nos principais estatutos das federações, alterando a regulamentação. Neste ponto, será esta a abordagem que teremos nas próximas eleições de novembro de 2020.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Vice-Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Obviamente, a presença de mulheres na direção e a presença de mulheres presidentes tem contribuições positivas. Como a perspectiva da mulher é diferente, as mulheres podem ver e perceber os detalhes. Sim ... Talvez a força física e a massa muscular não sejam as mesmas que os homens. Mas a abordagem mais analítica das mulheres é importante para o nosso ramo desportivo, ea  minha presença aqui contribuiu positivamente para isso. Certamente agregou valor à federação em termos do toque feminino, e acho que isso seria um modelo para as outras federações. Foi esse o motivo, no workshop, que a declaração de nosso ministério de que "sim, devemos fazer isso" já envolvia a questão da quota de género.

.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

A primeira e única coisa que me vem à mente é que as mulheres não devem ter hesitações em tomar a decisão quando fazem o que amam e sonham. Elas deveriam dizer que "Sim, eu quero isso". Elas não deviam comportar-se timidamente, deviam revelar os seus sonhos, deviam revelar os seus sentimentos e deviam colocá-los em palavras. Sim, as mulheres são muito diferentes e podem fazer muito mais facilmente porque pensam mais. Por favor, oiçam a voz do vosso coração. Por favor, não pensem que este é um trabalho masculino. Por favor, nos vossos contextos, vocês podem liderar um grupo, também pode liderar homens. Por favor, confiem em vós próprias. Vocês podem fazer isso e devem se desenvolver-se saindo das nossas casas. Para as mulheres nos conselhos, em organizações não-governamentais e como funcionárias públicas, elas não devem esperar que "é necessário que me vejam na filial, no departamento e nos diferentes departamentos do ministério". Vocês deveriam perguntar. Deveriam ir à luta por vós próprias. Se ninguém reconhecer, vocês devem dizer "Sim, eu quero fazer isso" e devem exigir.

# Ümit Uçar

Membro da Direção
da Federação Turca de Patinagem no Gelo

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

Toda a minha vida é baseada no desporto. Assim sendo, eu pratico desporto há cerca de 30 anos. Porque estamos envolvidos no desporto em família. O meu filho é um atleta olímpico. Como família, sempre apoiamos o desporto e os/as atletas de forma a apoiar o meu filho no seu percurso olímpico.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

Começamos a patinar no gelo em 1991, com a abertura do concurso de patinação no gelo em Ancara. O meu filho entrava para o jardim de infância naquela época. Depois da abertura do infantário, um dia, recebemos uma mensagem da direção do jardim de infância a perguntar se o nosso filho estaria interessado em patinar no gelo, eles o levariam ao campo de patinação no gelo 2-3 dias por semana. Eu estava a trabalhar muito naquela época, era gerente bancária. Perguntei ao meu filho e enviei sua inscrição. Toda a nossa aventura começou assim quando meu filho tinha quatro anos e meio de idade. No final do ano, um treinador russo disse-nos que o nosso filho era talentoso e se gostaríamos que ele continuasse o desporto profissionalmente e que ele seria um atleta. O meu filho adorou a ideia. Começamos assim. Em 1991, a Federação de Patinação da Turquia abriu um gabinete. Até àquele momento, o hóquei no gelo e a patinação no gelo na Turquia estavam sob a alçada da Federação de Desportos no Gelo. E a Federação incluía a patinagem no gelo e hóquei sobre o gelo. Eu pratico desporto desde 1991, em resultado da vida desportiva do meu filho e com o estabelecimento da Federação de Patinação no Gelo. A nossa associação à Federação Internacional de Patinação começou depois do ano 1991. Como resultado da insistência da Federação Internacional de Hóquei no Gelo, a Direção Geral do Desporto dividiu a Federação de Desporto no Gelo da Turquia na Federação de Patinagem no Gelo da Turquia, fundada em 1991, e a Federação de Hóquei sobre o Gelo da Turquia.

Porque a Federação Internacional de Hóquei no Gelo era diferente. Desde 2006 que me interessei por toda a legislação internacional relativa à Federação de Patinação no Gelo. Todo este trabalho é voluntário. Enquanto isso, o treino desportivo do meu filho continuou. Então, comecei a ocupar a posição de delegada na Federação Internacional de Patinagem no Gelo. Antes de 2011, trabalhei como diretora em várias competições internacionais. Como foi decidido que Jogos Universitários Mundiais de 2011 seriam organizados na Turquia, fui indicada para as competições de patinagem artística em 2011 como diretora de competição. Durante quatro anos, trabalhei na Federação Internacional de Patinagem com a Marilyn Mark. Em 2011, participei na Federação Internacional com Marilyn Mark como fazendo parte dos cinco ramos da patinagem artística nos jogos universitários de Erzurum. Nessa competição, o meu filho competiu em dezasseis ramos. Foi uma competição interuniversitária ao nível olímpico. Só recebemos medalhas na nossa modalidade. depois, continuei o meu trabalho na Federação Internacional de Patinagem. O meu filho participou em dois jogos olímpicos. Ele +e também membro do Comité Técnico de Dança no Gelo da Associação Internacional de Patinagem. Neste momento, continuo o meu trabalho na federação como membro da direção. Tentamos apoiar os nossos filhos desde os cinco anos de idade até o final de sua vida desportiva com o nosso conhecimento em termos de legislação e treino.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

Eu acho que não existe tal coisa como representação de mulheres e homens nas organizações desportivas. Mulheres e homens têm direitos iguais. No meu país e em outros países, gostaria que as mulheres, que querem ser atletas, possam participar em atividades desportivas e possam participar no desporto com os mesmos iguais direitos. Porque estas já são escolhas. Independentemente das diferenças de género, se as pessoas escolhem o desporto, esta é uma das mais pacíficas, uma das mais belas culturas do mundo. E também é uma cultura e um entendimento de maneiras que aproximam os países do mundo. Se elas querem fazer isto, porquê há discriminação de género? Acho que sim.

## Como Presidente participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Eu não estive envolvida em tal projeto formalmente até ao momento. Mas eu assumi o cargo na Federação de Patinagem da Turquia há já muitos anos. Além disso, a Federação Internacional de Patinagem no Gelo é uma organização que integra 72 federações dos estados membros. Os nossos congressos são realizados a cada quatro anos. Estamos juntos com todos os delegados. Eu não constatei que exista uma distinção entre mulheres e oficiais, delegadas e atletas nesta comunidade. Vou dar-lhe um bom exemplo. Zahra LARI é uma atleta da Federação de Patinagem no Gelo dos Emirados (Árabes). Ela tem uma religião e cultura completamente diferentes. Na patinagem artística, ela representa no momento presente os atletas de sua própria religião. Isto mostra a perspetivas da Federação Internacional de Patinagem no Gelo para com as mulheres e, portanto, a própria perspetivas da Federação Turca de Patinagem no Gelo para as com as mulheres. Porque as federações na Turquia têm sempre que agir de acordo com as regras das federações internacionais. Se a Federação Internacional de Patinagem no Gelo tivesse discriminado o género, raça, religião e idioma, Zahra LARI não poderia estar atualmente nos campos de patinagem no gelo.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Vice-Presidente?

Estou no conselho há três anos. No passado, eu organizava as competições internacionais da Federação de Patinagem no Gelo da Turquia e era responsável pela legislação internacional. Sempre me interessei por legislação internacional. Estive na direção nos últimos dois anos. A estrutura da nossa direção é composta pelo presidente e 14 membros. São pessoas que têm profissões diferentes. O presidente e os membros da direção decidem juntos sobre todos os assuntos relacionados com a nossa fede-

ração, os nossos atletas, as competições em que os atletas participarão, os trabalhos relacionados com a infraestrutura, o apoio aos nossos atletas olímpicos e o material de apoio.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Vice-Presidente?

O maior desafio para nós é que as pessoas que estão as direções das federações desportivas na Turquia nem sempre podem ser pessoas do desporto. E uma parte do nosso sistema eleitoral pode ser percebido como político. Porque descrevemos as federações como federações amadoras, federações autónomas, federações semiautónomas. O governo espera que encontremos patrocinadores e o governo tem razão. Todavia como acontece noutros países europeus, pode encontrar-se um patrocinador para um jogador de futebol, especialmente na Espanha e na Itália. pode encontrar-se um patrocinador para o basquete, para o voleibol. E, no entanto, difícil encontrar um patrocinador para um desporto recente, como a patinagem no gelo. Portanto, em termos de orçamento, o nosso ministério do desporto e as instituições estatais apoiam-nos. Eles também seguem isto. Geralmente, por estes motivos, há pessoas da política nos membros da direção da federação desportiva e elas não vêm do desporto. Agora, todas as pessoas têm diferentes funções e a direção é composta por 14 pessoas. Uma pessoa pode não entender de desporto e ser melhor em questões orçamentais. Isto é muito importante. Um membro da direção é responsável pela publicidade e comunicação. Todo o mundo tem responsabilidades diferentes. Mas isso é diferente em termos de atletas e desporto. As pessoas com responsabilidades diferentes devem tomar uma decisão conjunta. Agora, em termos de legislação e regras gerais, explicar o desporto a todos desde o início é o meu maior desafio, e também o meu maior desafio é conseguir que eles concordem e apoiem a decisão correta. Somos duas mulheres na direção, mas não temos problemas com a igualdade de género. Temos a obrigação de decidir responsabilidades diferentes e informações diferentes ao mesmo tempo.

## Qual é a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Se eu acho que existe igualdade? Bem, isso tem um aspecto legal, um aspecto oficial. Há também um aspecto prático. Oficialmente, a Turquia é um país que deu às mulheres o direito de votar e de serem eleitas desde 1923. E todos direitos das mulheres existem legalmente. Mas isso está disponível na prática? Eu sou um pouco cética. Porque acho que, embora as mulheres tenham direitos iguais formais não apenas no meu país, mas também em todo o mundo, elas têm números baixos. Para mim, as mulheres são sempre mais disciplinadas, sabem o que querem, mais do que os homens, são mais organizadas que os homens, são mais autênticas, são pessoas mais responsáveis do que homens. As mulheres sabem organizar-se numa dada atividade muito mais do que os homens. Posso dizer que eficácia das mulheres trará a todas as organizações os melhores resultados. Por que não são elas iguais? Mais precisamente, por que não são elas iguais na prática? Este não é um problema que possamos resolver agora. Não quero dizer que é um mundo dos homens. Mas acredito que quando uma mulher quer alguma coisa, ela deverá lutar, mostrando todo o seu conhecimento sobre um assunto, e ela chegará, assim, ao melhor lugar.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Como membro da direção, este não é um tópico que eu seja totalmente competente. Mas se eu fosse presidente ou pessoa competente, começaria por escolher pelo menos sete mulheres e sete homens dos catorze membros. Mas, para atingir esse objetivo, tinha que ser uma candidata à presidência ou o Ministério do desporto deve emitir uma declaração que determine esse objetivo nas direções das federações.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Vice-Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Eu definitivamente digo "SIM" a essa pergunta. Já respondi a essa pergunta nas perguntas anteriores. Porque o entendimento da responsabilidade das mulheres numa organização é sempre muito diferente da dos homens. Acredito que as mulheres trabalham de forma mais organizada, mais organizadas e acredito que as mulheres têm um maior sentido de responsabilidade do que os homens. Eu também acredito que a força de trabalho delas é superior à de um homem.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

Aconselho a não ter medo do número de homens. Elas devem saber o valor do seu trabalho e devem esforçar-se até o fim. Quando trabalham, elas irão destruir os homens e as pessoas que não têm informações suficientes ao seu redor com o poder de seus conhecimentos. Elas fazem isso apenas através do conhecimento e do trabalho. Se as mulheres querem aprender muito sobre um tópico, devem pesquisar até ao final. E elas devem lutar a partir dos documentos oficiais e legais e com informações que aprenderam e que estão corretas. Eles certamente que terão sucesso. Depois, eles são homens e eu sou uma mulher. Eu não aceito isso. Eu acho que elas deveriam continuar. E, na minha opinião, se uma mulher põe na sua mente, se ela quiser trabalhar, se ela ama o que faz, ela certamente que superará a dominação masculina. Enfim, não acho que elas considerem que os homens irão sempre dominar ou que serão sempre mais no nosso país. Talvez nos devêssemos mostrar muito mais. Eu acho que não existe nenhum culto que o conhecimento não possa derrotar.

# Gülkız Tulay

Presidente
da Federação Turca de Xadrez

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

O desporte é uma ferramenta de comunicação muito importante para mim. Por esse motivo, admite que, para mim, o interesse pelo desporto foi muito importante desde a minha juventude. Sim, a presidência da Federação de Xadrez da Turquia, da qual sou responsável, é uma modalidade desportiva extremamente importante. Por esse motivo, gostaria que todos estivessem interessados em pelo menos uma modalidade esportiva e que prefiram xadrez, se possível.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

O meu interesse pelo xadrez começou com o xadrez inicial do meu filho. Depois dele, a minha filha começou a interessar-se por xadrez em 1998. Aceitei estar um pouco mais envolvida nesse aspeto como uma responsabilidade social, porque sou uma mãe que conhece os efeitos muito positivos do desporto de xadrez nas crianças. E fundei um dos primeiros clubes de xadrez da Turquia, o Zeki Chess Club, em Tarso, na cidade onde moro. Hoje continuo esse dever como presidente da federação.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

Atualmente, acredito que as mulheres devem estar mais representadas nas organizações desportivas. É claro que, quando dizemos uma organização desportiva, penso em todos, desde desportistas, treinadoras e árbitras a diretoras desportivos, os números não são suficientes. Portanto, acredito que todos, especialmente as mulheres, devem trabalhar duramente.

## Como Presidente participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Em relação à igualdade de género, muitos programas são organizados especialmente no 8º Dia Internacional da Mulher durante essa semana. Muitas ONGs dedicadas a este problema convidam pessoas como eu. Além disso, o nosso trabalho é um bom indicador da igualdade de género. A este respeito, participei dessas questões apenas em palestras em ONGs ou em organizações para as quais fui convidada.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Vice-Presidente?

Hoje sou presidente da Federação de Xadrez da Turquia. Mas comecei como membro da direção. Sim, fui membro da direção da Federação de Xadrez da Turquia entre 2004 e 2008. Fui responsável pelas equipas nacionais entre 2008 e 2012, como vice-presidente. Fui presidente da Federação de Xadrez da Turquia entre 2012 e 2016. Agora também sou presidente da Federação de Xadrez da Turquia desde 2016.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Vice-Presidente?

Como mulher, estar nesta posição é uma situação de muito orgulho. Sempre entendi que é muito importante ver as dificuldades de forma positiva e transformá-las em positivas. Por enquanto, se me perguntar qual é o desafio mais importante que encontrei, não tenho muito tempo para mim, para o meu conjugue, os meus filhos, a minha família e a minha vida social. Fora isso, não encontrei grandes dificuldades.

## Qual é a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Acredito que as mulheres se devem envolver em todas as partes do desporto. De atleta a gerente ... Especialmente na direção desportiva, é necessário que o número de mulheres aumente. Por enquanto, se perguntar se há igualdade agora, absolutamente "Não". Eu posso dar um exemplo do meu país, mas é claramente o mesmo caso no mundo. Hoje existem 64 federações desportivas no nosso país. Apenas três delas têm uma presidente. Para aumentar esse número, é necessário que todos nós trabalhemos duramente.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Todos nós temos muitos deveres para aumentar a igualdade. Talvez tenhamos um pouco mais de responsabilidade a esse respeito, porque somos um exemplo nesse sentido. Fazemos tudo para aumentar o número de atletas do sexo feminino, o número de treinadoras, o número de árbitras e o número de atletas federadas, no âmbito das nossas próprias políticas internas. Produzimos várias políticas. Por exemplo, quando assumi o cargo em 2012, o número de atletas federadas era de 45.000, aumentou para 320.000, e também o número de árbitras e treinadoras aumentou na mesma proporção.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Vice-Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Acredito que ser membro da minha direção, ser presidente e, exceto eu, existem outras três mulheres direção, contribuiu muito seriamente para a igualdade de género. E estou a fazer o possível para aumentar esses números.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

Eu acho que as mulheres que trabalham em federações ou clubes desportivos ou em qualquer lugar do desporto têm responsabilidades muito sérias. Como somos exemplos, precisamos trabalhar duramente e produzir mais programas para as mulheres e as meninas. Para que elas nos tenham como modelo, devemos aumentar os nossos esforços cada vez mais. Eu acho que isto são coisas muito positivas que se reproduzem com bons exemplos.

# İlknur Meriç

Membro da Direção e Secretária Geral
da Federação Turca de Bridge

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

Quando penso no papel do desporto na minha vida, posso dizer que é indispensável. Atualmente, sou uma jogadora de bridge com licença na modalidade do bridge. Também sou membro da direção da federação. Como sabe, o desporto de bridge necessita de um certo tipo de inteligência e desporto mental. Uma das maiores razões pelas quais eu adoro o bridge é porque poderei jogar bridge mesmo quando não puder praticar desportos que exijam certas condições físicas (até chegar aos meus oitenta e noventa) e poderei continuar a experimentar a emoção da competição como atleta. Mas desde a minha juventude, eu tenho praticado muitos desportos, como natação, basquete, desportos aquáticos e windsurf. Quero continuar enquanto a minha condição física o permitir, ou seja, quero continuar para além do desporto adequado à minha idade.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

Na verdade, eu comecei no ensino secundário. O meu pai estava interessado no Bridge. Ele estava a ler sobre isso. O lado tecnológico da Bridge é muito diferente. Ele era uma pessoa inovadora. Ele era uma pessoa que gostava de ler. Neste sentido, quando andava no ensino secundário, comecei a aprender bridge com o incentivo de meu pai. Mas, depois da universidade, fiz uma pausa para me dedicar à vida dos negócios. Por isso, não pude jogar profissionalmente, mas fui treinando como atleta com licença durante mais de quinze anos e continuo no momento atual a jogar bridge. Competindo, continuo como atleta.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

Obviamente, responderei a essa pergunta em termos de nosso país. Quando olhamos ao redor do mundo, isso pode variar em muitas regiões diferentes. Francamente, não acho que a nossa juventude, crianças e raparigas possam participem suficientemente em atividades desportivas no nosso país. Mas não quero limitar isso apenas às raparigas. Eu acho que existem impossibilidades em algumas partes do nosso país. Essas coisas não acontecem na nossa modalidade desportiva. Mas, em geral, vejo que, mesmo que as mulheres sejam atletas, é mais difícil encontrá-las em funções de direção. De acordo com minha própria experiência, somos poucas.

## Como membro da direção participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Francamente, e eu posso dizer, não estive diretamente envolvido num tal estudo. No entanto, houve várias coisas que eu indiretamente apoiei. Se falamos sobre a nossa própria federação, continuamos os nossos esforços para que as mulheres participem deste desporte e na direção da nossa própria federação. Eu tenho estudos sobre este assunto. Ao mesmo tempo, temos um comité de mulheres na nossa federação, na qual tenho estado envolvido. Aqui, falamos sobre como as nossas mulheres podem ser mais ativas e sobre como elas podem participar neste desporto.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Vice-Presidente?

Eu estive na direção em períodos anteriores. Como membro da direção, este é o meu quarto ano na direção da Federação de Bridge. Ao mesmo tempo, participo de alguns comités de órgãos de direção e continuo meus estudos. Ao mesmo tempo, como você sabe, continuo com o secretariado geral, há quase um ano. Quais são os nossos deveres? Antes de tudo, é divulgar o nosso desporto para o público em geral e para mais pessoas. Estamos a trabalhar para esse objetivo. Estamos a tentar incluir os nossos filhos e as mulheres também. Quais são as nossas responsabilidades? É claro que, ao fazer isso, em outras palavras, ao popularizar o bridge, trabalhamos com valores éticos e colaboramos em vários outros projetos com outras modalidades desportivas. Como mencionou, também temos trabalhado como algumas escolas de desporto, acampamentos de verão e acampamentos de seleções nacionais. Tentamos cumprir as nossas responsabilidades. Mas a nossa prioridade é promover e popularizar o bridge. Porque, como você sabe, acho que é muito eficaz contra o Alzheimer, a velhice, e pode ser praticado numa idade muito avançada. É um desporto para todos, para pessoas com deficiência. Nesse sentido, fazemos todos os esforços, porque este desporto nos permite treinar a mente, melhorar a inteligência, melhorar a memória, ensinar a cultura da discussão. Pensamos que, no sentido social, poderá acrescentar algumas coisas, assim fazemos todos os esforços.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Vice-Presidente?

Penso que me estará a perguntar como membro da direção. Na verdade, não tive dificuldades por já ser mulher ligada ao desporto na nossa comunidade. Portanto, não encontrei nenhuma dificuldade. Eu só posso referir-me ao caso do nosso desporto. Neste sentido, todos os nossos amigos na direção, os nossos atletas na comunidade possam crescer. O seu apoio é também interminável, não tive problemas nesse sentido.

## Qual é a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Absolutamente não acho. Especialmente, no nosso país, soube que temos três mulheres presidentes nas federações de nosso país em resultado da informação que me disponibilizou. Mas eu sei que existem muitas mulheres nas direções das federações. Como atletas na faixa etária mais avançada, as mulheres podem ter mais dificuldades dedicar tempo ao desporto devido à sua vida doméstica e aos seus deveres na sociedade. Nesse sentido, acho que as nossas mulheres deveriam ser apoiadas. Não penso que a situação seja igual à dos homens Penso que definitivamente deveria haver quotas nas nossas federações, nas direções e nos comités diretivos das federações, e creio que tal seria útil.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Sim, na realidade respondi a essa pergunta na pergunta anterior. Por exemplo, fizemos tudo ao nosso alcance para encontrar mulheres durante o nosso mandato. No entanto, isso deve ser contínuo e institucionalizado. Obviamente que a maneira de fazer isso é definir uma quota. Porque amanhã, quando a direção mudar, quando os presidentes da federação mudarem, isso mudará. Talvez não haja nenhuma mulher na federação. Portanto, não deve ser deixado à arbitrariedade.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Vice-Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

A minha resposta a essa pergunta é definitivamente "Sim". Do ponto de vista das mulheres, elas sentem-se mais confortáveis e mais confiantes porque sentem que estão representadas. E acho que sou um exemplo para elas. Em certo sentido, estamos a servir de modelos para tarefas nas quais elas podem participar e executar. Também recebo o apoio dos nossos amigos que são homens. Com a elegância de uma mulher, mais a elegância na busca de soluções, sendo mais de abraços, percebo que as mulheres são mais felizes nas soluções que encontramos e no modo como comunicamos. Portanto, o apoio positivo sempre veio dos nossos atletas, homens e mulheres, pessoal administrativo no ministério e da direção da federação. Nesse sentido, acho que esse é um estímulo moral sério e encorajador. Portanto, definitivamente acho que realmente contribuo para a igualdade de género.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

Concerteza, eu recomendo que elas tomoem parte nas direções desportivas. Eles deveria estar nessas direções sem emdo. De facto, excepto no que diz respeito ao género, tu não pensas se és mulher ou se é homem quando estás a trabalhar. Claro que existe uma responsabilidade. Dado ao desiquilibrio nestas posições na sociedade, o sentido de responsabilidade é um pouco maior. Assim sendo, nos devemos cumprir o nosso dever mais meticulosamente, com maior sucesso e tomando posições que são duras, para que possamos desbravar o nosso caminho e nos abrir. Deve ser visto como abrindo o caminho para todas as mulheres. Quando olhamos para as mulheres em termos de género, há um sentido de representatividade. Antes de tudo, com esta responsabilidade, eu penso que o mundo deveria ser construído para cobrir os principos básicos, tais como adequadamente, eticamente, eticamente, e justamente, etc. Posso dizer queisto é absolutamente necessário. Excluindo sito, o que pode acontecer quando as mulheres ocupam os assentos na direção? Penso que em algumas coisas, a dominância masculina e o número de homens nas direções não te devem impedir de fazer coisas como indivíduo, e penso que eles não te devem criar obstáculos. Esta é a minha sugestão.

# Afife Beşik

Vice-Presidente
da Federação Turca de Natação

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

O desporto tem sido muito importante para mim desde a minha infância. Joguei na equipa de vólei no ensino secundário. Depois disso, eu realmente queria continuar. Todavia, quando a minha família insistiu comigo que era universidade ou desporto, é claro, eu escolhi a universidade e continuei a minha vida formação escolar. O desporto sempre permaneceu na minha cabeça como um desejo não realizado. Eu pratico desporto fazendo caminhadas, fitness, ténis. Por isso, sempre pratiquei desporto na minha vida como amadora, mas não como profissional. O desporto está sempre presente na minha vida. Os meus filhos também praticaram natação durante muito tempo, como atletas federados. Começamos com eles em termos de saúde. Depois, continuaram a ir regularmente para que pudessem obter disciplina. Agora, ainda continuam e estudam na universidade. O desporto sempre esteve presente na nossa vida familiar.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

Nadar é um desporto que amo tanto e sempre nadei como amadora durante minha infância e juventude. Os meus filhos estavam sempre muito doentes. Então, íamos ao médico a cada quinze dias. Tinham amígdalas que pareciam morangos. O nosso médico disse-nos que o sistema imunológico das crianças deveria ser fortalecido. Por esse motivo, a natação é um desporto que se inicia nas idades mais jovens. Naquela época, a primeira piscina em Kocaeli tinha sido aberta, naquele ano, e nós soubemos da sua existência graças à minha filha. No início, minha filha nadava apenas para aprender. Então surgiu uma necessidade na equipa, e ela começou a fazer parte da equipa após o terremoto. Depois disso, nós criamos o nosso próprio clube, e esse foi um processo que continuou com a presidência do clube de natação.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

Não sou feminista, mas acredito no poder das mulheres. Onde quer que a mulher esteja, há sucesso e beleza. Há humanidade, há amor onde está a mulher. Portanto, deve haver diretoras do sexo feminino em todas as federações e clubes. Graças a elas, o sucesso chega, o equilíbrio vem. Assim, elas embelezam os que as rodeiam, a comunicação se torna mais fácil. Portanto, existem muitos recursos positivos. A mulher deve estar em todas as etapas, em clubes desportivos e também nas administrações, federações, ministério e  a nível governamental.

## Como Vice-Presidente participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Eu não participei em políticas relacionadas com a discriminação de género, nem na minha vida profissional, nem na direção desportiva, nem no clube ou durante o meu trabalho na federação. Também não me preparei para tal política. Não é A resposta a isso é "não" para mim.

.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Vice-Presidente?

Há dois anos que exerço funções na federação de Natação. Haverá eleições novamente após as próximas Olimpíadas. O dever da federação de natação, o dever do presidente e o dever dos membros do conselho na verdade é representar a Turquia na arena internacional no desporto da natação e aumentar o nível de sucesso lá. Como fazer isso? Aumentando o sucesso dos clubes, apoiando as crianças individualmente, organizando campeonatos turcos, organizando campeonatos nacionais e internacionais ... Desenvolvendo o desporto turco e também o desporto turco de natação, escolhendo crianças como atletas nacionais e enviando-as ao exterior; e produzindo projetos ... Esses são os deveres. Produzir projetos é nosso dever para melhorar a natação.

.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Vice-Presidente?

O problema é que todo o mundo quer fazer alguma coisa e as regras do estado e as regras das pessoas às vezes não coincidem. Esta é uma área em que a competição é grande, até os pais estão competindo. Não importa o quanto se ame o trabalho, não importa o quanto se tente glorificar, há muitas pessoas que tentam derrubá-lo. A competição é muito grande. Neste caso, é preciso criar regras. Essas regras estão a ser constituídas. Se tentarmos fortalecer os treinadores e aumentar o nível de conhecimento, não haverá conflitos. Existem problemas relacionados com a comunicações onde deve estar a competição. Eu acho que esse é o maior problema. Fora isso, o problema é a questão financeira. Mas o presidente está a resolvê-lo. Os restantes tem a ver com a comunicação e a definição de regras.

## Qual é a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Eu não acho que haja igualdade. Quem escolhe são homens. Uma vez, uma presidente foi nomeada para a federação de natação, mas ela não era muito popular. Ela também não o queria ser. Talvez porque não existe nenhuma mulher que possa exigir. Quem escolhe são homens. Portanto, as mulheres devem participar da administração. As mulheres devem estar presentes em todas as unidades. Essa é uma condição absoluta para mim, mas quem escolhe são os homens. Mas o número de mulheres que também querem (poder) é baixo. Então a maioria (das posições) é ocupada pelos homens. Eu acho que quantas somos, melhor.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Primeiro de tudo, as mulheres devem querer. Se as mulheres quiserem, tudo acontece. Eu sou muito clara sobre isso. É necessário capacitar as mulheres que querem. Essas são as coisas que podem ser feitas através dos seus projetos, estabelecendo associações e também aumentando o número de mulheres nas federações. Quanto mais somos, mais revelamos a nossa força, emoções, pensamentos e a mulher fica mais forte.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Vice-Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Eu acho que estou a contribuir. Sim ... Talvez se eu não estivesse nesta posição, haveria um homem nesta posição. Seria uma minoria numericamente. Portanto, acho que é bom ser membro do conselho de administração da federação de natação como mulher. É bom mostrar que as mulheres também podem ser. Eu gostaria, mas eu ficaria mais feliz se tivéssemos uma mulher presidente.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

O que eu recomendaria às mulheres? Elas nunca deveriam desistir. Coisas negativas sempre vão surgir contra si. Elas deveriam querer fazer a verdade. Elas deveriam fazer o que é certo. Eles deveriam lutar por isso, e não desistir. É importante aumentar, mostrar o poder das mulheres e fazer coisas boas. Quantas mais formos, tudo será mais bonito.

# Yeşim Kuruoğlu

Membro da Direção
da Federação Turca Subaquática

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

O papel do desporto na minha vida, na verdade, remonta à minha infância. A minha mãe e o meu pai eram atletas. Principalmente o meu pai era um atleta nacional. Ele também foi presidente de duas federações nos anos seguintes. Ele foi uma pessoa que conseguiu fazer isso .... Deixe-me dizer-lhe. Tanto a luta livre quanto a ginástica ... Portanto, desde o dia em que nasci, assistindo aos treinos do meu pai ou outras competições ... Sabe, na Turquia, mesmo voluntariamente, desde os anos de escola primária .... Comecei assim, comecei a jogar vôlei nos níveis básicos, atletismo e ginástica, no ensino preparatório, secundário, até terminar a universidade. Na verdade, nunca pensei nesta profissão, que seria atleta. Então, enquanto pensava onde me poderia expressar melhor, fiz o exame à Escola de Ciências e Tecnologia do Desporto da Universidade de Hacettepe, que foi criada pela primeira vez naquele ano. Entrei. Não me tornei de imediato uma académica depois disso. Mas trabalhei fora. Ensinei. Eu fui instrutora de fitness. Aprendi algumas das características de se ser atleta, relações humanas, trabalho em equipa, autoconfiança e disciplina, que aprendi constantemente a partir daí, e adquiri alguns valores que acho que têm reflexos na minha personalidade, ou seja, desde que fui professora, até hoje. Depois comecei oprocesso da academia olímpica. Desde 1997, ainda converso com os meus amigos, com quem ainda converso no Zoom todas as segundas-feiras. Como podemos ser melhores? Como se pode chegar a um acordo mútuo na comunicação interpessoal, interpaíses e intercultural no âmbito do no desenvolvimento humano no desporto? Como pode a paz ser alcançada? Tornou-se algo sobre o qual falamos. Sabe, além do lado profissional, acho que [o desporto] é muito importante para o desenvolvimento social das pessoas. É por isso que, embora eu não possa praticar desporto tão ativamente como antes ... Porque provoca lesões quando se faz isto desde muito cedo e muito jovem, depois de se chegar a um lugar. Embora eu não seja tão ativa quanto antes, tento transmitir as características que o desporto me deixou aos meus alunos. Isso é o que importa para mim agora.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

A modalidade desportiva que represento é, na verdade, uma federação que hospeda diferentes ramos desportivos no nome de Federação do Desporto Subaquático. Tais como, hóquei subaquático, rugby subaquático, mergulho, mergulho autónomo, mergulho livre, salva-vidas, pesca submarina, pesca de barbatana, jet ski e esqui aquático, e outros ramos. Na verdade, foi em 2003 que conheci este desporto. Comecei a trabalhar como assistente de investigação na Universidade Técnica de Istambul e a nossa universidade também é muito forte... Mais precisamente, esta federação tinha uma estrutura com professores e atletas que contribuíram para federação quando ela foi criada. Foi quando contactei pela primeira vez com a federação. Porque eu trabalhava no departamento de desporto como assistente de investigação. Nos anos seguintes, eu comecei a assistir a várias competições sob a alçada do do clube, sob a alçada do clube da Universidade Técnica de Istambul, como gestora da modalidade e como capitã da modalidade ( Coincide com 2007) Subaquática ... Comecei a participar de concursos de imagens subaquáticas com vídeo e fotografia, como capitã da modalidade  da faculdade técnica, como responsável. Foi assim que comecei a ir às competições. Depois, encontrei esta comunidade que me acompanhou em ambos os treinos, de imagem subaquática e mergulho, uma estrela e duas estrelas em treinos de mergulho. E asim continuamos depois disto. O meu lugar aqui tambem tem um percurso como este .... Estávamos na mesma turma do atual presidente da federação, tanto no mestrado quanto no doutoramento. Por outras palavras, fizemos o doutoramento e o mestrado juntos, e naquela época ... deu-se a transição dele para presidente da federação ... Porquese havia empenhado muito no hóquei e no rúgbi subaquático. Ele disse que queria que eu fizesse parte da direção no primeiro ano porque me conhecia há muitos anos, pela natureza do desporto, porque o meu pai também tinha sido presidente da federação, e com essa coisa da universidade técnica. Francamente, foi uma surpresa para mim. Por isso, quando penso nisto, acho que sou uma pessoa que pode apoiar ambos. Quer dizer, ser mulher ou ser amiga no trabalho. No entanto, fui convidada para ser membro da direção devido à minha profissão principal e por ter passado por outras federações. Trabalho na federação desta forma há dois mandatos.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

Se olharmos do ponto de vista do meu próprio país, penso que os lugares e o sucesso das mulheres no desporto aumentam um pouco mais a cada ano que passa, do ponto de vista da Turquia. Especialmente, o fato de metade do grupo de atletas que foi aos últimos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020 ser formada por atletas do sexo feminino, e as medalhas terem sido conquistadas por atletas do sexo feminino novamente ... Ou seja, 5 medalhas em 13 medalhas ... Se não estou enganada, este é um número muito bom. A medalha de ouro é a primeira que conquistamos no boxe. Do ponto de vista do sucesso e do desempenhodesportivo, acredito que as mulheres estarão representadas cada vez mais em todas as organizações, não só nas dereções das federações, mas também noutras comissões, conselhos de educação, conselhos de saúde e outros conselhos técnicos. Porém, em relação à minha formação nesta academia olímpica, talvez eu possa responder um pouco. Eu acho que é da mesma forma. As mulheres tentam levantar mais a voz ou competem dando várias mensagens, como a Seleção Alemã de Ginástica. Acho que elas têm de alguma forma a responsabilidade de se fazerem ouvir mais ou de ser a voz de quem não pode ser ouvida. Mas se olharmos para a Turquia, as mulheres estão crescendo cada vez mais como atletas e dirigentes nos esportes. Pelo menos, esta é a minha opinião.

## Como membro da direção participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Posso responder a essa pergunta da seguinte maneira. A nossa modalidade dedesporto, como acabei de dizer, é umdesporto que pode ser praticado por homens e mulheres juntos, pois inclui mais de um ramo. Deixe-me dar-lhe um exemplo. Por exemplo; na imagem subaquática, pode mergulhar com um fotógrafo que tenha um corpo como o seu, e nesse mergulho, ou melhor, num dos tipos de competição, deve ter um "manequim" consigo. Um layout é criado sob um peixe ou água e uma fotografia é tirada lá. Neste ramo ... pode ser uma mulher ou um homem. No entanto, uma postura relativamente mais estética pode ser alcançada com as atletas que mergulham com os seus fatos de banho femininos. Mas isso não significa que sejam as melhores fotos. Este nunca é o nosso critério ... Como disse, estou nesta área desde 2007. Este não é um critério para nós. Estou a tentar dizer isto que, por se tratar de um dos raros ramos em que os dois sexos estão juntos, não nos envolvemos em políticas para as mulheres ou em estudos para envolvê-las um pouco mais. Porque já estamos mais confortáveis devido à natureza da nossa federação. Se devo dizer que da minha própria perspetiva, ao completar o meu quinto ano e ao chegar ao sexto ano, as frases que proferiram e os tom de voz que usam com os outros membros homens da direção, sempre à nossa distância , no nosso relacionamento, quando eles estavam comigo, comportavam-se sempre dentro das regras de cortesia. Não posso dizer que nunca houve uma situação com a qual eu me sentisse muito desconfortável em todos esses anos. Da mesma forma, quando fui como...Então, quando fui como meu dever, da mesma forma ... consegui ligar um motor e dirigir o motor de segurança eu mesma num exame. Levando um amigo comigo ou se outras coisas precisassem de ser feitas, eu também era capaz de fazer. Eu não experi-

mentei. Como eu disse, já que é um desporto que podemos praticar juntos. Não tenho ouvido nada que me venha aos ouvidos ou digam que acontece "assim ou assado". Pelo menos é o que posso dizer. Portanto, não fizemos nenhum trabalho promocional, francamente.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Vice-Presidente?

Como em todas as federações, a direção tem que tomar as decisões que dizem respeito à direção, não as decisões que dizem respeito à assembleia geral, sobre várias questões legislativas. Às vezes, podem ser revisões de instruções. Às vezes, podem ser algumas revisões dos regulamentos, ou uma série de petições que são recebidas na federação, como uma petição sobre isto ou sobre as avaliações e outras avaliações de coaching. Ou são recebidos pedidos de cooperação interinstitucional. Somos também uma federação que trabalha em conjunto com outras instituições do Estado, como o Ministério do Turismo, a Guarda Costeira, a Marinha, o Ministério da Educação Nacional .... Somos também uma federação que trabalha em conjunto com as universidades. Relacionamentos ligadosa questões legais, questões legislativas, aquisições .... Da mesma forma, novos materiais e fatos de treino ou serão adquiridos para a equipa nacional. Quando se trata de comprar, estas são todos os itens que vêm parar à direção.  Discutimos isto entre nós. Temos membros de diferentes áreas. Existem advogados, conferencistas e marinha. Existem membros de áreas administrativas próprias. Junto com eles, todos nós tomamos as decisões conversando. Em geral, os nossos deveres consistem nisto. É meu sexto ano.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Vice-Presidente?

Na verdade, não encontrei nenhuma dificuldade. Eu era apenas uma avaliadora. Eu tenho que dizer a todos de forma tacita, mesmo que todos tenham a capacidade de fazer um determinado trabalho, perguntar, por favor, podemos fazer isto? Na verdade, eu não precisava fazer isto. Todas as outras pessoas responsáveis naquela época ... Mas estou dizendo que as pessoas com quem trabalhávamos não eram membros da direção ou outros membros da federação. Eles conheciam-me. Claro. Eu era membro da direção, mas eles desconheciam as minhas competências habilidades, eles não adivinhavam.  Quais eram as condições psicológicas daquele dia? O que estava nas suas mentes? Não sei. Quando voltei a pedir-lhe esta tarefa como oficial de exames, eles retiraram-se e disseram que não podiam assumir esta responsabilidade. Todavia, este comportamento era algo que não sóme afetaria, mas também afetaria aquela instituição, e afetaria a segurança do trabalho que fizemos naquele dia, ou melhor, o bom desempenho do trabalho que fizemos naquele dia. Eles pensaram que eu também não conseguiria. Era o oposto ali. Então eles ficaram muito surpresos quando eu disse que o faria. E ao tomar a iniciativa, fiz este trabalho e terminei-o. Na verdade, dizem que tudo o que vivenciamos na vida tem seu lado positivo ... Depois de fazer isto, posso dizer que talvez o meu lugar ou a minha postura naquela situação tenha provocado alguma mudança. Então, talvez aquele dia, tenha sido um exame para mim. O fato de que eles se retirarem para que eu não ... Talvez fosse algo como vamos ver se ela consegue. Depois que fiz aquele trabalho e salvei aquele dia, é claro, o comportamento piorou. Foi o dia em que tive mais dificuldade, mas superei. Eu diria isso.

## Qual é a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Curiosamente, as mulheres estão um pouco mais representadas no lado académico do negócio, nomeadamente no lado académico do desporto. Talvez seja quase igual. Ou melhor, quase igual. Sabe, coisas que acontecem ... Mas do ponto de vista da gestão, claro que não existe igualdade. Portanto, existem algumas presidentes de federações femininas ou vice-presidentes. Há uma ou duas mulheres nas suas direções. Não acho que ela esteja no ativo. Deve haver uma gestora de modalidade, mas hoje só posso dizer o nome de uma pessoa cujo nome conhecemos e que se encontra nas posições de topo. Ou seja, estou a falar do desporto e da organização do desporto. Ela é NeşeGündoğan, secretária geral do Comité Olímpico Nacional. Ela também passou os seus anos nas Olimpíadas. Mais precisamente, no comité olímpico ... Fora isso, acho que não há mulheres que tenham subido tanto nas instituições. Eu acho que não há igualdade.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Atualmente, o desporto é na verdade uma cultura e um trabalho de consciência. Apenas ser atleta pode não ser suficiente para se ser uma diretora e ou apenas sair dos bastidores deste pode não ser suficiente para se ser uma diretora. Ou ser uma académica pode não ser suficiente. Na verdade, existem algumas coisas que as mulheres têm que fazer para ocuparem cargos mais de gestão... O que posso dizer? Acho que elas precisam de resolver algumas coisas nas suas cabeças. Ou seja, mesmo que digamos que devemos levar as mulheres a lugares melhores no campo do desporto, deixá-las participar mais, acho que esse campo ainda é dominado pelos homens no mundo. É como ... estou a pensar. Ou seja, eu penso que, por outras palavras, como numa engenharia civil ou numa engenharia mecânica, acho que o desporto é o mesmo para nós. Por que estou eu a dizer isto dizendo isto? Meninas ou mulheres que se inscrevem nas faculdades de desporto, de educação física ou de ciências do desporto, todos os anos são muito menos do que os homens que se inscrevem nos programas de mestrado e doutoramento. Portanto, se direcionarmos as crianças mais para odesporto, independentemente do género, e permitirmos que as meninas permaneçam neles por mais tempo, e também pudermos colocar esta área como parte da sua educação, como uma cultura, então acho que as mulherespoderão ainda vir a envolver-se mais na gestão. Porque se pensarmos nisto, por enquanto, é muito difícil. Portanto, acho que elas podem não ser bem-vindas da mesma forma em todos os lugares. Quer dizer, não devem desistir ... Ou o que devem saber? Eu tenho formação, estive envolvida, pratiquei desporto. Depois disso, acho que haverá mais mulheres se elas escolherem ficar mais dentro do meio e ter um papel mais ativo, ao invés de se casarem ou se retirarem. São realmente dois lados.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Vice-Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Essa é uma pergunta difícil. Contribuir para a sociedade ... Não sei, deixe-me colocar desta forma. Então, vou repetir como na pergunta anterior. O desporto é uma questão de cultura. Sabe, além do futebol, modalidades que podem ser faladas.... Então, há muitas modalidades. desportos individuais, desportos coletivos.... Podemos colocar a questão não apenas profissionalmente ou em termos de desempenho, mas como parte da vida. Isto é o que chamamos de alfabetização desportiva. Noutras palavras, significa interiorizar o que lemos, o que vemos nos média e torná-lo parte da vida. Ora, seria errado dizer que podemos ser um modelo sem isto, ou que contribuímos para o empoderamento das mulheres no campo dodesporto. Mas, como eu disse antes, quanto mais sucesso as nossas atletas tiverem e quanto mais elas se expressarem neste campo, eu acho que mais meninas vão praticar desporto desde tenra idade. Acho que, à medida que a participação nodesporto aumenta, a cultura do desporto e a consciencialização sobre o desporto, a alfabetização desportiva, a saúde e a educação desportiva também sedesenvolverão. Portanto, sem isto, as outras são apenas alguns exemplos. Então, é isto .... Existe uma presidente nesta federação neste desporto, ou tem esta pessoa nesta federação ... Não acho que a sociedade já nos conheça.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

O que eu recomendo? A harmonia é muito importante para esta equipa, em primeiro lugar. Porquêestar lá quando se atinge a harmonia? Quer dizer, há algo que se pode adicionar a esta federação, não tem que ser realmente com conhecimento e género, pode ser com a sua educação. O que deveria eu saber? O outro [conselho] pode ser com o próprio espírito desportivo com outros relacionamentos, podemos contribuir em muitas áreas. É muito controverso, há momentos em que todo mundo fala o que pensa. Quer dizer, a direção ... noutras palavras, não significa que uma pessoa está a falar ou outra pessoa está a falar sobre uma ideia ou um assunto ou apenas assuntos da agenda, e uma pessoa diz que vamos votar. Talvez eu tenha um pouco de sorte. Eu também não conheço os outros .Mas [a direção] é composta de membros onde todos nós temos uma palavra a dizer, as nossas vozes são ouvidas graças aos recursos que todos nós trazemos e as nossas opiniões são solicitadas.Eu posso dizer isso. Fica a minha palavra para as outras mulheres: ao invés de "não posso ser eu","eu não posso", me deixar-me estar ... Se ela pensa que vai contribuir para alguma coisa, se ela acha que o seu conhecimento e experiência serão benéficos por estar lá e para a direção... não é timidez. Eu acho que ela deveria declarar verbalmente às pessoas no topo da federação que ela quer estar aqui, ou pelo menos que ela pode ser útil aos seus subcomités. É realmenteuma coisa muito boa. Então, quando penso nestes últimos seis anos, nos tempos que passamos na direção ou nas competições ou nos cursos ou nas provas, ou noutros que contribuíram para a minha vida... Que desafios têm neste desporto oudo que gosta ou recomenda? Ouvir isto ajudou-me muito. Espero que muitas de minhas companheiras experimentem esta oportunidade que tive.

# Özlem Akdurak

Presidente
da Federação Turca de Vela

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

Acredito que o desporto é extremamente necessário para a saúde humana, tanto para a juventude como para o futuro psicologico e fisico. Acho que o esporte é extremamente importante para mim, minha família e meus filhos, assim como para muitos jovens que tentamos dar o exemplo.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

A minha familiaridade com o desporto da vela começou há muitos anos, quando conheci o meu marido. O pai do meu marido, meu sogro, Metin Akdurak, foi um atleta olímpico que representou o nosso país na vela nas Olimpíadas de Tóquio em 1964. O meu marido também é um marinheiro nacional. Por isso, acabei por me encontrar neste belo desporto da vela. Há cerca de 20 anos atrás, com o meu incentivo, decidimos dar aulas de vela e formamos uma tripulação de iate com as minhas sete amigas empresárias. Assim, participamos de corridas de iates há cerca de 20 anos com o barco que se chama Safinaz. Depois, o meu filho mais velho foi promovido à vela nacional, em todas as classes da vela nacional. O Meu filho mais novo também está envolvido na vela, e eu geri dois clubes de vela separados por cerca de 10 anos, após minha aposentadoria do setor financeiro. Este processo incentivou a navegação para uma nova Turquia e tive o prazer de estar em todos os níveis da vela até me tornar presidente da Federação de Vela.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

Acho que não existe um número suficiente de mulheres representado na vida desportiva. Ao mesmo tempo, acho que elas não assumiram o comando. Isso, claro, depende principalmente do aumento do número de atletas do sexo feminino, depois do aumento do número de dirigentes femininas nos nossos clubes e, paralelamente, ao aumento do número de dirigentes femininas nas nossas federações. Estes são todos os anéis que se reforçam uns aos outros. Então eu acho que o número atual não é suficiente. Por exemplo, quando olhamos para as nossas federações, infelizmente temos apenas três presidentes mulheres entre 64 federações. Acredito sinceramente que esse número deve aumentar rapidamente.

## Como Presidente participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Infelizmente, eu não pude participar de um estudo com essas preocupações. A gestão do desporto na Turquia ocorre no âmbito das práticas determinadas pelo nosso ministério. Eu também sou a vice-presidente da World Sailing Federation e o número de mulheres no Conselho de Administração da World Sailing Federation foi determinado por quotas. Conversei com a mina direção sobre a implementação de uma prática semelhante na eleição da Federação Turca de Vela a ser realizada nos próximos meses, e este é um tópico que estamos ansiosos por levar avante. No entanto, por enquanto, infelizmente não é possível implementá-lo nas nossas normas, mas participarei voluntariamente num estudo desse género..

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Vice-Presidente?

Desde a assembleia geral realizada em novembro de 2016 que sou a presidente da direção da Federação Turca de Vela. Também temos uma amiga de Kocaeli que se juntou a nós na direção. Mas, infelizmente, não temos mais mulheres na direção de 12 membros. Portanto, neste momento, a gestão direta de todas as atividades que realizamos como missão da Federação de Vela está sob a responsabilidade da direção que presido.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Vice-Presidente?

Eu não encontrei nenhum problema de género. Eu não encontrei diretamente nenhum problema decorrente do facto de ser mulher. A Turquia é um país muito democrático a este respeito e há sérios incentivos para a participação das mulheres em todas as fases da vida. Portanto, não encontrei nenhum problema por ser mulher. No entanto, é claro, mesmo que seja minoritária, devido à escassez de mulheres no desporto, pode haver uma perceção por parte dos dirigentes masculinos de que as decisões muito difíceis e as decisões fortes não podem ser tomadas por mulheres. Quando ao longo dos tempos eles foram vendo que não era assim, percebi que essa perceção mudou em muito pouco tempo. Portanto, não tenho nenhum problema em ser dirigente mulher na Turquia. Eu não tenho experiência desportiva. Estive na administração do setor financeiro nos últimos 20 anos.

## Qual é a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Infelizmente, a igualdade não existe em termos numéricos, como acabei de mencionar. Mas a cada dia que passa, o número de presidentes de clubes do sexo feminino está a aumentar. O número de amigas nas direções das federações está a aumentar. Todavia, quando olhamos para os factos agora, para sermos realistas, vemos que não existe igualdade.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Quando as direções são eleitas, conforme é prática na Turquia, o/a presidente é eleito/a com toda a lista da direção. Por outras palavras, entramos na eleição com a lista como a chamamos. Portanto, estamos a planear introduzir uma quota obrigatória de pelo menos 30% no número de mulheres para a nossa direção nas eleições para o novo mandato que serão realizadas daqui a alguns meses. Embora isto não esteja incluído nas nossas normas, estamos determinados a aplicá-lo como princípio, como regulamento.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Vice-Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Eu definitivamente acho que contribui. Isto, porque o aumento dirigientes mulheres em todos os campos e em todas as áreas serve de modelo para as nossas jovens que tomam essas mulheres como exemplo. Assim, mesmo os menos otimistas agora têm meninas que dizem: "Quando eu crescer, serei presidente da federação". Acredito que sou um exemplo na percepção e no estabelecimento de metas. Portanto, é claro, as nossas dirigentes são um bom modelo para as mulheres.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

As minhas colegas, tal como eu, já estão cumprindo perfeitamente as suas funções, e sua contribuição para a gestão é realmente de um nível extremamente positivo. Por isso, agradeço a todas elas. No entanto, aconselho as nossas amigas que aspiram a estes cargos ou que estão a pensar ser diretoras, a tomar, sem hesitação, medidas na difícil estrutura das eleições ou no mundo do desporto, um pouco dominado pelos homens, e a definir e determinar os seus objetivos na direção. Porque tudo começa com a segmentação. O desporto combina com as mulheres e as mulheres combinam com muitos desportos.

# Deniz Çiçek

Membro da Direção
da Federação Turca de Vela

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

O lugar do desporto na minha vida é, obviamente, muito importante. Se falarmos hoje, posso dizer que tenho feito desporto de acordo com as minhas posibilidades e idade. Eu moro numa pequena cidade perto do mar. Tento sempre caminhar à beira-mar no caminho de ida e volta para o trabalho. Fora isso, tento fazer exercícios diferentes de vez em quando. Mas, falando a sério, eu já sou uma ex-atleta. Joguei vólei na escola primária, preparatória e secondária, e até mesmo na faculdade, profissionalmente. Eu experimentei os efeitos dos desportos no desenvolvimento pessoal, especialmente nos jovens, e depois pude ver claramente os resultados disso nos meus próprios filhos e alunos/as. Além disso, o desporto é definitivamente muito importantes na vida social. Talvez se comece com desportos para se expressar, para ver se se consegue fazer algumas coisas ou não. Mas é claro, precisamos dar-lhes a oportunidade de fazer isto. O desporto começa por dar uma oportunidade às pessoas porque se não podemos dar-lhe oportunidade, talvez porque somos gestores/as, deveremos pensar assim quando passamos a tratar do desporto ao nível da gestão; se não lhes dermos uma oportunidade, eles/elas não podem praticar desporto, não podem melhorar. Acho que o desporto é absolutamente importante para o estado de bem-estar que agora chamamos de bem-estar na sociedade, para a paz interior, para se ser feliz, para se desfrutar do trabalho que se faz, para ter uma sensação de sucesso, para se ser saudável.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

Conheci a vela ativamente em 2011. Como parte do meu trabalho, trabalho em projetos da União Europeia. Posso dizer que fui apresentada a um clube náutico para escrever uma proposta para um projeto para a Eastern Marmara Development Agency, uma agência de desenvolvimento local que fica no local onde moro. Nesse processo, preparamos um projeto de apoio técnico sobre a "Organização Aquática Internacional". O nosso objetivo naquele projeto era organizar os desportos aquáticos a um nível internacional e com melhor qualidade, fazer coisas mais eficientes em grandes organizações, para representar a Turquia na arena internacional e desenvolver os desportos à vela. Após a aceitação deste projeto, estreitamos as relações com os dirigentes do Karamürsel Alp Sailing Club. Eu vi o que eles fizeram. Eu vi o que era o desporto à vela. Com o tempo, começou a atrair mais atenção. Principalmente porque é um desporto feito com a natureza, e é um desporto de mar que respeita o meio ambiente. Os meus filhos começaram a praticar Vela. Eles começaram a navegar. Naquela ocasião, entramos juntos na família dos velejadores da comunidade náutica.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

Se olharmos para a igualdade de género, as mulheres precisam estar no desporto para ganharem um lugar na sociedade. Como já dissemos, a valorização do desporto no desenvolvimento pessoal, na vida social das pessoas é absolutamente indiscutível. Quando olhamos para isso no desporto, de um ponto de vista representativo, é claro que tem dimensões diferentes. No ponto de vista da atleta, as mulheres precisam ser mais incentivadas e ter mais oportunidades. Na verdade, acho que o que chamamos de igualdade de género significa mais oportunidades e oportunidades iguais para ambos os géneros. Se olhar deste ponto de vista, se der mais oportunidades para as meninas, jovens ou mulheres nas

dimensões organizacionais ou de gestão dos desportos, está, na verdade, a abrir-lhes o caminho. Pode constatar que elas contribuem para o seu progresso e expressam-se melhor, tanto no seu progresso pessoal quanto no seu estatuto, em alguns aspectos sociais. A partir do meu próprio exemplo, de fato, a gestão de um clube náutico foi talvez uma oportunidade que me foi dada. Os homens têm mais oportunidades. Portanto, penso que é o mesmo em diferentes países. As mulheres conquistaram alguns direitos mais tarde, mas em nosso país, é claro, tem uma dimensão diferente. Avalia-se cada país e cada cultura dentro de si mesmos. Acho que está a aumentar (a igualdade) a cada dia. Acho que há mais mulheres em termos de representação no desporto, mas quando pensamos em termos de atletas, claro, o número deve aumentar e elas devem ser incentivadas. Talvez se se comparar os atletas masculinos e e as atletas femininas, em termos das dificuldades que vivenciam no dia a dia, as atletas vão para o treino enfrentando mais desafios. Enquanto participam de competições, elas podem ter que lutar contra coisas diferentes enquanto participam de competições. Além disso, se pensar em termos de gestão, depois de ser dirigente de um clube náutico ou de um clube desportivo de escalão superior, talvez haja uma busca das mulheres pela perfeição. Existem questões como se eu posso fazer tudo, se posso fazer isto ou posso fazer aquilo. Mas não vemos isso nos homens. Uma vez que esta é uma oportunidade que surge (normalmente) no caminho destes, estes podem dizer espontaneamente "eu posso fazer este trabalho". Mas quando se trata de uma mulher, existem outras mulheres? Existem exemplos? O que eles estão a fazer? Posso fazer isto? Elas enfrentam estas questões. Se elas conseguirem superar essas questões, acho que definitivamente contribuirão para qualquer desporto com os seus conhecimentos e as suas personalidades. Outra dimensão é que os árbitros também são outra parte interessada do desporto. Se pensarmos do ponto de vista dos árbitros, que decide numa organização, num jogo, numa competição, saber as regras, ser capaz de tomar a decisão certa ... Quanto mais experiência as nossas árbitras ganham nas competições regionais, competições nacionais ou internacionais, serão feitas decisões mais precisas e expectáveis naquele nível e melhores resultados serão produzidos. Acho que é só isso.

## Como membro da direção participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Quando se trata de desenvolver políticas sobre este assunto, tenho que dizer isto. No nosso país, temos que implementar as políticas de acordo com as decisões tomadas pelas instituições de alto nível decisoras das políticas ao nível ministerial e das suas avaliações sobre o assunto. Além disso, como Federação de Vela, temos atividades para abrir caminho para as atletas femininas e aumentar o seu número. Porquê é isto importante? Lembro-me da decisão do Comité Olímpico Mundial de que deveria haver 20% (não tenho certeza) de atletas do sexo feminino entre os/as atletas que vão participar das Olimpíadas. Não tenho certeza sobre o número. O importante é que, para conseguirmos enviar com sucesso as nossas atletas para os Jogos Olímpicos ao nível das atletas olímpicas, a nossa infraestrutura deve ser composta por um grande número de atletas femininas. Isso significa que organizamos e fazemos atividades de campeonatos para meninas. Qual é o propósito aqui? Na verdade, dar-lhes uma oportunidade ... Porque eliminando as barreiras à igualdade de oportunidades de género, talvez queiramos dar-lhes mais oportunidades. A criança que vê isso e vê que tem sucesso pode definir metas maiores para si mesma e pode definir metas olímpicas. Portanto, se tomarmos uma decisão ou uma política da iniciativa de um Comité Olímpico Mundial sobre este assunto e continuarmos a realizar atividades de acordo com estas, depois de incluí-las (as políticas) entre os nossos objetivos; é claro, as decisões relativas à pergunta que me colocou são importantes? Sim, claro ... Ao adotar as decisões tomadas pelas organizações guarda-chuva das instituições superiores e as políticas que desenvolveram, contribuímos para elas. Como eu disse, as atividades para mulheres e mulheres atletas ... Não digo isso apenas para a vela, vale para todas as modalidades e certamente vai dar bons resultados para nós no futuro, em termos de igualdade de género.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Vice-Presidente?

Tenho trabalhado diretamente na Direção da Federação de Vela, há cerca de 3 ou 4 anos. Claro, devido a uma pandemia de dois anos, todos nós tivemos um problema em termos de tempo. Então pensei um pouco. Como Federação Turca de Vela, o nosso objetivo é desenvolver a vela turca, obter maior sucesso nacional e internacional no campo dos desportos e formar atletas bem-sucedidos. Além disso, pretendemos atingir mais atletas. A Turquia é cercada por mares por três lados. Como o Lago Van, temos lagos e lagos que nos permitem navegar grandes distâncias. Em primeiro lugar, o nosso objetivo é garantir que haja atividades de navegação sempre que possível, onde quer que a vela possa ser feita, onde quer que a vela possa ser feita fisicamente, geograficamente. Depois disso, posso dizer que estamos a trabalhar para aumentar o número de atletas, para velejar, para desenvolver mais atletas tecnicamente, para participar em competições, para fazer carreiras no desporto, e para garantir que os/as atletas tenham a possibilidade de praticar desporto em algum momento de suas vidas se, entretanto, escolherem mais tarde uma carreira diferente. É claro que, como federação, realizamos muitos estudos. Temos clubes de diferentes dimensões. Nós encorajamos e apoiamos os clubes. Desta forma, os clubes náuticos são espaços de formação que possibilitam a sua existência pelo exercício do desporto e entrelaçado nele. Apoiamos os clubes náuticos. Organizamos atividades de treino para o desenvolvimento do desporto à vela em toda a Turquia. Estamos trabalhando no aprimoramento dos treinadores. Organizamos atividades que contribuirão para a formação de treinadores de vela que formarão atletas de nível mundial e que podem alcançar grande sucesso. Por outro lado, no âmbito do Ministério da Juventude e Desportos, procuramos contribuir para o trabalho desenvolvido ao nível ministerial em termos das metas traçadas. Por outro lado, estamos a trabalhar para fortalecer os clubes náuticos como organizações não governamentais, talvez para fazerem trabalhos de sucesso, para serem clubes mais sustentáveis e para contribuir mais para a vela.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de membro da direção?

Acho que as dificuldades e as principais dificuldades... Se está numa federação, claro, o que precisa fazer é resolver os problemas dos clubes, atletas e treinadores ... Mas posso dizer que estamos a trabalhar de forma muito produtiva com a nossa equipa. Se pensarmos em grande escala .... É nosso dever resolver os problemas. Sempre existem problemas. Grandes ou pequenos ... O que fazemos é tentar resolver os problemas que os nossos atletas, treinadores e clubes enfrentam. Se eu penso no meu caso específiconisto, não posso dizer que encontrei esta dificuldade extra ou não posso dizer que encontrei tal coisa como mulher. Mas, talvez achemos isto interessante. Porque somos poucas - isto é, a este nível, ao nível das direções das federações não há muitas mulheres. Posso até dizer que estamos a receber mais incentivos. Embora se diga que é difícil e se diga que o número de mulheres é pequeno, se tiver essa oportunidade e estiver a tentar fazer algo a respeito, definitivamente há pessoas que a apoiam. Vejo muito apoio da minha família. É claro que adoro a motivação e o incentivo dos meus amigos da direção do clube, do nosso próprio clube de vela, o Clube de Vela do Município de Kaytazdere. Na Direção da Federação de Vela, posso dizer que sempre sentimos o apoio dos amigos do nosso presidente de outras direções. Não irei falar diretamente de dificuldade. Por outro lado, durante os últimos dois anos da pandemia, experimentamos dificuldades, como as experimentadas em todas as modalidades ou em todas as áreas da vida. Mas o que tentamos fazer é sempre; "Qual é o nosso objetivo? Como podemos transformar a situação atual e os problemas atuais numa vantagem para atingir este objetivo?". Sempre nos concentramos nisto como direção. O que aconteceu então? Tentamos conduzir as nossas reuniões online. Priorizamos a educação. Tentamos fazer coisas diferentes no treino online. Por outras palavras, tentamos transformar a situação em que nos encontrávamos numa vantagem, a COVID numa vantagem para nós, tanto quanto possível. Entretanto, é claro, houve dias muito difíceis em termos de saúde. Em todo o mundo, na Turquia e noutros países, parceiros associados a projetos, desejo a todos a paciência de Deus paciência pelas perdas vividas pela COVID.

## Qual é a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Isto é uma responsabilidade em termos de participação ... Estar na direção de uma federação tem algumas responsabilidades. Afinal, tem que se comparecer às reuniões, seguir a agenda e obter uma reação relativamente a esta. Por se tratar de uma organização que abrange toda a Turquia, deve-se comparecer às reuniões- mensalmente, com mais frequência ou em intervalos maiores. Às vezes, precisamos de viajar. Tem que se viajar. Primeiro, precisade se estar em forma para viajar. Para viajar, tem que se ser capaz de viajar sozinha. Precisa de estar pronta para isso. Agora pensemos em termos de homens e mulheres. Tem que se estar acostumada a viajar ou habituar-se a fazê-lo. Obviamente, as responsabilidades familiares e relacionadas com trabalho podem impedi-la de viajar e limitar as suas oportunidades. Tem que se levar isso em consideração. Portanto, para fazer parte de uma direção e cumprir estas responsabilidades, deve primeiro organizar-se a vida. Se é casada, tem família ou filhos, vai precisar de organizar a vida deles de acordo com isso. Deste ponto de vista, quando se avalia como a mulher e como o homem, é claro, há muitos mais problemas a serem resolvidos para as mulheres ou muita mais regulamentação precisa de ser feita. Se eu pensar nisto, a partir da minha própria perspectiva, como os meus filhos são mais velhos, posso cumprir estas responsabilidades sem perturbar a sua ordem e o fluxo das suas próprias vidas. Por outro lado, preciso dedicar tempo à minha profissão, sem interromper as responsabilidades da minha própria profissão. Chamamos isso de gestão de tempo multiplaneado, tem que se gerir muito bem o tempo. Desde que as mulheres possam fazer isso, é claro, elas podem fazer parte da direção. Claro, isso depende da habilidade individual. Tem que pedir pessoalmente. Precisa colocar isto nos seus objetivos pessoais. Na nossa cultura ou na Turquia ... não conheço outros países porque não fiz nenhuma pesquisa sobre esse assunto ... Mas os homens são mais adequados para isso, têm mais mobilidade. Como sabe, a responsabilidade familiar é pedida à mãe. Como eu disse, se puder organizá-los, se pudermos reuni-los a partir deste quadro, talvez as mulheres possam estar disponíveis para a trabalhar nas direções de uma federação. Em segundo lugar, ela deve colocar isto nos seus objetivos

pessoais. Em terceiro, ela precisa de conseguir adaptar as suas condições. Se tem uma criança pequena e um bebé pequeno, talvez não consiga viajar sozinha. Neste ponto, o seguinte é necessário: se quisermos que uma mulher ocupe tal posição, devemos contribuir para ela de maneira diferente. Na Comissão da União Europeia ... acho que há uma imagem. Uma das delegadas tem um bebé nos braços. Ela até amamenta o seu bebé na grande sala de reuniões. Acabou de me ocorrer agora. Se ela tiver que viajar com o bebé, sim, ela pode. O bebé também se adapta a essa situação. A mãe também se inventa e sem problema .... Enfim, seja qual for a contribuição dessa mulher, seja qual for o seu potencial pessoal como especialidade de trabalho, a sua contribuição, pode dar essa contribuição. E, portanto, pode certamente funcionar em tais conselhos de forma a contribuir para o desenvolvimento das sociedades e dos objetivos da União Europeia. Mas é isso, é preciso ajuda. Talvez eu possa dizer que os formuladores de políticas precisam tomar algumas decisões e levá-las em consideração.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Especificamente, eu não posso dizer que tomamos uma decisão sobre isto recentemente. No entanto, o fato de a Presidente da Federação Turca de Vela, Sra. Özlem AKDURAK, ser uma mulher (ela convidou-me para esta posição), é um indício da existência de incentivo à presença de mulheres nas direções. Mas claramente encorajamos as velejadoras a se juntarem aos comités que representam o nosso país em nome da vela, em alguns comités internacionais. Atualmente, temos desportistas que nos representam no estrangeiro com oito títulos diferentes ... Estamos a trabalhar na vela e principalmente no facto de serem mulheres. Cinco ou seis delas são atualmente representantes femininas, se bem me lembro ... Portanto, se não diretamente pela direção, estamos a trabalhar para aumentar o número de atletas em todos os campos, para incentivar as velejadoras a serem árbitras e treinadoras, e a representar o nosso país e a navegação turca em comités internacionais.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Vice-Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Acho que a formação da federação de vela tem uma contribuição positiva para a perceção da sociedade. Para simplificar, acho que sou um exemplo para a próxima geração. Acho que sou  um exemplo para as direções de outras modalidades desportivas e para as direções das federações. Acho que há dados do Ministério do Desporto Juvenil que podem contribuir com as suas próprias políticas neste sentido. Dados numéricos ...Numa escala maior, acho que mudou o resultado numericamente em termos de organizações desportivas internacionais em termos da União Europeia e de outras estruturas que trabalham com a UE em primeiro lugar. Quando pensamos nisto, acho importante explicar esta possibilidade a todos os atletas do clube de vela que eu dirijo. Porque sabem que as suas irmãs Deniz são membros da federação náutica e estão disponíveis para participar da direção. Eles sabem que algumas decisões são tomadas lá. Eles sabem que contribuem para essas decisões de alguma forma. Eles vêm até mim e me dão ideias. Eles podem dizer: "Querida irmã, tenho uma pergunta e, por favor, fale sobre este assunto, faça assim, tome estas decisões." Na verdade, eles acham que, quando as mulheres têm a oportunidade, talvez possam fazer parte da direção. Na verdade, esta pode ser uma resposta muito boa. A minha filha atualmente é professora de educação física. Ela também é atleta de vela. Como sabe, o anuário é preparado quando se está a terminar a formação. Há até uma frase sobre ela no seu anuário: "A nossa amiga que quer ser presidente da federação de vela quando crescer". Noutras palavras, isto é obviamente devido à presença de nossa ilustre presidente, Sra. Özlem. Este é um exemplo muito claro. Se a Sra. Özlem pode ser tomada como exemplo pela minha filha que é atleta ou por uma atleta de vela, as mulheres que estão nas direções das federações são definitivamente influentes em termos de influenciar mulheres e mulheres jovens ou meninas. Além disso, acho que é importante para os homens se acostumarem com essa ideia e aceitarem essa possibilidade.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

Claro que existem dificuldades, mas o importante é pensar que essas dificuldades podem ser resolvidas de alguma forma. Diz-se que, especialmente, as habilidades analíticas das mulheres são mais avançadas. Existem estudos científicos sobre isso. Claro, primeiro tentaremos resolver as dificuldades dentro de nós mesmas. Existe uma solução para todas elas. Se estabelecemos uma meta para nós mesmas, é uma meta pessoal, uma meta de carreira ou uma meta pessoal. Se estabelecemos uma meta para nós mesmas, sempre enfrentamos dificuldades e tentamos superá-las à medida que progredimos em direção a essa meta. Se se trabalha numa direção, é claro que terá dificuldades. E toma-se algumas medidas para resolvê-las. Se olhar, se funcionar, vai continuar. A medida que tomou pode não ter funcionado e tentará outra coisa. Funciona. Noutras palavras, deve ter uma abordagem de correção constante dos erros para a solução de problemas. Se adotar essa abordagem, já pode cumprir o dever conforme exigido ou pode cumprir as responsabilidades inerentes ao fato de ser membro da direção. O que nunca devemos esquecer em tal situação é que somos sempre um exemplo para os outros. Para as mais novas ou mais velhas do que nós... Porque, por exemplo, sou incentivada por pessoas mais velhas do que eu, por mulheres, na minha família ou na vida profissional ou no meio que conheço. Ouço dizer: "Vocês estão a fazer grandes coisas, gostaria que tivéssemos tido essa oportunidade". Isto significa que somos um exemplo para as outras. Mas embora seja um exemplo, não deve ser uma abordagem como se estivéssemos sob problemas. Se há mulheres trabalhadoras como eu, elas também ... Por outro lado, claro, como eu disse, há um alvo. Este também é um objetivo da federação, um objetivo federativo. Vários objetivos foram definidos em toda a Turquia. Existem objetivos desportivos. Na verdade, estamos a tentar alcançar estes objetivos também, ao mesmo tempo que contribuímos para eles. Na verdade, precisamos perceber isso. Talvez

precisemos divulgar o nosso trabalho para os outros. Se ninguém sabe o que estou a fazer, como posso ser um exemplo para elas? Deste ponto de vista, há realmente um grande benefício neste projeto. Ao revelar mulheres que atuam na área desportiva nas direções, estão a fazer com que nossa voz seja ouvida com mais regularidade e de forma planeada. E agora é você que me dá um exemplo. Acho que a partir de agora posso fazer um trabalho de divulgação ou divulgação sistematica. O que elas também têm que fazer... Elas estão definitivamente fazendo algo bom e certo. Elas contribuem para o país e contribuem com a juventude. Elas contribuem para o futuro e acho que devem compartilhá-lo tanto quanto possível. Posso recomendar-lhes que partilhem o seu bom trabalho com outras pessoas. Claro, deve ser nos média. Mas de forma qualificada ... talvez sim, é o que sugiro.

# Nisa Ersoy

Vice-Presidente
da Federação Turca de Automobilismo

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

Posso dizer que o desporto é um fator que realmente entrou no fluxo da minha vida. Disciplina, assim como trabalho dedicado ... O desporto é uma fonte de vida para mim. Claro que no desporto, para quem pratica desporto, poder ir além disso, a autoconfiança que vem com a sensação de sucesso e estar na sociedade com essa autoconfiança ... Na verdade, faz sentido. Na verdade, acho que o desporto é um fator que fortalece a existência de pessoas com todas as suas identidades.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

Eu interesso-me por carros desde criança. Pratiquei outros desportos quando era pequena, no ensino básico e no ensino secundário. Sempre fui um atleta federada. Mas a minha paixão por carros atraiu-me para esta estrada. Claro, naquela época, eu não sabia que existia um desporto assim. Mais precisamente, não sabia que havia um desporto com carros. Quando era muito jovem não tive oportunidade de começar pelos ramos mais baixos, nomeadamente o karting, a que chamaríamos o jardim de infância dos desportos automobilísticos. Eu e minha família não conheciamos este desporto. Então, depois de terminar minha educação universitária, fui assistir a uma corrida em que participavam amigos meus no programa. Foi amor à primeira vista. Este é o meu desporto, pensei eu. Eu queria fazer isto. Eu amo absolutamente carros. Desde a minha infância sempre me interessei por automóveis e o meu marido já trabalhava na indústria automóvel nessa altura. O meu marido deu-me essa oportunidade e eu imediatamente comecei a pesquisar. Construí para mim um carro de treino e um carro de corrida. Estavamos em 1999 e foi assim que conheci este desporto. Desde 1999, nunca mais abandonei mesta ligação. Comecei como atleta. Entrei para a direção em 2015. Claro, nós, sempre sou diferente ... Na verdade, enquanto eu vivia na frente, agora vivencio este desporto em segundo plano, no que diz respeito à organização e aos atletas, é a fase administrativa. Ainda estou a tentar aprender. Por outras palavras, acho que a minha jornada com este desporto irá até ao meu último suspiro, en-

quanto as minhas forças a e minha competência física continuarem. Isto, porque hoje estou na direção, mas se eu tiver uma oportunidade de amanhã participar numa corrida, sento-me no assento do automóvel com esta paixão e desejo. É uma grande paixão.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

O lugar da mulher no desporto ... Se há uma atleta que representa um desporto e pratica um desporto, acho que tem que haver uma mulher na sua gestão. Porque acredito que deva haver uma gestora que se aproxime da atleta que representa o desporto para que a mulher gestora possa entender e explicar as vantagens e desvantagens vivenciadas pela atleta, as comodidades, as dificuldades, o progresso da organização. Eu também experimentei isso em nosso próprio esporte. Quando olhamos para o índice de mulheres na Turquia, ou seja, quando olhamos para o índice de mulheres praticando esportes, fica em torno de 7% e temos 7% de mulheres atletas em relação aos homens. Nos ramos que escolheram, como todos já adivinhamos, as mulheres se mostram mais em ramos como vôlei, patinação no gelo, ginástica e dança. Eu definitivamente acho e sei que há mulheres dirigentes nesses ramos, nesses ramos do esporte. Mas as mulheres gerentes são menos do que atletas? Em termos percentuais, os dados indicam que está em torno de 4%. Isso quer dizer que sim, nossas atletas femininas estão envolvidas com o esporte, mas não preferem estar na gestão ou administração após essa fase, ou podemos pensar que as mulheres realmente se afastam do esporte por outros problemas que a vida traz para elas, como como casa e filhos, junto com sua própria criação. Isso me faz pensar. Se eu tiver que dar um exemplo de minha própria situação e minha própria posição, é o que observei. Na verdade, eu sei que nós, como mulheres desse esporte, não somos tanto assim, somos mais. No entanto, enquanto os papéis da vida estão sendo compartilhados, o papel da mulher na vida é mais diversificado, então talvez ela tenha que desistir em algum momento, do esporte que praticou em um lugar, para

o esporte que praticou com grande devoção e zelo. um período que ela amou. Ou seja, o que posso dizer em termos de países é que as mulheres que praticaram esporte, fizeram qualquer tipo de esporte, na verdade têm posições que vão desenvolver o esporte em diferentes posições no futuro, até criar consciência na medida em que podem conectar-se com esse esporte, produzir projetos sociais, e quem sabe até ter cargos que possam ser representados no exterior. É o que eu desejo.

## Como Vice-Presidente participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Como Federação Turca de Desportos Automobilísticos, a organização à qual somos afiliados é a FIA. Há um teto muito amplo dentro da FIA e diferentes conselhos são realizados sob esse teto. Existem diferentes comissões. Tive a oportunidade de fazer parte da comissão de mulheres da FIA. Estava no Zoom. Ao mesmo tempo, temos a nossa comissão feminina, a comissão feminina dos desportos automobilísticos na Turquia ... As reuniões, nas quais o nosso presidente também participa fisicamente, lançam muita luz sobre as mulheres. Ou seja, os temas discutidos nos encontros, a partilha entre mulheres de diferentes países, a perspectiva de diferentes países sobre o desporto, a formação de atletas femininas nesses países e a sua adaptação a este desporto, projetos de responsabilidade social, como podemos integrar as mais –valias inerentes à mulher no desporto ... Paralelamente, associamo-nos aos conselhos para garantir que estes projectos, muito abrangentes, elaborados sob a forma de guias para a formação de atletas, nos sejam entregues e postos em prática nos países e por todas as partes interessadas na sua implementação e estes projetos visam estabelecer a presença de mulheres como atletas e como directoras. Claro, a ideia principal aqui é aplicabilidade, sustentabilidade. Os projetos precisam ser viáveis para serem sustentáveis. Aqui, escolhemos a sustentabilidade por conta própria na Turquia e podemos implementar

a sua aplicabilidade adaptando-nos às condições do nosso país e aos períodos que estamos a atravessar. Entre os projectos, há missões que assumimos para nós próprias, há projetos nos quais participamos em conjunto, e até temos projetos nos quais participamos diretamente e que foram aprovados pela FIA. Estes são os projetos educacionais. Também estamos a tentar garantir a viabilidade da comissão de mulheres e destas na Turquia. Claro, muito diverso, multicolorido ... Nem sempre é fácil para nós fornecer os resultados que com os apresentam os outros participantes de todo o mundo e a fazer um brainstorming no nosso próprio país com os nossos meios, condições e o que podemos oferecer. Mas posso dizer que é um assunto que se discute em todos os países em geral ... Talvez fosse correto dizer isto apenas em nome dos desportos motorizados. A presença das mulheres neste desporto diz respeito ao que pode ser feito para aumentar o número de mulheres e o que pode ser feito para manter as mulheres neste desporto. Na verdade, não alcançamos essa consciência ... A comissão do conselho das mulheres da FIA foi criada em 2010. Também estabelecemos nosso conselho das mulheres na Turquia em 2015. Portanto, nossa jornada não é muito longa. É uma jornada de 11 anos, mas nesses 11 anos, temos alguns projetos realmente marcantes que implementamos e realizamos em parceria com a FIA. Portanto, essas partilhas, na verdade tais experiências, são sempre uma vantagem. Não acho que seja uma desvantagem. Actualmente, começamos a sonhar. Sim, não conseguimos implementar todos os projectos no nosso país, mas este ano tivemos a oportunidade de fazer o que sonhávamos há 5 anos. Portanto, daqui a 5 anos, teremos a oportunidade de fazer o que sonhamos hoje. É por isso que participamos destas reuniões e continuamos a sonhar. Como mulheres, somos uma equipa muito participada. Não estou sozinha e acredito que podemos conseguir tudo isto.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Vice-Presidente?

Em 2015, passamos à gestão da Federação Turca de Desporto Automobilísticos. Estou em funções desde então. Comecei como vice-presidente. Nos últimos dois anos, servi como vice-presidente. Obviamente, o nosso objetivo principal é ganhar atletas, apoiar os nossos atletas e gerir 11 filiais, que fazem parte da Federação Turca de desportos Automobilísticos, e definir as regras desportivas. E esta é a nossa principal missão, como Federação Turca de Desportos Automobilísticos, assegurar que sejam organizados e praticados de forma segura, existindo os nossos clubes em quase todas as províncias da Turquia. Como mulher, esta federação participa destas questões e, ao mesmo tempo, "Como podemos capacitar as mulheres nos desportos automobilísticos?" Eu também preferi estar muito envolvida com a questão. E, nesta ocasião, estabelecemos a Comissão Turca de Mulheres de Desportos automobilísticos, em 2015. Há 16 voluntárias nesta comissão e elas chehgam através de eleições. Na verdade, isto é, mais precisamente, por transferência de lugares. Ao mesmo tempo, estamos a trabalhar muito para aumentar o número de atletas femininas das quais as mulheres desejam fazer parte e para aumentar a consciencialização sobre a responsabilidade social, a consciência no trânsito e as vantagens e desvantagens que este desporto, na verdade, traz para as nossas vidas.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Vice-Presidente?

O desafio que tenho como mulher neste desporto é, na verdade, filtrar os meus desejos e sonhos, pois sei que os meus amigos, colegas, dirão sim a qualquer coisa que eu disser, solicitar ou sugerir. Então, realmente ... Porque, como mulher, eu sei que realmente vejo muito valor no nosso próprio desporto, e eu sinto isto em todas as oportunidades.

## Qual é a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Recentemente, é possível ver mulheres em todos os campos, em todos os campos do desporto, da vida e da arte. Mas ainda acho que somos poucas. Embora eu atribua o motivo disso às oportunidades dadas, ao invés, parece-me, de colocar a responsabilidade na forma de tratamento a que são sujeitas as mulheres nas áreas em que estamos. Acho que precisamos estar mais dispostas a agir de forma mais determinada e responsável, como mulheres. Ao mesmo tempo, é claro, a criação de oportunidades neste contexto baseia-se no facto de diretoras estarem na direção e as dificuldades vividas pelas mulheres, ou seja, as mulheres nesta comunidade, ou nas áreas que precisam ser desenvolvidas, são assim percebidas e consideradas. Nos desportos motorizados, mencionei há pouco a comissão feminina, mas quando pensamos nos nossos atletas e, na verdade, nos nosso diretores, o número de mulheres está talvez acima da média da Turquia e não pode ser negado. Para uma pessoa que não conhece realmente o automobilismo e olha de fora, pode ser considerado como uma hegemonia masculina. O automobilismo é um desporto que na verdade elimina a distinção entre meninos brincando com carros e meninas brincando com bonecas, que nos é ditada desde o momento em que nascemos. E, claro, pode ser uma surpresa, mas por exemplo, o número de atletas do sexo masculino entre os nossos atletas licenciados é 877, e o número de atletas do sexo feminino é 98. Em outras palavras, se considerarmos que a média da Turquia é de 7%, as mulheres chegam a 11%, 12% , na nossa federação, nos desportos automobilísticos. Da mesma forma, em 2021, o número dos nossos observadores/supervisores era cerca de 2570 do sexo masculino (ou seja, estou falando sobre as pessoas que são designadas para gerir cada corrida em todos os ramos), enquanto o número de observadoras é de 648. Por outras palavras, temos 25% de mulheres supervisoras. Eu acho que essa é uma proporção muito boa. Mas claro que não se pode ficar por aqui .... Pensamos sempre como podemos adaptar mais atletas e mais mulheres ao nosso desporto. Claro, tenho vontade de dizer isto, se a sua pergunta for relativamente à direção.... Claro, se houver mais mulheres atletas e observadoras/supervisoras, o número de dirigentes e dirigentes que as representam aumenta.

Portanto, embora a proporção de mulheres no desporto automobilístico não seja suficiente para nós, ela está num nível satisfatório, e estamos constantemente a pensar no que podemos e devemos fazer para treinar atletas do sexo feminino e aumentar o número de supervisoras.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Além de ser a única mulher na direção, também represento a comissão de mulheres. A nossa comissão de mulheres, na verdade, consiste de 16 pessoas. Podemos ser uma ou duas mulheres com um presidente devido ao número de comissões. Mas, na verdade, há um exército atrás de nós que trabalha para as mulheres. Quando olhamos para isto, vemos que os nossos amigos que têm um papel ativo em todas as unidades críticas e em todas as nossas comissões (comissão para deficientes, comissão para mulheres e comissão ambiental) são mulheres. Então, talvez possa fazer uma distinção. Enquanto os homens estão a trabalhar de forma mais eficaz nas nossas comissões desportivas ... Porque temos competições e corridas em todas as províncias da Turquia. Na verdade, estar na gestão e participar das comissões exige mobilidade. Enquanto os homens são muito mais ativos aqui (vamos, é claro), vemos que as mulheres estão mais envolvidas em projetos de consciencialização, educação sobre questões ambientais, consciencialização dos jovens, treinos de trânsito, captação de atletas, marcas e carting. É por isso que continuamos a seguir este caminho, e como vimos e temos a certeza que os projetos desenvolvidos dentro do próprio órgão da federação podem dar certo com as mulheres, não podemos reduzir este número de mulheres. Pretendemos aumentar o número de mulheres fazendo mais projetos, para que a responsabilidade social chegue a mais vidas, e para aumentar o número da nossas supervisoras e atletas. Queremos ir mais longe e não perder tempo. Nos próximos tempos, continuaremos ativamente com a comissão de mulheres e as mulheres na direção, com a copa feminina e os projetos que vamos adequar como responsabilidade social - ainda estamos na fase de conceção - nos quais as mulheres estão envolvidas.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Vice-Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Sendo uma mulher do desporto automobilístico ... Nos últimos 20/21 anos, senti que em todos os ambientes em que estive, em todas as reuniões que fiz, e como o rosto da área que represento, tudo isto reflete a igualdade de género em todos os sentidos. Como eu disse, o nosso desporto é mais sobre carros, então a gestão é igual. Na verdade, num primeiro momento, descobri que achavam muito estranho, que não acreditavam, nos ambientes em que entrei, ou melhor, talvez numa fase inicial, com olhares de espanto de que eu não tinha ideia. Porém, é claro, à medida que conseguimos transmitir conhecimento e experiência, sempre fui acolhida com respeito e apreço. Quando dizemos automóvel e mulher, duas coisas opostas vêm juntas. Tem que se reforçar ainda mais a questão da igualdade. Em muitos desportos, pode-se falar de igualdade no desporto, mas poder falar em igualdade num desporto praticado com um instrumento que está em total contradição com a estrutura e a natureza, duplica a necessidade de investir na igualdade. Ser mulher no automobilismo ... Sempre podemos falar de igualdade, mas sempre me deu a sensação de que não se trata mais de igualdade, é ir para além disso. Por isso, de facto, além da igualdade, é possível às mulheres praticarem todos os desportos que as mulheres praticam, ou seja, como homens e mulheres. Mas acho que ser capaz de estar no desporto automobilístico vai para além da perspetiva da igualdade. Uma das nossas especialidades é que nos desportos motorizados, homens e mulheres podem fazê-lo na mesma plataforma, na mesma pista, na mesma pista, com os mesmos instrumentos, o mesmo material, o mesmo equipamento, sem dar ultimatos diferentes às mulheres, dando vantagem à mulher ou prevendo desvantagens ... Entramos no mesmo carro, temos as mesmas luvas, o nosso capacete, a nossa atitude é a mesma dos nossos colegas homens que estão a competir, e vamos pelas pistas que eles usam. Quando o pneu do nosso carro está furado, temos que descer e trocá-lo da mesma maneira. Os nossos colegas homens têm que o mudar da mesma maneira. Ou seja, estamos a falar de um desporto onde há muita igualdade. Assim são as nossas regras, as nossas pontuações ... E o nosso equipamento não muda assim, dependendo dos ramos. Estamos

a constituir equipas femininas. Em alguns ramos, também damos pontos para as mulheres. Isto para encorajar e garantir que mais mulheres participam deste desporto. Isto foi o que fizemos. Mas, fora isso, somos um dos poucos desportos que homens e mulheres realmente praticam de igual forma e nas mesmas condições. Noutros desportos (por outras palavras, no Vólei, no basquetebol, você sabe, as campeãs femininas são diferentes) as competições são realizadas para os homens em momentos diferentes em campos diferentes. Isso não é verdade no nosso desporto. Todos nós,

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

Há algo em que eu sempre acredito. Uma pessoa deve primeiro conhecer-se. Quem se conhece, quem sabe o que pode fazer, o seu potencial, os seus limites também sabe onde estará, onde poderá contribuir e ser útil. Portanto, considero que é minha obrigação retribuir o que este desporto me deu ao longo dos anos. Na verdade, posso dizer isto sem distinguir entre homens e mulheres. Eu gostaria de dizer isto especialmente para as mulheres. Porque as mulheres realmente sabem que são muito bem-sucedidas em tudo o que fazem, muito talentosas, muito meticulosas e a realizar muito melhor um trabalho estruturalmente. Em primeiro lugar, podemos pensar multidimensionalmente. Temos uma criação muito multifuncional. Somos todas mães, somos todas atletas, somos todas iguais, somos todas gestoras e, claro, há responsabilidades extras que assumimos em todas as áreas da vida e, claro, essas também trazem ganhos. E essa é uma coleção enorme. Para revelar esse somatório, é preciso conhecer-se a si mesma. Neste sentido, quero que todas pensem primeiro onde e o que podem fazer, o que podem imaginar e realizar. Começamos com sonhos. Na verdade, com a Comissão feminina, com certeza me devo lembrar das minhas amigas aqui. Para treinar atletas, para lidar com os problemas das atletas ou para ouvir suas demandas, na nossa comissão de 16 mulheres voluntárias ... O que mais podemos fazer além de ouvir as suas sugestões? Porque nós temos tanto ... As mulheres podem não ficar com tanto. Quando pensamos no que podemos fazer, devemos fazer algo pelas crianças. O que devemos fazer pelos jovens? Há

as mudanças climáticas, devemos fazer algo pelo meio ambiente. Bem, então, há alguma desvantagem que o nosso desporto deu aos espaços de convivência? Nós nos renovamos constantemente com pensamentos novos e, por isso, temos um projeto que inclui três ou quatro tópicos muito principais. Um deles é a "Carta Escolar dos Pais" por 5 anos, e na verdade chamamos-lhe de "Movimento Educacional da Carta dos Pais". Então, a origem disto foi esta: é claro, vamos praticar um desporto excelente, mas, eventualmente, sairemos para o trânsito. O nosso desporto é um desporto com carros. O jogador de basquetebol deixa a bola no campo e vai. É o mesmo quando se joga tênis e para quem anda a cavalo ... Mas, ao mesmo tempo, o nosso equipamento desportivo está na vida. Por outras palavras, uma criança que atingiu a idade de 17-18 anos acabará a sair para a estrada. Ela ira pisar no acelerador sem se conhecer, sem reconhecer o carro dela, e estamos a ver exemplos disto. Quando pensamos como mulheres, como mães, como irmãs e dizemos o que podemos fazer a este respeito. E este movimento de educação em 6 anos, com uma ampla gama de apresentações em escolas públicas, escolas particulares, escolas para pessoas portadoras de deficiencia, creches com necessidades especiais ... As nossas brochuras de apresentação de Istambul a Sarıkamış, na Turquia, os nossos presentes para os nossos filhos, um carro de corrida, os nossos dois pilotos .... Por outras outras palavras, partimos como uma comissão de mulheres com este projeto pensando em coisas que irão colorir e adicionar alguma animação à educação. E actualmente este é um projeto que tem o apoio do ministério e agora estamos a reciclar ... Na verdade, as primeiras crianças que visitamos estão a crescer, e foi um projeto que sentimos ter sensibilizado. E agora estamos a trabalhar para fazer a sua segunda fase. Para aumentar a consciencialização, dos alunos de 17 anos do ensino secundário, sobre o trânsito e a condução e a prepará-los para o trânsito. A razão para isso é, obviamente, reduzir o número de acidentes e acidentes ocorridos no trânsito. Este é realmente o nosso desporto que afeta a vida ... Todo o desporto tem áreas que afetam a vida. Existem elementos que afetam a vida. Partindo da ideia de que papel podemos desempenhar para minimizar, para eliminar as desvantagens, ou para as reduzir ao máximo, o que fizemos foram projetos que puderam ser concretizados com a sinergia e os sonhos das mulheres. Além disso, este ano, o nosso equipamento de simulação (o que chamamos de simulação

móvel, na verdade) está novamente na Turquia com um carro móvel chamado "Simulação na Estrada" (aqui colocamos duas simulações) que oferecemos em parceria com a FIA e aceite pela FIA... Ou seja, é um projecto de sensibilização sobre dirigir no trânsito que fizemos numa primeira fase, talvez 20-25 províncias, mas a longo prazo, com o intuito de visitar muitas cidades e voltar a incluir as crianças e as suas familias. Na "Carta Escolar dos Pais". No Carta dos pais, perguntamos aos filhos. Foi um projeto em que nos divertimos um pouco dizendo: "Ok, tudo bem ... Aprendeste isto, mas agora vai para casa, avalia a tua mãe, o teu pai e quem quer que seja que dirige o carro na tua casa, e à luz destas verdades que aprendeste". Além disso, a mudança climática é um dos nossos temas, e a comissão de mulheres está associada ao meio ambiente. Quais devem ser as nossas regras para proteger o nosso meio ambiente e respeitar o verde nas organizações? "Quais são os pré-requisitos que temos que considerar nessas organizações?" Começamos por perguntar-lhes. E como comissão feminina, realizamos uma etapa do Campeonato Mundial em Marmaris, com a maior pontuação no ano passado, obtendo três estrelas da FIA, com o nosso trabalho voltado para o meio ambiente e sustentabilidade. Ou seja, considerando os equilíbrios ecológicos e a riqueza cultural das zonas onde decorrem as nossas corridas, e pensando nos factores ambientais e nas questões de protecção ambiental, considerando os elementos de protecção nas pistas que montamos... Eu acho que esta forma de pensar abrangente resulta das personalidades coloridas das mulheres. Como comissão de mulheres, sentimos realmente que existe um exército inteiro, embora eu me sente sozinha na cadeira do vice-presidente da direção. Isto, porque também represento uma comissão de mulheres que se apóiam e trabalham em harmonia.

Com tudo o que disse, o humilde conselho que posso dar às mulheres é este: nada nos impede de de fazer o que realmente queiramos fazer em qualquer ramo, que queiramos alcançar. Na verdade, são as impossibilidades que nós criamos que nos impedem de avançar ... Porque como eu disse no início, tudo isto começa com apenas um sonho e é moldado pela capacidade da mulher de ver a 360 graus. Porque há muito a ser feito por nós mesmas e pelo nosso sexo, pelo sexo oposto, pelos nossos filhos, pela natureza, pelo mundo em que vivemos, pelos nossos amigos de quatro patas. Em vez de me limitar a uma única posição, recomendo isto

às mulheres, especialmente aquelas que gostam de desporto. Eu faço este desporto, mas a minha recomendação não é apenas para os automóveis, pode ser para o basquetebol ou talvez seja para o vôlei, a dança. Isto é tudo ... Há oportunidades que se abrem para nós quando queremos ver e há questões que podemos mudar. Contanto que possamos sempre ouvir o que está dentro de nós, o nosso próprio talento, a visão e a voz interior. Foi assim que colorimos o desporto automobilístico, incluindo a educação e o meio ambiente. Esta seria a minha recomendação.

# Reino Unido

Karen Tonge · Grace Clancey · Sandra Deaton · Bronagh Kennedy · Natasha Dangerfield · Julia Newtown · Kate O'Sullivan · Mandy Fisher · Katherine Knight · Annamarie Phelps

# Karen Tonge

Presidente
do Ténis de Mesa Paralímpico Britânico

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

Uau. Bom começo. O desporto sempre fez parte da minha vida desde criança. Eu morava no campo. E o que realmente me levou ao desporto foi quando tínhamos uma televisão e havia um programa chamado Grandstand, na Inglaterra. E eu assisti a muito e muito desporto, comecei a assistir às Olimpíadas. E isto realmente deu-me uma paixão pelo desporto. E na escola, quando fui para o ensino médio, estávamos envolvidos em experimentar muitos e muitos desportos. Tanta coisa que eu nunca tinha ouvido falar. Então, alguns eu não gostei, mas a maioria deles eu gostei. E foi aí que eu realmente desenvolvi uma paixão pelo desporto. Desenvolvi uma paixão pelo futebol que descobri , naqueles dias, como menina que não tinha permissão para jogar competitivamente. Por isso, fui fazer outros desportos. Corrida, netball, muitas coisas. Depois, fui para a faculdade de educação e envolvi-me em mais desportos e foi quando me tornei uma líder de jovens em tempo integral - foi quando me qualifiquei como treinadora em vários desportos.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

Recebi um telefonema de uma organização chamada Dr. Barnardos e eles disseram-me que tinham um jovem interessado em jogar nas Paraolimpíadas de Londres, e eu disse: Bem, traga-o ao clube. E foi aí que percebi que ele tinha potencial como jogador de ténis de mesa paraolímpico. E a partir daí... Eu já tinha treinado uma pessoa em 1982 que ganhou a medalha de prata nos para-jogos de Stoke Mandeville, em Nova York. Todavia, ao nível nacional ninguém sabia sobre os Jogos Paralímpicos naquela época. Então, foi através do jovem Jack que eu me envolvi, e o levamos para uma competição do Rotary dois anos depois, e ele venceu a região noroeste. Então percebemos que este rapaz poderia realmente se dar bem se lhe dessemos prática e treino extra e depois o envolvêssemos numa competição que aconteceria em Liverpool, um evento aberto para-desportivo. E a partir daí, perguntaram-me se eu iria para uma comissão de monitorização de desempenho para ténis de mesa na GB e foi assim que tudo começou.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

Cada vez mais, as mulheres se envolvem mais. Nos últimos dez anos, o RU Desporto fez uma campanha para tornar o top 100 do FTSE mais conhecido. Foi assim que eu me tornei presidente do para-ténis de mesa britânico. Fui à Torre de Londres para uma conferência e estavam a analisar como as mulheres poderiam envolver-se mais. Então estávamos a olhar para as funções em grupos comunitários, escolas, ser um(a) diretor(a) de escola para dar às pessoas um papel na vida e como elas se poderiam envolver numa comissão e conciliar o trabalho e a vida familiar. Então, isto tem feito uma enorme diferença e cada vez mais com a governação no Reino Unido. No desporto, estamos à procura de conjuntos de habilidades e algumas das mulheres agora têm as habilidades que as direções procuram, e tal está a aumentar o número de membros da direção, mulheres e presidentes - muitas mulheres.

## Como Presidente participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

O para-ténis de mesa britânico já estava consciente de uma divisão de género, uma mistura, e as mulheres estavam em algumas comissões. Nós recrutamos ativamente mulheres para as comissões e nisso estávamos à frente das novas diretrizes de governação do Desporto Reino Unido e do Desporto Inglaterra que solicitavam que se considerasse a mistura de géneros. E já éramos 50% nesses termos, de membros da direção serem mulheres. Bem, ainda assim, eu não quero que alguém na direção seja

apenas um gesto de tokenismo, elas devem lá estar porque elas têm o conjunto de competências que estamos à procura e que podem agregar valor à direção. Por isso, a diversidade e a igualdade são importantes e trata-se de encorajar o mesmo na equipa e no percurso de recrutamento de atletas de elite, tentando alcançar e encontrar pessoas na comunidade que se tornarão paraolímpicas.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Presidente?

Eu sou a responsável porque não temos um(a) executivo-chefe, pois somos uma das direções mais pequenas e concentramo-nos nos/nas atletas de elite e de carreira, não de base. Então as responsabilidades são muito grandes. Somos uma instituição de beneficência registrada. Somos uma empresa limitada, com contabilidade limitada, sem fins lucrativos. Então tem-se todas as responsabilidades e regulamentos da Charity Commission do Reino Unido. Assim, todos os/as diretores/as têm formação e são informados/as das suas responsabilidades. Tornei-me presidente interina em 2015, no final de 2015. Era isso que o UK Sport/Desporto do Reino Unido exigia com a nova governação, uma nova presidente, um novo presidente da organização. Os presidentes anteriores estavam há muito tempo em funções, desde cerca de 1998 e estavam à procura de presidentes para um futuro de oito ou nove anos no máximo. Temos um mandato de quatro anos e depois é renovado por mais quatro anos ou termina depois dos quatro anos.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Presidente?

Houve alguns desafios ao longo do caminho. O nosso financiamento, pois a cada quatro anos há que renová-lo. E antes dependia das nossas reuniões, das metas de medalhas, das Paraolimpíadas. Agora, com Catherine Granger como presidente do UK Sports, estão a considerar uma progressão de 8 a 12 anos. Assim, pode-se fazer o caminho e desenvolvê-lo e não perder automaticamente o financiamento se não competirmos

nas Paraolimpíadas ou Olimpíadas, o que é realmente benéfico para os atletas. Também mudamos o nosso nome. Eu não lutei. Costumávamos ser chamados de Tênis de Mesa Britânico para Pessoas com Deficiência, e senti que isso não refletia a situação atual. Nós temos o Channel 4 que trabalha muito na época das Paraolimpíadas e que é sobre o que um(a) atleta pode fazer, não o que ele/ela não pode fazer. Por isso, concentramo-nos nas competências de alguém para ir para além da deficiência. Estamos a lidar com atletas de elite que têm uma deficiência porque é o que eles podem alcançar como atletas de nível de elite. Então isto pra mim foi muito importante. Então fui convidada. Acabávamos de decidir que íamos mudar o nome. Saímos para trabalhar no que nos chamaríamos politicamente. Então passou a ser o Para-ténis de mesa Britânico e eu fui convidada para a Câmara dos Lordes para uma reunião da comissão e, então perguntaram-me sobre o nosso desporto. E foi aí que anunciamos o nosso novo título de Para-ténis de mesa Britânico. E temos ido de vento em popa desde então.

## Qual a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Acho que há um lugar para as mulheres à volta da mesa. Elas têm muito a oferecer e pensam nas coisas de uma perspetiva diferente de alguns dos membros masculinos da direção. Por isso, eu acho que se precisa de ambos à volta da mesa. Às vezes, elas trazem coisas diferentes para a mesa e fazem perguntas diferentes. E isso pode ser bastante desafiante, responder às perguntas que elas fazem. E acho que os dias das direções exclusivamente masculinas já se foram e as mulheres agora são bem-vindas, por certo no Reino Unido. E estamos a dar às pessoas as oportunidades de formação à medida que entram na direção - processo de indução dos membros. E há vários cursos a que elas podem ir. E toda vez que fazemos bem, todo ano atualizamos um conjunto de competências na direção. Quer dizer, se temos uma vaga, quem é a melhor pessoa para preencher a vaga? É uma publicidade aberta e transparente. E vamos segmentar certas profissões ou pessoas para estarem online.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Nós temos que, nós adotamos todas as normas desportivas do Reino Unido que são emitidas, então isto inclui a igualdade e a diversidade. Temos a saúde mental e proteção dos atletas. Temos toda o enquadramento, agora que acabamos de o fazer nos últimos 12 meses, em relação às políticas de doping. Portanto, há um grande papel a desempenhar na atualidade e leva muito tempo, especialmente quando não se tem funcionários a tempo integral. Muitas vezes, são os grandes órgãos de governação que fazem este trabalho porque os funcionários em tempo integral estão todos envolvidos com a formação dos/das atletas de classe mundial, não na governação. Mas, para mim, é algo que aprendi ao longo dos anos. É importante ser de classe mundial com os seus atletas, mas também temos que ser de classe mundial na sala da direção e no gabinete. Por isso, nós tentamos manter atualizadas todas as nossas políticas. É muito difícil quando todos são voluntários, mas gastamos muito tempo nisto e aproveitamos toda esta experiência. E agora alguns órgãos de governação estão a trabalhar juntos. Então vamos partilhar coisas que fizemos, uma parte do trabalho, vamos partilhar isto outras pessoas se as conhecemos, e elas vão usar isto, o que é uma ajuda.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Acho que se as pessoas te virem no cargo e se eu me certificar de que represento o desporto. Portanto, muitas funções diferentes, e a conversar com as escolas e as faculdades. Falei recentemente na Universidade de Chester, num dos cursos, durante a COVID19 e foi numa chamada de Zoom, e então gravei algumas das coisas que fiz e de como a vida é uma jornada. Assim, pode-se influenciar as pessoas e, esperançosamente, inspirar as pessoas a olhar para as diferentes oportunidades que surgem no seu caminho. E a partir disso, pode-se enviar, sabe, outras pessoas

sentindo que também elas podem fazer isto. Eu posso fazer isto. E acho que é assim que deve ser no futuro.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

O primeiro conselho que eu daria é que se conheça os artigos da constituição da organização. Se sabe isso, as pessoas a respeitam, especialmente se tem um(a) secretário(a) da organização e conhece as finanças e como as finanças funcionam e depois conhece os membros da direção. Discutir com a direção, dar-lhes oportunidades, crescer no trabalho ou na função, irá ajudá-los/las a crescer também e a dar-lhes diferentes experiências de vida e descobrir quanto tempo eles/elas têm para dedicar à organização. Tente não se esforçar demasiado no início e não se esgote e mantenha o seu entusiasmo pela organização. Mas é sobretudo sobre importar-se com as pessoas, importar-se consigo mesma, importar-se com a direção e com o staff.

## Grace Clancey

Membro da Direção
de Goalball do Reino Unido

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

O papel do desporto desempenha um papel enorme na minha vida. Comecei a praticar desporto ainda criança, jovem. Tornou-se a minha carreira. Tornou-se algo pelo qual eu realmente me apaixonei. Eu trabalho no desporto, sou membro da direção. Eu vejo desporto. Eu ainda pratico desporto. Por isso, este é uma grande parte da minha vida.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

Começou antes de realmente começar, se entende o que eu quero dizer. Bem, eu fui para os Jogos Paralímpicos em 2012. Assisti ao Goalball e apaixonei-me pelo desporto e vi as interações que os jogadores tinham dentro do campo. Compreenda-se que da perspetiva do desporto para pessoas portadoras de deficiência, as pessoas com deficiência visual muitas vezes não participam tanto [no desporto] quanto as pessoas não invisuais. Por isso, o meu interesse pelo goalball cresceu a partir daí. Depois, eu vi uma posição de direção anunciada online. Eu inscrevi-me e passei pelo processo de entrevista e pelo processo de inscrição e que comecei a partir daí, na verdade.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

Eu gostaria de pensar que melhorou muito se atendermos ao passado, mas sei que varia de organização para organização. É bastante presente na área em que eu trabalho, muitas reuniões a que eu vou, há muitas mulheres lá numa base do dia a dia. Na direção, acho que provavelmente há menos representação, mas comtinua a ser bom e encorajador e acho que há muito mais líderes visíveis agora no setor desportivo nas direções e em cargos de liderança de topo do que me lembro de ocorrer no passado.

## Como membro da direção participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Especificamente ainda não. Estamos a trabalhar para um plano de ação de diversidade de inclusão, que é um requisito do Código de Governação Desportiva. Mas estamos muito focados/as na igualdade e diversidade de diferentes maneiras, mas não especificamente numa dada política, neste momento.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de membro da direção?

Tem responsabilidades amplas. Acho que o primeiro é ter certeza de que estamos bem estruturados para que tenhamos uma boa estrutura, que a nossa governação seja clara e sólida, e que representemos as pessoas que fazem parte do nosso desporto e que querem participar no nosso desporto. O segundo papel é sobre as pessoas, portanto, garantir que temos as pessoas certas na direção para representar as pessoas que jogam o desporto, garantir que assumimos a responsabilidade perante essas pessoas e as organizações que nos financiam. Há um papel em torno de políticas e procedimentos para garantir que temos as políticas e procedimentos corretos em vigor, que estamos a gerir riscos, gerir as nossas finanças e comunicar as nossas decisões de forma ampla e transparente.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de membro da direção?

Não são assim muitos os desafios, para ser completamente honesta. Suponho que o maior, para mim pessoalmente, é o tempo e o tempo

que se leva para se comprometer com um cargo ao nível da direção e as responsabilidades que se encontra se se quiser fazê-lo corretamente. Bem, tempo fora do trabalho, tempo que se pode precisar de tirar, como uma licença, se não se tiver um empregador solidário. E também certificar-me de que faço o meu melhor para zelar pelo desporto e contribuir para as discussões de estratégia e finanças, e, às vezes, como que aprendendo a aprofundar os detalhes das coisas em que não se é necessariamente experiente ou não se está confortável, nessas áreas.

## Qual a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Acho que varia completamente de desporto para desporto, e só posso falar pelo desporto em que estou envolvida. Mas certamente do jeito que é a nossa direção é gerida, sinto que há igualdade entre os homens e mulheres na direção. E a forma como a direção é presidida tem muito a ver com isso, por isso, a cultura que temos é aberta, é inclusiva, é acolhedora, é solidária. O presidente é realmente proativo ao pedir aos diferentes membros da direção sua opinião, para que uma pessoa fale mais do que outras. Isto garante que todos/as estejam envolvidos/as e todos/as tenham um papel único a desempenhar e que a sua voz seja ouvida. Por isso, acredito que, no desporto em que estou envolvida, há diversidade de género e há paridade de género entre homens e mulheres.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Acho que há uma série de políticas e medidas diferentes que podem ser implementadas. Acho que depende de organização para organização, de qual é a certa para elas. Acho que o recrutamento de indivíduos, as políticas de recrutamento, a maneira como se anuncia as vagas e onde se anuncia as vagas, para garantir que se atrai um público diversificado, é realmente importante. Também acho que as políticas de retenção, que implicam cuidar das suas pessoas e apoiá-las na sua preparação para cargos mais

altos dentro de uma organização, se isto é algo que elas desejam fazer, ou apoiá-las a subir, se quiserem, também é importante. Flexibilidade, em termos de onde faz as reuniões, quando se tem reuniões, a que hora do dia para garantir que estas se encaixam adequadamente com o estilo de vida das pessoas. Eu acho que a formação é outro grande fator, não apenas a formação dos membros da presente direção, mas também a formação de futuros/as líderes, para garantir que as pessoas tenham confiança e acreditem em si mesmas para realmente se apresentarem em primeiro lugar. Eu acho que os planos de ação para a igualdade e a diversidade que estão a chegar através do Código da Governação Desportiva do Reino Unido são realmente fundamentais. Estes realmente desafiam as direções e as equipas de liderança de topo a pensar na diversidade das suas organizações, quem está representado, quem não está. E acho que há algumas questões em torno da interseccionalidade, não apenas sobre mulheres, mas mulheres de diferentes setores da população. Em termos de outras políticas e procedimentos. Acho que ter períodos de revisão regulares também é uma coisa muito boa, para que se avalie seu progresso, que este não fique obsoleto e que os membros da sua direção sejam atualizados e avaliados regularmente.

## Em que medida acha que ser membro da direção contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Essa é uma pergunta interessante, acho que nunca pensei sobre isso a partir desse ângulo. Eu gostaria de pensar que sim. Eu gostaria de pensar que dentro da comunidade que servimos, dentro da sociedade que servimos - as pessoas com deficiência visual e pessoas interessadas em Goalball e desportos em geral - se veem uma representação feminina no quadro, então pensam - sabem - que há representação de ambos os géneros e que diferentes pontos de vista vão surgindo.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

Alguns diferentes conselhos, imagino. O primeiro seria acreditar em si mesma, ter confiança, fazer o que quer fazer, seguir a sua paixão e envolver-se. Passar por um processo de candidatura, falar com outras pessoas que estão a fazer isto ou já o fizeram. Encontrar um/a) bom/boa mentor(a) se sentir que precisa de um(a). Procurar aliados dentro da direção para conversar de forma solidária. em termos de outros conselhos, que não tenha medo de falar quando estiver envolvida na governação de uma organização. Provavelmente não haverá dúvidas de que será uma pergunta estúpida. Temos o papel e a responsabilidade e o dever de servir essa organização. Então faça perguntas para sondar e não sinta que está a ser excessivamente assertiva ou que pode ser interpretada como agressiva. Algumas pessoas estão conscientes dos comportamentos, mas seja você mesma, seja avaliada, envolva-se nas conversas. Se vir outras mulheres à sua volta que sinta que podem precisar de seu apoio, ofereça-lhes o seu apoio e envolva-se apenas e traga todo o seu eu completo para a direção.

## Sandra Deaton

Presidente
do Ténis de Mesa de Inglaterra

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

Essa é uma questão muito boa. Obrigado por me perguntar isso. É provavelmente o mais - não, não é inteiramente verdade dizer que é o mais importante, os meus netos e a minha filha são as pessoas mais importantes da minha vida. Mas fora da minha família, é a parte mais importante da minha vida. Tira um tempo tremendo à minha vida e requer uma tremenda gestão de tempo. E eu priorizo a minha família, a minha filha e os meus três netos sempre. Depois disso, vem o desporto. Em seguida, em terceiro lugar na lista venho eu própria.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

Comecei minha relação com o ténis de mesa quando era jovem, ainda adolescente. Formei-me como professora de educação física em 1971, mas antes disso, joguei ténis de mesa num clube de jovens, no clube de jovens da minha igreja. Eu estava muito envolvida com a igreja, no clube de jovens da igreja. Então, joguei numa liga da igreja, mas nunca numa liga séria e nunca fui uma competidora séria. E então, em 1971, consegui a minha primeira posição de professora, que foi em Derbyshire, e eu era a segunda no Departamento de Educação Física, a segunda mulher no Departamento de Educação Física. E como resultado disso, eu consegui o papel de gerir o ténis de mesa porque a pessoa, a número um do departamento, a chefe da P.E. Feminina, estava a jogar netball e hóquei. E então eu consegui o papel de gestão do ténis de mesa e tínhamos um treinador de ténis de mesa que era fanático pelo desporto. E como resultado, tivemos uma equipa de meninas, uma equipe de escolas sub 16 que chegou à final nacional. Bem, isto foi no final de 1971. E eu era a pessoa que acompanhava a equipa do ténis de mesa com o treinador, para, desculpe, aos torneios. E vencemos as finais nacionais. Então a escola em que eu estava ganhou a final nacional, a final nacional feminina sub-16, e dois anos depois casei-me com o treinador. E então a minha vida foi determinada pelo ténis de mesa porque ele era uma pessoa que se o cortasse ao meio, teria dito ténis de mesa bem no meio. E a minha lua de mel foi no campeonato seniores nacionais fechados no Crystal Palace. Por isso, acho que estava escrito na parede para que as nossas vidas

estivessem envolvidas no ténis de mesa. Isto foi o que aconteceu. Foi o que aconteceu durante os próximos 50 anos. Isso, faz 50 anos desde que fui apresentada ao desporto, a um alto nível e pouco menos de 50 anos desde que me casei com o meu marido e que o ténis de mesa se tornou central nas nossas vidas.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

Acho que há muito mais ênfase no envolvimento das mulheres hoje do que havia há anos atrás e certamente, provavelmente dez anos atrás. Acho que há mais preocupação e mais ênfase no envolvimento das mulheres no desporto, mas não é o suficiente. E acho que há mais oportunidades para as mulheres, tanto como participantes quanto como oficiais. Se eu olhar para os meus dias no desporto e participação no desporto na escola, eu participei e como professora de educação física na época. Os meninos têm os seus desportos e as meninas têm seus desportos. E você não cruzou a linha de nenhuma maneira, forma ou feitio. E certamente não havia desportos mistos. Isso não acontecia. As raparigas não jogavam futebol. Os meninos não praticavam hóquei. Agora existe, e com o passar dos anos, desenvolveu-se, as meninas têm mais oportunidades numa gama maior de desportos. Meninas e mulheres. As mulheres têm mais oportunidades e maior variedade de desportos. E há uma ênfase maior no envolvimento das mulheres num nível mais alto numa capacidade oficial. Mas está e está a avançar, certamente na Inglaterra está a avançar de uma maneira muito mais positiva. Mas levou muito tempo para chegar a este estádio, e muito mais precisa ser feito. Muito mais precisa ser feito para que as mulheres se possam sentir iguais, ter direitos iguais, envolver-se no desporto, poder ganhar a vida também no desporto, e olhe no meu desporto - ténis de mesa. Bem, para os homens, se alcançarem uma posição de alto escalão, os homens na Europa, podem ganhar um salário muito bom, muito alto. Podem ganhar um salário muito bom. Para as mulheres é muito mais difícil. É muito mais difícil para as mulheres continuarem na carreira de ténis de mesa, poder continuar a jogar até os trinta ou mesmo quarenta

anos e ganhar a vida com isso. Considerando que para os homens, é muito mais fácil para eles. E a razão é que também não há tantas mulheres que joguem. Então, portanto, não há oportunidades para as mulheres poderem jogar em clubes e serem remuneradas, remuneradas financeiramente, por participarem. Mas acho que está a ir-se na direção certa. Eu acho, sabe, daqui a dez anos, teremos uma conversa completamente diferente. Agora nós olhamos – certamente olhamos para o futebol feminino. O futebol feminino, sem dúvida, cresceu aos trancos e barrancos e está a receber, sabe, a maior cobertura televisiva, como deveria ser. Críquete feminino. Eu estava a conversar neste fim de semana com alguém sobre o críquete feminino e o críquete feminino está realmente a começar a descolar. Mas eu acho que, sabe, nós temos que, como organização, temos que nos concentrar no que podemos oferecer para que as mulheres possam participar e serem consideradas igualmente valiosas dentro do ambiente desportivo.

## Como Presidente participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Obrigada. Sim. Quer dizer, em tudo que acontece no ténis de mesa, como presidenta do ténis de mesa e não digo presidente, digo presidenta. Como presidenta, está-se envolvida em tudo. Obviamente, as pessoas, os/as executivos/as, as pessoas que trabalham no dia a dia são as pessoas que juntam os conceitos. Igualdade de género. Sim. Estávamos todos envolvidos, toda a direção estava envolvida e foi algo que foi introduzido no meu tempo desde que estou na direção. Não era, não existia antes disso, então não houve consideração se deveria ou não haver igualdade de género em todos os aspetos do desporto. E um dos maiores problemas com isso foi certamente o prémio em dinheiro para as mulheres. Bem, quando estávamos a olhar para competições nacionais e para os homens e as mulheres quando elas eram segregadas, no que diz respeito a competir,

numa competição, quando estávamos a olhar, havia muito menos prémios em dinheiro para as mulheres do que para os homens. E uma das primeiras coisas que fizemos ao nível da política de igualdade de género foi tornar o prémio em dinheiro igual. E fomos um dos primeiros desportos a fazer isso. E o ténis de mesa está sempre num aperto financeiro. Não somos um desporto muito rico, mas o que aconteceu foi que só temos uma certa quantia de dinheiro que podemos obter através de prémios em dinheiro. Então colocamos o prémio em dinheiro que foi reunido para os homens e as mulheres, e dividimos ao meio. Assim, não tentamos que o prémio em dinheiro das mulheres fosse para os homens. Na verdade, reduzimos o prémio em dinheiro dos homens para as mulheres e igualamos para ambos. E isto foi muito importante. Desde então, tem havido uma tremenda quantidade de trabalho para saber porque temos menos mulheres a praticar o nosso desporto e acabamos de definir o nosso novo oficial de mulheres e meninas, parte de nossa submissão à Inglaterra desportiva foi investigar, para entender porque é que temos poucas raparigas, acho que cerca de 13% de nossos membros são mulheres. Porquê? Porque é que há menos a jogar. Então, nós temos, nós temos, temos muita visão sobre isso e nós somos agora, o nosso programa, o nosso programa de desenvolvimento. A primeira e mais importante prioridade é o nosso programa Mulheres e Meninas. Porque é que não temos tantas mulheres e meninas a jogar e o que precisamos de fazer para incentivá-las a jogar e depois se tornarem oficiais a longo prazo? Mas certamente do ponto de vista de envolvê-las inicialmente, pode-se, nós podemos, podemos ter um monte de meninas que querem jogar ténis de mesa, mas não as mantemos. Nós não os mantemos no jogo. Porque é que não as mantemos? O que se passa, o que se passa no desporto? Quando você chega ao ténis de mesa real - para além da participação apenas, da participação inicial, o que as afasta. E então fizemos muitas análises sobre isto e agora estamos a abordar este assunto nos nossos clubes e nas nossas ligas para tentar manter as meninas, manter as meninas a participar, nem sempre para ser de alto nível, mas para mantê-las envolvidas e fazer com que elas façam parte da família do ténis de mesa. Então, sim, eu estive envolvida nisto. Sim, tenho orgulho disto. O momento de maior orgulho para mim foi, sem dúvida, o prémio em dinheiro igual, foi, sem dúvida, o mais importante. E

eu não disse isto antes, mas a minha filha foi uma jogadora internacional e foi cinco vezes campeã nacional, e sofreu imensamente por não ter o mesmo prémio em dinheiro que os homens. E ela tinha que treinar, jogar e praticar e aguentar o stress de tentar ganhar campeonatos nacionais da mesma forma que os homens o faziam. E por isso foi importante para mim. Ela perdeu isso. Ela nunca o entendeu, ela tinha deixado de jogar. Mas era importante para mim que déssemos prémios em dinheiro iguais porque eu sabia o que as mulheres tinham que fazer para chegar ao mesmo nível de desempenho que os homens.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Presidente?

Obrigada. No momento, estou no cargo há oito anos. No próximo ano, este é o meu último ano. Então, de março deste ano a março do próximo ano é meu último ano. Somos financiados pelo Sport England, portanto, temos prazos para se sentar na direção e certamente presidir à direção, mas mesmo para diretores na direção, temos um certo período de tempo. Normalmente são oito anos, mas se tem uma posição internacional, pode-se ficar mais um ano, o que é o ume caso, e pode-se ficar depois disso por mais um mandato, o que eu não vou fazer. E a razão pela qual não vou fazer isso é porque sei que fiz o que pude e é hora de outra pessoa assumir. Por isso, vou sair no ano que vem. Bem, eu teria cumprido nove anos quando terminei. As regras da direção são muito claras, assim, o papel da direção é estratégico, muito estratégico. É definir a visão, é definir o plano estratégico. É ter a certeza, avaliar e desafiar o executivo para ter certeza de que os/as diretores/as estão a trabalhar na mesma direção que o plano estratégico e o caminho que a direção quer que eles/elas façam, para trabalhar e trabalhar dentro disso, para ter prioridades. Bem, as prioridades estratégicas que damos ao executivo, para o pessoal, para poder orientar com os planos operacionais. A segunda, não tenho certeza se é a segunda, a parte mais importante, que provavelmente é parte igual, é a estabilidade financeira da associação. Portanto, a direção tem total responsabilidade pela estabilidade financeira. E o que vem primeiro. O plano estratégico vem antes da estabilidade financeira? Ou a estabilidade financeira vem em primeiro lugar? Essa é uma pergunta que

fazemos o tempo todo na direção. Sabe, nós certamente temos a visão. Portanto, a nossa a visão e o nosso plano estratégico estão centrados na nossa visão do que deve ser primeiro. Bem, sabe, como todos os desportos, e particularmente desportos que não são tão financeiramente viáveis quanto alguns o são. Então temos que considerar a nossa situação financeira. E onde estão as nossas prioridades estratégicas atendendo a essa situação financeira. Então, por exemplo, para mulheres e meninas, vamos usar isto como exemplo. Portanto, para mulheres e meninas, esta é uma prioridade estratégica e a nossa direção disse ao nosso executivo: 'Aqui está, aqui está a vossa prioridade estratégica, podemos contratar um oficial especial para liderar este projeto em particular?' A resposta foi sim. Sim, nós fazemos e temos certeza de que isto vai acontecer. Então é uma combinação de ambos. Mas o trabalho da direção é estratégico e de segurança financeira. E também é importante que sejamos uma associação com membros também. Então temos, temos muitos jogadores, muitas pessoas que jogam ténis de mesa e não são membros. E algo, com bem mais de 2 milhões que jogam pelo menos uma vez por mês. Temos cerca de 500 que jogam duas vezes por mês, mas temos apenas 27.000 membros. Mas esses 27.000 membros são os principais jogadores de ténis de mesa. Portanto, temos responsabilidade para com eles e de nos certificarmos de fazer programas que os ajudem a continuar no desporto. Bem, estes são os principais papéis da direção.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Presidente?

Ok. Principais desafios. Quando cheguei ao cargo, eu, nem por um minuto, pensei que haveria, que eu não seria aceite como presidente da organização. Eu não me considerava uma mulher e uma presidente, considerava-me a presidente da Table Tennis England e, portanto, a pessoa que trabalha com o CEO para levar a associação adiante. E quando entrei em 2000 e, inicialmente no final de 2013, e depois fui eleita em 2014, o problema mais difícil para a organização foi o fato de termos que mudar a nossa estrutura de governação porque a estrutura de governação foi definida pelas associações desportivas, Sport England e o UK Sport estava para mudar completamente e precisávamos de passar de uma organização

gerida por voluntários para uma organização gerida profissionalmente. Tínhamos uma direção voluntária com uma direção definida, mas a direção não cumpria. Anteriormente o que acontecia era que havia uma direção e a direção era composta por voluntários, e os voluntários eram chefes de departamento de forma voluntária e envolviam-se, enquanto que nós tivemos que mudar para uma estrutura diretiva onde tínhamos a equipa executiva e o executivo cumpria o estipulado no plano estratégico, definido pela direção. E isto significava que muitos dos nossos voluntários foram deixados de lado quando se tratava de tomar decisões e de posições de poder. E essa foi a coisa mais difícil, de tentar levar os membros connosco para nos tornarmos a organização que os nossos parceiros de financiamento precisavam que fossemos e nos afastarmos da tradição. Acabamos de comemorar o nosso centenário. Portanto, a tradição de 80 a 90 anos, de se afastar dessa tradição para uma configuração completamente nova foi o ponto mais difícil. Foi o processo mais difícil. Mas não era, não era o fato de eu ser mulher, esse era o processo, quem estivesse na posição teria que lidar com este processo difícil. E acho que esse foi o desafio mais difícil, provavelmente foram os primeiros três ou quatro anos com o nosso CEO novamente, o nosso CEO era uma mulher, assim, duas mulheres no comando desta associação. Bem, mas eu não acho que nenhuma de nós sentiu que isso era um problema. O problema era o que estávamos a apresentar e quem fosse apresentar isto teria esse problema. Mas o maior incentivo que tivemos, é claro, foi o fato de que precisávamos de financiamento, precisávamos continuar a financiar. Embora, e eu realmente preciso dizer isto aqui, é absolutamente certo. O que aconteceu foi absolutamente certo. A mudança da estrutura de governação era necessária, era absolutamente o que deveria acontecer. Mas tivemos que usar a "cenoura" de que precisávamos de dinheiro para conseguir isto porque é como "perus a votar no Natal". A mudança dos artigos teve que ser decidida por pessoas que não queriam que isso acontecesse. Então, o mais difícil foi fazer com que eles aceitassem isto. E levou provavelmente dois ou três ou quatro anos para nos estabelecermos numa organização que pudessem ver que estava a beneficiar disto - certamente no topo. Então, do ponto de vista da equipa, do ponto de vista da governação, (a organização) estava a beneficiar da mudança. Por isso, em 2017/18, o governo trouxe outra iniciativa que era que o presidente da

associação deveria ser nomeado e não eleito. Então pode imaginar que os membros sempre selecionaram o presidente e eu fui eleita de forma esmagadora em 2014 e assim por diante, pela experiência e realizações passadas e, pelas as coisas que eu disse e fiz e o que eu vi acontecer e, e os meus sucessos ao nível local e regional. Então, fui eleita por uma esmagadora maioria e, de repente, em 2018.- não se pode eleger a sua presidente. A presidente é nomeada. E esse foi o maior problema que tivemos. E nós, novamente, tinha que haver uma mudança de artigo. E perdemos a votação apenas por uma pequena margem porque os membros não podiam aceitar o fato de não serem eles a decidir quem iria liderar esta organização, independentemente de quem estava a dar o dinheiro. Você sabe porque? Porque não deveríamos ter o direito de fazer isto? E assim, novamente, o Sport England teve que dizer, sinto muito, a menos que mude isto, não pode ter as suas finanças. E tivemos que fazer uma assembleia geral extraordinária três semanas depois para acertar, para podermos continuar com as nossas finanças. Porque embora os membros queiram o direito democrático de votar, querem trazer quem eles querem, eles também não querem perder o apoio financeiro, porque eles sabem que o apoio financeiro que nos é dado pelo governo é o que nos ajuda a desenvolver o desporto. Então, quando há uma ameaça de que isso não vai acontecer, eles concordam com o que é necessário. E fui então nomeada. Então, na verdade, fez muito pouca diferença nos próximos quatro anos. Estamos a chegar aos quatro anos agora, fez pouca diferença porque era a mesma pessoa. Quando eu terminar no próximo ano, será um presidente nomeado, não um presidente eleito, e será uma mudança muito grande para os membros, porque eles não terão qualquer opinião sobre quem será o presidente. E então são as coisas mais difíceis, então, para resumir, é político, é baseado em governação. Mas, e levar os membros consigo juntos com tudo isto, não é fácil e também fazer com que os membros percebam que o que fazemos com o desenvolvimento do desporto não é apenas sobre os membros. Eles são um stakeholder importante, um stakeholder massivo com 27.000 membros, mas com 450.000 pessoas que jogam duas vezes por mês e 2 milhões que pagam uma vez por mês. Temos que oferecer estas oportunidades também. Então, 27.000 membros que pensam que são os únicos no desporto que importam. Levá-los a perceber que, como órgão dirigente, temos que

cumprir todas as possibilidades de as pessoas terem acesso ao ténis de mesa. Então, estas são as coisas mais difíceis e que mais me desafiaram durante o meu período de presidência.

## Qual a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Não há de forma alguma uma igualdade, igualdade com os homens no número de mulheres que estão na governação do desporto. Olhe, sabe, a minha experiência é obviamente no ténis de mesa, mas como presidente, eu tenho a experiência de conhecer muitas outras pessoas em muitos desportos diferentes. Mas se eu olhar para o ténis de mesa e olhar para o corpo internacional de ténis de mesa, a presidente, a presidente é uma mulher, acaba de ser eleita. Ela era a presidente da Suécia. Ela fazia parte da direção da Federação Internacional de Tênis de Mesa e acabou de ser eleita. Ela é a única mulher nesta direção, o que é muito triste. Ela está cercada por dez homens, penso que é assim. E não havia outra, havia uma outra mulher, mas ela era, ela não ia ser eleita, não havia outras mulheres apresentadas por nenhum dos continentes ou por qualquer uma das associações nacionais para se sentar na Comissão Executiva da Federação Internacional. Também estou no Conselho Europeu de Ténis de Mesa. Sou a Vice-Presidente de Finanças do Conselho Europeu de Ténis de Mesa, e temos um número igual de mulheres. Temos um número igual de mulheres para homens. Somos oito, quatro mulheres e quatro homens. Mas nós somos, o presidente é um, é um homem. O vice-presidente é um homem. E a próxima pessoa sénior na fila é a vice-presidente de finanças. Mas há mais igualdade aí. Estou na comissão de nomeações da ITTF. Portanto, eu olho para todas as comissões e eu olho para os presidentes das comissões, e eu olho para os membros das comissões. E eu estive lá agora por dois grupos consecutivos de quatro anos - acredito que sejam dois anos consecutivos de quatro anos - e estamos a mudar agora, esta última vez, que mudamos os critérios para tentarmos incentivar o maior número de mulheres. E nós, se temos homens e mulheres iguais e iguais que foram apresentados pela associação de membros, iguais em habilidades, iguais em oportunidades, então tentamos pressionar para que as mulheres estejam na comissão porque elas, elas estão a

trazer dimensões diferentes. Eu acredito muito que em qualquer nível de governação, qualquer nível da comissão, qualquer nível de organização, a primeira e mais importante coisa é a habilidade/competência. Têm que ser as habilidades dessas pessoas, as habilidades do mundo do trabalho e as habilidades dentro do desporto. Mas se conseguirmos mulheres com essas habilidades e elas puderem, elas podem começar a diluir o número de oficiais do sexo masculino dentro do desporto, então é isso que devemos encorajar. Eu acredito muito em objetivos, como vê, e eu sei que provavelmente estou um pouco fora de sincronia com as pessoas sobre este assunto. Mas acho que se se tem objetivos, se visa atingir 25% ou 30% do sexo feminino, realmente procura-se atingir este objetivo. E é isso que eu quero dizer. É isso que acontece. Foi o que aconteceu com o Table Tennis England. O Sport England trouxe uma meta de 25% de mulheres para a sua estrutura de governação. Estivemos no ponto mais alto - não estamos agora porque o CEO é um homem - no ponto mais alto tivemos 50% de mulheres porque estávamos à procura de mulheres que tivessem as habilidades de que precisávamos. Então eu acho que os objetivos focalizam a mente e então habilidades, então género. Então, sim, não está nem perto do que deveria ser. Mas sabe, eu olho para as comissões europeias, todas dirigidas por homens. Eu olho para a comissão da ITTF, todas dirigidas por homens. Agora têm mais mulheres. Quero dizer, na comissão de nomeações, colocamos metas. Colocamos metas para tentar obter 25% de representação feminina nessas comissões e, para algumas das comissões, conseguimos isso com as habilidades certas. Mas não é não é o que deveria ser. Mas, sabe, estamos a mudar algo ao longo da vida, estamos. Sabe, não se vai mudar isto da noite para o dia. Tem sido, como sabe, tem sido assim por séculos. Bem, cem anos no ténis de mesa tem sido executado. Como sabe, comissões locais, comissões de ligas ainda têm. Nós ainda temos, sabe, os mesmos homens sempre comandados por homens, não conseguimos fazer as mulheres apresentarem-se ao mesmo nível que os homens fazem. Porquê? Não sei. Porque elas fazem um trabalho igualmente bom, mas não é tão bom quanto deveria ser. Mas estamos mover-nos na direção certa.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Bem, eu acho que a (medida) política mais importante é se é uma política, se podemos dizer que é política, é incentivar tanto na participação quanto de forma oficial e um incentivo inicial num desempenho de alto nível, é concentrar e incentivar os outros, incentivar as mulheres a serem capazes de assumir o desporto. Isso é o mais importante. Isto não é uma (medida) política. É uma direção estratégica. É um deve ser uma prioridade. Eu disse na pergunta anterior, uma das políticas para mim é, sem dúvida, ter metas para ter mulheres envolvidas ao nível oficial. Mas acho que da perspetiva da paridade, acho que temos que perceber que as mulheres e as meninas precisam de coisas diferentes das dos meninos e homens para praticar desporto ou praticar alguns desportos, certamente em termos de ténis de mesa, isso é verdade. Os homens são muito, os homens e os meninos, o conceito masculino, são muito felizes por serem competitivos. Eles gostam de ser competitivos. Por isso, muito disto, muitas das estruturas que temos, as nossas ligas, os nossos campeonatos do condado, as competições do Grand Prix atraem muita participação masculina e competição masculina porque são a nossa liga britânica. A nossa liga britânica é predominantemente um conceito masculino. Certamente a nossa liga britânica sénior é masculina, é um conceito masculino. Então eles gostam de competir. As meninas é diferente. Introduzimos, antes da minha época, introduzimos uma liga britânica feminina e, em outras palavras, todas as equipes que jogam a um fim de semana, jogam em dois finais de semana separados e são apenas equipas, equipas femininas. E para elas o conceito da Liga Britânica é clube. Então os clubes mandam uma equipa e jogam nessa competição. Mas o que descobrimos com as mulheres é que era melhor se elas tivessem equipas de amigas do que de um clube. Portanto, não seria necessariamente um clube do outro lado da estrada. Poderia ser uma combinação de dois ou três clubes daquela área porque as suas amigas jogavam em áreas diferentes e criava-se a equipa, as mulheres que eram amigas e que podiam jogar juntas, competir juntas

contra outras equipas amigas. E a Liga Britânica Feminina é um evento muito social. Ok, elas competem. Elas ganharam ou perderam. E há uma vencedora e há uma equipa do fim de semana, todos os conceitos usuais que acontecem. Mas a maior coisa que as coloca lá é que elas socializam juntas. E eu acho que esse é um dos maiores conceitos que você tem que entender, nós como desporto temos que entender para tentar atrair as meninas e as mulheres para o nosso desporto. Mas nós somos, como eu disse, nós somos uma das nossas prioridades estratégicas, mulheres e meninas. Temos que aumentar o número de mulheres que jogam. A nossa seleção feminina está tão esgotada, não está esgotada em qualidade, mas está esgotada na acessibilidade de jogadoras de qualidade, porque não as mantemos, não as mantemos no desporto. Dezasseis. Elas nos deixam aos 16. Elas pensam em ir para a universidade, fazer o A-level. Qual será a minha carreira? Não vou fazer carreira no ténis de mesa. Então, posso jogar um pouco, um pouco no clube, mas não quero jogar numa competição de alto nível que vá melhorar o meu padrão para me tornar uma jogadora internacional. E assim temos uma pool muito menor para escolher as nossas mulheres. E até aquela pool é meio de expediente. Portanto, a nossa jogadora número um está a formar-se em Medicina na Universidade de Nottingham, além de ser a nossa jogadora número um. O nosso jogador número está em tempo integral, tem uma casa em Nottingham, mora na Alemanha, joga numa liga no Japão, treina na Dinamarca. É o trabalho dele, é o seu sustento e esta é a diferença entre eles. Então, acho que temos que reconhecer que há uma diferença no que elas querem do desporto. Elas querem a amizade, elas querem o lado social. Elas não querem, elas não querem ser tão competitivas quanto os homens e elas não querem jogar horas e horas e horas e horas. Elas querem jogar e se sentar. E, portanto, qualquer clube certamente precisa ter um lugar onde possam tomar uma xícara de chá e se sentar. É muito importante. O lado social é muito importante. Então, quer sejam, quer sejam, não são regras e regulamentos que precisamos. Aí estão conceitos que precisamos reconhecer no nosso desporto. E tenho a certeza que está lá para todos os desportos. O nosso desporto precisa de fornecer estas instalações para que possamos ter mais meninas e mais mulheres a jogar. Do ponto de vista oficial, precisamos de encorajar as mulheres a perceberem que elas são muito capazes de oficialmente liderarem alguma

coisa. Precisamos de ter a certeza de que elas sabem que são - porque elas são, elas são muito capazes e não é fácil. Lembro-me de quando, quando fui o primeiro, quando me falaram sobre ser, me apresentei para a eleição e me tornei presidente, pensei que não havia como eles elegerem uma mulher, nunca tinham elegido uma mulher, mas posso fazer isto? Uma família. O meu marido morreu, mas tenho família e tenho netos. E, sabe, eu tenho a experiência real necessária, sabe, para seguir este percurso e eu realmente tinha muitas e muitas dúvidas. Mas, então, pensei, bem, vamos tentar. Sabe, tem que se ser uma pessoa que realmente, mesmo tendo essas dúvidas, você tem que pensar, posso fazer a diferença? Posso fazer algo que pode ajudar a fazer a diferença? E eu pensei, eu pensei, posso fazer a diferença? A experiência que tive pode fazer a diferença? Vou dar-me uma oportunidade. Mas foi apenas uma tentativa. Como sabe, eu sou voluntária. Se estou realmente a estragar tudo, posso sempre ir para a Espanha de férias. Eu posso sempre fazer algo diferente. Nove anos depois, ainda estou lá. Mas eu sei. Sei que fiz tudo o que posso, então sei que chegou a hora de pensar em ir, mas não pensei nisto durante todo o tempo. Eu não pensei, posso fazer a diferença o tempo todo. Eu apenas fui e fiz. E acho que as mulheres fazem isso. Eu acho que elas fazem isto muito bem. Eu também acho que elas são muito boas a gerir o tempo, o que eu acho que é muito importante.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Essa é uma pergunta muito boa. Eu acho que sim. Mas se perguntarmos aos membros da direção, eles podem não saber, porque não tenho certeza de quantos membros da direção me veem como uma mulher nesse sentido, porque eu sou a presidente da direção. Por isso, mas acho, acho que temos no ténis de mesa, certamente comigo e o nosso CEO é uma mulher, acho que quando entramos como duas mulheres a liderar o desporto, isso foi imenso para a direção, para a direção de Ténis de Mesa da Inglaterra, mas certamente para a Direção Europeia e certamente para a direção da ITTF. Acabamos de ter um jantar de gala do centenário e a presidente da ITTF

veio para o jantar, que eu já disse ser uma mulher, e ela fez um discurso e disse que não se conseguia lembrar de ter visto a expressão dos rostos das associações de membros quando duas mulheres de Inglaterra entraram na primeira assembleia geral (AGM) encarregadas do ténis de mesa inglês, porque estava cheia de homens. Então, do ponto de vista da ITTF, teve uma resposta tremenda. Do ponto de vista da direção do Ténis de Mesa Inglês, temos uma quantidade suficiente - um grande número de mulheres de qualquer maneira. Obviamente, tínhamos duas - eu, a CEO e agora a vice-presidente também é uma mulher. Então, três de nós, embora a vice-presidente tenha um papel menos significativo, mas connosco, temos três mulheres e depois tivemos mais duas mulheres. Então, tivemos cinco, de uma direção de 12, que eram do sexo feminino. Então para a direção não foi tão diferente para elas. E eu não sei se elas - o fato de eu estar a liderar e estar no comando entre aspas, porque eu nunca tenho certeza se quanto se deve exigir, classificar, mas eu estava a liderar a direção e a liderar a associação com a CEO, se eu alguma vez fui considerada uma mulher, porque eu nunca lhes fiz essa pergunta porque eu, eu, eu nem tenho a certeza se me considerava uma mulher. Eu pensei em mim como sendo a pessoa que precisava fazer este trabalho. E seja homem ou mulher, é exatamente isso que temos que fazer. Tenho que ir com e fazer o trabalho. E usa as suas experiências ao longo da vida e certamente dentro do desporto, experiências diferentes dentro do desporto, sabe, para poder fazer este trabalho. E como mulher, provavelmente tenho mais experiências e digo isso com frequência, provavelmente tenho mais experiências no desporto do que qualquer um dos homens que se sentam na direção por causa do meu envolvimento com o desporto ao longo dos anos. Então como me veem? Como me veem? A direção de ténis de mesa de Inglaterra? Veem-me como uma mulher? Talvez às vezes. Porque eu acho que às vezes eu sou mais suave, um pouco mais suave. Se é porque sou mulher ou não, não sei. Sou apenas eu. Portanto, eu gosto de todos/as. Então, na reunião da direção, todos/as devem poder dar a sua opinião. Eu não sou uma ditadora de nenhuma forma, maneira ou feitio. É porque sou mulher? Eu não acho. Só porque, é apenas uma pessoa. Pode ter, nós podemos ter um homem exatamente igual. Não tenho certeza de que existam traços em mim como presidente e na direção que signifiquem que sou uma mulher. Do ponto de vista internacional, sim. Fez uma grande diferença. Mas sem me mover,

porque estou a tentar influenciar o máximo possível internacionalmente, estão a agir para ter mais mulheres envolvidas e, portanto, eventualmente verão que não são homens ou mulheres, são apenas indivíduos capazes.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

Sim, é fácil para mim responder a isso porque penso muito sobre isso. Não tenha medo. Acredite em si mesmo. Acho que para cada posição, homem ou mulher, quem quer que seja, onde quer que vá, você tem que se perguntar se eu tenho a experiência e as habilidades para fazer isso, é uma questão muito importante. Tenho tempo, tenho experiência e tenho as habilidades. Essa é uma pergunta muito importante a se fazer e, quando marcar essas caixas, não tenha medo de fazê-lo, porque pode fazê-lo. É, não é, não é homem ou mulher, é você como pessoa, são quais as qualidades que tem como pessoa, se é homem ou mulher, se tem tempo, se tem as habilidades, se tem o experiência dentro do que quer que possa usar, então não precisa ter a experiência da experiência histórica, a experiência de usar, ser capaz de usar isto. Então, se se vai sentar numa direção e precisam de marketing, por exemplo, se tem experiência em marketing e você tem, tem alguma conexão com o desporto, mas se tem o seu trabalho ou sua vida está ligada ao marketing, bem, homem ou mulher, vá em frente porque tem a capacidade de poder contribuir para o que precisam porque você tem estas competências, o seu género é irrelevante. É totalmente irrelevante se, se pode fazê-lo ou não. Mas o tempo é importante. Acho que o tempo é muito importante. Precisa ter tempo para fazer o que precisa fazer e acreditar em si mesma. Tem que ter a confiança para saber que o pode fazer. Então, analise-se. Eu tenho as competências? Tenho tempo para me dedicar a isto e depois esquecer o fato de que é uma mulher. Não importa. Eu diria o mesmo para um homem. Esqueça o fato de que é um homem. É como pessoa. Se o tem, tem que querer fazer isto. Será capaz de alcançar - acredite que pode porque será capaz. Não é diferente. Não é diferente se se é homem ou mulher. É a sua experiência, as habilidades que traz consigo que são importantes.

# Bronagh Kennedy

Presidente da Comissão de Recursos Humanos
e Remuneração da Canoagem Britânica

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

Então, o desporto simplesmente me mantém sã. Eu realmente gosto de praticar desporto e também me divirto muito a ver desporto, todos os tipos de desporto. Sou muito "católica" nas minhas devoções e coloquei uma prótese na anca há vários anos e estava determinada a que isto não me impediria de praticar desporto. Por isso, tudo o que tenho a fazer é ter cuidado para não causar alto impacto. Assim sendo, gosto de nadar, gosto de andar de bicicleta e gosto de ver as outras pessoas a praticar desporto.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

Bem, eu comecei a minha relação com a Canoagem Britânica, provavelmente, há menos de sete anos, assim me parece. Fui abordada por um headhunter especializado em recrutar pessoas para serem diretores/as em órgãos desportivos, e ele perguntou-me se eu estaria interessada em ajudar a profissionalizar a direção da Canoagem Britânica, que é uma entidade não governamental que gere todos os tipos de canoagem desportiva, atividades desportivas, desportos de remo, é assim que chamamos a este tipo de desporto no Reino Unido.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

Bem, se eu olhar para o Reino Unido em particular, eu diria que a representação das mulheres no desporto é muito forte. Temos a presidente do UK Sport que é do sexo feminino e a chefe-executiva. Tivemos uma executiva-chefe, que já foi mulher. Temos várias diretoras na direção da Canoagem Britânica. E quando olho para o desporto à minha volta, vejo muitas mulheres impressionantes, a ser diretoras em direções de órgãos desportivos.

## Como Presidente participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Sou a presidente da nossa comissão de inovação de RH e, como tal, tenho a responsabilidade de ajudar a definir todas as políticas, incluindo as políticas de igualdade de género que temos em relação aos/às nossos/as funcionários/as. E temos uma política de diversidade e inclusão. E acho que isso é muito importante porque queremos fazer com que todos sintam, antes de tudo, que se podem esforçar para trabalhar bem e que sua contribuição é valorizada, igual e respeitada e confiável. E acho que as mulheres têm uma perspetiva valiosa que podem trazer para todos os aspetos do nosso desporto e para todos aspetos de como gerimos os nossos assuntos e, talvez ainda mais importante, como nos relacionamos, porque acho que as mulheres têm uma atmosfera muito calmante, calmante, em situações que podem ser, às vezes, tensas.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Presidente?

A minha responsabilidade geral é como diretora independente não executiva da Canoagem Britânica, e considero que a minha responsabilidade é estar lá para garantir que, em primeiro lugar, a organização seja gerida de forma adequada, tenha uma gestão forte, que aplique as melhores práticas em termos de governação e que tem uma base financeira sólida. Portanto, tem boas reservas, saudáveis, que a organização tenha um forte propósito social e que possua um conjunto muito forte de valores corporativos, e que esses valores sejam vividos e corporalizados pelos funcionários/as. Acho que é um órgão de governo normal como na maioria das organizações. Também tem uma grande responsabilidade para com seus stakeholders. E esses são todas as pessoas que participam no desporto, os membros de

nossa organização e stakeholders mais abrangentes, como o Canals and Rivers Trust, outros órgãos ligados à "água" e que realmente nos permitem participar neste desporto. E também temos responsabilidade, parece-me, t em relação ao meio ambiente e a garantir que deixamos o meio ambiente em melhores condições do que as encontramos, se não melhor.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Presidente?

Acho que o principal desafio seria que, como diretora independente, se tenha um (maior) grau de distanciamento de algumas coisas que são muito apaixonadas, as crenças ou desejos que estão próximos das pessoas que estão muito, muito intimamente envolvidas, talvez em algumas disciplinas particulares, porque obviamente dentro da canoagem temos água, canoagem, pólo aquático. Temos sprint, temos slalom, temos paracanoa e temos paddle, paddle boarding. Portanto, uma enorme variedade, que às vezes têm interesses conflitantes. E como diretora independente, acho que o meu trabalho é recuar e dizer, na verdade, para nos concentrarmos nas coisas que são realmente importantes para o benefício de todos estes desportos, e não apenas para um interesse particular. Também acho que ajudo a desafiar e encorajo a organização a fazer melhor e a ser realmente ambiciosa, não apenas sobre o que faz no dia a dia, mas sobre qual é seu foco estratégico para o futuro.

## Qual a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Bem, eu acredito piamente que as mulheres representam 50% da população, então, porque é que elas não deveriam estar representadas equitativamente nos órgãos desportivos? Acho que ter fortes modelos femininos no desporto cria realmente essa oportunidade para as crianças e talvez as mais jovens poderem dizer, bem, esta poderia ser eu. Eu poderia fazer isso. Eu poderia assumir este papel e ajudar a liderar este desporto. E eu acho que está lá para ser, estamos lá para encorajar a próxima geração

e realmente encorajar o maior número possível de pessoas a quererem estar nas direções do desporto.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Bem, eu acredito que a primeira coisa que uma organização precisa fazer, antes de definir políticas, é ouvir. Conversar com as mulheres que trabalham na organização e entender quais são as barreiras que elas enfrentam ou quais são, talvez, as práticas, as práticas de trabalho que não as estão a ajudar a sentir que estão a conseguir, ser capaz de fazer, uma contribuição e sentir que elas querem ficar nesta organização. Acho que depois de ouvir uma organização, devemos olhar para as melhores práticas, olhar para organizações muito bem-sucedidas que alcançaram uma grande representação feminina e perceber o que elas estão a fazer e que nós não estamos a fazer e construir políticas e práticas de trabalho. Acredito em metas porque acho que metas impulsionam a ação porque é uma chamada à ação e pode ser uma ambição, não precisa ser algo que é, você sabe, "morte ou morre". Todavia, acho que ajuda a definir um sentido de missão e de ambição e estabelecer metas é uma parte importante de todo este pacote de coisas.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Bem, como eu disse, como resposta a uma de suas perguntas anteriores, acho que ter modelos femininos, principalmente na gestão intermédia e na gestão de topo de qualquer organização e principalmente no desporto, é muito importante para que as pessoas vejam que as mulheres têm uma igual contribuição a dar, que a sua contribuição seja valorizada e que sirva de modelo para as futuras direções e quadros superiores.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

Eu diria que vá em frente. É uma ótima oportunidade para entender como o desporto é gerido neste país, tanto do lado - se for um desporto de alto desempenho - de como o financiamento é alocado, como os negócios são feitos e quanto aos participantes, é uma ótima oportunidade para aprender sobre estratégias para incentivar esta participação, seja marketing digital, média social. Que pode aprender muito e trazer isso para outros aspetos da sua vida, seja em casa ou com outros empregadores para os quais trabalha. Então, eu definitivamente, eu diria que é uma grande oportunidade e que deveria agarrá-la com as duas mãos.

# Natasha Dangerfield

Presidente
do Lacrosse de Inglaterra

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

O desporto é uma cola. Ele mantém os meus amigos, principalmente a minha família, juntos. Como Diretora escolar, mas também como parte da England Lacrosse. Eu vejo os meus colegas, eu vejo os meus colegas e vejo os/as estudantes de toda a Inglaterra a desenvolver as suas habilidades, o seu interesse, mas fisicamente, mentalmente e socialmente realmente fazem o seu próprio caminho de desenvolvimento.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

Para mim, o Lacrosse chegou à escola quando eu tinha oito anos. Era um jogo bizarro - uma vara com uma rede feita de madeira jogada pelos índios nativos americanos. Foi um incrível feitiço mágico que foi tecido na minha vida e que permaneceu comigo até esta meia-idade bastante madura em que estou agora. Então o lacrosse veio ter comigo na escola, felizmente.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

Eu vejo a representatividade das mulheres aumentando. Não temos o patrimônio talvez que gostaríamos ou que sonhamos, mas definitivamente estamos aumentando. Há uma enorme variedade de papéis agora disponíveis, respeitados e definidos para as mulheres. Então, no aumento, que é o que queremos.

## Como Presidente participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Sou um membro relativamente novo da direção da Associação de Lacrosse. Feliz por assumir este papel. Mas eu não estive na infância de algumas das políticas. Isto não quer dizer que eu não faça parte agora desta formulação de políticas, nem do corpo de revisão. E, de fato, estivéssemos nós, eu estarei a rever todas as minhas políticas. Com certeza farei parte delas como presidente representativa. Há muita empatia por todos estes papéis que temos aqui, no Lacrosse. E um nível significativo da direção está representada a esse nível, tanto com representantes femininos quanto masculinos na direção. Sim.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Presidente?

Estou na direção do Lacrosse há cerca de 18 meses, eu acho. A Covid fez-me esquecer o tempo, mas há cerca de 18 meses. Tenho a responsabilidade geral de garantir que a direção assuma as suas funções e responsabilidades com seriedade. E estamos a implantar exatamente os nossos princípios e valores para o Lacrosse para toda a Inglaterra e para o jogo masculino e feminino.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Presidente?

O principal desafio para mim pessoalmente é o tempo. É... Eu tenho um papel honorário, então não tenho tempo dedicado para dar ao cargo. Mas ter tempo e ter a oportunidade de ver a extensão do jogo por toda a Inglaterra é meu principal desafio.

## Qual a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Acho que as mulheres merecem um lugar na mesa de qualquer direção ou em qualquer nível de governação, tanto quanto em qualquer desporto masculino. Mas acho muito importante que sejamos representativos do desporto pelo qual somos responsáveis.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Uma política significativa que todos devemos adotar, não importa o que façamos, desporto ou não, é ouvir a voz dos outros. Temos a responsabilidade como governo ou como direção que governa um desporto para garantir que estamos a representar as vozes das pessoas que estão a participar. Então, este é o nosso papel principal.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Acho que a minha representação na direção, no que diz respeito à sociedade, somos um desporto minoritário. Nós representamos um pequeno número de jogadores e, portanto, contribuo o suficiente para a sociedade? Alguém pode questionar isso. Eu sou uma mulher branca e, portanto, tenho um pequeno canto de voz para um grupo de jogadores que jogam principalmente em Manchester para o jogo masculino ou em escolas independentes para mulheres. Portanto, não sou representante de uma maioria por qualquer força, mas devo ter a empatia e a compreensão de que estou lá e de quem represento e, portanto, compreender aqueles que não estão tão bem representados e têm a sua voz.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

Então, sim, acho que as mulheres devem sempre dizer que sim, acho que temos o dever de sermos representativas onde for possível. Se lhe for dado um papel voluntário, se for pago, aceite-o e torne-se aquela pessoa que pode falar pelos outros.

## Julia Newton

Presidente
do Taekwondo Britânico

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

Bem, o desporto teve sempre um papel muito importante na minha vida. Lembro-me de ver desporto com o meu pai quando era jovem e adoro assistir a quase todos os tipos de desporto. Acho que o desporto realmente define quem somos como seres humanos.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

Bem, comecei a minha relação com o taekwondo em 2017, quando fui escolhida para o cargo de presidente do desporto. E sim, eu estive fortemente envolvida com o desporto desde então.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

Acho que muito foi feito nos últimos anos para aumentar a representação feminina nas organizações desportivas, mas estamos apenas no início desta jornada e muito mais pode ser feito. Acho que, para ser honesta, alguns desportos fizeram isto como um exercício de "box-ticking", enquanto outros genuinamente têm mulheres em posições de liderança em toda a organização. Por isso, sim, é um bom começo com muito mais trabalho a ser feito.

## Como Presidente participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Bem, em geral, todos os desportos no Reino Unido têm políticas de género. Todos nós subscrevemos o Código de Governação do Desporto e

o GB Taekwondo não é diferente disto. E, na verdade, uma das primeiras coisas que fiz quando entrei foi garantir que tivéssemos políticas de género para garantir que as mulheres tivessem oportunidades iguais em todos os níveis da organização. E isto é algo, como mulher, pelo qual me sinto muito apaixonada e orgulhosa de estar associada.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Presidente?

Estou na direção do Taekwondo- GB Taekwondo - desde 2017, e as responsabilidades gerais da direção são garantir a boa governação e organização do desporto e garantir que estamos a avaliar adequadamente quaisquer riscos para a organização e mitigando esses riscos da melhor maneira possível.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Presidente?

Bem, desde que me tornei presidente, houve muitos e variados desafios. Queríamos garantir que hávia inclusão de género e diversidade na nossa direção. Por isso, este foi um desafio que eu enfrentei. Há também desafios contínuos com o financiamento. O financiamento é uma das coisas maiores que me mantém acordada à noite. Somos financiados pela loteria do Desporto do Reino Unido e garantir um futuro sustentável para a nossa organização é a coisa mais importante que eu posso fazer. Há também um dever de cuidado com os/as atletas e por isso estamos sempre a trabalhar como organização para garantir que estamos na vanguarda de colocar os/as atletas em primeiro lugar e o seu bem-estar em primeiro lugar, enquanto estão na organização, mas também quando nos deixam.

## Qual a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Em termos de governação ao nível da direção, acho que estamos novamente a, estamos a trabalhar a favor da igualdade. O Desporto do reino Unido no Código de Governação do Desporto coloca em 30%. Todos as direções devem ter 30% de mulheres e acho que a maioria dos desportos tem ou está lá próximo ou está a trabalhar para isso. Idealmente, seria ótimo ver 50% ou mais de 50%. Por isso, isto é só um começo. E, realmente, acho que gostaria de ver mais mulheres na governaçãoe em cargos de topo no desporto.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Acho que, para promover a igualdade, temos que ver o que podemos fazer para tornar os empregos genuinamente iguais e acessíveis para as mulheres como o são para os homens. E acho que com isso, sabe, eu estou a falar de coisas como a política de maternidade e sobre como podemos tornar mais fácil para as mulheres trabalharem depois de terem filhos e equilibrar as muitas coisas para as quais as mulheres são solicitadas a fazer nas suas vidas, semana após semana. E ainda estamos muito longe de conseguir isso.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Infelizmente, eu não acho que ter uma mulher - eu mesma - como presidente do GB Taekwondo contribua para a sociedade. Eu acho que vamos ter que ter um grande número de mulheres. Quer dizer, acho que como estatística, tudo bem, mas precisa de muito mais para realmente contar. E eu não acho que pessoalmente uma pessoa sozinha pode fazer, pode fazer assim tanto.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

Eu diria que me sinto confiante. Tantas mulheres têm a síndrome da impostora, e eu já vivenciei isto também na minha vida. E eu diria, sabe, realmente, estamos todas apenas a tentar fazer. Por isso, seja apenas o seu melhor eu e será capaz de fazer um bom trabalho.

# Kate O'Sullivan

Vice-Presidente
do Remo Britânico

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

Essa é uma pergunta difícil. Sempre esteve lá. Sempre estive ligada ao desporto, está completamente inculcado na minha vida. Como eu disse antes, o meu pai sempre me dizia "casado para sempre", sabe, "com meu desporto e meu clube". E depois ele introduziu-me nisto. Então, provavelmente, a culpa é dele. Mas sim, o desporto está sempre lá. Eu realmente não consigo explicar mais do que isto.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

Isso é realmente interessante. Então, eu tenho dois irmãos mais velhos e o meu irmão do meio é cinco anos mais velho do que eu e ele remou, ele remou pela sua escola primária local, e não tinham dinheiro. E a minha mãe costumava-me arrastar para os seus eventos de remo para vender almofadas de alfinetes, ainda tenho uma dessas almofadas de alfinetes. E, e foi assim que eu me envolvi nisto. Para ser honesta, eu odeio água. Sabe, eu adoro estar na água, mas odeio estar rodeada de água porque quase me afoguei quando era criança. Por isso, não é minha primeira paixão, mas eu adoro estar perto dela. E acho que porque, quando eu tinha 16 anos, na minha escola, ofereceram o remo como uma opção do sexto ano, mas não era permitido às raparigas. Então eu pensei, bem, eu quero fazer isto. Bem, não o fiz por dois anos. E depois fui para a universidade. Na verdade, eu quebrei meu polegar no meu primeiro período e acabei, eu era bastante magra e na minha universidade as mulheres estavam à procura de um cox e disseram-me: Você gostaria de vir e de se envolver (no remo)? Bem, tem sido um aspeto muito interessante da minha vida, realmente. O meu irmão disse-me, "não faças isso, não faças isso". Então, foi mesmo isso que eu fiz. Sim. Sim. Então foi assim que eu me envolvi, na verdade.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

Sim, acho que é definitivamente uma imagem melhor. Eu acho que alguns dos processos e rituais ainda não se relacionam naturalmente - não apenas as mulheres - para que as pessoas de toda uma gama da sociedade se envolvam. Acho que gostaria de ver chegar mais jovens. Eu gostaria de nos ver a patrocinar mais mulheres jovens, um pouco como me apoiaram a mim, na verdade. Mas acho que está a crescer. Se eu pensar na direção de remo britânico, temos cinco mulheres na nossa direção agora de 12(membros) e sim, e eu diria que elas são muito assertivas. Elas trazem toda uma gama de experiências. Mas acho que ainda há muitos estereótipos. Mas acho que é um contexto em mudança.

## Como Vice-Presidente participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Sim. Bem, no momento, estou apenas a pensar no agora, na verdade. Bem, durante o meu tempo, estive envolvida em debates sobre a política de género, mas nunca foi uma grande discussão para nós, para ser honesta. E agora é fascinante porque mudou para toda a diversidade, sabe, igualdade e também o aspeto da inclusão. E sim, estou a participar destas conversas. Bem, um exemplo seria no âmbito do género, mas estamos a ter um grande debate relativo às mulheres transgénero no desporto. E eu participei recentemente no Campeonato Universitário Britânico como treinadora, remo da Universidade de Teesside. E tive oportunidade de falar na minha antiga universidade, a universidade de Leeds. Falei com as raparigas e disse: Qual é a sua opinião sobre isto? E sem que eu tive tido conhecimento, o treinador delas fez uma survey. Por isso, estou apenas à

espera para obter os resultados, na verdade. Então. Então, sim, eu estou envolvida nisto.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Vice-Presidente?

Bem, no meu cargo atual, ocupo desde 2017, outubro de 2017, a direção, somos responsáveis pela governação da GB Remo e também do Remo Inglaterra. Bem, os países de origem também têm as suas próprias direções. Por isso, isto é sempre um pouco controverso, que o Remo Britânico seja responsável pelo Remo Britânico e também pelo Remo Inglês. Bem, para mim, muito simplesmente, acho que somos responsáveis por garantir que temos as políticas e os procedimentos em vigor e uma cultura que permita a todos/as desfrutar do nosso desporto, em qualquer nível, num ambiente seguro e agradável. Agora eu sei que é mais complexo do que isso. Temos os nossos artigos, os nossos stakeholders para gerir, mas para mim é tão simples quanto isso. Mas também acho que sabemos que somos responsáveis por tomar as decisões certas para o desporto, para a longevidade do desporto também. Mas, como somos uma empresa limitada, temos tudo o que é uma empresa limitada também. Mas o centro disto, para mim, é garantir que, no presente ou no futuro, todos/as possam desfrutar do nosso desporto, como eu digo - num ambiente seguro em qualquer nível em que estejam a participar, seja internacional ou apenas ao nível da entrada.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Vice-Presidente?

Pessoalmente, o primeiro desafio que enfrentei foi quando percebi que no desporto, eu adoro o desporto, estou envolvida no desporto há muito tempo, mas as decisões que eu teria que tomar agora teriam que ser as decisões certas para o desporto e não necessariamente as decisões que

meus amigos e colegas de longa data quereriam. Bem, essa foi uma lição que aprendi muito cedo. Então este foi o meu desafio pessoal. Obviamente, como direção, passamos pela performance olímpica. Sabe, todos/as esperam que sejamos os/as melhores. Então, passamos por muitas críticas. Estamos a lutar pela nossa posição nos Jogos Olímpicos, como vários desportos tradicionais. O impacto da Covid19 foi obviamente enorme porque todo o nosso financiamento não restritivo vem de pessoas com uma licença de remo britânica. A maioria das pessoas vai ter uma licença se quiser competir. E não houve competições durante dois anos. Então, sabe, (o objetivo foi) trazer o financiamento não restritivo e manter o desporto unido como uma comunidade. Eu estava no grupo de recuperação Covid dos diretores. Então, sim, Boris Johnson tomou uma posição dentro de - 30 segundos foi o menor tempo - e então ligou para dizer que já podíamos remar. Estávamos a ouvir os anúncios exatamente ao mesmo tempo que ele. Mas também acho que os grandes desafios que temos como desporto é tentar mudar a perceção das pessoas sobre o que é nosso desporto. Mas nem tudo são Oxford, Cambridge, escolas públicas de elite, você sabe. E estamos a trabalhar muito para isso. Realmente é muito duro isso.

## Qual a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Penso que há um nível crescente de participação das mulheres na governação desportiva. Mas ainda acho que as mulheres podem ser tão ruins nisso quanto os homens, que às vezes ainda se dá mais peso à voz masculina do que à feminina. E, como eu disse, as mulheres podem ser tão ruins nisto quanto os homens, para ser honesta. Todavia, acho que uma das coisas em que estou muito convicta, e falamos sobre querer ter diversas direções, direções equitativas, pessoas com uma voz igual. Mas é precisa tornar isto acolhedor, se for o caso, e criar um ambiente que permita que as pessoas sintam que têm voz. Então, para mim, isso vem muito fortemente do presidente e do diretor de topo independente e de pessoas como eu nas funções de vice-presidente, para tentar criar esse ambiente para permitir que as pessoas entrem. Eu também vi o outro lado, no entanto, onde mulheres incrivelmente talentosas chegaram e

entraram muito forte, muito rápido. Por isso, eu também já vi isso. Elas dizem: 'Na minha experiência...' Acho que já provaram a sua experiência, estando lá. Bem, eu tive que me desafiar às vezes quando os meus grilhões apertaram porque uma mulher que está a entrar, está a tentar demasiado. E também há mulheres alfa, como há homens alfa, alfa. Todavia, eu, eu acho que isto está a mudar. Mas voltando atrás, eu acho que em qualquer diversidade, seja com mulheres, e eu aprecio que este estudo seja sobre mulheres, é preciso criar o ambiente certo que permita que alguém se sinta confortável para usar sua voz.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

É uma pergunta muito boa. Que políticas precisamos adotar? Para mim, eu realmente luto para separar as políticas para as mulheres das políticas para os homens, porque vejo que precisamos criar uma cultura que seja inclusiva para todos/as. Então, para mim, existem elementos ao redor - é claro que há um código de conduta, esse tipo de elementos. Quero dizer, se você quiser entrar nos RH, sabe, o trabalho híbrido, que se aplica a todos/as. Eu acho, sabe, onde realizamos as reuniões, aplica-se a todos/as. Eu sinto que... eu sinto que às vezes para as mulheres pode ser mais difícil financeiramente ocupar estes papéis. E eu acho que um dos grandes desafios é que, na maioria dos desportos, não em todos os desportos, mas eu diria que na maioria dos desportos, os papéis da direção são papéis voluntários. E se quer que as pessoas possam dar um passo à frente, que as mulheres deem um passo à frente, então, na verdade, pode-se precisar de oferecer algumas inscrições/taxas mais baixas, porque acho que, caso contrário, acabar-se-á sempre com as pessoas que podem pagar, que não são necessariamente representantes da comunidade que você quer e precisa. Eu acho, eu acho que não é uma política, mas eu acho que ter... Eu acho que convidar as pessoas para fazer mentoria ascendente, por exemplo, para que as pessoas tenham uma compreensão do que é

ser... Eu sei, eu sei que isto é sobre mulheres no desporte, peço desculpa, mas eu não me importo se são mulheres no desporto ou transgéneros ou quem quer que seja. Mas às vezes é bom colocarmo-nos no lugar das pessoas que estão a tentar criar ou então você acaba a clonar o que já tem. Então, acho que para mim, tentar... O mais importante para mim é tentar genuinamente criar acessibilidades, garantir ter a pessoa certa, em vez da pessoa que tem tempo e o dinheiro para estar lá. E eu sei que isto não é um procedimento de política, mas pessoalmente, sinto que é muito importante. Quer dizer, eu vou dar um exemplo. Bem, eu fui a uma entrevista. Não vou dizer o que era, mas era uma organização desportiva. Presidente de uma organização desportiva. E a entrevista foi num lindo escritório em Londres. Eu moro a Nordeste e quando eu estava a sair, o presidente disse-me: 'A sério que aceitaria este papel? Viria realmente do nordeste até aqui para desempenhar este papel?' Eu estava tipo, Bem, claro que eu o faria. É por isso que me coloco à frente e é por isso que venho à entrevista. E eu fiquei fascinada a pensar: Bem, se essa é a sua mentalidade, então só vai ter pessoas que são de uma certa região ou da região M25 a ocupar estes papéis. Então, o mais importante é garantir que qualquer um(a,) que queira e tenha o talento, possa dar-se ao luxo de o fazer. E acho que esta é a parte que as pessoas não reconhecem neste momento.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Vice-Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Bem, estou muito desconfortável com este conceito. Oh, veja, eu sou um grande crente em ver para fazer, ver para crer, você aprende com o que vê em redor. Uma das razões pelas quais, que as pessoas perguntam qual é a motivação para permanecer na direção, e uma das minhas grandes motivações é provar às pessoas, na área de Tees Valley que, se eu posso fazer isso, não é preciso ser um(a) atleta olímpica. Sabe, eu fui para a universidade, mas não fui para Oxford ou Cambridge, e fui para a escola pública. Sabe, se as pessoas virem que estou a fazer isto, então, com certeza, qualquer um(a) pode fazer isto. É um papel interessante para

mim porque eu vim da engenharia. Bem, o meu primeiro emprego nesta área em 1985, eu era a única mulher formada onde trabalhei. Então, para mim, acho que muito cedo percebi que só se precisa de ser autêntica e fiel a quem se é, porque toda a gente pensa que é um pouco estranho de qualquer maneira, então tem que lidera com isso, na verdade. Mas eu, eu espero, olhe, eu espero que, eu espero que as meninas juniores que eu treino tenham confiança e, e me vejam a fazer coisas e, assim, elas perceberão. Sim claro. Espero estar a ajudar a colocar outro trampolim para que as pessoas façam apenas o que são boas. Mas, novamente, sinto-me muito desconfortável com a pergunta, eu tenho que ser honesta. Sim.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

O conselho que eu daria às mulheres que estão a assumir, sabe, direções e cargos em direções é, antes de tudo, que tem que ser autêntica consigo mesma, precisa realmente ser fiel a... si própria, quer ter a certeza de que está assente nos seus valores e no que vai trazer. E tem que se lembrar, em primeiro lugar, que está lá porque as pessoas sentiram que é a pessoa certa para o cargo. E não tente ser alguém que não é, porque ao fazer isso, é muito, é ir contra a sua própria natureza, não vai trazer o valor que as pessoas esperam que traga para uma direção. Mas eu também diria, sabe, nos primeiros meses, e não, não apenas nos primeiros meses, no primeiro ano, faça o máximo de formação possível. Sabe, vai ficar curiosa. Basta ir lá e falar com as pessoas. E, o mais importante, tem que se sentir confortável com sua própria pele e entender qual é o valor que está a trazer e ser fiel a quem é. Eu acho que, eu acho que, apenas faça o seu melhor trabalho e também aceite que vai cometer erros e que às vezes não se vai se dar bem ccom toda a gente também. Mas, novamente, nos meus primeiros dias na formação desportiva no Reino Unido. Lembro-me de um pessoa se levantar e dizer: 'Não vai para uma direção para fazer amigos. Se quer ser amiga de toda a gente, compre um cão'. Se não estiver a discutir com algumas pessoas na direção, então a direção não está a funcionar de forma eficaz. E ... a direção não quer alguém que venha e que diga sim o tempo todo. Tem que estar preparada. Seja apenas muito forte. Mantenha o seu ponto de vista.

## Mandy Fisher

Membro da Direção
da Associação Inglesa de Snooker e Bilhar

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

Estou envolvida com o snooker feminino nos últimos 40 anos, a tentar alcançar o reconhecimento do desporto do snooker feminino.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

No passado, quando eu tinha uns 16 anos, costumava ir a um clube BRSA local, que é o British Rail Staff Association Club, porque o meu pai trabalhava no British Rail e na verdade começou por jogar bilhar naquele clube porque não havia muito mais para fazer. Os meus pais iam lá nos fins de semana e eu comecei a jogar bilhar, uma vez estavam com pouco tempo e pediram-me para jogar e eu joguei e ganhei a partida. E a partir dai, pediram-me para fazer parte da equipa. E então eu fui a única mulher na área a vencer os campeonatos locais de simples, duplas e triplas. E o meu pai ofereceu-se para me comprar um taco, levou-me a um lugar onde havia uma mesa de snooker, que é... uma mesa de snooker é muito, muito maior do que uma mesa de bilhar. E na época, eu não conseguia acertar a bola branca e acertar com a outra bola na outra ponta da mesa, que estava a 12 pés de distância e isso me intrigou. E para mim parecia uma progressão natural passar do bilhar para o snooker E foi assim que comecei.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

Acho que está a melhorar. Acho que ainda há um longo caminho a percorrer em certos desportos. Outros têm o monopólio completo. Alguns. Alguns são ainda mais populares do que jogar do que os homens que praticam o mesmo desporto. Mas eu gostaria de ver essa unidade em todos os desportos femininos no mundo todo, e especialmente no snooker, porque tem sido a minha paixão nos últimos 40 anos.

## Como membro da direção participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Sim, eu estava. Sou ativa, assim como todos os/as diretores/as, na implementação de políticas. E basicamente tentamos seguir todas as regras e políticas do COI. Adotamo-las e estamos felizes por fazê-lo em todos os aspetos do jogo.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de membro da direção?

Estou na English Partnership for Snooker and Billiards nos últimos três anos, desde que foi formada, antes do COVID. E o nosso objetivo é promover snooker para jovens mulheres, meninos, homens em Inglaterra na English Partnership. Mas, obviamente, eu também sou uma diretora. Diretora do torneio e presidente da World Women's Snooker, que foi como eu consegui o cargo, o cargo na English Partnership, que também vai na mesma linha.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar demembro da direção?

Acho essencial. Acho que precisamos de ter voz. Acho que durante muitos anos, as mulheres no desporto não tiveram uma voz forte o suficiente. Então, eu acho que é uma parte absolutamente essencial do processo de avançar e incentivar as mulheres no desporto.

## Qual a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Acho essencial. Acho que precisamos de ter voz. Acho que durante muitos anos, as mulheres no desporto não tiveram uma voz forte o suficiente. Então, eu acho que é uma parte absolutamente essencial do processo de avançar e incentivar as mulheres no desporto.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Eu acho que –a justiça é uma coisa muito importante. Há que ter igualdade de género, tem que se ter justiça. E cada desporto tem que ser avaliado pelo seu próprio mérito, porque alguns desportos são mais físicos que outros. Assim, eu acho que se tem que considerar o desporto em particular e depois considerar as igualdades e a justiça para aplicar as regras que forem necessárias.

## Em que medida acha que ser membro da direção contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Eu gostaria de pensar que sim, porque onde quer que eu vá, eu promovo o snooker feminino e falo com pessoas que nem sabem que as mulheres jogam snooker. Então, eu tenho uma opinião e estou muito feliz por expressar minha opinião. E ter jogado por vários anos durante a minha vida, além de estar na vanguarda da corrida e promoção de snooker feminino, acho que tenho uma grande voz na divulgação que as mulheres devem ser iguais. E não há - especialmente no snooker, não há razão física para que uma mulher não deva jogar snooker tão bem quanto um homem. Isso pode ser apenas minha opinião e não de todos. Mas, pessoalmente, não consigo ver porque não. Eu só acho que temos muito o que recuperar do passado, problemas passados de mulheres que não podem entrar para

os clubes ou não se sentem confortáveis em clubes e centros de snooker e academias para jogar. Mas acho que tudo isso está a mudar. E acho que o snooker vai ser muito grande para as mulheres, para as mulheres no futuro.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

Se tem uma habilidade e uma paixão por qualquer desporto, então eu sinto que assim como qualquer outra coisa, deveria realmente levantar a mão, é como votar em algo. Se é apaixonada por algo e realmente acredita em algo, eu acho que realmente tem que se envolver com e juntar-se à direção e transmitir o seu ponto de vista. E eu acho que isso é muito, muito importante. Não adianta lamuriar-se nos bastidores ou ter uma opinião que não pode colocar cá para fora.

# Katherine Knight

Chair

Presidente do Rounders England

## Qual é o papel do desporto na sua vida?

O desporto sempre esteve presente na minha vida e desde a escola primária, eu estive numa escola muito pequena onde havia apenas nove alunos/as, meninos e meninas. Então fizemos de tudo - todos os desportos juntos/as. Desportos tradicionais masculinos ou femininos. Primária, secundária. Fui banida de jogar futebol, então isso realmente me motivou. Esta desigualdade tem sido a razão fundamental pela qual eu entrei no desporto. Bem, assim que entrei para a universidade, comecei a jogar futebol e tive a sorte de ter uma carreira no futebol. Eu fui a primeira pessoa, a primeira mulher a tirar o diploma desportivo no Sport and Science no futebol do Liverpool John Moores e depois fiz carreira na FA. Agora estou a trabalhar com o Rounders England e em atividade física, especialmente para mulheres através de caminhadas e ciclismo. Então, tudo que eu fiz, seja por diversão ou por trabalho, realmente envolveu sempre o desporto.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

Então, eu comecei o meu relacionamento com o rounders quando fui abordada do nada por uma organização a pedir-me para me candidatar ao cargo de presidente. Eu estava fora do futebol há já alguns anos, a trabalhar em caminhadas e ciclismo, e eu absolutamente adoro fazer. E foi um verdadeiro momento sísmico na minha carreira, perceber que o desporto simplesmente não atrai muitas pessoas. Mas, na verdade, precisamos muito de tentar tornar as pessoas mais ativas fisicamente e isso deve ser feito através de hábitos diários, caminhadas ou ciclismo. Mas eu realmente adoro o desporto também. Bem, eu estava a sentiro falta do prazer e da competição e de estar envolvida a trabalhar com uma NGB. Então, quando fui abordada, de repente tudo se encaixou e fez sentido, fiquei encantada por me candidatar e, e estou muito satisfeita, orgulhosa do fato de ser capaz de reunir diferentes habilidades. Bem, o meu conhecimento do setor desportivo, mas também a importância de tentar tornar o rounders num desporto relevante para grupos mais amplos e pessoas tipicamente desportivas e os rounders encaixam-se perfeitamente. O acesso ao desporto é muito fácil, mas também se pode ter um plano de carreira. Então, sim - do nada, aproveitei a oportunidade

e três anos depois estou muito satisfeita e acho que tomei a decisão certa.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

Bem, eu comecei a minha carreira no setor desportivo, em 1996. No futebol e no... A FA assumiu a direção do jogo feminino em 1993. Bem, eu diria que houve muito pouco envolvimento, certamente a um nível estratégico de mulheres, de mulheres no desporto. Passar 25 anos a trabalhar com o Sport England, a trabalhar com os presidentes e com a Sport Development Coalition. Pode-se ver que agora há visivelmente mais mulheres. Mas acho que depende muito do desporto. Por isso, se olhar para o Netball ou algum tipo de desporto mais voltado para as mulheres, saíram-se muito bem a aumentar, sabe, a ter uma representação muito forte a um nível de topo. Se olhar para alguns dos desportos masculinos mais tradicionais, progrediram menos. Por isso, diria que melhorou muito. Mas ainda assim, há certas áreas onde simplesmente não perceberam o potencial. Eu diria que estão a perder porque não estão realmente a representar toda a população. Por isso, acho que ainda há algum caminho a percorrer, a algum nível.

## Como Presidente participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Bem, temos uma política ativa de equidade na Rounders England. Mas um dos nossos desafios é um pouco diferente. Temos uma elevada representação feminina na nossa direção. Bem, na verdade, não tínhamos

nenhuma representação masculina na nossa direção quando entrei. Bem, resolvemos abordar este assunto. Por isso, o nosso problema não era que não tínhamos mulheres suficientes, é que não tínhamos nenhum homem na direção. Então. Então, recrutamos um membro do sexo masculino para a equipa e procuramos ativamente fazer isso.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Presidente?

Comecei a direção em janeiro de 2019 e acredito que a principal responsabilidade da direção é definir a direção estratégica e garantir a gestão da equipa de liderança e trabalhar em conjunto. Somos uma organização muito pequena. Portanto, recrutamos, analisamos o conjunto de competências e a matriz de habilidades para a direção e realmente certificamo-nos de que temos uma equipa incrível que pode realmente apoiar a equipa de liderança de topo e os diretores executivos porque achamos que 'vamos fazer algo juntos'. Portanto, é um pouco diferente de, talvez, uma direção maior, onde realmente se está apenas a verificar as finanças e as outras coisas. Isto é mais colaborativo, garantindo que permaneçamos bons amigos críticos e essa, essa separação. Mas realmente vemos que, as pessoas que vieram e querem fazer a diferença e querem apoiar e usar o conhecimento e o conjunto de competências, que obtiveram de um conhecimento mais amplo do setor, para ajudar a impulsionar a direção. Mas não estamos a fazer isso na base do dia-a-dia. Temos que capacitar e emancipar para que possam fazer isto. Portanto, eu acho que isto é uma algo muito importante. E também acho que a relação entre o/a presidente e o/a executivo/a-chefe é realmente crítica. E, e eu passei um bom tempo criando essa relação, certificando-me de que realmente sentem que há a oportunidade de discutir e olhar para as coisas mais amplas em todo o setor desportivo e entender como podem, como podem crescer e se desenvolverem. Porque numa organização pequena, isto pode ser um desafio.

## Quais os principais desafios que enfrentou desde que ocupa o lugar de Presidente?

Acho que é o maior desafio, já que estar na direção é gerir expectativas e esperanças para o que podemos alcançar de forma realista dentro do orçamento e da capacidade. E acho que um dos...Tive sorte quando comecei porque comecei a minha jornada com a Associação de Futebol em 96, estávamos num ponto semelhante. Não havia muito financiamento no jogo feminino e nós realmente precisávamos... estávamos a começar com uma folha de papel em branco, em termos de onde queríamos ir do ponto de vista do desenvolvimento. Rounders está numa posição semelhante. Está a acontecer há muito tempo, mas a estrutura e o crescimento real do desenvolvimento estão bem no início da sua jornada, portanto, temos que ser realistas no que podemos fazer. Por isso, há que gerir essas expectativas, inclusive as minhas, estar realmente interessada em fazer a diferença e fazer uma grande transformação. Mas, na verdade, não se pode fazer isso. Tem que se construir os caminhos, tem que se construir a força de trabalho de coaching, tem que se dar pequenos passos, tem que se trabalhar em parceria e tudo isto leva tempo. E é por isso que criamos uma estratégia de dez anos 'Rounders Reconnected' em vez de tentar fazer algo em três anos e esperar que tudo seja feito de uma só vez. Sabemos que estamos numa jornada e queremos estabelecer as bases certas, por isso, acho que este é o maior desafio. O género não tem sido um problema e entender o escopo mais amplo do Rounders- nada disso tem sido um problema. É o gerir essas expectativas porque queremos causar um impacto real. Mas não se pode fazer isso de um dia para o outro. Tem que, tem que se planear.

## Qual a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Acho que é uma ótima pergunta. Não tenho estatísticas para dizer definitivamente se há igualdade. Eu sei, eu sinto que há... há mulheres, quando eu estou numa reunião de direções, há muitas mulheres que dizem que ainda há mais homens, mas eu não tenho dados para dizer que há uma

grande disparidade. Há anos atrás, trabalhei com uma mulher incrível da Noruega chamada Karen Espelund, que agora está no executivo da FIFA. E ela sempre disse, o que não se pode fazer é ter apenas uma mulher numa direção, tem que se ter algumas e tem que se ser capaz de trabalhar em todas as áreas diferentes, não apenas na igualdade de género . E as mulheres têm que ser levadas a sério por direito próprio, em vez de 'elas estão lá como mulheres', então, há um grande trabalho a fazer. Então, com base nesse tipo de comentário, eu diria que não temos paridade de género. Então, não estamos lá. Mas eu sinto que há uma diferença relativamente ao como costumava ser há 25 anos atrás. Mas eu diria que acho que isso depende do desporto. Acho que talvez em alguns dos desportos menores, alguns dos desportos mais dominados por homens, ainda se vê um direção com uma elevada dominação masculina, mesmo com os processos que estão sendo implementados pelo Sport England e eu continuo a dizer que há algum caminho a percorrer.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Penso que é realmente uma muito boa pergunta. Acho que são algumas coisas. Primeiro, acredito em quotas para as direções para tentar começar a fazer a diferença. Eu sei que há alguma controvérsia sobre as quotas, mas acho que se precisa de ter este tipo de chicotada, às vezes, para tentar fazer acontecer e provar o impacto, de que funciona. Penso que, ao mesmo tempo, também se precisa de ter consciencialização e formação. E isto é igualdade, equidade em todos os aspetos, não apenas no género. Eu não acho que se possa simplesmente forçar isto. Tem que se garantir o apoio às pessoas que estão a entrar para a direção para entenderem os (seus) papéis, para poderem ter essa coisa mais ampla e também entender os/as diretores/as para que entendam porque é que tal faz a diferença e como, precisa de pessoas, como eu, representadas, quem quer que seja essa pessoa; precisa ter essa visão mais ampla de como isto realmente beneficia uma direção e uma organização para se ter uma visão de mundo mais abrangente, em vez de apenas a de um 'homem, pálido e obsoleto '

como tem ocorrido durante algumas décadas, se não mais, em algumas direções. E, por isso, precisa-se de políticas, de fazer caso. Portanto, precisa-se das políticas necessárias para o caso e precisa-se de formação. Eu não considero que se pode ter apenas um sem o outro. Caso contrário, não, não tem substância suficiente para realmente causar impacto.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de Presidente contribui para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Eu não diria que o perfil da direção do Rounders England vai causar um impacto enorme. Mas considero que toda a sociedade precisa fazer a sua parte. A minha área é o desporto. Eu sou realmente apaixonada. Estou realmente apaixonada pela possibilidade da minha filha poder praticar desporto. E acho importante que, a qualquer nível, haja oportunidades para que as pessoas percebam que há uma carreira. Quando eu queria fazer carreira no desporto, no futebol, não havia ninguém para admirar. Não havia ninguém que eu pudesse ver nestes papéis. Agora, se alguém se quiser dedicar a isto, elas estão lá. Por isso, eu poderei contribuir com uma pequena parte. Eu não diria isso, sabe, eu diria que o presidente da Associação de Futebol irá provavelmente ter um mandato mais alargado, mas todos/as juntos/as, toda a sociedade a mudar faz a diferença. Então, sim, estou muito comprometida em tentar fazer a diferença onde posso.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

Vá em frente. Certifique-se de aprender a ter uma mente aberta para se interessar por alguma coisa. Certifique-se de que está a fazer algo com o qual se importa. E, assim, eu acho que se se importar por algo, vai investir tempo e energia nisso. E, quero dizer, ainda acho que é necessário provar a si própria que sabe do que está a falar. Por isso, faça o trabalho de casa. E penso, sim, que depois estará numa uma boa posição e aproveita. Eu acho que é um privilégio poder fazer parte de qualquer desporto. Sabe, se falar com alguém do setor desportivo, as pessoas falam sobre como

são pessoas de sorte. E eu acho que realmente se sente isso, então se estiver lá, vá em frente. É uma coisa maravilhosa de se fazer. Mas eu diria sempre para fazer o trabalho de casa e que tenha esse background de conhecimento para mostrar o seu valor e as razões porque deveria estar lá.

# Annamarie Phelps

Vice-Presidente do Comité Olímpico Britânico e
Ex - Presidente da Autoridade Hípica Britânica

## Qual é o papel do desporto na sua vida

Então, acho que o desporto tem sido bastante transformador na minha vida. Comecei a trabalhar no mundo da arte e o desporto era meu hobby como atleta. E aos poucos, o desporto e a gestão desportiva foram tomando conta [da minha vida]. Agora trabalho aqui e a minha carreira é em gestão desportiva e o mundo da arte é meu hobby.

## Quando e como começou a sua relação com o desporto?

Então, antes de ser nomeada presidente da Autoridade de Hipismo Britânica, eu era um visitante regular, mas não frequente, de corridas de cavalos. Eu tinha um bom amigo e o seu seu pai tinha cavalos, e nós íamos regularmente durante a nossa adolescência e o início dos nossos vinte anos [às corridas de cavalos]. E a partir de então, não com muita frequência, mas ao passar pelo processo de nomeação, obviamente que os meus três anos como presidente foram intensamente envolventes.

## Qual a sua opinião sobre a representação das mulheres no desporto e nas organizações desportivas no momento atual?

Acho que há um número surpreendente de representantes femininas muito fortes no desporto. Mas eu diria que, em geral, não há uma percentagem alta o suficiente em relação à população e em relação ao número de mulheres envolvidas no desporto, em geral. E acho que há algumas inconsistências na maneira como elas são nomeadas e no tipos de funções para as quais são nomeadas. Dependendo se estamos a falar de funções de governação/diretivas ou funções executivas.

## Como (Vice-)Presidente participou na definição e implementação de alguma política/medida de apoio à igualdade de género no desporto? Em caso afirmativo, quais foram essas políticas/medidas e porque considerou que estas eram importantes? Em caso negativo, quais as razões para tal nunca ter ocorrido?

Então, no mundo das corridas de cavalos, existe uma organização fantástica chamada Women in Racing, e também temos uma comissão independente que, suponho, trabalha com o corpo diretivo, com a Autoridade de Hipismo Britânica, analisando a diversidade e a igualdade. E entre os dois desportos, elas fazem recomendações e elaboram e apoiam projetos para tentar aumentar a igualdade de género. Precisávamos ter uma política de igualdade de género? Estou a tentar lembrar-me se houve ou não uma política específica durante os meus três anos, mas certamente fizemos muito e discutimos a igualdade, a igualdade de género em geral, a diversidade, LGBT. E tínhamos um compromisso da indústria com a diversidade de forma mais ampla, incluindo a etnia, a orientação sexual e o género, que vários membros da indústria assinaram. Mas certamente não estabelecemos quotas ou esse tipo de políticas, se essa for a resposta à pergunta.

## Quais são as suas responsabilidades na direção e há quanto tempo ocupa a posição de Vice-Presidente e quanto tempo esteve como Presidente?

ntão, eu fui presidente por exatamente três anos. Eu diria que as responsabilidades gerais e abrangentes são as de um desporto normal. São responsáveis por garantir que haja um jogo justo no campo de jogo, garantindo assim que as corridas são justas. Supervisionam coisas como a política antidoping e, claro, nas corridas de cavalos, isso é tanto para atletas humanos quanto para atletas equinos. E uma parte grande, muito grande e crescente, uma grande parte disso tem a ver com o bem-estar. Portanto, tanto o bem-estar dos cavalos quanto o bem-estar humano, garantir

que as pessoas sejam cuidadas tanto por meio de sua saúde mental, mas também fisicamente e sabe, com os cavalos, isto também implica garantir que as coisas, como as pistas de corrida, sejam seguras para os cavalos e para os cavaleiros, certificando-se de que o equipamento que utilizam é seguro. E também empregamos todos/as os/as funcionários/as que gerem as corridas, 1.500 partidas por ano. Então são 1500 vezes em média, cinco ou seis corridas neste país. E caramba e realmente, a tentar, e também a lista de jogos, obviamente, muito simplesmente, você sabe, para organizar a lista de jogos e corridas. E há nuances mais específicas sobre quais os tipos de corridas e, sabe, dividindo-se entre diferentes superfícies. Mas, em geral, o mesmo que a maioria, a maioria das direções desportivas, mas mais complicado pelo fato de termos dois conjuntos de atletas.

## Quais os principais desafios que enfrentou nos lugares de Vice-Presidente e Presidente?

Eu diria que alguns dos principais desafios das corridas de cavalos como desporto, e não necessariamente da Autoridade de Hipismo Britânica como organização, são a estrutura de governação tripartida. Assim, a Autoridade de Hipismo Britânica (BHA), a BHA participa num terço da tomada de decisão em algumas decisões bastante importantes. As outras duas partes são os participantes, o que é chamado de grupo puro-sangue, os jóqueis, os treinadores, os donos e depois os hipódromos que são as organizações comerciais que detêm os direitos dos média e quem, de onde vem a maior parte do dinheiro, e tentando equilibrar os interesses desses três grupos de pessoas e garantir os interesses a longo prazo do desporto, você sabe, são cuidados a ter para que ainda tenhamos corridas de cavalos daqui a 20 anos , pode ser bastante desafiador.

## Qual a sua opinião sobre a participação das mulheres nas direções desportivas?

Eu diria que sim, em geral, e numa perspetiva de governação, as mulheres

que estão envolvidas neste aspeto do desporto são ouvidas e levadas a sério. Eu diria que provavelmente outros aspetos do desporto são menos equilibrados. Coaching, o lado comercial das coisas - tende a ser um equilíbrio excessivo de mulheres nas questões sociais e de bem-estar. Portanto, uma espécie de governação corporativa, está algures a meio desse caminho.

## Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser adotadas para fomentar a igualdade de género nas direções desportivas?

Meu Deus, sempre fui contra quotas e metas e coisas assim, porque sempre achei que ninguém iria querer ser aquela mulher que não ganhou uma eleição ou não foi considerada a melhor, mas entrou por causa de seu género. No entanto, a experiência recente mostrou-me que, na verdade, pode fazer uma grande diferença na maneira como as pessoas procuram candidatas/os para cargos. Portanto, acho que a minha experiência é que nunca há ninguém que não tenha experiência suficiente, mas na verdade faz as pessoas pensarem muito mais amplamente sobre as competências que são necessárias. E talvez devêssemos usar isto para tentar forçar a questão. Em geral, porém, sou da opinião que a esse tipo de cargos não se deveriam aplicar este tipo de políticas, não devem ser sobre ajudar as mulheres a entrar nas direções. Na verdade, o que precisamos é mudar a cultura das direções e mudar a cultura das organizações, para que estes sejam muito mais acolhedores e valorizem as coisas que as mulheres trazem, para essas organizações, em vez de se tentar mudar as mulheres para que elas se possam encaixar nas direções.

## Em que medida acha que ocupar o cargo de (Vice-) Presidente contribui(u) para promover a igualdade de género na sociedade? Se sim, como? Se não, porquê?

Bem, eu não começaria por pensar que meu papel no desporto vai mudar a sociedade de alguma forma. Mas espero que ajude outras mulheres que aspiram estar envolvidas no desporto a ver que é possível para uma mulher, uma mulher, liderar uma organização ou estar no seu comando.

## Que conselhos daria a outras mulheres que pretendam ocupar posições nos órgãos de governo desportivos?

Se fosse sua primeira vez numa direção numa organização desportiva, eu sugeriria que elas realmente tentassem e gastassem um pouco de tempo a entender toda a amplitude desse desporto. Muitas vezes, quando as mulheres entram no desporto, são trazidas algumas porque são ex-atletas, por exemplo, e podem não ter um conhecimento tão bom do desporto de base ou da parte do clube do desporto ou qualquer outra coisa, dependendo da experiência delas. Então, eu diria que realmente tentem entender, da melhor maneira possível, todos os aspetos de que precisam saber, mas tenham confiança e ouçam sempre. Nunca falem primeiro. E se se sentem muito convictas sobre algum assunto, então tem que realmente marcar a sua posição e pressionar até ter a certeza de que fica registrado. Certifiquem-se sempre que tudo o que dizem é registado porque devem ter certeza de que o vosso ponto de vista é transmitido e que podem voltar atrás mais tarde

# Conclusão

# Conclusão

Este livro é um dos principais resultados do Projeto GESPORT e procura reforçar a igualdade entre homens e mulheres na tomada de decisão nas organizações desportivas, em toda a Europa. O principal objetivo é, assim, melhorar o acesso das mulheres às direções das federações desportivas nacionais, no âmbito das ações desportivas Erasmus+. O livro explora algumas reflexões sobre o impacto que a equipa GESPORT espera produzir ao partilhar um conjunto de diferentes narrativas de mulheres dirigentes no desporto. As entrevistas permitirão comparar as experiências de mulheres dirigentes desportivas de diferentes países e identificar as suas dificuldades para se tornarem e manterem em cargos de liderança nas direções desportivas. As entrevistadas também identificaram medidas e políticas para promover a igualdade de género nos órgãos dirigentes do desporto. Além disso, a as entrevistas permitem descodificar as estratégias levadas a cabo por estas mulheres para superar o "teto de vidro" (ou seja, as barreiras que as mulheres enfrentam na tentativa de escalar a hierarquia das organizações (Thornton & Etxebarria, 2021)) ou o "penhasco de vidro"( ou seja, a discriminação de género com a qual as directoras desportivas têm de lidar no desempenho das suas funções de liderança (Ahn & Cunningham, 2020)). Neste sentido, tais experiências podem igualmente ajudar outras mulheres a projetar-se numa carreira de liderança desportiva. O decurso do referido, o conteúdo deste livro poderá ajudar mulheres que, no momento atual, já ocupam cargos de responsabilidade nas Federações Nacionais Desportivas (FNDs) ou mulheres atletas que desejem no futuro envolver-se na governação desportiva, em resultado desta partilha de experiências e visões relativas às direções desportivas. Tornar visíveis as experiências das mulheres no campo do desporto, os seus papéis nas direções, os problemas e limitações que enfrentam no seu quotidiano profissional, pode, assim, ajudar outras mulheres a gerir melhor as suas carreiras nos contextos de governação desportiva. Além disso, o livro beneficiará outros atores individuais e institucionais

envolvidos no desporto ao permitir despertar uma consciência para a limitada presença das mulheres nos processos de tomada de decisão estratégica, especialmente para os agentes com poder político. As organizações desportivas podem fazer uso das entrevistas para informar ações com o propósito de promover a igualdade de género e a inclusão da diversidade de género nas direções pode, por sua vez, aumentar a eficiência destas. Assim sendo, a diversidade tem, ainda, outras vantagens. Além de promover a igualdade entre homens e mulheres, também pode impactar a governação ao trazer novas ideias e perspetivas para a tomada de decisão governativa (Adams & Ferreira, 2009) e permitir uma expansão da cultura de diversidade e inclusão. Em resultado, Adriaanse & Claringbould (2014, p. 28) concluem que "a igualdade de género na liderança desportiva beneficiará mulheres, homens e organizações desportivas".

A metodologia deste livro oferece às mulheres, em cargos de responsabilidade nas FNDs, a oportunidade de partilharem a sua experiência e conhecimento com os interessados políticos no campo da diversidade de género e boa governação no desporto. Uma melhor compreensão da representação das mulheres nas direções desportivas europeias facilita a identificação de quais as políticas de género que podem ser propostas e melhoradas, tanto pela UE como pelos países membros individuais, para aumentar a participação das mulheres em cargos de liderança.

Ao compartilhar as experiências dessas mulheres diretoras, esperamos que a sua visibilidade e reconhecimento ajudem a desconstruir os estereótipos de género das mulheres no poder ou associadas a uma essencialização da liderança feminina e que possam servir de modelos para as gerações futuras. Acreditamos que os vídeos das mulheres em cargos de responsabilidade desportiva ajudarão a promover a tolerância, a inclusão e a diversidade nas FNDs europeias e a promover uma mudança positiva. Acreditamos, ainda que o conteúdo das entrevistas apresentadas neste livro inspirará novas propostas de projetos com um foco na relação entre a diversidade e igualdade de género e as direções d esportivas em diferentes países.

Em suma, esperamos que este projeto possa permitir que no futuro mais mulheres venham a fazer parte das direções desportivas em toda a Europa.

# Bibliografía

Adams, R. B., & Ferreira, D. (2009). Women in the boardroom and their impact on governance and performance. Journal of Financial Economics, 94(291–309). https://doi.org/10.1016/j.jfineco.2008.10.007

Adriaanse, J. A., & Claringbould, I. (2014). Gender equality in sport leadership: From the Brighton Declaration to the Sydney Scoreboard. International Review for the Sociology of Sport, 1–20. https://doi.org/10.1177/1012690214548493

Ahn, N. Y., & Cunningham, G. B. (2020). Standing on a glass cliff?: A case study of FIFA's gender initiatives. Managing Sport and Leisure, 25(1–2), 114–137. https://doi.org/10.1080/23750472.2020.1727357

Di Cimbrini, T., Esteban-Salvador, L., Fernandes, E., Güngör-Göksu, G., & Smith, C. (2019). Corporate governance in sport organizations: a gender perspective (T. Di Cimbrini, L. Esteban-Salvador (coord.), E. Fernandes, G. Güngör-Göksu, & C. Smith (eds.); 1st ed.). Servicio de Publicaciones. Universidad de Zaragoza.

Emms, A. (2014). Women on boards of directors in Australian national sporting organisations (NSOs): is gender a factor? In Research Online.
Knoppers, A., Spaaij, R., & Claringbould, I. (2021). Discursive resistance to gender diversity in sport governance: sport as a unique field? International Journal of Sport Policy and Politics, 13(3), 517–529. https://doi.org/10.1080/19406940.2021.1915848

Thornton, O., & Etxebarria, N. (2021). Against the odds of tradition: nudging the glass ceiling of sport leadership. Gender in Management, 36(5), 591–604. https://doi.org/10.1108/GM-01-2020-0013

The European Commission's support for the production of this publication does not constitute an endorsement of the contents, which reflect the views only of the authors, and the Commission cannot be held responsible for any use which may be made of the information contained therein.

Co-funded by the
Erasmus+ Programme
of the European Union

GEOsport+ EDUCA